

**Dos escritos sem
autor à invenção
de identidades**

**Uma antologia de diários
e memórias do acervo da
Biblioteca Nacional**

Eduardo Sinkevisque



Dos escritos sem autor à invenção de identidades

Uma antologia de diários e memórias
do acervo da Biblioteca Nacional

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Presidência da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Cultura

Margareth Menezes da Purificação Costa

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Presidência

Marco Americo Lucchesi

Diretoria Executiva

Suely Dias

Centro de Coleções e Serviços aos Leitores

Maria José da Silva Fernandes

Centro de Processamento e Preservação

Gabriela Ayres Ferreira Terrada

Centro de Cooperação e Difusão

Verônica de Oliveira Lessa

Centro de Pesquisa e Editoração

Naira Christofolletti Silveira

Coordenação de Editoração

Claudio Cesar Ramalho Giolito

Serviço de Editoração

Taiyo Jean Omura



BIBLIOTECA NACIONAL

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

Eduardo Sinkevisque

Dos escritos sem autor à invenção de identidades

Uma antologia de diários e memórias
do acervo da Biblioteca Nacional

Cadernos
da
Biblioteca Nacional

Rio de Janeiro



2026

Cadernos da BN – volume 22

Editoria

Simone Muniz

Produção Editorial

Taiyo Jean Omura

*Revisão e Preparação
de Originais*

Francisco Madureira

Simone Muniz

Revisão de Provas

Carlos Eduardo Santos Santa
Rosa

Projeto Gráfico Original

André Lippmann

Rodrigo de Mello Alves

Diagramação

Varnei Rodrigues (Propagare
Ltda.)

Coordenação de Editoração
Av. Rio Branco, 219, 5º andar
Rio de Janeiro – RJ | 20040-008
editoracao@bn.gov.br
www.gov.br/bn

Confira outras publicações da
Fundação Biblioteca Nacional



copyright© 2025 Fundação
Biblioteca Nacional (FBN)

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S617d

Sinkevisque, Eduardo.

Dos escritos sem autor à invenção de identidades : uma antologia de diários e memórias do acervo da Biblioteca

Nacional / Eduardo Sinkevisque. – Rio de Janeiro : Fundação
Biblioteca Nacional, 2026.

299 p. ; 19 cm. – (Cadernos da Biblioteca Nacional ; v. 22)

Bibliografia: p. 285-299.

ISBN 978-65-5940-038-6 (Impresso)

ISBN 978-65-5940-039-3 (PDF)

1. Biblioteca Nacional (Brasil). 2. Diários – História e Crítica.
3. Autobiografia. I. Biblioteca Nacional (Brasil). II. Série.

CDD – 920

Sumário

Siglas utilizadas neste livro	7
Agradecimentos a	9
Diário: uma escrita polimórfica	11
Diário como efeméride	18
Diário como fasto	69
Diário como misto de gênero e de prática textual	100
Diário como “aposta no futuro”	200
Diário: uma escrita nem sempre pessoal	268
Alguns diários da BN Digital	283
Referências	285

Siglas utilizadas neste livro

FBN	Fundação Biblioteca Nacional
BN/RJ	Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
MSS	Manuscritos
MS	Manuscrito
SOR	Setor de Obras Raras
OG	Obras Gerais
fol.	Fólio

Agradecimentos a

Angela Di Stasio, Aline Magalhães Pinto, Tatiana Ribeiro, Vera Lúcia Aleixo Martins, Glória Oliveira, Raffaella Fernandez, Rebeca Gontijo, Amilcar Torrão Filho, Henrique Fortuna Cairus, Marcus Venicio T. Ribeiro, Guilherme Amaral Luz, Rodrigo Turin, Francisco Sousa, Luiz Cristiano de Andrade, Iuri Lapa e aos funcionários, estagiários, bibliotecários, chefes de Seções da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, aos colegas do Fórum de Teoria da História e História da Historiografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e ao Povo da Casa (rua Júlio Otoni, Santa Teresa, Rio de Janeiro).

Diário: uma escrita polimórfica

O diário, gênero memorialista, constituído ao longo da história da cultura como escrita/leitura e reescrita/releitura, tem sido objeto de muitos especialistas nas grandes áreas das Ciências Humanas. As linhas de força nas pesquisas sobre diarística, gênero, não-gênero ou transgênero, prática discursiva e de leitura, são forças oriundas das áreas da Retórica, da Teoria Literária, da História, da Antropologia e da Psicologia, entre outras. Encarado como gênero independente ou como um híbrido narrativo, o diário é um diálogo de um suposto sujeito consigo mesmo e também território propiciador de encontros com leitores ao se fazer lido. Foi consolidado como instrumento de exame de consciência, tendo sido interpretado também como testemunho, oficina de criação, como históriação de supostas realidades, ou como prestação de contas.

Da Antiguidade, passando pela Era Moderna à Época Contemporânea, o diário é praticado como gênero histórico ou gênero da memória, registro científico amplo e variado. Hoje se caracteriza cada vez mais pela subjetividade em escritas do “eu” nos diários pessoais, cujas relações com

a autobiografia e com a epistolografia (correspondência) são estreitas.

Os diários pessoais, na sua especificidade, denominam os sujeitos da escrita e remetem a outras identidades que podem representar experiências, uma vez que a mediação da linguagem é por si só uma transcrição do vivido e a memória do vivido, a cada vez acessada, é uma recriação também dos eventos por meio de poéticas sistematizáveis que regem os registros de tais eventos.

Neste livro, os objetos de atenção são diários e escritas memorialistas dos séculos XVI ao XX, exemplificados por meio de obras manuscritas e impressas dos acervos das divisões de Manuscritos, Obras Raras e Obras Gerais da BN/RJ. Durante um ano, de novembro de 2014 a novembro de 2015, foram consultados, lidos e anotados diários, dos séculos XVI ao XX, manuscritos e impressos (históricos, científicos, artísticos e pessoais, sobretudo mistos ou híbridos) dessas três divisões da BN/RJ. Muitos exemplares de diários históricos da pesquisa pertenceram à “Exposição de História do Brasil” realizada na BN/RJ em 1881, cujo catálogo foi publicado em fac-símile c.1981 com organização de José Honório Rodrigues. Outros exemplares estudados pertenceram à coleção do importantíssimo historiador, bibliotecário e bibliófilo Rubens Borba de Moraes.

Para além de diários, a pesquisa incluiu relatos, memórias e autobiografias. Os diários dos séculos XVI ao XVIII foram pensados à luz das retóricas, em conformidade à forma *mentis* dessas práticas letradas. Diários e similares dos séculos XIX e XX foram pensados por meio de seus conceitos de história/ciência, à luz de teorias históricas, literárias e filosóficas coetâneas.

Nesse sentido, após esta apresentação, seguem-se quatro capítulos, um para cada um dos séculos que datam os objetos de estudo, ou seja, o capítulo primeiro dedicado a diários dos séculos XVI e XVII; o segundo capítulo dedicado a diários do século XVIII; o terceiro capítulo dedicado a diários do século XIX, e o quarto, a diários do século XX. Ao término desses quatro capítulos, o leitor encontrará um epílogo e as referências bibliográficas com as localizações dos objetos nos acervos da BN/RJ e a indicação de alguns estudos sobre diários, sejam textos teóricos ou doutrinários pertinentes.

Para esclarecer a moldura conceitual na qual o diário e as outras formas textuais do testemunho são compreendidos como objetos relevantes é necessário refletir, desenvolver e contextualizar um conceito ainda pouco explorado no Brasil: a “auto-hospitalidade”. Para isso, relacionamos os diários pessoais, os relatos testemunhais e as biografias e recortes de jornal com a produção de artistas e intelectuais brasileiros da primeira década do século XX.

O termo “auto-hospitalidade” refere-se à acolhida de si como “um outro”, sob formas diversas. Em prefácio a uma publicação francesa de 2004, *De soi à soi – l’écriture comme autohospitalité*, Alain Montandon esclarece a origem do termo e suas implicações nos estudos sobre escritas pessoais. Para ele, “falar do diálogo de si com si-mesmo [*sic*] não é apenas abordar a temática do duplo e da alteridade, mas também colocar em evidência uma distância existente entre si e si-mesmo [*sic*] em múltiplas perspectivas (inclusive psicanalíticas)”. (Montandon, 2004, 7).

O autor evoca Levinas, que teria afirmado ser o sujeito um *hôte*, palavra utilizada para designar tanto o anfitrião

quanto o hóspede. Essa ambivalência do sujeito seria, na verdade, uma anulação da ideia de uma consciência de si que servisse como elemento identificador do sujeito. Seria somente pela ação da acolhida de si, como um outro, que ele seria capaz de se definir ou, mais especificamente, de se identificar através de uma relação de alteridade. Uma quase relação de convivência entre sujeito e outro se estabelece. Essa convivência entre o sujeito e seu duplo, seu eu diferido, aponta para dois tipos de distanciamentos existentes nessa relação:

1) um distanciamento ontológico: explicitado pela compreensão do sujeito da escrita pessoal como “um outro”;

2) um distanciamento linguístico: a linguagem habita o sujeito, mas não é ele, ainda que ele seja atravessado por ela.

Ao objetivizar-se, ao transmutar-se em outro para sobre ele (sobre si) escrever, o sujeito não trataria esse outro como objeto, mas sim como sujeito. Daí a ser comum a personalização do suporte físico do diário, tornando-o um interlocutor ou destinatário dos relatos diarísticos. Entretanto, dever-se-ia compreender o “meu querido diário” (ou qualquer outra forma de interlocução) não como uma interpelação do outro, mas como uma autointerpelação via desdobramento do sujeito: “*Le Journal, plus que jamais, prend figure de corps second*” (Simonet-Tenant, 2001, 51).

Esse segundo corpo é, efetivamente, o gatilho para o sentimento de alteridade, muitas vezes experimentado pelo próprio diarista. Sua comparação desse espaço de hospitalidade com o diário obedece às mesmas premissas: cada diário também teria seu código de boas maneiras, através

da organização dada pelo diarista, assim também como a regularidade das entradas, o bom tratamento da caligrafia (caso de diários manuscritos) e, mais importante, o grau de censura aplicado aos registros. Essas normas, estipulando limites de liberdade tanto para o anfitrião quanto para o convidado, fazem do diário, de cada diário em especial, o local criado para o confronto – sem o peso negativo que a palavra sugere – entre o eu e si-mesmo. A “auto-hospitalidade”, ao inserir duas versões do sujeito na escrita pessoal, em uma relação dialógica, mostra-se um fenômeno possível através da linguagem e, mais especificamente, através da prática de uma escrita pessoal. O texto diarístico, para além de ser um registro do “eu”, um texto sobre o sujeito, é em si mesmo o sujeito. E alguma fundamentação para tal argumento pode ser encontrada em uma dimensão somática. O corpo seria, assim, um repositório de vivências e, mantendo-as, criaria uma singularidade própria, não verbal. Uma espécie de memória autobiográfica das reações às variadas experiências, que seria ela mesma a base para a compreensão da identidade – em outras palavras, um eixo designando os fenômenos que alteram o estado do sujeito, paralelo ou sobreposto a outro eixo, que designaria os elementos de permanência que também constituem identidade.

Discorrendo sobre a importância da escrita periférica na obra de Lima Barreto, Antônio Cândido ressalta a intenção expressa pelo escritor de tratar suas “questões particulares com o espírito geral” como uma justificativa para o interesse em “tudo aquilo que, na sua obra, pode ser chamado de literatura íntima: diários, correspondência, até os desabafos frequentes dos escritos de circunstância”

(Cândido, 1987, p. 49). Ao incluir essa produção textual sob a categoria de “literatura íntima”, Cândido estaria, primeiramente, atribuindo a esses escritos pessoais um valor literário, ainda que periférico, e, em segundo lugar, assumindo a existência de um lugar, no seio da produção literária, para a vivência pessoal do escritor. Essa atitude de incluir, na ordem do literário, textos sem uma aparente prescrição formal (ou seja, sem uma aparente poética que os regule e normatize) remete a uma discussão mais abrangente e polarizada sobre o abuso e a aporia (a impossibilidade) da literatura pessoal.

Aqui, o íntimo pode se intercambiar com o pessoal, sem prejuízo de sua compreensão, afinal de contas, os adjetivos aderidos tanto ao substantivo literatura quanto ao seu equivalente escrito não opõem cartas a diários, ou memórias a autobiografias, eles simplesmente apontam para uma natureza intencional de apagar a fronteira entre o pessoal e o público, o que está, sempre, no cerne das questões referentes aos escritos pessoais (ou à literatura íntima, como quer Cândido), em particular aos diários. O que engendra efetivamente um problema é uma reflexão que se localiza em uma instância anterior às tecnicidades ou à taxionomia empregadas para classificar o produto de uma prática de escrita não pública, aparentemente não elaborada esteticamente e, em muitos casos, caracterizada como uma escrita funcional. O que se impõe como problema seria a viabilidade de se pensar a coexistência pacífica do termo literatura e do adjetivo pessoal, do termo literatura e dos diários históricos, científicos e artísticos etc., em suas diferentes modalidades de relatos.

Orientaram a escolha dos trechos selecionados dos diários e das outras escritas memorialísticas dos quatro capítulos deste livro as seguintes questões: Qual tipo de texto (gênero, subgênero, ou prática discursiva)? Em que século foi escrito? A que acervo pertence? Quem escreve o texto? Quem lê o texto? Como é lido o texto? (Circula? Como?) Como é escrito o texto? Para que é escrito o texto? Para que é lido o texto? Por que é lido o texto? Com qual ponto de vista é escrito? Quais (e há?) critérios de testemunha? Qual (ou quais) temporalidade(s) é (são) marcada(s) no texto? Qual cronologia? Como se anunciam/se enunciam os sujeitos dos textos? Como se constitui a interlocução dos (nos) textos? É biográfico ou não o texto? Qual meio de transporte foi utilizado pelo narrador viajante? (Caso o texto seja de viajante.) O meio de transporte impacta a narrativa? Condiciona?

Na abertura de cada um dos quatro capítulos deste livro, na sequência dessa apresentação, o leitor encontrará o conceito de diário com o qual os objetos foram pensados nos séculos em questão, ou seja, como gênero nos séculos XVI, XVII e XVIII, transgênero no século XIX ou não-gênero ou prática discursiva no século XX, como história, como memória ou escrita de si. Em seguida, em formato de verbetes dispostos em ordem alfabética, encontrar-se-á em cada um dos quatro capítulos a descrição dos objetos (dos textos, livros ou opúsculos pesquisados) e as transcrições de trechos selecionados desses objetos, compondo assim uma antologia, seleta ou florilégio dos mais variados tipos de escritas memorialísticas dos acervos da BN/RJ, comentados do ponto de vista de seu gênero/prática e de suas especificidades.

Diário como efeméride

No terceiro capítulo do terceiro tratado do *Dell' Arte Historica* [...], Agostino Mascardi, tratadista do século XVII, conceitua e prescreve diário como sendo efeméride, um dos gêneros da História:

assim nasceram as Efemérides, ou melhor dizendo os Diários, os Anais, as Crônicas, os Comentários, e as Vidas, que se nomeiam histórias [...], para que todas sirvam para eternizar as memórias dos acontecimentos passados, para o ensino da posteridade (Mascardi, 1636, p. 43).

Pela própria significação do termo latino — efemérides —, ou pela voz grega, Mascardi define esse subgênero historiográfico como uma “[...] escritura [...]”, na qual as coisas (as ações na relação res/verba) decorrem no tempo de um dia. Nesse subgênero cabem matérias infinitas, desde que se respeite, de um modo ou de outro, como *varietas*, o registro dos acidentes de uma jornada, de um dia. Decorrem dessa noção outras duas: o jornal e o calendário. Mascardi prescreve a primeira como sendo um tipo de efeméride mercantil, no qual se escrevem os créditos e os débitos no livro da razão. Efeméride é o subgênero historiográfico na voz grega, enquanto calendário o é na

latina e, segundo o tratadista, são pares correspondentes (Mascardi, 1636, p. 44-47).

Contestando Aulo Gélío, das *Noites áticas*, Mascardi prescreve as efemérides subordinadas aos anais, pois elas comporiam as narrativas dos anos. A *auctoritas* refutada concebe, segundo o preceptista, as efemérides como espécies dos anais. Tem-se, aqui, uma emulação, que é refutação somente como tópica, uma vez que espécie e relação de subordinação diferem apenas porque, ao imitar o modelo, na emulação, Mascardi (1636, p. 59) coloca as categorias em relação também de hierarquia, não proposta por Gélío. Trocando em miúdos, a doutrina diferencia imitação de ações para memória de um dia e imitação de ações de um ano, na relação dias/anos.

É com esse conceito de efeméride que os diários dos séculos XVI e XVII deste capítulo, dos verbetes abaixo, foram lidos e devem ser pensados.

RELAÇAM VERDADEIRA, BREVE da tomada da villa de Olinda, e lugar do Recife na costa do Brasil pellos rebeldes de Olanda, tirada de huma carta que escreveu hum Religioso de muyta authoridade, & que foy testemunha de vista de quase todo o socedido te os dezoito de abril deste presente, & fatal anno de 1630. Lisboa, 1630. In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Annaes da Bibliotheca Nacional*, Rio de Janeiro, v. XX, 1899.

Composta por um religioso anônimo e impressa em Lisboa no ano de 1630, essa relação, que também é um diário, constrói-se como “verdadeira” e autorizada pelo testemunho, uma vez que o narrador se coloca na posição

de “testemunha de vista”. Observa-se que o texto é construído nas circunstâncias de guerra contra Holanda, mas durante o tempo em que Portugal está anexado à Coroa de Castela, portanto anterior à restauração de Portugal.

Trechos:

[...] O General da armada [holandesa] se chamava Henrique Cornelles Lont, que havia dois anos fora Almirante da que tomou a frota de Índia com tanta afronta, e perda desta Monarquia [...]”. (p. 125).

[...] Mas a vigilância do Capitão geral Matias de Albuquerque a tudo tem atalhado, e experimenta já outro ânimo mui diferente nos homens da terra. A verdade é que gente que não é exercitada na milícia, nem paga, como naquela Capitania a não havia, e a que não zuniram ainda os pelouros pelas orelhas, de ordinário perde o passo no primeiro encontro; particularmente quando ele é nascido de grande força, como este foi. A armada do inimigo Holandês era qual dissemos ao princípio, e ainda maior, porque depois se lhe foram ajuntando mais naus, e assim fazia número de setenta e tantas velas, com muita artilharia, que tirava balas de vinte por trinta libras: nela, fora a gente do mar, que também era mui luzida, vinham mais de seis mil infantes, toda gente mui exercitada, interessada, e bem paga. Para lhe resistir nem havia Cidade murada, nem gente disciplinada, nem fortes, aonde pudessem aturar o cerco, e aguardar bateria dos canhões inimigos: e assim não há que por tamanha culpa aos moradores de Pernambuco: e a que houve eles estão apostados a purgá-la com o favor de Céu, e já o começam a fazer com vários assaltos, que dão aos inimigos, que

se atrevem a desmandar-se, e todos até agora com feliz sucesso a Deus graças; as demais considerações foram as seguintes [...]. (p. 130).

[...] A glória de tudo seja dada a Deus Nosso Senhor que assim como foi servido dar tanto ânimo aos seus, e nossos inimigos, para castigo daquela terra; agora movido a compaixão por orações de alguns justos tem por bem dar aos nossos, e àqueles pobres Índios tal brio contra inimigos tão poderosos, e tão vitoriosos [...]. (p. 131-132).

RELACION DE LA VICTORIA que los portvgveses de Pernambuco alcançaron de los de la Compañia del Brasil en los Garerapes a 18 de febrero de 1649. Traducida del aleman publicada en Viena de Avstria, Año 1649. In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil), *Annaes da Bibliotheca Nacional*, Rio de Janeiro, v. XX, 1898.

Transcrevem-se, abaixo, dois trechos dessa relação:

[...] Las acciones grandes son para admiradas, que repetidas; porque aquello que tiene de mayores, haze que no puedan refirirse como ellas son. Es dificil escribir el ingenio con la pluma, lo que el valor obra con las armas: una forma sus caracteres con la tinta, y otras los imprime con la sangre. Pero esta dificultad, no es poderosa, para que la verdad, como alma de los sucessos, dexede publicar lo obrado, ya para el exemplo, ya para el aplauso, pues tãto, y aun màs, nos incitan las historias presentes, que las passadas. Tienen estas de vividoras, lo que aquellas de espantosas: y seria offender la memoria de tan gloriosos hechos, si el recelo de no ser igual lo

escrito a lo obrado, los dexasse sepultados en eterno olvido [...]. La victoria que los Portugueses alcançaron ultimamente de los de la Compañía de Holanda en Pernambuco, es de las que merecem eternizar-se; pues por grande la juzgaron milagrosa. Y en effeto lo parece, si consideramos, que tan inferior numero de gente, desnuda, desproveida, y deseparada, venciesse, y desbaratasse a un poderoso exercito, governado por muchos, y expertos Cabos, cuyas esperanças no eran menos, que la entera conquista de toda aquella campaña [...]. Y porque las relaciones, que della publicàron los propios enemigos, se hallan diminutas, y sin aquellas circunstancias que la pueden hazer util, y gloriosa, repetiré con senzillez, y sin affecto, la verdad de lo sucedido, para que seconozca no solo el valor, y resolucion de aquellos Portugueses, pero los repetidos fabores, con que el Cielo acõpañã de continuo sus armas, y sus victorias [...]. (p. 153).

[...] Pero el General Sigismundo, hombre de gran valor, y experiencia, y que se avia hallado en las mayores empresas de aquel Estado, le procuró dissuadir el intento, assigurandole que seria desbaratado, y roto, si quiziesse pelear con los Portugueses en la campaña; porque conocia su resolucion, como él avia experimentado en la ròta que le dieron a 19 de abril del año passado, a donde fuera tan mal herido, que aun estava incapaz de poder tomar las armas [...]. (p. 154).

BARRETO, Francisco. Relaçam diária do sitio, e tomada da forte praça do Recife, recuperaçã das Capitãias de Itamaracá, Paraiba, Rio grande, Ciará, e Ilha de Fernando de Noronha, por Francisco Barreto, mestre de campo

general do Estado do Brasil, e Governador de Pernambuco. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1654. In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Annaes da Bibliotheca Nacional*, Rio de Janeiro, v. XX, 1898.

Francisco Barreto foi mestre de campo, general do Estado do Brasil e governador de Pernambuco.

Trechos:

[...] porque depois de rendidos confessaram [alguns dos holandeses], que se tinham achado em outras guerras, e em nenhuma viram tal resolução, e valor de soldados, como estes de Pernambuco [...] (p. 190).

[...] Esta é a Relação verdadeira da restituição de Pernambuco, escrita por quem se achou presente a ela, admirada de todos os estranhos, aplaudida de todos os confederados, invejada de todos os emulos, gloriosa para toda a Cristandade, e especialmente para os Portugueses, que além de recuperarem esta conquista, que lhes estava usurpada, continuam nesta empresa aquela sua antiga profissão, que é o triunfar de inimigos poderosos, e servir à Igreja Católica a todo o risco da vida contra todos os infieis. Falta somente aos que tanto mereceram nesta facção, para ser perfeito o gosto da vitória, ter notícia de que Sua Majestade, que Deus guarde, sem embargo de se obrar sem ordem sua, se manifeste bem servido dos que lhe são tão beneméritos [...] (p. 199).

BASSOM, Pierre. *Journal de ma vie – Memoires de Bassom Pierre*. Paris: Chez Madame V.e Jules Renovard Libraire de la Société d’l’Histoire de France, 1870. 4 t.

François de Bassompierre nasceu em 12 de abril de 1579. Morreu em 12 de outubro de 1646. Foi marechal e um homem da corte francesa.

A primeira edição dessa obra é de 1665. A narrativa vai de 1586 até 1640. Trata-se de uma autobiografia.

T.I

“*JOURNAL DE MA VIE*”

Je souhaiterois, pour mon contentement particulier, d'avoir reçu, au commencement de ma jeunesse, le conseil (que vous me donnés apres que'elles est presque termine) de faire un papier jornal de m'avie; il m'eut servi d'une memoire artificielle, non-seulement des lieux ou j'ay passé lors que j'ay este aux voyges, aux ambassades, ou a la guerre, mais aussy des personnes que j'y ay pratiquées, des mès actions privées et publiques, et des choses plus notables que j'y ay venues et ouïes, dont la connoissance me seroit maintenant très utile, et le souvenir doux et agreable. Mais puis que, faute d'advertissement ou de consideration, j'ay este privé de cet avantage, j'auray recours a celuy que me donne l'excellente memoire que la nature m'a departie [...], pour rassembler le debris de ce naufrage, et restablir cette perte autant que je pourray, continuant a l'advenir de suyvre vostre salutaire conseil, duquel toutefois je n'useray point pour léffet que vous me proposés, de laisser a celuy qui voudra descrire ma vi ela matiera de son oeuvre; car ele n'a pas este assés illustre pour meriter d'estre donné à la posterité, et pour servir d'exemple a ceux quy nous survivront, mais seulement pour remarquer le temps de me acidentes et juger quelles annés m'ont este sinistre ou heureses, et affin aussy

que sy Dieu me fait la grace de parvenir jusque a cette vieillesse quy affoiblit les facultes de l'ame et de l'esprit, et particulierment celles de la memoire, je trouve dans ces journaux de m avie ce que j'auray perdu dans mon souvenir, lequel estant nécessaire de remplir pour la plus part de chose bases, ridicules, ou inutiles aux autres, ne seront jamais reveues que de moy, quando j'y voudray cherche quelqu'une de mês actions passes, ou de vous qui este un second moy mesme [...] [Marechal de Créquy, tido como irmão por Bassompierre], et pour quy je n'ay rien de secret ou caché, quando vous voudrés apprendre ou connestre quelque chose de mon extraction, de me ancestre, des biens qu'eux et moy ont possédé, de ma personne et de m avie [...]. (p. 1-2).

T. 4

Octobre. – Em ce mois d'octobre est mort um des plus gentils, des plus braves et des meilleurs princes que j'aye jamais connu [Duque de Guise, morto na Itália em 30 de setembro de 1640], et quy me faisoit l'honneur de m'aymer cherement: ausy ay je resseny as perte aussy vivement dans mon coeur, que de chose quy me (p. 342) soit arrivée de longtems. Il avoit souffert durant neuf annés beacoup de torment et de persecution de la mauvaise fortune: exilé de France, ayant perdu son gouvernement, ses biens ruinés; et ce qu'il a pasty dans as famille par l'aperte de ses deux enfants dont l'ainé [...] estoit le plus accomply prince de son temps, et par la mauvaise conduite du troisieme [...], quy ne vivoit pas selon as profession [...]. (1640, p. 341-342).

Nota 3: Ici termine le manuscrit du marechal de Bassompierre. Les divers éditions ajoutent la frase

suivante; "Ce fut le duc de Guise qui s'étoit retire à Florence, au même temps que je fus mis à la Bastille, où je plains as mort et ma liberté". Ces lignes n'ont pas été écrits par l'auteur; du moins eles ne se trouvent pas dans as copie autographe.

FIN DU TOME QUATRIÈME ET DES MÉMOIRES

CARDIM, Fernão (padre). *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica escrita em duas cartas ao P. Provincial em Portugal ... (1583-1590)*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1847.

Fernão Cardim Viana do Alentejo nasceu nos arredores de Salvador, cerca de 1549. Faleceu em 1625. Foi um jesuíta português.

Este é o *link* para a obra digitalizada, pertencente ao acervo da BN Digital:

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or58706/or58706.pdf

COELHO, Duarte de Albuquerque. *Memórias diárias da Guerra do Brasil*. Recife: Secretaria do Interior, 1944.

Duarte de Albuquerque Coelho foi o primeiro e único visconde de Pernambuco e marquês de Basto (Olinda). Foi o quarto donatário de Pernambuco. Era filho de Jorge de Albuquerque Coelho.

As memórias de guerra, impressas em 1654, do donatário Duarte de Albuquerque Coelho, soldado valente e vassalo de Sua Majestade, marquês de Basto, conde e senhor de Pernambuco, compõem um diário que narra feitos de

oito anos, portanto dividido em ânuas que vão de 1630 a 1638. As oito ânuas são acompanhadas de sumário das matérias principais. Outro aspecto da disposição do discurso está no tocante à divisão em meses, seguindo do início ao fim do ano as matérias. Dedicada a história em formato de diário à Católica Majestade do rei dom. Felipe IV. É um diário de soldado, no qual mesclam-se narrações, descrições, digressões. Duarte de Albuquerque Coelho preenche a narrativa com comentários que atestam um uso da técnica retórica, em conformidade ao uso do gênero histórico e ao uso do subgênero narrativo diário. Nas memórias do donatário e soldado a principal tópica é a do valor, entretanto as tópicos do remédio, pecado em suas interpretações providencialistas, também têm amplo uso na construção do discurso. Abaixo transcrevem-se enunciados retirados do texto consultado.

Trechos:

[...] Isto posto darei notícia dos primeiros nove anos desta guerra que não fique em esquecimento o que as armas de Sua Majestade (ainda que ali foram sempre muito poucas) obraram, como se fossem muito numerosas. E se o que se perdeu as pode talvez deslustrar aos olhos de quem inconsideradamente julga as coisas pelos sucessos, não deixará pelo menos de ver o valor e constância com que suprimindo o seu pequeno número, não deixaram de ser formidáveis aos nossos inimigos [...]. (Prólogo, p. XXIII).
[...] mas confessar todos os que me impuseram se justamente alguns se podem impor em matéria de estilo, a quem dele não presume, atendendo somente a mostrar zelo com toda a simplicidade e verdade, que é o essencial

da História ainda quando muito adornando, quanto mais ao tratar-se de uma relação tão despida de ornatos [...]. Claramente pois refiro como se procedeu durante estes nove anos nesta guerra; e por ter-me achado presente à maior parte, e daquilo em que não me achei, seguir relações diárias feitas pelo próprio general e outras de inteiro crédito, posso com segurança crer que se outro escrevesse com mais brilho, certamente não escreveria com mais exame da verdade [...]. (Prólogo, p. XXIII - XXIV). [...]. Aos muitos que eu vi proceder com singular valor e que foram pródigos da sua fazenda, de seu sangue e de sua vida, pela Religião e pela Pátria rogarei com grande afeto me queiram perdoar (ainda que nos seus lugares os nomeio) não poder louvá-los como realmente mereceram [...]. (Prólogo, p. XXIV).

[...] Isto obrigou o sargento-mor do Estado Pedro Correia da Gama a meter mão à espada bradando – traição! Traição! – ao que o general com semblante sereno respondeu: – Deve ser algum desastre. E dissimulando prudentemente, mostrou que não conhecia o perigo, por não declarar suspeitos os mesmos de quem esperava alguma coadjuvação. Sofrer e contemporizar com tal gente por espaço de 6 anos não foi a menor ação nem a de menos mérito que do nosso general se possa escrever [...]. (1630, p. 28).

[...] Vendo-se pois os do forte tão apertados, foi preciso renderem-se. Enviaram o capitão Gil Correia para tratar da convenção, e Antônio Gonçalves de Olivença por intérprete. Concordam em que sairiam com suas armas, e livremente iriam para onde estava o seu general. Porém o inimigo observou tão mal o que se havia ajustado, que,

saindo ainda do forte 60 homens, obrigaram a maior parte a levantar os dedos da mão direita, jurando não tomar armas por seis meses contra os Estados da Holanda, o príncipe de Orange [*sic*], a companhia ocidental e eles. O capitão do forte, Antônio de Lima, seu alferes Jacinto Barreto, os outros capitães Roque de Barros, Alonso de Albuquerque e Francisco de Figueroa [*sic*], e outras pessoas mais gradas, não o quiseram fazer, respondendo que isto ia de encontro ao capitulado, e que ainda que os degolassem, o não fariam. Pondo-os em prisão, começaram a mostrar sua infidelidade, e que só guardam palavras enquanto não visam maior conveniência, do que não faltam sobrados exemplos [...]. (1630, p. 32).

[...] A estas contradições respondia o general, sempre constante que esperava em Deus (e em quem havia de ser?) que dali faria uma formidável resistência, e que para isso convinha dar-lhe princípio [...]. (1630, p. 34).

[...] A tais minuciosidades se chegou por fim, e ainda a outra, tanto mais particular, que não a refiro, para que, parecendo exageração, não se ponha em dúvida a verdade, que, entre os poucos crédulos, corre seus perigos; venero-a eu tanto, que nem com estes a quero por em risco [...] (1630, p. 39).

[...] A segunda foi postada mais abaixo para a parte da povoação, e também da outra banda do rio. Porém nada obraram, por não ter o inimigo saído nestes dias. Faço menção disto somente para que se conheça que não deixávamos de procurar ocasião de pelejar, ainda com o incômodo de conservarmo-nos quatro dias e outras tantas noites emboscados em lugar onde somente os muitos mosquitos que nele há são um formidável adversário,

segundo julgará quem o tiver experimentado e sofrido por tantos anos. De intentos semelhantes e frustrados como este não farei menção (bem que a mereçam por muitas circunstâncias atendíveis) para não dilatar-me em coisas que não sejam vir às mãos com tanta desigualdade [...]. (1630, p. 43).

[...] Neste tempo chegava à campina das Salinas (a tiro de mosquete distante da trincheira) o socorro do Real; e o inimigo a cobertos nos atirava, achando-nos agora em campo raso; porém era o valor dos nossos, que depois de baterem-se com tanta desigualdade, investiram a trincheira tão galhardamente e com tanta fortuna, que a retomaram, expelindo-o não só dela como para além do rio, em que alguns ficaram afogados. Chegaram os mortos e feridos a 300, segundo confessaram alguns prisioneiros e rendidos [...]. (1630, p. 44).

[...] Bem caras custavam ao inimigo as faxinas, mesmo perto de suas fortificações – e assim calculava quanto lhe custaria o procurar aproveitar-se dos campos, por mais que nos excedesse em número, o que supríamos com o ardil, a que sempre era necessário recorrer, visto faltar-nos aquele [...]. de tudo o general dava conta a el-rei, endereçando-lhe cartas pela Paraíba, ponderando – que aquela guerra era insustentável, a menos que não fossem as Armadas com tal poder que assegurassem a restauração [...]; pois que infalivelmente cada mês lhe vinham da Holanda dois ou três, com 50 e 80 soldados cada um, para suprir a falta dos mortos em combate, ou enfermidades, e pelos quais lhes chegavam abastecimentos e munições de todas as sortes, com que eram assistidos com maravilhosa providência; que os moradores que até

ali haviam procedido com grande fidelidade e valor, se vissem retardamento no que esperavam (a restauração, como a da Bahia), provavelmente não conservariam aquela constância; e que faltando esta, faltava tudo para prosseguir a guerra, não só naquela praça, mas em todas as outras do Brasil [...] (1630, p. 46).

[...] além disso dava-se desta forma muito tempo ao inimigo para fortificar-se, mormente sendo ele tão fornecido pela sua companhia; e que com a diuturnidade se dificultaria mais a empresa: que expulsá-lo do Brasil era tanta importância, que devia obrigar a todo o sacrifício para se conseguir o mais breve possível, e que para convincente exemplo tinham o da Bahia, por haver-se-lhe acudido logo [...]. A esta opinião verdadeira puseram-se outras que andaram escritas, fundando-se em que – o que convinha enviar era uma armada com dois mil homens, todo o necessário para eles, e alguma artilharia para conservar-se o posto do Real do Bom Jesus, visto ser o mais apropriado para guerrear o inimigo, e impedir-lhe as sortidas que intentasse; que se o general Matias de Albuquerque o fazia tão bem com tão pouca gente [...]. (1630, p. 47).

[...] A resolução que se tomou sobre estas duas opiniões se irá vendo nestas Memórias, assim como os seus efeitos, e também como tendo o Brasil sempre o remédio diante dos olhos se o enxergou, segundo se julgará das ocasiões que houve e se perderam [...]. (1630, p. 47).

[...] A 28 [de maio] saiu o inimigo do porto do Recife com 20 naus e algumas lanchas, conduzindo 2000 homens. Dava cuidado a Paraíba com esta armada que navegava ao norte, onde ela está. Resolveu o general enviar logo

em seu socorro o mesmo que da lá trouxera Matias de Albuquerque Maranhão, e ordem para que de caminho (pois ficava nele) soubessem se o inimigo tentava tomar a ilha de Itamaracá, e que, no caso afirmativo, passassem a socorrê-la. Assim aconteceu. Está aquela ilha em 7° e 2/3 da linha equinocial para o sul, e a sete léguas ao norte da vila de Olinda; forma-a um braço de mar que a cerca, tendo ele de largo um tiro de mosquete, e fazendo duas barras; uma serve para entrar e é a principal, outra para sair, a qual chamam Catuama; esta suporta barcos, e a outra navios de 200 toneladas. Aqui desembarcou o inimigo pela parte do norte, porque a do sul era já terra de Pernambuco, de que este braço de mar a separa, recebendo aí o rio de Santa Cruz. Havia uma légua acima a vila de Igaracú, uma das de Pernambuco. Tem a ilha dez léguas de circunferência [...] (1631, p. 53).

[...] Deixemos que navegue, até que a ocasião chegue de falar outra vez nela [...] (1631, p. 54).

[...] Executou-se, e conseguiu-se com tal galhardia, que ali se degolaram 30, ferindo muitos, e fazendo-os retirar. Porém voltando no dia 30 com mais gente e mais cuidados, continuaram e finalizaram seu reduto [...] (1631, p. 55).

[...] Voltemos à nossa armada, em que tenciono ser mais extenso do que costume; porque não só a matéria o exige, mas como fez parte do socorro da guerra de Pernambuco, à qual pertencem estas Memórias, espero que se leve a bem a dilação [...] (1631, p. 59).

[...] Foi grande fortuna não ter d. Antônio de Oquendo recebido dano algum em sua pessoa, exposta sempre aos maiores perigos com tal valor e prontidão, que nestas sete

horas bem se lhe deveu o que por tantos anos mereceu sempre [...] (1631, p. 63).

[...] Passemos agora a relatar o que se há feito no Real, por estes dias, de cuja relação me apartei, e justo será prossegui-la [...] (1631, p. 66).

[...] E bem digno de consideração que estando fortificados, havia pouco menos de dois anos, em lugares onde tudo era lenha, lhes fosse defendida pelo nosso general com tanto valor, com seus capitães, que padeciam esta tão grande míngua, de maneira que para remediá-la houveram [*sic*] de desfazer um vaso tão importante. Acima ficam bastantes exemplos de quanto lhes custava a faxina junto às suas fortificações [...] (1631, p. 66).

[...] Estes três, que o inimigo enviou, não iam somente fundados na retórica e razões com que haviam de persuadir [...], mas com que obrigá-lo, levando-lhe para este fim algumas coisas das que eles mais estimavam; porque a todos é já notório que esta é a mais eficaz retórica, e que os brutos a entendem tão bem como os políticos [...] (1633, p. 98).

[...] e assim Pascoal Pinto, que estava despachado capitão de uma fortaleza em Angola, Manuel de Oliveira, soldado do capitão Braz, e Francisco Pereira, da companhia de d. Antônio Ortiz. Feriram-nos 21, em que entrou o próprio capitão Ortiz; e por defender-lhe a vida, ficou com ele prisioneiro o seu alferes Gregório de Brito, que depois foi mestre de campo e governador da cidade de Lerida, que defendeu duas vezes, com ótimo resultado, dos assédios que lhe puseram o príncipe de Condé e o conde de Ancourt; foi também general da artilharia do exército

da Catalunha, e visconde de Termes, tudo merecido pelo valor de seus punhos [...]. (1633, p. 102).

[...] Resolvidos pois a esta facção, dispuseram que o seu general sairia do forte que estavam levantando no posto dos Afogados, com três mil soldados dos mais velhos, para acometer o Real por três partes, às 11 horas daquele santo dia, por ser a hora em que estaríamos na igreja, com menos cuidado da defesa temporal; não entendendo (como hereges) quanto mais eficaz e poderosa a faríamos com estar tratando não só desta defesa, mas de confessar-nos e pedir perdão das ofensas cometidas contra quem é todo poderoso, não somente para perdoá-las como para vencê-los [...] (1633, p. 103).

[...] Duarte de Albuquerque insistia na sua opinião de que saísse logo a gente possível, porque o campo estava bem reconhecido, e muito mais a desordem com que o inimigo se retirava, largando as armas; e que, se se fosse perseguindo com a brevidade que a ocasião pedia, julgava não ser difícil chegar junto com eles, poucos, e sem ordem, ao seu mesmo forte dos Afogados, que havia seis dias só tinham começado, e que poderia ser que com tal facilidade o entrassem, não só por esta causa, como por não descontinuar o bom sucesso que Deus nos ia dando, de cujas misericórdias naquele dia obradas se devia esperar não só entramos naquele forte, mas também na ilha de Santo Antônio, e até na povoação do Recife; porquanto, como o inimigo ia daquela sorte debandado, e com perda de muita gente, mal poderiam os que ficassem resistir; e quando se não conseguisse alguma destas coisas, ao menos a última, que era acabar de degolar os que se iam retirando, lhe parecia fácil, se logo se achasse a gente

fora do Real, e que somente a tardança o dificultaria [...] (1633, p. 106).

[...] Este [padre Valente, soldado] era natural do reino da Sicília, e de muito exemplo e virtude. Também o padre Frei Mateus de S. Francisco, da Ordem Terceira, deste Seráfico Patriarca, capelão-mor do terço de Portugal, andou neste dia tão valente, com uma espada na mão (acertando-lhe algumas balas sem feri-lo), que qualquer soldado podia invejá-lo, e não ele a algum da sua profissão; outro dos sete mortos deste dia foi Antônio Velho, filho de Gonçalo Velho [...] (1633, p. 115).

[...] Ainda que el-rei respondeu a esta carta em novembro, pareceu-me todavia dever transcrever a resposta logo aqui, para ligar o sucesso, bem se sigam outros mais anteriores [...] [transcreve carta, datando-a de 26 de novembro de 1633] (1633, p. 120).

[...] Assim findou este ano com a perda de mais esta praça; e à vista dos quotidianos socorros que sem risco chegavam ao inimigo (bem diferente do que com os nossos acontecia) brevemente se podia temer que o pouco que nos restava fosse seu, como sucedeu, como veremos; assim como o resultado de seguir-se a opinião de fazer-se esta guerra lentamente a não com aquela fervorosa energia com que se restaurou a Bahia de Todos os Santos. Grande exemplo para ser imitado; se não fora mais poderoso o permiti-lo Deus assim por seus divinos e ocultos juízos, e que a nossa limitada inteligência não pode chegar [...] (p. 1633, p. 135).

[...] Desta arte ficou a Paraíba desassombrada, se bem que não tardou muito em ter novo e pior susto, porque o mal nunca se demora. E não passará o fim deste ano sem que

o vejamos. Deu o inimigo a vela no 1º de março, voltando a Pernambuco. Mas enquanto não chega, aconteceu lá o que será bom saber-se, e foi o seguinte [...]. (1634, p. 142).

[...] Cada soldado levava uma divisa, para melhor conhecer-se, evitando desta arte a confusão que ordinariamente traz consigo aquela hora [...]. (1634, p. 143).

[...] Tendo esta façanha princípio tal, foi bem diverso o fim; porque como tinha de perder-se Pernambuco, os mesmos que desejavam conservá-lo (e o tiveram quase conseguido, como se há visto até aqui e se verá depois) eram os próprios a estorvar-se [...]. (1634, p. 148).

[...] Tão inconstantes e vários são os acidentes no coração humano! [...]. (1634, p. 149).

[...] Se o meu limitado entendimento me desse lugar para discorrer e fazer juízo sobre este caso não faltava matéria para isso: mas deixo-o para quem o faça melhor porque somente com lhanza pretendo dar notícia do sucedido nesta guerra na qual servi a maior parte do tempo [...] (1634, p. 153).

[...] Mas porque há muito nos afastamos do sucedido em Pernambuco, parece-nos necessário referi-lo aqui até que as coisas da Paraíba e Rio Grande nos chamem outra vez [...] (1634, p. 156).

[...] Bem que em diferentes partes já mencionamos as fortificações levantadas pelo governador Antônio de Albuquerque, parece de necessidade recordá-lo aqui para melhor inteligência do que vamos expor a respeito do assédio que o inimigo nos pôs [...] [1634, p. 161).

[...] Enquanto ele marcha com este socorro, continuaremos com a relação do que se passava na Paraíba [...] (1634, p. 165).

[...] Distingui-se tanto aqui o nosso sargento, que por sua própria mão matou três [...]. (1634, p. 169).

[...] Mas tudo superava o incansável trabalho do capitão Souto, distinguindo-se igualmente os mais capitães e soldados [...]. Mas Francisco Peres preferiu acudir primeiro ao leme do que ao irmão, a quem desta vez também julgou parente mais remoto, mais estimulado pela opinião que pelo sangue. Bizarras competências de valor e fidelidade! Para que em tudo se parecessem estes heróis, novo mosquetaço feriu-lhe igualmente a mão que segurava o leme, a que ele acudiu rapidamente com a outra, e assim foi dirigindo a chalupa até o socorro no forte, e voltar ao lugar donde saíra [...] (1634, p. 170-171).

[...] Mataram-nos no dia 16 o capitão que governava o forte, Jerônimo Pereira, pessoa de valor e experiência [...] (1634, p. 171).

[...] Como tínhamos de por fim perder o forte, e com ele a praça da Paraíba, jamais se tornou a resolução conveniente em coisa alguma; e esta dos navios foi-se procrastinando mais do que permitia a necessidade em que nos achávamos; e outro acordo que se tomou também, não utilizou, por não ser a tempo, como se verá [...] (1634, p. 172).

[...] Como os leitores terão desejos de saber que naus eram aquelas, vou satisfazê-los brevemente, ainda que me aparte da narração do assédio de que tratávamos [...] (1634, p. 173).

[...] Volvamos ao assédio do Cabedelo, em que não nos demoraremos muito, pela pouca matéria que ele já nos fornece [...] (1634, p. 173).

[...] É coisa notável e digna de ponderação que tendo este homem [Matias de Albuquerque] até então procedido com exemplar fidelidade, tendo ele dispêndio muito de seu cabedal, com louvável zelo, e tendo sofrido a perda de seu filho único na defesa daquela praça, pudesse a diuturnidade ou dilação com que de Espanha se acudia ao Brasil, operar mudança tal, que o fazia agora ser preso por suspeito e pouco fiel [...] (1634, p. 178).

[...] Enquanto se passava o que temos referido a respeito da Paraíba, não estávamos ociosos em Pernambuco, porque não faltavam inimigos. Referirei os sucessos que aqui tiveram lugar volvendo ao princípio deste mês [...] (1634, p. 180).

[...] A 26 saíram 300 do mesmo forte dos Afogados, e chegaram ao engenho e campina do Brito, na Várzea. O capitão Barbalho enviou sobre eles alguma gente, que os fez igualmente retirar com menos cinquenta, que nos custaram cinco e sete feridos. Destes foram os capitães Luiz de Avelar, Henrique Dias e Antônio Bezerra Monteiro. Deixo de mencionar os outros quatro por não terem seus nomes chegado ao meu conhecimento; e esta é a única razão por que nesta e noutras ocasiões os não publico, com bastante pesar meu, merecendo eles duração na posteridade, como quem com tanta coragem e fidelidade expusera a vida e vertera o sangue em tantas dificuldades, tantos perigos e tantas privações [...] (1634, p. 180).

[...] Não deve passar desaperecebido que, contando o inimigo cinco mil e quinhentos homens, com os índios, e nós tão poucos, como fica referido, nem com esta excessiva desigualdade lhe queria ceder o valor dos nossos; pois

mais com ele do que com outros meios (que todos nos faltam) ainda nos batemos três vezes [...] (1635, p. 184). [...] Porém deixando-a agora por um pouco, será razão dar conta da marcha do conde de Bagnuolo a Porto Calvo, para onde o deixamos partindo; pois como se acumulavam os sucessos, é necessário para referi-los transtornar a ordem das datas [...] (1635, p. 191).

[...] Reconhecendo porém que éramos poucos, virou-se e insistiu. Todavia o valor dos nossos, estimulado com a presença do general e de seu irmão Duarte de Albuquerque, fez que André Zon não se aposentasse neste dia em Vila Formosa, como tinha julgado, durando a batalha desde as 10 horas do dia até sol posto [...] (1635, p. 194).

[...] Tal foi o resultado da facção de André Zon, cujas esperanças se murcharam. Porém o que nela apareceu de mais heroico, segundo o meu pensar, é o que se segue [...]. Não faltam nas histórias antigas e modernas páginas adornadas com muitos e raros exemplos de valor mulheril português; e assim nem será novidade que o vissem nesta ocasião renovado, nem seria justo deixar de narrar o efeito. Acima dissemos que nesta ação fora morto Estevão Velho, e que já haviam seguido a mesma sorte um cunhado e dois irmãos seus [...] (1635, p. 195).

[...] Volvemos ao cabo de Santo Agostinho, cujo sítio, bem que fosse ao largo, não faltavam ocasiões em que o general Segismundo se lhe aproximava [...] (1635, p. 195).

[...] Parece que Deus serviu-se mais de castigar nossos pecados do que frutificar tão insignes trabalhos [...] (1635, p. 198).

[...] Julguei poupar-me à dor de referir a perda do forte de Nazaré demorando-me na relação desta emigração; mas, por livrar-me daquela pena, vim a cair nesta; e a quem deixarão de compungir tais acontecimentos? Porém na concorrência de males, o menor é o consolo; e assim preferi falar nas privações dos moradores, porque se os seus males são grandes, maior é o de perder-se uma praça de cuja conservação, depois de tomado o Real, pendia a esperança de todos [...] (1635, p. 204).

[...] Tal foi o remate desta ação, em que se venceram grandes dificuldades, porque sendo nossa gente tão pouca atacou quinhentos e sessenta, fortificados de quatro meses, podendo ser socorridos por quatro mil, possuindo além disso todos os portos daquela costa, vigiada por cinquenta navios, e afetos à sua causa a maior parte dos moradores; no que bem se manifesta o influxo sobrenatural em nossas tão minguadas forças [...] (1635, p. 213).

[...] Desejando Matias de Albuquerque ir nelas embarcado, por evitar as fadigas de uma viagem por terra de mais de cem léguas, não o pode conseguir pela precipitação com que saíram. Com isto houve de partir a 16 de dezembro; e a julgar pelas gerais demonstrações de sentimentos que neste dia apareceram, podia ele com razão dar por bem empregados tantos trabalhos e privações que nesta guerra suportou pelo decurso de seis anos, nos quais procedeu do modo que se pode inferir nesta leitura destas Memórias e conforme se vê de vários documentos, que de certo merecem mais fé que os êmulos e inimigos, os quais nisto o foram mais capitais do serviço del-rei que os próprios Holandeses; porque negando aqueles a verdade, estas

a confessavam dizendo constantemente que enquanto Matias de Albuquerque lhes fez a guerra com esses poucos meios que possuía, lhes fizera perder mais de dezesseis mil homens, sem poupar sua pessoa aos maiores perigos nas ocasiões em que o conde de Bagnuolo e outros lhe faziam protestos sobre o risco a que expunha tudo expondo-se tanto a si; julgando dificultoso achar quem o suprisse, se ele chegasse a faltar [...]. São tantos os motivos de louvor e inveja, que por muitos os omito, certo de que não deixarão de publicá-los os que os presenciaram. De seu desinteresse e probidade dou por testemunhas os seus próprios inimigos [...]. Se houve quem culpe esta digressão, responderei que se tivesse assistido e visto o que eu vi, de certo que arguiria de abreviador, mas, seja como for, entendo que a verdade e a minha modéstia bastarão a desculpar. Acabou finalmente Matias de Albuquerque o seu governo e sigamos a falar no que depois aconteceu [...] (1635, p. 221).

[...] Participando isto o capitão Rabelo ao conde de Bagnuolo, ele lhes mandou levar ao caminho todo o mantimento que pode, e que serviu, para que não acabassem de morrer. Tão cheia de circunstâncias dolorosas foi esta emigração, que se caíssem em mais feliz estilo, de certo que passariam sem dilatadas e profundas reflexões, e com razão. E pois que eu o não posso fazer, deixo ao natural sentimento de cada um que ler esta sucinta relação [...] (1636, p. 241).

[...] Faltavam também medicamentos, e assim cresciam as enfermidades e as misérias, ao passo que neles o sofrimento e a constância, que na verdade foi admirável em muitos [...] (1636, p. 243).

[...] Tivemos dois soldados feridos. Mostraram aqui muito valor o ajudante José Castanho e Diogo de Carvalho, alferes de Álvaro de Azevedo [...] (1636, p. 244).

[...] Porém o valor da nossa gente tudo facilitava quando era mister [...] (1637, p. 263).

[...] Porém a fidelidade que deviam a seu rei os obrigava a seguir suas bandeiras com a mesma constância que até então mostraram [...]. Não fizeram fortificação alguma, e somente fecharam algumas ruas com trincheiras, enquanto ali se detiveram, que não foi por muito tempo, como em seu lugar se verá [...] (1637, p. 268).

[...] Todavia o mestre de campo Lodena, não concordando com isto, começou de novo a soprar dissidências, não querendo receber as ordens de Bagnuolo, e dizendo que só ao governador e capitão general Pedro da Silva reconhecia por superior [...] (1638, p. 286).

[...] O conde, atendendo, com sua costumada prudência, mais à ocasião presente do que aos caprichos com que de largo tempo se desserve o rei, disse ao governador que para desviar inconvenientes danosos à defesa, da qual só se devia tratar, fosse recíproca a confiança que dele havia feito [...] (1638, p. 286).

[...] Quem ler isto com maior talento do que vai escrito não deixará de sentir gravíssima dor ao ver que, em tão pouco tempo, procurava o herege arrancar dali a fé católica plantada desde tantos anos pelo admirável zelo daqueles sereníssimos reis, a quem couberam em sorte

estes descobrimentos e conquistas, empregando não pouco em fazenda e singulares vassalos que, pródigos de suas vidas, se fizeram ilustres nesta evangélica cultura [...] (1638, p. 299).

[...] Como os sucessos destas armadas já pertencem ao ano de 1639, em que eu não me achei presente, deixo a relação deles a quem a queira fazer, porque somente tomei nota daqueles que observei até o fim de 1638 [...] (1638, p. 299).

CORREIA, João Medeiros. *Relação verdadeira de tudo o sucedido na restauração da Bahia...*, [S. l.]: [s.n], 1625.

João Medeiros Correia foi um soldado e político português do século XVII.

Trechos:

[...] Aos vinte e nove de março de 1625 entramos nesta Bahia de Todos os Santos, havendo posto na viagem desde Espanha aqui setenta e cinco dias, & armada portuguesa quatro meses, por quanto partiu primeiro que nós, e nos esperou nas Ilhas do Cabo Verde, por havermos tido na linha muitas calmarias, de sorte que se duraram, pudéramos correr perigo pela pouca água, que havia, muitos doentes, em que poucos mortos. Achamos o inimigo fortificado dentro na cidade, havendo desamparado os dois arrabaldes um de São Bento pola banda do Sul, & outro do Carmo pola do norte [...] (p. 2, fl.139 f. da miscelânea).
[...] Aos trinta & um vieram muitos barcos dos engenhos para desembarcar muita gente, que foi grande alívio, porque de uma vez levava à terra cada barco uma

companhia: faltaram em terra dois mil homens levando consigo seus mestres de Campo, & o mestre de campo General fez o esquadrão: & ao primeiro de abril faltou em terra sua Excelência, & com a dita gente começou a marchar para a cidade [...]. O dia seguinte o mestre de campo General foi com quatrocentos mosqueteiros a tomar o Porto que se havia de ter, o qual tomou na Igreja de São Bento, adonde formou o Real que está a tiro de arcabuz do inimigo, marchou nossa gente, & fez assento [...]. (p. A2, fl.140 v da miscelânea).

HAECX, Hendrik. *Diário de Hendrik Haecx (1645-1654)*. Tradução: frei Agostinho Keijzers. In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil), *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 69, p. 18-159, 1950.

Hendrik Haecx foi um negociante holandês do século XVII. Participou das chamadas invasões holandesas no Estado do Brasil (1624-1654), guerra entre Portugal, Espanha e Holanda.

O texto divide-se em anos e dias, fabricando uma narrativa disposta em ânuo e em diário. Destacam-se os seguintes trechos:

[...] pela glória de Deus, soerguimento do estado desolado da Companhia [...] (p. 40). [petitio para aceitação de representar o Alto Comando].

[...] recebendo eu duas especiais recomendações: que eu sempre ajudasse a propagar, conforme melhor pudesse, a glória de Deus e que não desse preferência a nenhuma câmara [...] (p. 41).

[...] manifestei-lhes minha resolução de aceitar o cargo em nome de Deus e de fazer de bom grado a viagem que havia decidido com meus amigos [...] (p. 45).

[...] fez ainda muitos [...] elogios, demasiado longos para serem repetidos aqui [...] (p. 46). [brevitas].

[...] diversos discursos ainda foram pronunciados, demasiado longos para serem aqui repetidos [...] (p. 46).

[...] tempo bonito e ameno [...] (p. 49). [enunciado que se repete várias vezes].

[...] demos um tiro de canhão e içamos a bandeira, agradecendo a Deus, que fora tão misericordioso em nos fazer avistar terra [...] (p. 64). [olhos incorpóreos; Nordeste do Estado do Brasil].

[...] agradecemos a Deus a nossa conservação [...] (p. 66). [tópica, chave teológico-política].

[...] segue-se a descrição de minha viagem à Pátria e do que me sucedeu na mesma [...] (p. 69).

[...] ficamos assim a flutuar confiados nas Graças de Deus [...] (p. 79-80).

[...] o Senhor seja louvado pela Graça que novamente nos concedeu e por isso nos faça eternamente gratos, aqui e na outra vida [...] (p. 85). [sobre chegada à Ulissingen].

[...] poderíamos assegurar-nos a vitória com o auxílio de Deus [...] (p. 91).

[...] prudente, prezado, sábio, providente, muito discreto, e bom amigo, S. Ex^{as}. os altos e poderosos senhores ordenaram-me ouvir a V. Ex^a sobre os seguintes pontos [...] (p. 108). [interlocução de carta veiculada em interposição na narração do diário; epítetos do encômio, lugar, disposição enumerativa dos lugares, ornamentação e afetação dos lugares à vista do leitor].

[...] nobre, prudente, mui respeitável, sábio, providente e mui discreto senhor [...] (p. 110). [resposta da carta cita acima; interlocução etc.

[...] resolvi percorrer todos os navios, com o coronel van Elst, a fim de fazer uma inspeção ocular e de examinar a verdade [...] (p. 113).

[...] o Bom Deus bem conhece o significado desta aparição, e a Ele suplicamos queira aparecer de Graça, a todos aqueles que amam e esperam a sua aparição [...] (p. 146). [interpretação de aparição de cometa de que narra e descreve localização no céu etc, com clareza e tristeza; epítetos].

[...] relata [Henrik Harmans, lugar-tenente do capitão Steve de Monchy] que na noite de ontem [23/12/1653], à meia-noite, e nesta última, às duas horas, um sem número de grandes e desconhecidos pássaros pretos voou da floresta sobre o Forte de Brum e daí novamente para a floresta. O significado disto é do conhecimento do Bom Deus [...] (p. 147). [prognóstico, interpretação de sinais etc.

LISBOA, Cristóvão de (frei). *História dos animais e árvores do Maranhão*. Estudo e notas do dr. Jaime Walter. Prefácio de Alberto Iria. Lisboa: Arquivo Histórico Ultramarino e Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967.

Frei Cristóvão de Lisboa (1588-1654) estudou na Universidade de Évora e se ordenou sacerdote. Faleceu em Lisboa.

O livro é uma edição fac-similar com gravuras, datada de 1967. Não é diário *stricto sensu*, mas pode ser etiquetado

como relato de viagem, embora seja uma história. Em meio à narrativa, o autor constrói uma espécie de preceptiva de gênero histórico, uma espécie de arte histórica.

Severim de Faria, que encomendou o livro ao frei Cristóvão Lisboa, estabelece após a preceptiva geral sobre história, a “ordem como se tratará a História do Maranhão dos preceitos acima ditos”. São essas as leis que diz seguir: “Deve-se repartir esta História em três livros”, “o Primeiro livro da Descrição e cousas naturais da terra”, “o segundo do sucedido, nela, até a entrada deste socorro”, “o terceiro do mais que suceder até a conclusão da Empresa”. Depois estabelece a “ordem do primeiro livro” e assim sequencialmente até o terceiro. No primeiro livro, recomenda começar com exórdio, um breve preâmbulo “logo propará a matéria que há e tratar, a razão por que a sabe sua grandeza e utilidade”. Depois manda introduzir uma digressão, “para dar notícia da Região em que dirá suas demarcações, altura, clima, montes, rios, coisas notáveis naturais [...]”. Nas “Advertências Gerais” preceitua-se estilo do gênero histórico, recomendado a autoridade de Salústio, o estilo breve. O frei descreve, nesse diário, peixes, plantas e árvores, pássaros.

Trechos:

Cucunare (fol. 50 e fol. 175).

É peixe de três ou quatro palmos de comprimento, as escamas são pequenas; tira a preto e ouro; tem um espelho no rabo no meio preto e ao redor tira a ouro; é o melhor peixe desta terra”. – nota do organizador da edição consultada: “Cucunare está escrito no texto, mas no fol. 50 Frei Cristóvão escreveu tucunare [*sic*], para mostrar

tratar-se do tucunaré, assim dito pelos nativos, ou seja, o *Cichla ocellaris* B. & S. do Pará. (p. 88).

Ananas (fol. 120 e fol. 177 vº. e 183 vº).

O ananás é a melhor fruta desta terra, quando está maduro, e cheira de muito longe; e é amarelo como cera e tem um olho em riba dele, que em o botando no chão logo pega e se come todo papelia [*sic*] e parece comer açúcar, e se pode tirar do sumo dele um jarro cheio; esta água é muito soberana para a dor de pedra e corta muito e limpa o corpo, e também serve para matar lombrigas; e tem grande quantidade pelos matos e ao longo dos rios e se ele fora passado pelo alambique fora muito bom e soberano; a flor é azul e vem pegada ao ananás quando ele é pequeno. (p. 105).

Por observação do organizador da edição consultada: “Ananá, termo português – nana em linguagem tupi —, é o vocábulo que figura no fol. 120 e que diz respeito a um fruto tão conhecido, que dispensa quaisquer referências, pois todos os autores são unânimes em dar provas da sua excelência”.

Papagaio Xia – (fol. 101 e fol. 1920).

Papagaio xia papaguaio [*sic*] tamanho como uma méloa tem a cabeça e o pescoço até o estômago anil e o mais corpo verde o rabo e as pontas das asas verde-mar e azul em carnal e é um dos mui formosos pássaros desta terra e quando os ensinam a falar falam muito bem e fazem os filhos como os outros (p. 153).

MELO, Francisco Manuel de. *Relaçam dos sucessos da armada, que a Companhia geral do Comércio expediu ao Estado do Brasil a anno passado de 1649 de que foi capitão*

general o Conde de Castelmelhor. In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Annaes da Bibliotheca Nacional, Rio de Janeiro, v. XX, 1898.

Francisco Manuel de Melo nasceu em Lisboa, em 23 de novembro de 1608. Faleceu em Lisboa, Alcântara, em 24 de agosto ou 13 de outubro de 1666. Foi um escritor, político e militar português.

Trechos:

[...] Tudo vemos na próxima escolha que entre tantos dignos sujeitos fez S. Majestade (que Deus guarde) da pessoa do Conde de Castelmelhor [*sic*], para Governador, e Capitão General do Estado do Brasil, em tempos que aquele Estado, parece que lutando com a ruim fortuna passada, para entrar em outra próspera, estava ameaçado dos últimos perigos. Como sucede ao enfermo, cujo mal por dar lugar à saúde, faz termo em violentíssimos accidentes. Da aprovação com que neste Reino, e no Brasil foi recebida a eleição do Conde, não é necessário que informemos, havendo por nós feito a voz pública. Tudo assaz confirmado com a demonstração da espectável Companhia geral dos Comércios; porque querendo ela participar do próprio acerto (como deles ambiciosa) com S. Majestade para o governo daquelas armas, e Províncias, destinara a pessoa do Conde, procurou também entregar-lhe a direção das suas, elegendo-o por Capitão General de sua primeira Armada, para que com este fausto princípio abrisse os alicerces da nova glória que esperava lhe resulte, oferecendo seu sangue, e cabedal, forças, e indústria por instrumentos da conservação, e dilatação da pátria, e

Império. Foram-se assim encadeando uns de outros os bons sucessos, que passarão tanto adiante, como se verá na relação desta jornada: a qual pontualissimamente escrevemos pelas cartas dos Cabos da Armada, que conferidas com as dos particulares, ficam isentas de alguma suspeita. Quanto mais que nosso ânimo não se dedica ao louvor, ou vitupério, e só pretende fazer ao mundo um convite da verdade, igualmente distante d'aqueles dois extremos, Amor, e Ódio, corrompedores de toda a igualdade, quer falada, quer escrita [...] (p. 158). [...] Mas como Deus desde longe ia preparando ditosos, e utilíssimos fins a esta jornada, ordenou que contra o costume dos tempos, se estendesse uma nova calma [...] (p. 159).

[...] Mas porque o zelo ministra todos os meios para sair dos apertos, muito melhor que o mesmo furos ministra as armas, sendo tal o do Conde como se conhece, a frota se viu prestes em nove dias, para poder navegar, não obstante que todos entendiam ser necessária maior demora para seu aparelho [...] (p. 159).

[...] donde verdadeiramente se considerarmos este comum desacerto de tantos práticos navegantes, e os frutos que dele se tiraram, certo poderemos dizer, que a Providência guiava por outros mais altos rumos aquela Armada, com que tinha decretado socorrer os afligidos povos de Pernambuco, que em demanda da Religião, e liberdade tantos anos há, que por si mesmos pugnam contra a violência de seus opressores. Cujas ações em uns, e outros, são de Deus tão diversamente recebidas, como tem mostrado os raros acontecimentos, que sobre estas, e aquelas armas estavam dando de contínuo. Reconhecida

enfim a terra, a Armada se foi toda aquela noite na volta do Arrecife, até se afrontar com a Ilha de Itamaracá; com a qual amanhecendo o dia 16 de fevereiro, rendeu logo a bordo na volta do mar, sempre à vista de grandes fumaças do inimigo, quiçá prometedoras de que o fogo de sua soberba se desfazia em fumo, como é antigo costume da vaidade [...] (p. 160).

[...] Então por todos os que estavam presentes foi assentado, que visto que o error se havia por todos repartido na incerta derrota, com o que a cada um ficava mais leve a culpa de seu descuido, tratassem logo todos do remédio dele [...] (p. 161).

[...] donde se pode inferir que a Providência não dando ainda por satisfeito o castigo daquela Província, todavia a quer já visitar com uma viva esperança de remédio [...]. (p. 162).

[...] donde tornando ao outro dia 24 de fevereiro com quatro naus de sua conserva, se começou entre elas, e a nossa, um profuso combate, que nem por ser entre tão desigual partido, parecia desigual; porque o valor dos Portugueses supria a falta do número, e os igualava assim com seus inimigos [...]. Nada teve que invejar a este acontecimento o Capitão Bernardo Ramires Esquivel, que aquele dia não desmereceu o nome de Bernardo, tão célebre por venturoso, entre as memórias de Espanha [...]. O que vendo o Mestre de Campo General Francisco Barreto fez aviso ao Capitão de que se salvasse em terra, donde esperava defendê-lo. Porém ele sem perder parte do brio, nem da esperança, lhe respondeu: ‘Era no mar mais contingente a perdição, e que na terra temia se arriscasse o crédito, por escapar a vida’. [...] (p. 163).

[...] Antes com seu exemplo procuraram desviar-se, pagando mal a liberdade, de um ano perdida, que deviam aquela Armada, cuja potência lhe franqueou o mar, e o porto, a saída, e o interesse, cujo sucesso escrevemos não para infamar feitos indignos, mas para que à vista deles fiquem mais realçadas as ações valorosas. Como é certo que a luz resplandece melhor nas trevas, e o ouro brilha mais, junto da cor escura. Mas quando em defeito do socorro que lhe deram os amigos, parecia evidentíssimo o risco que o ameaçava, Deus o livrou dele, tomando por meios a constância, e indústria do Capitão, e soldados, porque com só morte de sete, e algum sangue que oito derramaram, o navio se salvou, tão ornado de glória como vencera de perigo. Foram também testemunhas deste sucesso, amigos, e inimigos, na terra, e no mar, que todos se conformaram igualmente na informação, e inveja dele, a cuja fama, não querendo nós ser devedores, o escrevemos a todos, como para nós o havermos lido, e examinado [...] (p. 164).

[...] Porém o Conde, com ânimo verdadeiramente Cristão, e prudentíssimo, suposto que não levasse ordem de Sua Majestade, ou da Companhia geral, para lhes dar socorro, quis tomar sobre si o risco da repreensão, e o dano a que expunha sua fazenda, distribuído grande quantidade de gêneros de que consta o cabedal da Companhia quando ela desaprovasse aquela ação, antes que deixar parecer aquele povo Português, posto que quase segregado do mais corpo da Lusitana Monarquia [...] (p. 164-165).

[...] Refrescando sua gente, afugentando inimigos, remediando amigos, o deixamos de caminho para a Bahia, sem receio de que nele topassem juntas as três esquadras, que

se entende procurariam unir-se para lhe fazer oposição, sem embargo da qual, esperamos seja felicíssima chegando àquele empório do Ocidente; cujos progressos, com o favor divino, e os da Armada da Companhia geral, prometemos escrever, assim como eles nos chegarem à notícia, para que por esse modo veja o mundo, conferindo os passados, e presentes acontecimentos, quanto importa a presença de um Rei natural, e a união da sustância da República, tudo assaz expresso nas ações de Sua Majestade, e da Companhia geral, prometedoras [...] *não só de tornar a dourar a coroa Portuguesa de sua antiga glória, mas de esmaltá-la com novos triunfos* [...] (p. 165).

SILVA, Antônio Telles da. *Sucesso della guerra de portvgves leuantados em Pernambuco contra olandeses, como por carta Del maestro a Campo Martino Soarez, et Andréa Vidal de Negreiros, por ... 1646*. In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Annaes da Bibliotheca Nacional*, Rio de Janeiro, v. XX, 1898.

Antônio Teles da Silva foi natural do Lugar de Monte Redondo, filho legítimo do marquês de Penalva. Esses sucesos escritos em forma de carta, podem ser lidos em conjunto com os diários de guerra estudados. Transcrevem-se dois trechos de interesse:

[...] E a começarem a fazer entradas contra os Moradores, os quais vendo-se neste aperto e sem socorro algum de V. S. nem remédio os da Paraíba e Guiana da Itaniaraçá que houve entre eles um novo motim e se resolveram a largar os domicílios, casas, e engenhos, e fazendas.

E desesperadamente a pagar-lhe fogo, a queimar e abrasar a tudo quanto possuíam, e ainda os mantimentos, e árvores de frutos com tal obstinação, e raiva, que não pode ser explicada: e assim deixaram tudo, dizendo, que como todos estavam deliberados a morrer, que se algum deles visse Flamengo em suas casas fazendas, e terras não queriam que eles nunca jamais pudessem lograr cousa alguma que lhes pertencesse: e tendo nós esta notícia lhe escrevemos, e ordenamos que por nenhum caso chegassem a fazer tal excesso, antes que pelo menos suspendessem esta deliberação até que pudssemos dar conta a V. S. a que responderam desatinadamente que não conheciam mais que a Deus, e hão primeiro Príncipe Católico Romano que lhes acudisse, e que poderiam antes comer seus filhos, e morrer todos nesta demanda que vir a perecer às mãos da crueldade, e tirania dos Holandeses que tinham por mais suave morte procurando remédio e solução sem desonras, que expor-se a rebela como tinham visto das inumanidades, feras, e bárbaras, que os Flamengos usaram no Rio Grande, e Capitánias com mulheres e meninos [...] (p. 143-144).

[...] Pelo que nós vendo os danos que em tão grande excesso padecem os Vassallos de suas Altezas poderosas, e não sabendo como igualarmos estas façções de V. S. com a dita declaração de Sua Majestade, não podemos, nem quisemos deixar de escrever, e dar a entender a V. S. como somos livres, e inocentes da destruição, e ruína das duas Capitánias, visto que estivemos preste, e resolutos a conservar o povo delas de baixo de boas condições, se não las quiseram pedir, e não antecipar sua ruína a nossa clemência [...]. (p. 146).

SOUZA, Pero Lopes de. *Diário da navegação de Pedro Lopes de Souza pela costa do Brasil até o Rio Uruguay de 1530 a 1532*. 4 ed. acompanhada de vários documentos e notas. Rio de Janeiro: Typographia L. dos Santos, 1867.

Pero Lopes de Sousa foi donatário da capitania de São Vicente. Foi nomeado em 1572.

Trechos:

DO PRÓLOGO (Francisco Adolfo de Varnhagen)

A primeira edição do Diário de Pero Lopes de Souza foi feita em 1839, havendo principalmente em vista o códice original (de letra de Pero Goês, com vários pretendidos retoques inadmissíveis do próprio punho de Martim Afonso de Souza) que existia em Lisboa na Livraria real da Ajuda. Esta edição tem sido suficientemente dada a conhecer pelos biógrafos, começando por Brunet (na palavra Sousa) e por Mr. Rich na sua ‘Biblioteca Americana’.

Na atual edição foram suprimidas várias notas julgadas inúteis, e em vez delas se reproduzem vários documentos, incluindo uma doação a Rui Pinto e uma reclamação em latim de St. Blancard contra Pedro Lopes, dada pela primeira vez a conhecer pelo Editor, em cujo poder existe original autenticado pelo tabelião Jeham Pyrot em 11 de março de 1538.

E em algumas notas, modifiquei as minhas primeiras ideias na apreciação, principalmente no que diz respeito à parte da viagem pelas águas do Rio da Prata e Uruguay. Depois que também naveguei por este último rio, e que, como Pero Lopes, passei à vista das ilhas de ‘S. Gabriel’,

de ‘Martim Garcia’ e ‘Dos Hermanas’, e que afinal vi as bocas do Paraná, penetrando pelo do Guazú, e que me convenci que Pero Lopes, deixando esta à esquerda, subiu pelo Uruguai e penetrou pelo Rio Negro acima, e retrocedendo logo para seguir a subir pelo Uruguai, e graças a novos estudos, que fiz depois da terceira edição do Diário publicado na Revista do Instituto, não hesito hoje em reconhecer que Pero Lopes passou além do rio Gualaguay. Só me fica o sentimento de não ter podido (como fiz até a foz do Guazu) acompanhá-lo pelo Uruguai acima com o seu roteiro na mão, a ver se ia dar com o tal ‘esteiro dos Carandins (Querandis)’.

É tarefa que fica pois reservada a quem tenha para isso outras proporções. Também hoje acredito que a ilha das Pedras a oeste de Montevideú, em que veio a naufragar o bergantim de Pero Lopes, é que atualmente se chama de ‘las Gaviotas’.

Eis quanto julgo essencial prevenir ao público, por ocasião da nova reimpressão do roteiro do jovem donatário de Santo Amaro e do território da atual Paraíba do Norte. Não devo porém dissimular que este escrito, aliás importantíssimo para a história dos descobrimentos marítimos em geral a até para a história pátria a alguns respeito, perdeu em relação a esta última, pelo achamento [*sic*] de outros documentos, uma parte da máxima valia que tinha no momento em que viu pela primeira vez a luz. O seu simples aparecimento rasgou então de um jato páginas e páginas de intermináveis conjecturas de Fr, Gaspar e de Jaboaão (cujos escritos, no estado atual da crítica histórica mais podem induzir o principiante em erros do que servir a guiá-lo) e tirou

toda a dúvida acerca da existência do Caramuru, o que depois se elucidou melhor por novas provas. – Até esse aparecimento, nenhum documento tinha lançado luz sobre várias questões intrincadas da primeira época da nossa História, porquanto serviu de esclarecer um período de mais de vinte anos dela, quando a carta de Pero Vaz de Caminha era apenas revelação do que se passara durante dias!

Quanto ao ‘Livro (da viagem) da Nau Bretoa [*sic*], que vai de novo publicado nas páginas seguintes, basta-nos dizer que também foi ele por nós dado a conhecer em 1844, e que pela primeira vez viu a luz integralmente, em 1854, no fim do primeiro volume da nossa História Geral (Primeira Edição, nota 13, de página 427 a 432) – o MS. de que foi tirada a cópia se guarda em Lisboa na Torre do Tombo (no armário da Casa da Coroa Maç. 9 Num. 2.). Está escrito em papel florete escuro, cuja marca d’água é uma luva com uma estrela diante do dedo do meio. Consta o dito ‘Livro’ de dois cadernos de papel cozidos, um com seis folhas (24 páginas de folha), e outro com oito (32 páginas). Deste caderno falta a última meia folha. Ao todo existem hoje 50 páginas, algumas delas em branco, das quais faltam quatro, ou uma folha. A capa é de pergaminho usado, que parece haver sido d’algum missal. A folha do rosto contém o título, e lê-se por cima dele escrito – 483 – e, abaixo – Extras – . Ignoramos se esta nau Bretoa [*sic*] era ainda a mesma que, segundo Gaspar Correa, fora em 1502 à Índia, capitaneada por Francisco Marecos. Dos armadores sabemos que Morelle vinha a ser sobrinho de Marchioni, que ambos negociavam em açúcares, e eram mui ricos.

O conhecimento, dado por este documento, da existência de uma feitoria em Cabo Frio, ereta anteriormente a 1511, foi o luminoso facho, que nos guiou para chegar aos fortes indícios, que constituíram provas, em virtude das quais nos convencemos haver essa feitoria sido a colônia fundada em fins de 1503 pela segunda expedição portuguesa [*portuguesa*], que veio explorar a nossa costa, e que houvera erro na designação da latitude, segundo se lia em uma carta de Vespúcio, devendo ter-se impresso 23°. em vez de 18°; - sendo mui frequente, nos manuscritos antigos confundir-se o um com dois, e o três com oito.

A respeito desta viagem de Vespúcio, em que, segundo nossas recentes averiguações, ia a princípio por chefe Gonçalo Coelho bem como da anterior, em que foram descobertas a Bahia e a ilha 'Georgia' de Cook, consulte-se o livro in-fólio, que em 1865 demos à luz, em língua francesa, com o título:

"Américo Vespucci, son Caractèr, ses Écrits (Memes les Moins Authentiques) as Vie et ses Navigations".

Neste livro publicado, como 'homenagem à justiça, à moralidade e à verdade histórica, em favor do nome americano' procuramos justificar completamente a memória do navegador florentino, mostrando, em virtude da análise paleográfica dos manuscritos, como não são autênticas nem genuínas certas cartas que se lhe atribuem, e cuja análise tanto deu que fazer a Humboldt e a outros, que por lhes darem crédito tão mal deixaram apreciado o mesmo Vespúcio. E aproveitaremos esta ocasião para adicionar que hoje acreditamos que a expedição de 1501, em que Vespúcio descobriu a margem setentrional da foz do Prata (sem ver a margem do sul, nem saber que era

rio), e que por julgar seu comandante que ali se acabava este continente, e que não poderia seguir explorando para oeste, senão ultrapassando o que era da demarcação de Portugal, é que resolvera fazer rumo para sueste. Ora sendo assim, esse comandante ou chefe não podia ter sido senão d. Nuno Manuel; o que tudo nos propomos justificar melhor em outro lugar.

E por essa ocasião diremos que já em um trabalho anterior (“La verdadera Guanahani de Colon” impresso pela Universidade do Chile nos seus Anais, vol XXVI. de Janeiro de 1864) havíamos tido infelizmente ocasião de não concordar com o mesmo sábio Humboldt, quando expusemos que a verdadeira ‘Guanahani’ não podia ser a S. Salvador ou ‘Catt’, admitida por ele, seguindo a M. Irving; nem a Watling proposto pelo historiador Muñoz, seguido por capitão Becher: nem a ‘Turco’ indicada por Navarrete; mas unicamente a modesta ‘Mayaguana’, ainda antes por ninguém lembrada.

Rio de Janeiro, 1867.

F. A DE (p. 3-7).

DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PERO LOPES DE SOUSA

(de 1530 a 1532)

Na era de 1530, sábado 3 dias do mês de dezembro, parti desta cidade de Lisboa, debaixo da capitania de Martim Afonso de Sousa, meu irmão, que ia por capitão de uma armada e governador da terra do Brasil: com vento leste saí fora da barra, fazendo caminho do sudoeste.

Domingo 4 do dito mês no quarto d’Alva se nos fez o vento norte, e com ele fizemos o mesmo caminho do sudoeste.

Segunda-feira cinco do dito mês ao meio-dia tomei o sol em trinta e seis graus e dois terços: demorava-me o cabo de São Vicente a leste e a quarta do nordeste.

Terça-feira seis de dezembro ao meio-dia tomei o sol em 35 graus e um quarto: com vento norte mui forçoso fazia o caminho do sudoeste e a quarta do sul. Na nau Capitânia [Capitaina] sentíamos muito trabalho porque não governava; e não levamos mais vela que o traquete e mezena [...] (p. 2).

[...]

Quinta-feira 29 do dito mês pela manhã demos à vela e fomos surgir a Ribeira Grande onde achamos a caravela Princesa; aqui neste porto tomei o sol em 15 graus e um sesmo. Aqui veio dar o navio S. Miguel conosco. Nesta ilha estivemos tomando coisas [cousas] necessárias para a viagem até terça-feira 3 dias de janeiro de 1531 [...].

Quarta-feira quatro de janeiro ao meio-dia fez-se o tempo em mais bonança, e abaixamos o mastro [o masto] um côvado, posemos-lhe umas [?] emendas [acrêscimo do editor] e com arrastaduras [arrataduras] o corregemos o melhor que pudemos. Quinta-feira cinco do dito mês o vento era muito mais forte do que o dia dantes: fazíamos o caminho do sul e da quarta do sueste.

Sexta-feira seis do dito mês o vento e o mar eram mais bonança; e gastamos o dia todo em correger o mastro [masto] [...] (p. 13).

[...]

Sábado 19 de março fazíamos o caminho do sul com o dito vento: era de terra quatro léguas; a qual terra é toda alta e igual: corre-se norte-sul. Ao meio-dia tomei o sol em 13 graus e dois terços.

Domingo, com as águas que nesta costa correm neste tempo ao sueste, nós pusemos tanto a barlavento que pela manhã não víamos terra. Ao meio-dia se fez o vento sueste; e com as aguagens andava o caminho do sul sudoeste [*sic*]. E ao pôr do sol vi terra muito alta: fazia-me dela sete léguas: e de noite se fez o vento mais largo; e fazíamos o caminho do sul [...] (p. 25).

[...]

Sábado 30 dias d'abril, no quarto d'Alva, éramos com a boca do Rio de Janeiro, e por nos acalmar o vento, surgimos a par de uma ilha, que está na entrada do dito rio, em fundo de 15 braças d'área limpa [...]. Este rio é mui grande; tem dentro oito ilhas, e assim [assi] muitos abrigos; faz a entrada norte-sul toma da quarta do noroeste sueste: tem ao sueste duas ilhas; e outras duas ao sul, e três ao sudoeste; e entre elas podem navegar carracas: é limpo, de fundo 22 braças no mais baixo, sem restinga nenhuma e o fundo limpo. Na boca de fora tem duas ilhas da banda de leste, e da banda d'aloeste [*sic*] tem quatro ilhéus. A boca não é mais que de um tiro d'arcabuz; tem no meio uma ilha de pedra rasa com o mar; pegado com ela há fundo de 18 braças d'área limpa. Está em altura de 23 graus e um quarto [...] (p. 31-32).

[...]

Sábado 21 de dezembro como foi manhã acalmou o vento; e saí do rio, a que pus o nome – de São João. – [...]. Mandei lá um marinheiro a nado, para ver se tinha boa entrada: e veio e disse-me que era muito estreito, e que não podíamos estar seguros da gente, que era muita [...] (p. 57).

[...]

Segunda-feira quatro dias do mês de novembro da era de 1532 parti do porto de Pernambuco com vento da terra. Sendo ao mar uma légua se fez o vento nordeste e fiz-me na volta do sueste até a terça-feira no quarto da prima que se fez o vento leste e virei no bordo do norte, até quinta-feira ao meio-dia que tomei o sol em [...] graus e [...] meudos [...] (p. 72).

Noticiam-se outras duas edições pertencentes também aos acervos da FBN:

SOUZA, Pero Lopes. *Diário da navegação da Armada que foi à Terra do Brasil em 1530 sob a Capitania-Mor de Martim Afonso de Souza*. Escrito por seu irmão Pero Lopes de Souza. Publicado por Francisco Adolfo de Varnhagen [...]. [1 ed. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1839.

SOUZA, Pero Lopes. *Diário da navegação de Pero Lopes de Sousa (de 1530 a 1532)*. Rio de Janeiro: Typ. De D. Luiz dos Santos, 1861. T. XXIV.

Carta do sr. F. A. de Varnhagen à redação, acerca da reimpressão do Diário de Pero Lopes, e que lhe servirá de prologo.

Illm. sr. – Acedendo, com maior satisfação, aos desejos manifestados por V. S. de fazer incluir no corpo da ‘Revista’ do nosso Instituto o texto do ‘Diário de Pero Lopes’, de que fui editor (quando nem se quer a existência do escrito havia sido até então revelada por bibliógrafo

ou literato algum) tenho a honra de transmitir a V. S. as inclusas falhas, que contém o texto preparado da forma com que entendo que hoje deve ser feita a reimpressão. [...] Se a pessoa que correu com a segunda edição, feita nesta cidade em 1847 (na tipografia de Freitas Guimarães & C^a rua do Sabão n. 135), por ordem e às expensas da Assembleia Provincial de S. Paulo, tivesse tido comigo igual deferência, por certo essa edição houviússimo (?) estranha essa falta de deferência; não pela violação da propriedade de um pobre editor, aliás aí ao mesmo tempo autor das notas, preâmbulos, & c.; mas principalmente pela falta de atenção, em se me não dar do intento o mínimo aviso, quando mui formalmente fora isso por mim com antecipação suplicado por meio das seguintes linhas de uma ‘Advertência preliminar’, repetida tais quais em 1847, sem se atender que esta repetição envolvia verdadeiro desprezo de um pedido feito tão lealmente.

Eis as tais linhas, que se encontram no último parágrafo da dita "Advertência preliminar", página XXIV, da primeira edição, e que se vê repetido na página de idêntico número da edição de 1847.

‘Um só pedido muito particular. É possível, – é até natural – que o presente inédito obtenha nova edição, quer por via de reimpressão, quer por tradução. Se tal acontecer, ‘encarecidamente rogamos ao futuro editor’ ou tradutor, que se sirva de nos comunicar a sua resolução; pois teremos por ventura alguma retificação, juízo ou observação a fazer, que se lhe não trouxer bem, certo nunca poderá fazer mal’.

A cada leitor será lícito qualificar o fato, segundo sua consciência lhe dite. Se ao menos as linhas transcritas se houvessem eliminado, não se teria contribuído a revelar com tanta ingenuidade, tanto às escancaradas, a falta que o público deve ter deplorado tanto como nós.

Baste porém acerca deste incidente. Passemos a tratar de quanto mais importa à atual reimpressão.

Sou de voto que longe de repetirmos hoje o que se fez na primeira edição (reproduzida servilmente pela segunda) nos cumpre: – 1º Cingir-nos mais no texto ao do códice original da Biblioteca de S. M. F. em Lisboa: – 2º Eliminar não só muitas notas e confrontações preteridas por estudos posteriores, como as biografias dos dois exploradores irmãos já transcritas na “Revista”, &c.; suprindo tudo por documentos e observações de mais importância.

Não repetiremos tão pouco a descrição do códice original supramencionado, que acompanha as primeiras edições, contendo até em gravura de madeira a marca d’água do papel, que mostra como a figura de uma espécie de jarra, ou antes de galheta, com uma cruz em cima, e um ornato em foram de M + B no bojo.

Quando se tratava da primeira edição, feita por um obscuro estudante tido por leigo em tais materiais essência era entrar nessas particularidades, para satisfazer aos críticos escrupulosos. – Hoje porém que o nosso inédito sl [sic] acha universalmente aceito e conhecido no mundo literário, que já o contemplaram além de outros, Rich na sua Biblioteca Americana, e até o próprio Brunet, na última edição (‘V. Sousa’), só nos cumpre acrescentar que temos por averiguado que o códice supramencionado era o próprio original que Pero Lopes levava a bordo, e

que a escrita dele estava cometida ao seu inseparável companheiro de viagem Pero de Góis, ao depois donatário de Campos, e mais tarde capitão-mor da costa com Tomé de Souza, e cuja letra reconhecendo distintamente, o mesmo original; sendo que Pero Lopes nunca vimos a letra, e propendemos a crer que mal sabia escrever, ou que não gostava de o fazer, por executá-lo provavelmente ainda pior do que seu irmão Martim Afonso, que, em verdade, como tantos fidalgos daquele tempo, pouco tinha aproveitado do mestre d'escrita, segundo até se vê do próprio fac-símile de sua assinatura, que acompanhou o primeiro volume (primeira edição) da 'História Geral do Brasil'.

Também nos cumpre acrescentar que ao familiarizarmos-nos com a letra do dito Martim Afonso (depois de haver publicado o roteiro de Pero Lopes) viemos a reconhecer que de seu punho eram as emendas e reformas, com que, por ventura com o fito de dar ao prelo o dito roteiro, pretendeu, nem sempre com bom êxito, melhorar a redação de Pero de Góis, que segundo hoje cremos, não ficou em S. Vicente deixado por M Afonso, mas pelo contrário havia partido antes dele com P. Lopes.

Na primeira edição, e também no seu triste espelho a segunda, estas emendas e reformas se acham indicadas pelo meio de pôr em grifo as palavras riscadas, dando-se as substitutivas nas notas quatro, seis e 10. — Hoje porém que, com todo o esmero paleográfico, reconhecemos a origem e o nenhum fundamento de tais emendas, cremos ser mais escrupulosos como próprio texto original não atendendo a essas deturpações, evidentemente póstumias. A uma só poderemos atender, se o nome de 'Diário de Pero Lopes'

não estivesse já tão consagrado, durante vinte anos, pelo uso: e é a do título. Martim Afonso deu por seu próprio punho ao códice, que nenhum título tinha, o seguinte: ‘Navegação que fez Pero Lopes de Souza no descobrimento da costa do Brasil militando na capitania de Martim A.º de Souza seu irmão: na era da encarnação de 1530’

Dos documentos publicados nas duas edições anteriores suprimi a carta de d. João III a Martim Afonso, já mui reproduzida em outros livros, e as cartas de doação e foral. Em seu lugar creio que V^a S. talvez preferirá enriquecer as páginas da ‘Revista’ com a doação a Rui Pinto, e com a reclamação de St. Blancard contra Pero Lopes.

Pelo que respeita as notas, repito que muitas assentei melhor de excluir, e que em algumas modifiquei as minhas primeiras ideias na apreciação, principalmente no que diz respeito à parte da viagem pelas águas do Rio do Prata. Depois que também naveguei por este último rio, e que, como Pero Lopes, passei à vista das ilhas de ‘S. Gabriel’, de ‘Martim Garcia’, e ‘Dos Hermanos’, e que afinal vi as bocas do Paraná, penetrando pela do Guazú, é que me convenci que Pero Lopes, deixando esta à esquerda, subiu pelo Uruguai e penetrou pelo Rio Negro acima, talvez até as vizinhanças do atual termo de Mercedes. Só me ficou o sentimento de não ter podido ainda (como fiz até a foz do Guazú) acompanhá-lo pelo Uruguai acima com o seu roteiro na mão, a ver se ia dar com tal ‘esteiro dos Carandins’ (‘Querandins’).

É tarefa que fica pois reservada a quem tenha para isso outras proporções. Também hoje acredito que a ilha das Pedras a O. de Montevidéu, em que veio a naufragar o

bergantim de Pero Lopes, é a que atualmente se chama de ‘las Gaviotas’.

Eis quanto julgo essencial prevenir ao público, por ocasião da atual reimpressão do roteiro do jovem donatário de Santo Amaro e do território da atual Paraíba do Norte. Não devo porém dissimular que este escrito, aliás importantíssimo para a história dos descobrimentos marítimos em geral, e mesmo para a história pátria a alguns respeito, perdeu em relação a esta última, pelo aparecimento de outros documentos, uma parte da máxima valia que tinha no momento em que viu pela primeira vez a luz.

O seu simples aparecimento rasgou então de um jato páginas e páginas de intermináveis conjecturas de Fr. Gaspar e de Jaboatão (cujos escritos, no estado atual da crítica histórica mais podem induzir o principiante em erros do que servir a guiá-lo) e tirou toda a dúvida acerca da existência do Caramuru, o que depois se elucidou melhor por novas provas. — Até esse aparecimento, nenhum outro documento tinha lançado luz sobre várias questões intrincadas da primeira época da nossa História, porquanto serviu de esclarecer um período de mais de vinte anos dela, quando a carta de Pero Vaz de Caminha era apenas revelação do que se passara durante dias! Creio não dever ser mais extenso nesta carta, a que espero V. S. se dignará dar as honras de prólogo ou prefácio à nova reimpressão. Concluo pois, agradecendo a V. S. a sua atenção comigo, ao deliberar fazer essa reimpressão do meu Pero Lopes. Só quem haja sido biógrafo dedicado ao seu herói, ou editor de escrito inédito a que tenha associado o seu nome perante a posteridade, pode apreciar

os laços de uma espécie de consanguinidade e parentesco que o escritor contrai com aqueles cuja glória lhes coube principalmente zelar. E só quem esteja nesse caso poderá bem aquilatar o grau de reconhecimento em que eu fico a V. S. por me proporcionar, do modo que proporcionou, o fazer esta reimpressão mais aprimorada deste escrito. Por esta ocasião tenho a honra de renovar, &c. (p. 3-8).

Diário como fasto

Embora Luciano de Samósata (século II da Era Cristã) critique a escrita de diário como gênero da História, e embora no século XVIII Luciano tenha sido muito lido e por ao menos três vezes traduzido para língua portuguesa, Inácio Barbosa Machado, no século XVIII, em seu *Fastos políticos, e militares da Antígua, e Nova Lusitânia [...]*, conceitua diário, valorizando o gênero, como sinônimo de fastos:

A palavra Fastos é sinônima de um Diário em que se relatam as façanhas, e vitórias de uma Nação, os nascimentos, e mortes de seus Príncipes, e daqueles Heróis que no Gabinete, e na Campanha, deixaram de seus nomes respeitada memória. Neste sentido o entenderam o Pai da eloquência Romana Cícero *ad Aticum*. Descrevi *ut in Fatis ad cum diem Bruti nomen Scriberetur; & ibi quo ego cum dabam* Bruto notam esse *in Fatis gratissimae historiam memoriae volebam*, e na Filip.2 . in Marc. Anton. E no 1. Tusculan. capítulo 28. Tito livio. Hist. Liv. 9. Valério Máximo lib. 6. capítulo 2 e lib. 8. capítulo 3. Tácito Annal lib. 1. Aos Historiadores correspondem os poetas como são Claudiano Epistol ad Probinum, Silio Italico lib. 2, V. 10. Prudêncio contra Simachum lib. 1.

[...]. Nesta significação explicaram o nome de Fastos os maiores Filólogos, Antônio Constâncio Fanense, Sérvio, Basílio Fabro, João Jorge Grevio, Samuel Petisco, Pedro Danet, e João Jacobo Hosmano (Machado, 1745, p. 8-9).

Depois cita Belquior Cano e João de Launoy como preceptistas de arte histórica, com os quais se livrou do “labirinto histórico” usando regras, sendo a principal a de ser testemunha dos eventos. Dá o gênero diário como histórico, ao lado da crônica, por exemplo.

Essas observações do letrado lusitano, ao lado das que se seguem, são argumentos para justificar o modo como compôs a escrita da História:

para que nossa História se publicasse com método que igualmente deleitasse, e instruisse determinei não seguir o estilo dos Anais escritos pela Cronologia dos anos de que foram observantísimos [*sic*] professores os Britos, Barros, Castanhedas, e Farias imitando os Barônios, Spondanos, Reinaldos, e Torniellos na Eclesiástica, e reduzi a forma de Diário onde competindo dos Portugueses com o Príncipe dos Astros que com as suas luzes beneficemente ilustra os dias pelo círculo do ano se coroasse cada um deles com as memoráveis ações que nas quatro partes do Mundo obrara o seu heroico esforço; podendo virtuosamente gloriar-me de ser o primeiro que em nosso Reino meditou semelhante assunto ainda que não faltou quem o quisesse atribuir a outrem, cuja falsidade se convence com evidência na Dissertação subsequente. Este gênero de escritura que se relatam diariamente os sucessos mais notáveis mereceu a maior preeminência pela primazia que logrou entre os

livros pois sendo Moisés eleito por Deus Redentor do seu Povo, e Cronista da Criação do Mundo, e das ações dos Patriarcas que na Igreja natural deram culto à verdadeira Divindade precedeu a todos os Escritores do Egito, e da Grécia como doutamente afirmam Daniel Huetio Demonstr. Evangel. Proposit. 4. Nat. Alexand. Hist. Eccles. Vet. Test. Tom. 2. Dissert. 10. Com muitos Santos Padres principalmente Santo Agostinho de Civit. Dei lib. 18. cap. 11 já quando escreveu o Gênesis havia entre Israelitas Diários em que estavam escritos os sucessos memoráveis da República Hebraica como uniformemente [*sic*] dizem com Theodoro, André Mazio in Josué, Bento Pereira in Genesim Gaspar Sanches in Reges, e Ricardo Somon Hist. Critq. Du Veux Testam. Estes Diários se continuaram entre os Hebreus por muitos séculos mas não com aquela perfeição que depois foi observada pelos Egípcios, e gregos dos quais salvaram alguns fragmentos os Romanos. Este soberbo Povo com a fundação da Cidade que deu nome a todo o seu Império começou no tempo de Rômulo a escrever Diários com o título de Calendários que passados muitos séculos reformou o grande Júlio César para glória da mesma Nação que com o seu Principado despojou da liberdade. Estes Calendários se intitularam Fastos sendo uns Consulares, maiores, e menores como se pode ver nos eruditíssimos [*sic*] Onofre Pavino, e o Eminentíssimo Henrique de Noris nos Comentários, e Ilustração aos Fastos Romanos. Desta formidável Nação se compôs outro Diário oferecido a Constâncio filho do Imperador Constantino o Magno além do que escreveu Plutarco, e o que traz Lambecio na Biblioteca Cesarea

os quais se publicaram na Oranologia do Padre Petavio, e nas obras de Hervato (Machado, 1745, p. 11).

É com esse conceito de diário de Inácio Barbosa Machado, e não com o conceito, embora relevante, de Luciano, que os textos do século XVIII deste capítulo, dos verbetes abaixo, foram lidos e devem ser pensados.

ANDRADE, Gomes Freire de (conde de Bobadela). *Diário da partida do Illmo e Exmo Gomes Freire de Andrade por Comissão de S. Magestade na divisão da América Meridional em decreto de fevereiro de 1752*. [S.l]: [s.n.], 24 set. 1752.

Gomes Freire de Andrade e Castro, Gomes Freire de Andrade ou, simplesmente, Gomes Freire nasceu em Viena, em 27 de janeiro de 1757. Faleceu em 18 de outubro de 1817. Foi um general português.

Esse diário manuscrito pertence à Coleção Martins.

“É a notícia da partida para o Rio Grande de São Pedro e das pessoas que o acompanharam e o que ocorreu durante a viagem. Acha-se anexo a seguir Lista. In fº. 15 fs.” [bibliotecário] [quatro fls. de diário, o restante lista de provimentos, armamentos e instrumentos].

Trechos:

[fl. 1/frente]

Em dezoito de fevereiro de 1752 na Nau de Guerra Lampadoza de que é Comandante Henrique Manoel de Padilha embarcou o General dessas Capitánias o Ilustríssimo e Excelentíssimo Gomes Freire de Andrade

pelas cinco horas da tarde, e no dia sábado que se levantaram 19 pelas sete horas da manhã com bom [...] saiu pela Barra [...] para dar princípio à sua viagem da Demarcação da América Meridional a que foi mandado pelo Augustíssimo e Fidelíssimo o senhor d. José Primeiro. Foi direto à ilha de Santa Catarina donde está e se acha por Governador Manoel Escudeiro de Sousa [...] levou na sua Companhia o Coronel de Artilharia José [...], e o Tenente Gregório de Castro Morais e Pimentel e os [...] Matemáticos, o Coronel [...] Sargento Mor, e os [...] que vieram de Lisboa tinham partido dez dias antes pelo rio Grande em [...] acompanhados de alguns Capitães desta praça [...].

[fl. 2/frente]

Padre Ignácio [...] da Ilustríssima Companhia de Jesus irmão do Conselheiro Alexandre de Gusmão também foi com o mesmo General embarcando-se na Nau de Guerra nesta expedição sendo um dos maiores talentos que tem esta sagrada Religião nesta Cidade.

Com cinco dias de viagem chegou [...] à Ilha de Santa Catarina onde se demorou até o dia de em que partiu para o Rio Grande de S. Pedro donde chegou a seis de abril e dali mandou conduzir a sua bagagem, e mais preparos para esta expedição.

[fl. 2/verso]

Dia 20 do mesmo mês partiu a segunda Coluna composta de cento e setenta dragões, e seus oficiais comandados pelo Coronel Diogo Osório Cardoso com bastante [...], e sem destroço algum, e ainda que este coronel se não achava capaz para esta expedição disse a General que queria [...].

Dia de S. Pedro, 29 do mês partiu a terceira coluna com o General Gomes Freire de Andrade composta de todo gênero de gente com tempo tão desabrido de trovões, chuva, frio e vento, que esteve demorado cinco dias na guarda do Arroio, que dista duas léguas pequenas da mesma vila, e todo o caminho que são 60 léguas em até Iugy guarda fronteira nele tem sido irreparável o destroço de carros, carretas, bagagem, e de todas as barcas comuas não há [...].

BELGRADO. Manuel. (General) Autobiografia. *In: Memorias y autobiografias*. Buenos Aires: Imprenta de M. A Rosas, 1910. T. I.

Não foram encontrados dados sobre o “autor”.

Trechos:

[...]

Yo emprendo escribir mi vida pública – puede ser que mi amor propio acaso me alucine – con el objeto que sea útil á mis paisanos, y también con el de ponerme á cubierto de la maledicência; porque el único premio á que aspiro por todos mis trabajos, después de lo que espero de la misericórdia del Todo Poderoso, es conservar el buen nombre que desde mis tiernos años logro en Europa [...] (p. 91).

El lugar de mi nacimiento es Buenos Aires; mis padres don Domingo Belgrano y Peri, [...], natural de Onella y mi madre doña maria Josefa Gonzales, natural también de Buenos Aires [...] (p. 91-92).

Me proporciono la enseñanza de las primeras letras, la gramática latina, filosofía, y algo de teología, en el mismo Buenos Aires. Sucesivamente me mandó á España á seguir la carrera de las leyes, y ali estudié en Salamanca; continúe en Madrid y me recibí de abogado en la cancelleria de Valladolid.

[...]

Al concluir mi carrera por los años de 1793, las ideas de economía política cundían en España con furor, y creo que á esto debí que me colocaran en la secretaria del consulado de Buenos Aires [...] (p. 92).

[...]

Estas eran mis ocupaciones, y el desempeño de las obligaciones de mi empleo, cuando habiendo salido por algunos días al campo en el mes de Mayo, me mandaron llamar mis amigos á Buenos Aires, diciéndome era llegado el caso de trabajar por la pátria para adquirir la libertad é independéncia deseada [...] (p. 107).

BULKELEY, John (e CUMMINS, John). *Uma viagem aos mares do Sul nos anos de 1740-1741*. Tradução: J. Carvalho. Rio de Janeiro: Cia. Brasil Editora, 1936.

John Bulkeley foi artilheiro e Jonh Cummins foi carpinteiro da nau Wagner, embarcação por meio da qual empreenderam a viagem relatada no diário em questão.

Trechos:

CONTENDO,

Uma narrativa fiel do Navio de Sua Majestade, o ‘Wagner’, numa ilha desolada, situada na Latitude 47° Sul, e

Longitude 81° 40' Oeste; dos atos e condutas dos oficiais e da tripulação que passaram cinco meses na referida ilha; da sua ousada tentativa de alcançar a liberdade, costeando a parte sul da vasta região da Patagônia; partindo com mais de oitenta almas em seus barcos; da sua passagem pelo estreito de Magalhães; de como viveram durante a viagem, alimentando-se de focas, cavalos selvagens, cães, etc., e das incríveis penúrias que frequentemente suportavam pela falta de alimento, de qualquer espécie que fosse; uma descrição dos vários lugares em que aportaram nos estreitos de Magalhães, com comentários sobre os seus habitantes, etc., e da sua chegada a salvo ao Brasil, depois de navegar mil milhas numa perigosa escuna; a recepção que tiveram dos portugueses; um relatório dos distúrbios que se verificam no Rio Grande; sua chegada no Rio de Janeiro; sua passagem e serviços a bordo de um navio português, com destino a Lisboa; e sua volta à Inglaterra.

Acrescida de muitas observações interessantes e curiosas, que escaparam à atenção de Sir John Narborough, e qualquer outro jornalista.

É um jornal (no sentido de jornada), diário, pelo gênero. Então, os autores são diaristas, autores de diário.

Os trechos abaixo se referem a setembro de 1740:

Sexta-feira, dia 11. Vento de nor-noroeste. Os marinheiros estão inquietos. Quase nenhum trabalho foi feito nesta última semana. Tudo está parado. Não temos agora entre nós nem comando, nem disciplina. A inclemência do tempo ainda aumenta o nosso desconforto. Faz dezesseis

semanas que estamos habitando esta ilha, e ainda não vimos dez dias bonitos. A murmuração dos marinheiros, a escassez de viveres, e a severidade do tempo, tornam, na verdade, uma pessoa cansada de viver.

Segunda-feira, dia 14. Ontem de noite houve furacões de noroeste e oes-noroeste [*sic*], com grandes tempestades de saraiva e trovoada. O vento hoje acalmou muito. No que concerne às provisões, nada que aparece é demais: comemos cães, ratos, enfim, tudo que acontecemos encontrar. Sexta-feira, dia 18. De acordo com a sentença que receberam, foram levados para o continente os marinheiros Dennis O'Lary e John Redwood, com seis guardas-marinha, visto ser hoje um bonito dia de verão. Hoje o Tenente trouxe ao carpinteiro um par de pistolas, queixando-se que estavam com defeito. Não imaginando que estivessem carregadas puxou do gatilho. A primeira negou, e a segunda disparou. Felizmente não atingiu ninguém, embora estivesse muita gente em volta do tenente.

Domingo, dia 20. Pouco vento, tempo limpo. Lançamos na água o escaler e fomos aos destroços do navio. Apanhamos quatro caixas de carne e uma de ervilha. Distribuímos cinco pedaços de carne a cada pessoa, e ervilha à vontade, mas houve quem as quisesse, pois, tendo agora comido bastante carne, nosso estômago está regalado.

Quarta-feira, dia 23. Os marinheiros foram ao Capitão com um barril de dois galões, e pediram que o enchesse de vinho. O capitão negou. Porém compreendendo que não teriam cerimônia em ir enchê-lo sem sua licença, e levá-lo à força, achou melhor aceder. Levaram o barril para o porão da escuna e beberam a valer, ficando depois embriagados e desordeiros.

Quinta-feira, dia 24. Fui mandado numa excursão de uma semana no escaler. Os oficiais que iam comigo eram Mr. Jones, ajudante, o Honorável Mr. Byron, guarda-marinha, e Mr. Harvey intendente, que era bom desenhista. Nosso objetivo era examinar a segurança que a costa para o sul oferecia à escuna. (p. 80-81).

Segunda-feira, dia dois de novembro. Às cinco horas da manhã, partimos, com vento de sul e sul quarta sudeste. Durante o dia o vento mudou para oeste e oes-noroeste [*sic*], em pequenas brisas. Pude hoje fazer uma ótima observação, a primeira desde que deixamos a ilha de Cheap. Encontrávamos na latitude 50°00 Sul. Depois de observar, partimos penetrando por uma passagem calma e bonita, entre a ilha e o continente. Estas ilhas penso serem as mesmas observadas na viagem de Cook. Da entrada, com direção ao norte, até a saída do Cabo da Boa Esperança, como o chamamos, a distância é de cerca de seis léguas, e a profundidade da água, de duas a doze braças. A terra mais para norte que vimos, antes de entrar na passagem, marcava norte quarta noroeste, e a mais para sul, ou cabo de Boa Esperança, sul quarta a sudeste. Ao anoitecer ancoramos numa bela baía arenosa. Aqui também vimos choças, mas não avistamos nenhum índio. Caçamos hoje abundância de gansos selvagens, e apanhamos muitas ostras e siris. (p. 106-107).

Os trechos a seguir se referem ao ano de 1741:

Sábado, dia 10. Partimos de St. Sebastião. Pouco vento de sudoeste. Rumamos para sudeste, entre a ilha e o

continente. Às oito horas da segunda-feira, ancoramos em frente do Rio de Janeiro.

Terça-feira, dia 13. Esta manhã fomos todos chamados a presença do Governador. Mandaram buscar um cirurgião holandês, que fala inglês muito bem. Depois de indagar sobre as nossas privações, o Governador ordenou-lhe que agisse como nosso Consul, dizendo-nos que teríamos uma casa conveniente, e oito vinténs por dia por pessoa, para subsistência. Pediu-nos também que não promovêssemos distúrbios entre nós, o que prometemos fazer. Um fidalgo saiu, em companhia do Cônsul, a procurar uma casa para nós. Escolheram uma magnífica, digna de uma pessoa de distinção. Sendo hoje o primeiro dia que viemos para terra, serviram-nos o jantar e a ceia ao ar livre, onde comemos todos juntos. Esta foi a primeira vez que o contramestre sentou-se à mesa com os outros oficiais, desde que partimos da ilha Cheap. O Cônsul teve a bondade de nos mandar trazer, da sua própria residência, mesa, bancos, jarros, e várias coisas de utilidade. Julgamos muito felizes na nossa acomodação (p. 164-165).

DE LA CONDAMINE, Carlos Maria. *Relato abreviado de uma viagem pelo interior da América Meridional*. Tradução de Aristides Ávila. São Paulo: Edições Cultura, 1944.

Leon Sagnet diz, logo após o mapa que abre a edição consultada, que Carlos Maria de la Condamine foi um “sábio e viajante francês, nascido em 1701 e morto em 1744 em Paris, na França”. Foi naturalista, matemático e geógrafo. La Condamine trabalhou – como astrônomo

– para a Real Academia das Ciências (França). Sagnet também diz que “a expedição foi eivada de peripécias que os que contam vida de la Condamine narram como sendo dramáticas”.

Trechos:

Ficando só, la Condamine não pôde resistir à tentação de voltar pelo caminho mais longo e mais perigoso: atravessou o Peru (setembro 1742 – maio 1743), ganhou o Amazonas, seguiu por uma extensão de mais de quinhentas léguas as margens mais ou menos exploradas do rio, do qual levantou a carta e atingiu Calena após arruscar vinte vezes a sua vida, tendo realizado proezas prodigiosas de coragem e audácia.

Distribuem-se as matérias do relato, separando-as por mês. Narrativa mês a mês.

O pequeno mapa do curso do Amazonas, que acompanha este relato, bastará para fixar a imaginação do leitor, enquanto espera que eu possa oferecer outro, maior e mais pormenorizado, em nossas Memórias, onde exporei os meios empregados para confeccioná-lo. Esse, porém não será dado à publicidade senão quando eu lhe tiver dado o grau de exatidão, que tenciono, reduzido todos os meus cálculos de notas e distâncias, e corrigindo-as por via de muitas observações astronômicas (Prefácio, p. 15). Acrescentei ao curso do Amazonas a topografia da Província de Quito, tomada sobre os triângulos de nosso meridiano [...] (Prefácio, p. 15).

EMBARQUE. – À tarde de quatro de julho, embarquei numa pequena canoa a dois remos, precedido pela balsa escoltada por todos os índios do arraial. Eles iam com água pela cintura, a fim de conduzir à mão a canoa pelos sítios perigosos e contê-la entre os rochedos e nos pequenos saltos, contra a impetuosidade da corrente. Na manhã seguinte, depois de muitos desvios, desembarquei no MARANHÃO, a quatro léguas mais ou menos, para o norte, do ponto de embarque [...] (p. 33).

DESCRIÇÃO DA PROVÍNCIA DE MAINAS. – Chegando a Borja, achei-me em um mundo novo, fora de todo comércio humano, num oceano de água doce, em meio de um labirinto de lagos, rios e canais, que penetraram, em todos os sentidos, numa floresta imensa, acessível somente ao gentio. Encontrei novas plantas, novos animais, novos homens. Meus olhos, habituados, há sete anos, a contemplar montanhas que se perdiam nas nuvens, não se cansavam de percorrer o horizonte circular, sem outros obstáculos que os únicos outeiros do Pongo, que logo iriam desaparecer de minha vista [...] (p. 39).

O RIO AMAZONAS

RIO AMAZONAS, PROPRIAMENTE DITO. – No dia 28, deixamos à esquerda o rio JAMUNDÁ, que o Padre d’Acuña chama CUNURIO, onde, segundo crê, Orellana foi assaltado pelas mulheres guerreiras, que ele pretendia serem as amazonas. Um pouco abaixo desembarcando, no mesmo lado, ao pé do forte português PAUXIS, onde o leito do rio é comprido num estreito de 905 toesas de largura. O fluxo e refluxo do mar chega até este estreito, ou, pelo menos, aí se torna sensível, pelo crescimento das

águas do rio, que se nota de doze em doze horas, e que se retarda a cada dia, como sucede no litoral [...]. (p. 80).

NOVEMBRO DE 1744

ENCONTRO COM UM CORSÁRIO FRANCÊS. PERIGO. DESEMBARQUE. – Em seis de novembro, à entrada da Mancha, debaixo de um mau tempo igual àquele, um corsário de S. Malo nos fez a mesma intimação, se bem que mais polidamente. Tendo-se aproximado, a ficar ao alcance da voz, contentou-se afinal com a afirmação que lhe fiz, dando-me a conhecer, de que perdia seu tempo conosco. A 16, recolhemos a bordo, na barra do Texel, um piloto costeiro para nos conduzir ao porto; mas, obrigado a evitar exatamente a terra que buscávamos, vagávamos a esmo durante os quinze dias mais curtos do ano, através de nevoeiros contínuos, sempre com a sonda à mão, por um mar cheio de sumidouros e de recifes [...] (p. 121).

FEVEREIRO DE 1745

CHEGADA A PARIS

Finalmente, a 23 de fevereiro do corrente ano de 1745 cheguei a Paris, dez anos após a partida. (p. 122).

FREZIER, Amedée François. *Relation du voyage de la mer du sud aux côtes du Chili du Perou, et du Bresil fait pendant les années 1712,1713 &1714 pour M Frezier, Ingenieur Ordinaire du Roi, ouvrage enrichi de quatité de Plantes em Taille-douce*. Amsterdam: Chez Pierre Humbert, 1717. 2 v. (1712-1714).

Amédée François Frézier nasceu em Chambéry, em quatro de julho de 1682. Morreu em Brest, em 1773. Foi um engenheiro militar, engenheiro ordinário do rei explorador,

botânico e navegador francês. A obra se compõe de dois volumes. Dedicada a obra à Sua Alteza Real monsenhor duque D'Orleans, Regent du Royaume. Acompanha a edição uma advertência. Há um mapa da América do Sul no início do volume, antes da narrativa propriamente. Depois há outros vários mapas ao longo da narrativa. Há, nas margens das páginas, tábua de matérias. Faz descrições de ilhas, como Ilha de Santa Catarina. Faz descrições de portos, como porto de Baldivia, (p. 75-76), anexando mapa. Faz descrição de baías, como baía da Conceição, (p. 86-87), anexando mapa. Faz descrição de vila, como a vila de Penco, (p. 89), anexando mapa. No segundo volume, no fim, há tábua de matérias dos dois volumes.

Trechos:

PREMIER PARTIE

Qui contient la traversee de France au Chili

Enfin après avoir beaucoup soussert du temps qui nous étoit toujours rude & contraire, les vents se rangerent à Est ¼ Sud – Est; passer par le grand Canal, entre Rochedouvre & Guernesey [...] (p. 8).

[...]Les vents d'Est qui soussolent de bon frais, nous tirèrent enfin des parages les plus dangereux, & nous conduisirent hors de la Manche. Par les 40 degrez nous permettoit à peine de porter la mizaine um ris dedans [...] (p. 9).

[...] Une heure après nous apperçumes celle de Saint Vicent, que nous ne connoissions que par conjuncture comme les Isies precedentes, parcequ'aucun de nosml' utilité des vûes de terre dessinées dans les parages où on les cherche ordinairement; neanmoins celle-ci est

reconnoissable par une terre basse qui s'allonge aux pieds des côtes de l'Isle Saint Antoine, & par un petit rocher fait en pain de sucre qui paroît à l'entrée de la Baye à l' Oüest de l' Isle, environ à deux caburés de terre [...] (p. 16).

O trecho a seguir pertence à parte “Relâche à l' Isle de Saint Vicent, l'une de celles du Cap verd”:

[...] Le ledemain 16 Février nous crûmes alier faire de l' eau à un ruisseau qui coule pendant une grande partie de l'année dans une petite anse la plus au Nord de la Baye, mais nous n'em vimes plus que le çlit desseché [...] (p. 18).

O trecho abaixo faz parte da “Description de l'Isle de Saint Catherine”:

[...] Le Dimanche 8 de Mai nous fimes voile pour aller chercher le Détroit de le Maire, on le reconnut facilement par trois Mondrains uniformes, nomes les trois Freres, contigus les uns aux autre dans Torre de Feu, pardessus lesquels que voit [...] haute Montagne em pain de sucre couverte de neige & reculée avant dans la terre [...] (p. 43).

SECONDE PARTIE.

*Qui contient les Voyages aux Côtes du Chili & du Perou
Le lendemain 18 de Juin, après avoir envoyé le Canot reconnoître s'il y avoit des Navires mouillez à Talcaguana, ce qu'une brume épaisse nous empêchoit de voir, nous le vêmes l'anchre pour y aller, nous saluâmes la Ville de sept coups de canon, & à son ordinaire elle ne nous en rendit aucun [...] (p. 84).*

Até aqui os trechos pertencem ao volume I, partes 1 e 2. A parte 2 avança no segundo volume.

TROISIÈME PARTIE,

Qui contient le retour de la Mer du Sud en France.

DEPART DE LA CONCEPTION.

Le 19 Février 1714 nous partîmes quatre Navires ensemble, avec un bom frais de SO & SSO qui nous mit par les 39 degrez de latitude, & 80 lieues au larges, où nous trouvâmes les vents de O & de NO beau frais, & le temps embrumé, ensuite grand vent [...] Le 9 Mars par les 57d de latitude, & les 74d 30' de longitude, nous leur fîmes signal d'incommodité, & ils mirent à la cape pour nous attendre [...] (v. 2, p. 500).

DESCRIPTION DE LA VILLE D'ANGRA.

La Ville Angra est située au bord de la mer vers le milieu de la partie du Sud de l' Isle la Terceire, au fond d'une petite anse que forme une langue de terre fort haute, appelée le Mont du Bresil, Monte do Brasil [...] (p. 548).

Essa descrição mencionada acima é acompanhada de um mapa.

Départ de la Terciere.

Après avoir fait de l'eau, du bois, de la farine & du vin, quelques provisions de beufs, devolailles & de legumes, nous mîmes à la voile le Mecredi 18 Juillet.

Le 20 nous eûmes connoissance de l' Isle de Saint Michel, ele nous paroissoit au SE comme divisée en deux Isle, au milieu desquelles étoient plusieurs petites Mondrains qu'on ouroit pris pour des Islots, si l'on n'avoit su

qu'elles étoient continues par une terre basse qui est noyée lorsqu'on la voit de quatre lieues au large, em quoi cette Isle est fort reconnoissable du côté du Nord. Le 19 au soir nous relevâmes au Sud, à nuit fermante, la pointe de l'Est à la distance d'environ douze lieus, & nous fimes voile à l' Est pendant la nuit, sans crainte d'une basse que les Cartes marquoient dans notre chemin à 10 ou 12 lieues au NE de la même pointe de Saint Michel; de sorte que nous avons dû passer directement dans le lieu où ele est [...] (p. 559).

*[...]Nous allâmes ensuite mouiller au Cap Moulin auprès de Malaga, pour prendre nos ordres. Enfin le 16 Août nous vinmes mouiller aux Isles d'Hieres, & le lendemain à Marseille
Fin (p. 563).*

SÁ E FARIA, José Custódio de. *Diário da viagem que fez o Brigadeiro José Custódio de Sá e Faria da cidade de São Paulo a praça de N. S. dos Prazeres do Rio Iguatemi.* [S.l]: [s.n], 1774.

José Custódio de Sá e Faria foi um coronel do Exército português do século XVIII.

Constam vários mapas hídricos de grande interesse junto a esse manuscrito. Trata-se de diário *stricto sensu*. É uma cópia, uma segunda via do texto.

A narrativa começa em 1774. No catálogo consta 1775. É um diário que divide as matérias dia a dia. Marca, às margens, as léguas andadas. Há índices às margens também, marcando topografia. Índice topográfico (rios, cachoeiras, principalmente). É escrito na terceira pessoa do plural.

As descrições desse diário são bastante comparáveis com as descrições de outros deste livro. Nesse diário, as descrições são cruas, pouco detalhadas. É mais um roteiro de viagem, um traçado de localização com advertências de perigos do que qualquer outro tipo de diário.

O narrador e a tropa andam, dormem, acordam, andam – por terra, de canoa –; esse é o ritmo e o movimento desse diário. Pensar que sai de São Paulo a Goiás. É comparável com o diário do século XIX que também vai de São Paulo a Goiás (*cf.* capítulo três deste livro), mas de trem a vapor, não de canoa, a pé ou a cavalo, ou de mula ou de burro, aspectos importantes para uma história material da escrita de diários.

Há um documento ao término do diário chamado “Configuração do Rio Tietê desde a cidade de São Paulo até a confluência que forma com o Rio Paraná e desta até a do Rio Iguatemi com a continuação deste até o passo dos índios cavaleiros feita por ordem de El Rey Nosso Senhor por José Custódio de Sá e Faria, Brigadeiro de seus exércitos” (1774). Segue mapa da guarnição da praça e demonstração da praça. Na miscelânea que encaderna o diário constam mapas dos rios por onde passou Custódio em sua expedição.

Trechos:

Em três de outubro

Às 11 horas, 2 25’ chegamos à Aldeia dos Pinheiros; continuamos a marcha, até às quatro horas da tarde por Campos Dobrados, e paramos do outro lado da Ponte da Cotia em um rancho que ali se acha, e marchamos cinco léguas.

Dia seis de outubro

Pelas sete horas e meia marchamos da Vila de Itu de frente da qual a distância de uma légua para o Norte se acha um grande salto no Rio Tietê denominado Salto de Itu: no caminho é bom encontramos algumas casas; porém de gente mui pobre, chegamos à freguesia de Araritaguaba às 12 horas 30'. Esta freguesia tem bastante gente, e me seguraram que já teve mais, e fora mais rica quando as tropas de Cuiabá e Mato Grosso seguiam este caminho o que se tem diminuído por passarem hoje a maior parte delas por Goiás para o Rio de Janeiro: fizemos nesta marcha cinco léguas.

No dia sete de outubro, registra que nos dias parados na aldeia eles carregam as canoas com mantimentos, preparam-se para a continuação da viagem, preparam miudezas que faltam. Diz que embarcariam no dia 12, então fizeram isso de se preparar e se guarnecer do sete ao 12, não registrando nada além disso. Volta a registrar ações no dia 12 de outubro.

Dia 12 de outubro

Embarcada a gente em dez canoas, com 56 pilotos, e remadores principiamos a navegação do Rio Tietê às nove horas 24', e nas mesmas embarcaram 19 presos em ferros para se conduzirem ao Iguatemi a 35' de distância deixamos a esquadra a barra de um ribeirão chamado de Lisboa, e a 4' a cachoeira chamada do Pau Santo, e mais abaixo algumas pequenas ilhas de um, e outro lado esta cachoeira se passou bem com as canoas carregadas, aos 16' chegamos a cachoeira Abaré Menduaba, que quer dizer, cachoeira donde os índios quiseram afogar um padre.

Continua a narrativa dizendo que se diz ser o padre José de Anchieta ameaçado de afogamento pelos índios e narra o caso em uma breve digressão. Depois, continua a narração sequencial.

Dia 16 de outubro

Depois de se dizer missa por ser domingo, saímos pelas sete horas e 55' do Pouso Grande, e as 8 horas se dividiu o rio em dois braços formando ilha no meio que gastamos em passar três minutos e meio [...].

Dia 22 de outubro

Saímos do Pouso antecedente às seis horas, e às seis horas e cinco minutos passamos a Barra do Rio Jaguaré que fica do lado direito, o qual tem na barra 12 braços: às sete horas e 21' passamos a Barra do Rio Jacaré Pipira (quer dizer sobranceira de jacaré).

Dia 26 de outubro

Se continuaram a carregar as cargas pelo varadouro para baixo do salto, e se vararam por terra oito canoas. Neste dia pescaram-se muitos dourados, são uns grandes peixes do feitio de bagres chamados piaus, alguns de sete palmos de comprimento, e de mau sabor, e seco se assemelha ao bacalhau, e uns peixes chamados pacus de bom gosto.

Dia 27 de outubro

Neste dia se acabaram de passar as cargas, e o resto das canoas, e se carregaram outra vez nelas, recolhendo-se a guarda este salto de Avanhandava, não é de grande altura, pois não passa de cinco braços nos seus maiores precipícios que desembocam todos em um canal de braços de largo; em toda a largura do Rio acima do salto

se desempenha este por pedras, e degraus irregulares com grande correnteza, e depois se reparte em vários braços, pelos quais precipita as suas águas no canal a que se reduz: no rumo de NO, e de O vários e a ONO dois canais mui caudalosos, a água se despenha por um declive 45 graus formando muita espuma nos precipícios, e levantando uma fumaça das chispas de água que produz no embate das pedras: a pedraria do canal, e nas que a formam e de cor de ferro, e de grande dureza. Tem suas ilhas no plano superior cobertas de arvoredo, e de um, e outro lado o mesmo, o canal tem uma grande correnteza. As canoas são puxadas, e arrastadas por terra por muita gente até caírem no canal que se segue ao salto.

A descrição acima é bastante comparável com as descrições de viagens do século XIX, em diários de viagem deste século, do próximo capítulo deste livro.

No dia seguinte “largam do salto Avanhandava às 6:38, “depois de se dizer missa”.

“Dia 1º de novembro

Sáimos do pouso antecedente por terra, e por picada às seis horas 42’ e as canoas pela cachoeira [...]”.

No dia 8 de novembro, além da narrativa sequencial, registra em uma espécie de capítulo, em uma digressão, um comentário intitulado “Rio Paraná”. Nele, explica onde pousaram e por que pousaram lá, argumentando ter sido por questões topográficas e climáticas, para evitar perigos: “Não havia sítio próximo onde fazer pouso com segurança [...]”. Pousaram na Barra do Rio Paraná, o qual descreve no mesmo estilo da descrição transcrita.

Dia 11 de novembro – Rio Pardo

[...] Este rio é por donde navegam os comerciantes que passam para Cuiabá, e Mato Grosso descendo o Tietê, até a sua barra, desta até a do mesmo Rio Pardo, que sobem com grande trabalho pelo grande número de cachoeiras que o formam o qual seguram os pilotos das canoas [...].

Chegam ao Rio Iguatemi no dia 19 de novembro.

Dia 20 de novembro

Continuamos a viagem pelas 11 horas 46' sem mais novidade que deixarmos um morro à direita do Rio [Iguatemi], à uma hora 34' e tomamos porto para dormir às cinco horas 26' da parte esquerda [...].

Dia 30 de novembro

Sáimos às seis horas 38' depois de se dizer missa, e às sete horas e 33' passamos da direita o Ribeirão das Bogas às 10 horas 17' paramos para jantar, e se vestiram os soldados o que se concluiu com uma grande chuva, e trovoadas, e tornamos a seguir viagem às 12 horas e 2' chegando à Praça de Nossa Senhora dos Prazeres deste Rio Iguatemi a uma hora datando-se.

Este Rio ainda continua para Oeste três léguas até o Passo dos índios cavaleiros que se acha na latitude de 23° 48' 11' e deste a 11 léguas de distância tem sua origem que vem quase no rumo de Norte para o Sul até o dito Passo.

Escreve o nome do lugar, data e assina. Depois anota um “Resumo das léguas deste diário”:

- da cidade de São Paulo até o porto de Ararituaba (24 léguas);

- do porto de Ararituaba na margem do rio Tietê até sua barra (136 ¼);
- da barra do rio Tietê no rio Paraná até a barra do rio Iguatemi (93 ¼);
- da barra do Iguatemi pelo mesmo rio até a Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres (47 ¼).

Somam pelas voltas dos rios as léguas um total de 301.

SAAVEDRA, Cornelio (Brigadeiro). *Memoria Autografa*. In: *Memorias y autobiografias*. Buenos Aires: Imprenta de M. A Rosas, 1910. T. I.

É um volume de compilação de vidas, biografias, autobiografias, memórias. A memória abaixo foi a escolhida para exemplificar:

Memoria Autografa (p. 19-87).

[...] *Por mi Testamento les he legado el honor que heredé de mis abuelos y el que supe adquirir con mis servicios, y ellos son interesados em conservarlo, sostenerlo y defenderlo de las incursiones de la intriga y maledicência. La série de sucessos que em ella se refieren, es verdadera en todas sus partes: Hablo con mis hijos, y ellos saben que la mentira há sido desconocida em la vida politica de su padre* (p. 22).

Para que la sepan, es forzoso tomar las cosas desde su origem.

Desde el año de 1767 en que fui trasladado á Buenos Aires de la villa imperial de Potosi, en que residia mi finado padre don Santiago Saavedra, he permanecido en dicha ciudad.

Em ella fui educado en la carrera de los estúdios que en aquel tiempo se proporcionaba á la juventude [...]. A los 28 años de edad, contraje mi primer matrimonio con una prima hermana mia, doña Maria Francisca Cabrera, en el año de 1788 [...] (p. 23).

Passa a narrar eventos de 1806, 1814, 1815, 1816, terminando a narrativa em janeiro de 1829.

He concluído esta breve memória que deixo a mis hijos para que sepan la historia de su padre, todos ellos, excepto mis dos del primer matrimonio, Diego y Manuel, que ya adultos, presenciaron algunos de los passajes que refiero y sin embargo ignoran otros muchos acaecidos estando ellos ausentes. Los de mi segundo matrimonio con la compañera de mis trabajos, doña Saturnina Otalora, eran niños y no pueden tener sino ideas muy confusas y diminutas de la citada historia. Para éstos y los primeros es quando he escrito y detallado [...] (p. 86).

SÃO PAYO, Francisco Xavier de (ouvidor). *Apêndice ao diário da viagem que em visita e correição das povoações da capitania de S. José do rio Negro fez o Ouvidor, e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de São Payo no ano de 1774 ...[S.l]: [s.n], 1775.*

Trata das matérias relativas às obrigações do officio de ouvidor. Escreve para dar completa ideia do estado presente daquela capitania. Há um proêmio, nesse manuscrito, de muito interesse, pois nele se define diário como gênero da História.

Trechos:

[fl. 1] E achando na sua Correição Alguns Lugares despovoados saberá porque despovoaram, e por que modo se melhor poderá povoar.

[fl. 2] Proêmio

Quando me propus escrever o Diário da Viagem em Correição desta Capitania, confesso que meu ultimado fim foi dar algumas noções aos amigos, com quem conservava honrosa correspondência, dos navios, e interessantes objetos, que nesta vasta Região se encontram; e que não tem chegado a notícia de todos. Semelhantemente era para mim um depósito de observações, a que a todo tempo podia recorrer, quando o pedisse apreciação.

Por modo nenhum entrava neste plano fazer públicas as matérias tocantes meramente ao ofício; porque poderia concentrar-se, ou a vaidade, ou o amor próprio, ou preservar-se quem os lesse, que se ofereciam como atestações infalíveis dos talentos, da atividade, ou do préstimo; não havendo em mim senão um conhecimento; falta que somente poderá compensar o bom desejo no desempenho das obrigações.

Porém para satisfazer ao que se me pede, coligi todas as matérias do trabalho do ofício naquela Correição, as quais vão dispostas na ordem que se segue.

JUZARTE, Teotônio José (sargento-m). *Diário da navegação*. Organização: Jonas Soares de Souza. Apresentação: Afonso d’Taunay. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

A narrativa compreende os anos de 1769 a 1771. Há ilustrações do acervo do Museu Paulista. É um diário *stricto sensu*. Editado em parceria com a Prefeitura de Porto Feliz (estado de São Paulo), Diretoria da Educação e Cultura, Museu das Monções, em 1999. Embora seja uma edição do século XX, é texto do século XVIII. O ms. está no Museu Paulista. Um exemplar da edição impressa em livro pela Editora da Unicamp foi doado para a BN/RJ porque há na instituição um álbum com desenhos referentes a esse diário.

A narrativa, dia a dia, invariavelmente inicia as ações pela manhã. Dá notícia do dia, diz como e onde dormem, e no outro dia inicia a narrativa novamente.

O título inteiro do diário é: *Diário da Navegação do Rio Tietê, Rio Grande Paraná, e Rio Guatemi em que se dá Relação de todas as coisas mais notáveis destes Rios, seu curso, sua distância, e de todos os mais Rios, que se encontram, Ilhas, perigos, e tudo o acontecido neste Diário, pelo tempo de dois anos, e dois meses*. Que principia em 10 de março de 1769. Escrito pelo sargento-mor Teotônio José Juzarte.

É o mesmo trajeto e chegada do diário de José Custódio de Sá e Faria noticiado neste capítulo.

Trechos:

Em este dia treze de abril estando tudo embarcado [...], largamos pelas oito horas, e meia da manhã, indo a Capitania adiante com o guia, e com a sua Bandeira larga, e detrás dela se seguiam as mais conforme a ordem

já expressada a uma Cachoeira chamada Abaramanduba, que quer dizer em Português onde caiu um padre.

E outro tempo navegou por esta cachoeira um Religioso da Companhia de Jesus de virtude o P. José de Anchieta, o qual andava catequizando aos Índios, e pregando-lhe missão, os quais vindo com ele em uma Canoinha a embarcaram no meio desta Cachoeira, largando o padre no fundo da mesma, passando muito tempo vendo que o padre não surgia acima cuidando estaria já morto mergulhou um dos Índios ao fundo, e o achou vivo sentado em uma Pedra rezando no seu Breviário, e por isso ficou o nome a esta Cachoeira de Abaramanduaba.

Esta cachoeira passamos com muita velocidade, e perigo, e sendo o meu Piloto o Guia contudo deu a Embarcação no Canal dos Emboabas; tem este título por cá os filhos do reino, que quer dizer homem Calçado, ou cabeludo pelas pernas; este canal abriram os Emboabas, ou descobriram quando viajavam para Cuiabá e Mato Grosso, é esta Cachoeira muito perigosa pelas muitas Pedras e Redemoinhos, e ondas de água que forma; e isto em grande distância [...] (p. 34-35).

Dia 14 de abril

Amanhecendo este dia se cuidou logo em descarregar as Embarcações, e pô-las a meia Carga para assim poderem passar a dita Cachoeira de Pirapóra, e gastou-se este trabalho toda a manhã deste dia, passam-se as cargas às costas dos homens por uma picada que se abre por terra na distância de cem braças ou mais, isto é um grande trabalho, porque ali se tropeça em Raízes de árvores, acolá ferem os espinhos rompem a roupa ali se encontra uma cova, ou um barranco, e finalmente se vigia das cobras,

e bichos venenosos, e assim se conduzem as cargas, e a gente se ajunta no barranco do Rio [...] (p. 36).

Dia 26 de abril

[...]

É este salto de Avanhandava uma obra da natureza cuja altura excede a cinquenta braças que despenhando-se por ele copiosas águas ao ponto que faz uma agradável vista, e figura, causa pavor, e medo, porque fazendo várias figuras, em umas partes à imitação de degraus de Sepulcro, em outras fazendo Redemoinhos pendurados pelo ar, em outras formando grossas e dilatadas Fontes à maneira de chafarizes que é tal a bulha que para se ouvirem os homens uns aos outros é necessário gritar, além disso se experimenta nesta paragem um granizo continuado à maneira de chuva, que levanta pela monstruosidade de águas que se despenham seu peso, e sua altura, que caindo em um dilatado espesso que faz embaixo deste Salto em o qual são tão grandes as ondas que ninguém as pode penetrar; além disto tem neste espaço suas Ilhas pequenas da figura de Penínsulas com suas árvores as quais se acham verdes cheias de musgos, que na verdade figuram uma deliciosa Cascata [...] (p. 46-47).

Dia 8 de maio

Amanhecendo este dia, cuja noite passamos com muito trabalho pela razão do Gentio que frequentemente cultiva este Rio; carregamos as Embarcações, embarcou a gente, mas não pudemos navegar logo pela muita neblina, levantada esta pelas oito horas, e três da manhã seguimos nossa viagem pelo Rio grande abaixo, e como nos ficava um grande perigo que passar, o qual é o Jupiau acima dito [...] (p. 61).

Dia 23 de maio

Este dia amanheceu muito pior, que os outros dias em razão de fazer muito vento, e as ondas levantadas prometendo grande tempestade, e assim estivemos até as onze horas da manhã tempo em que serenava alguma coisa o vento, e como assim fosse nos pareceu poderíamos seguir nossa viagem, jantamos, e logo a toda pressa embarcamos, isto executado o vento outra vez como de antes, e de pior parte por ser pela proa vimos que não se podia seguir viagem, tornamos a desembarcar, e vendo que seria útil mandar alguns homens à Caça, e outros à pesca, para se remediarem as necessidades que já se sofriam principalmente os doentes que se achavam bem desfalecidos [...] (p. 76-77).

Principia o Diário da Navegação do Rio Gatemi em 24 de maio de 1769

Sobe este Rio ao poente, é largo, e fundo na sua entrada suas águas são bordadas suas margens de muitos palmitos, corre com sua violência tem muitas voltas no seu Curso para a direita, e para a esquerda, tem suas Cachoeiras perigosas das quais ao diante darei notícia suas vertentes são da Campanha de Gatemi, a Barra deste Rio fica pouco acima das Sete quedas sobe-se a Vara, não tem peixe, mas seus ares são alegres [...] (p. 78).

Dia 12 de junho

[...] Agora darei uma breve notícia desta Praça, suas construções, o Estado em que se achava, suas Campanhas, e todo o acontecido enquanto demorei nela (p. 85).

É esta Praça situada sobre o barranco do rio Gatemi o qual terá de largura oito braças, neste lugar, e daí para cima cada vez vai a menos até se perder na Campanha

[...]. Desembarcada a gente da expedição se acomodaram como puderam, e no dia treze de junho se Festejou a Sto. Antônio na tal Capelinha conforme pode ser, e permitia o Estado do País; e em uma gamela de pau se batizaram Cinco Crianças que nasceram pela viagem [...].

Principia o ano de 1771

JANEIRO

[...]

Isto é tudo o acontecido na verdade além de outras muitas coisas, que por não parecerem duvidosas, ou menos verdadeiras as não declaro; tendo tão funesto fim aquele estabelecimento, que nem os vassallos da Conquista do Oriente terão tanto que contar, como tem os que escaparam da Povoação de Gatemi e aqui findou este Diário tão certo como verdadeiro, o que se não pode duvidar por serem muitos os que experimentaram o acima referido” (p. 107-109).

Diário como misto de gênero e de prática textual

Ao contrário dos capítulos anteriores em que os diários eram escritas de gênero histórico cujas retóricas os definiam, neste terceiro capítulo, não é possível afirmar que a História e as retóricas definam diários. Os diários praticados no século XIX têm características muito variadas em relação aos históricos. Podem ser diários históricos, a exemplo de alguns encontrados na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, mas há muitos escritos por naturalistas e por artistas, como pintores. Neste sentido, são diários que mesclam ou misturam arte, ciência e história. Isso sem falar em diários de viajantes, comerciantes, aventureiros etc. Sendo assim, a própria seleção para compor a antologia no que diz respeito a diários do século XIX é que define os objetos como mistos, híbridos. Até porque alguns diários deste capítulo são pessoais, como o de André Rebouças. No próximo capítulo deste livro, conceituar-se-ão diários pessoais, junto da antologia deles.

Entretanto, como foi feito nos capítulos anteriores, inicia-se a exposição dos verbetes com alguma definição de diário aplicada aos livros do século XIX pesquisados.

Os diários que são relatos de viagem são instrumentos heurísticos, ou seja, modos de fazer descobertas e de captar dados, informações que levem a conhecimento de terras e gentes, hábitos, costumes, culturas. São meios de investigação:

o que se vê, portanto, é que aliados aos sempre lembrados propósitos de divulgação e de informação estão a curiosidade suscitada pela aventura e o interesse pelos perigos que tais viagens representam. Mas, a "seriedade" da obra "instrutiva" é, sem dúvida alguma, o objetivo mais comumente apontado por qualquer uma dessas publicações (Rouanet, 1991, p. 85).

Abaixo, seguem os trechos da seleta:

AGASSIZ, Luíz; AGASSIZ, Elizabeth. *Viagem ao Brasil (1865-1866)*. Tradução e notas: Edgar Sussekind de Mendonça. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1936.

Jean Louis Rodolphe Agassiz nasceu em Môtier em 18 de maio de 1807. Faleceu em Cambridge aos 14 de dezembro de 1873. Foi um zoólogo, geólogo suíço, notório por sua Expedição Thayer. Elizabeth Agassiz era norte-americana, esposa de Jean Louis Rodolphe Agassiz. Nasceu em 1822. Faleceu em 1907. Ela não apenas acompanhou o marido na viagem ao Brasil como foi quem de fato escreveu o diário em questão.

Obra dedicada ao sr. Nathaniel Thayer (amigo). Trata-se de uma expedição científica com retratos (fotografias em

preto e branco) dos autores (viajantes). O livro se divide em capítulos. Os viajantes partem de Nova Iorque rumo ao Rio de Janeiro, vão para o Pará e para o Ceará. Constatam apêndices (peixes-voadores etc.), dados biobibliográficos. A obra tem mapas, ilustrações reproduzíveis. É um diário *stricto sensu* histórico/científico.

Trechos:

Ao

SR. NATHANIEL THAYER

ao amigo cuja generosidade permitiu dar a esta viagem o caráter duma expedição científica

a nossa gratidão oferece

este volume

Longfellow

DO PREFÁCIO DO AUTOR

[...] eu me sentia atraído pelo Brasil por um desejo de quase toda minha vida. Aos vinte anos de idade, quando era eu apenas estudante, Martius encarregou-me, por morte de Spix, da descrição dos peixes colecionados no Brasil por esses dois célebres viajantes. Desde então, veio-me repetidas vezes a ideia de ir estudar aquela fauna no seu próprio país [...] (p. 13).

[...] Partimos de Nova Iorque a 1º de abril de 1865; neste livro se encontrará a narração da nossa feliz e agradável travessia; devo, porém, ao sr. Melane um público testemunho de reconhecimento pela generosidade de que deu provas para com a expedição [...] (p. 17).

[...] Uma palavra, agora, a respeito de como foi feito este livro. Ele é produto mais das circunstâncias que de um propósito premeditado. Um pouco para satisfação dos meus amigos,

um pouco pela ideia de que me seria útil umas às outras as minhas observações científicas por meio de uma narrativa, a sra. Agassiz registrou dia a dia as nossas aventuras. Habituei-me desde logo a fornecer-lhe a nota quotidiana dos resultados dos meus trabalhos, bem como de que ela nada deixaria perder-se do que merecesse ser conservado. Devido a esse sistema de trabalho, as nossas mútuas contribuições para o Diário por tal forma se confundiram que nos foi de certo modo impossível distinguir a parte de cada qual [...] (p. 17-18).

De Nova Iorque ao Rio de Janeiro

Primeiro domingo a bordo, dois de abril de 1865 – É este o nosso primeiro domingo a bordo. Está um tempo delicioso; o navio joga o que pode jogar, um objeto que flutua e os menos resistentes dos nossos não encontram motivo para enjôo [...].

A nuvem se distancia. Agassiz passou o dia todo observando [...] (p. 21).

[...] Pôr do sol nos trópicos. Caía a tarde. É sempre o momento mais agradável do dia; sentados junto da amurada, contemplamos pela primeira vez o pôr do sol nos trópicos. O astro vem baixando num céu de ouro e púrpura, e, já desaparecido no horizonte, ainda dardeja sobre as nuvens, quase até o zênite, rubores flamejantes que se vão extinguindo aos poucos em tintas pálidas e róseas, nos extremos [...] (p. 34).

Peixes-voadores. Hoje, do alto do tombadilho, avistamos numerosos peixes-voadores. Fiquei admirada com sua beleza e graça de movimentos [...] (p. 36).

II

O Rio de Janeiro e seus arredores. Juiz de Fora

Chegada. Aspecto da baía e da cidade. 23 de abril – Ontem, de madrugada, avistou-se o Cabo Frio, e lá para as 7 horas tivemos, ao acordar, a agradável notícia de que as montanhas dos Órgãos estavam à vista. A cadeia litorânea, se bem que pouco elevada (os cumes mais altos não excedem, de 600 a 900 metros, dois a três mil pés ingleses), é abrupta e escarpada. As montanhas são francamente cônicas e as vertentes descem em rápido declive até o mar. Em alguns pontos, no entanto, são deste separadas por extensas praias arenosas. A paisagem torna-se cada vez mais grandiosa à medida que nos aproximamos da entrada da baía, guardada de ambos os lados por altos rochedos em sentinela [...]. Do outro lado, mais no interior das terras, divisam-se os Órgãos com suas agulhas singulares, enquanto que na direção da barra, exatamente na entrada, vela o penedo liso e escarpado, tão conhecido pelo nome de Pão de Açúcar [...] (p. 63).

III

Estada no Rio de Janeiro (continuação). Vida de fazenda Botafogo. 22 de maio – Esta tarde, a sra. C ..., seu marido e eu saímos para dar um passeio no campo; um pouco ao acaso, é verdade, mas bem certos de que, com essa natureza admirável das cercanias do Rio, podíamos-nos fiar nele para nos conduzir a algum belo ponto de vista. Tomamos, pois, passagem numa das numerosas embarcações a vapor cuja estação de embarque é vizinha do nosso hotel, e alguns minutos depois estávamos a caminho de Botafogo. Quase todos os arrabaldes do Rio de Janeiro se acham edificadas ao longo das praias [...]. A nossa curta travessia foi encantadora. O pequenino vapor passa por assim dizer ao pé das montanhas, e nenhuma

descrição pode dar ideia de suas formas pitorescas ou do maravilhoso colorido que lhe suaviza as asperezas e esbate harmoniosamente toda a paisagem [...] (p. 99).
[...] A Tijuca. 26 de maio – De todos os arredores pitorescos do Rio, não há ponto mais frequentado que o estabelecimento do sr. Bennett na Tijuca [...] (p. 104).

De parte da carta do sr. Agassiz para o sr. Peirce:

[...] Estou na Tijuca, isto é, a sete ou oito milhas do Rio de Janeiro, num grupo de montanhas de 1.800 pés mais ou menos de altura (550 metros). Habito em um lindo hotel, verdadeiro ‘cottage’, e do seu terraço avisto uma colina de ‘drift’, com inúmeros blocos erráticos, tão característicos como quaisquer outros que eu tenha observado na Nova Inglaterra [...] (p. 106).

Passa a descrever as rochas e a conceituá-las, definindo-as como grandes características do país visitado, isto é, do Brasil. Lembrar que em outras descrições da Tijuca (floresta) em outros passeios de viajantes diaristas não se trata o lugar como objeto de estudo científico, mas como maravilha para os olhos e objeto da paisagem, para compor paisagem, ou para deleite de quem passeia e para quem lê, depois, sobre o passeio.

[...]

Disposições tomadas para as viagens no interior. 14 de junho – Depois de nosso regresso da Tijuca, temos estado constantemente na cidade. De manhã até à tarde, Agassiz não tem um momento de descanso, tão absorvido se acha

quer pelos cuidados com os espécimes que afluem de toda parte, quer pelas disposições finais para a partida das duas expedições separadas que devem percorrer o interior [...] (p. 110).

XV

O Rio de Janeiro e suas instituições.

A serra dos Órgãos

Do Ceará ao Rio de Janeiro. Inundações em Pernambuco. 29 de maio – Chegamos ao Rio há mais de um mês, tendo deixado o Ceará a 16 de abril. Nossa viagem ao longo do litoral se fez sem o menor incidente [...].

Chegada ao Rio. Logo que entramos na admirável baía do Rio de Janeiro, recebemos a mais calorosa recepção a bordo do ‘Susquehanna’, que se achava então no porto [...] (p. 425).

[...]

Impressão geral. Ao lerem este rápido apanhado, dirão os meus amigos do Brasil que eu medi parcimoniosamente o elogio de suas instituições e critiquei sem benevolência o seu estado social? Espero que não. Estaria longe de minhas intenções se deixasse ao leitor a impressão de que parti do Brasil com outros sentimentos que não sejam uma calorosa simpatia por esse país, uma fé profunda em seu futuro e em sua prosperidade e uma gratidão pessoal muito sincera para com os seus habitantes. Reconheço nos brasileiros a impressionabilidade pelos movimentos elevados e pelas emoções generosas, o amor teórico da liberdade, a generosidade natural, a aptidão para aprender, a eloquência fácil. Se não encontrei neles algo da energia e tenacidade das raças do Norte, não esqueço de que esta

é uma distinção tão antiga quanto a que guardam entre si as próprias zonas temperada e tórrida [...] (p. 470).

ESPINHEIRO, José Antônio. *Diário botânico e científico*. [S.l]: [s.n], 1864. 2 v.

José Antônio Espinheiro foi diretor do cerimonial da secretaria do Jardim Botânico.

Esse manuscrito pertence à Coleção Decimal. São duas cadernetas pequenas. Constam um texto introdutório, uma advertência, um texto “ao leitor”. O objeto mimetiza livro impresso, nomeado pelo autor de “mesquinho”. Há desenhos de grande interesse no volume I. É um diário científico *stricto sensu*. Sem numeração de páginas. A maioria das páginas da primeira caderneta é pautada.

Tópicos do primeiro caderno:

Algodão, Ilha do Algodão, Algodavio [sic], Embriogenia, Colaboração das nuvens, Cana de açúcar, cochonilha, Algodoeiros, Geografia Brasileira, Produções Naturais de Goiás e Matogrosso, Longevidade dos vegetais no congresso interno, Geografia Brasílico-espanhola, Notícia Geográfica, Blisófora Mangue, Fosforescência dos Mares, Biografia da Família Espinheiro Residente no Rio de Janeiro, Questionário de 1866 a 67, [...], Madeiras do Brasil (muitas páginas), Ozona, [...], Observações Fisiológicas, [...].

Colaboração das Nuvens

Comecei no ano passado umas observações sobre as cores que tomam as nuvens no horizonte ocidental. Incompletas

que são estas observações me fazem presumir que essas alternâncias ou nuances [...] se ligam a um grau muitos meses considerável de oxigenação ou azonização da astrofera. As mudanças parecem representar o mesmo grau de transformação colorínea como se vê do quadro abaixo: [...] [p. 35].

Fosforescência dos Mares

O mar Adriático apresenta quase sempre uma coloração verde; sua fosforescência era atribuída por Vianelli e Grupcielli ao [...]. A cor do mediterrâneo [...] é azul-escuro [...] [p. 97].

Faz a genealogia de sua família em:

“Biografia da família Espinheiro residente no Rio de Janeiro” [p. 101].

O segundo caderno, cuja folha de rosto diz volume II na verdade é o volume I.

Rio de Janeiro 25 de abril de 1864

Prólogo

Leitor

Pequeno é o trabalho que vos ofereço a glória utilidade, porém não é vulgarizar recônditos e ignaros frutos do saber e da pátria é uma tarefa a que me propus encetando a publicidade de meus esforços e o caráter que respira com meus ulteriores escritos não poderá talvez desmentir a asserção que acabo de confessar. À época porque para minha idade foram muitas as maiores esperanças e conveinho, pois, que vacilando em tantos tropeços desvios, para

a retidão das vistas agora manifestadas. Para recompensa pois destes desvios que não deixam também sabias de cometer, eu só desejo a justa indulgência desses que se dignarem acompanhar de meus trabalhos.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Tradução e notas de Sérgio Milliet. São Paulo: Martins, 1940. 2 t., 3 v.

Jean-Baptiste Debret ou De Bret foi um pintor, desenhista e professor francês. Integrou a Missão Artística Francesa, que fundou, no Rio de Janeiro, uma Academia de Artes e Ofícios, mais tarde Academia Imperial de Belas Artes, onde lecionou. Nasceu em 18 de abril de 1768 e faleceu aos 28 de junho de 1948, em Paris, França.

Essa edição não traz as pranchas – os desenhos, pinturas, gravuras – apenas a descrição (o texto) delas. Há um ou outro exemplo de imagens, em preto e branco apenas. O volume 1, por exemplo, ocupa-se apenas de índios.

Trechos:

DA NOTA DO TRADUTOR

Se muitas vezes o tradutor é um traidor, a culpa cabe não raro à precariedade do estilo e da língua do autor traduzido [...].

NOTÍCIA BIOGRÁFICA DE DEBRET (por Rubens Borba de Moraes, para a primeira edição de 1940)

Debret vem de família burguesa francesa.

DO VOLUME I

DEDICATÓRIA (assinada por Debret)

Senhores.

Valendo-me do título de vosso correspondente no Rio de Janeiro, ousou hoje oferecer-vos dedicando, esta obra histórica e pitoresca, em que lembro, antes de tudo, ao mundo intelectual, que o Império do Brasil deve ao Instituto de França sua Academia das Belas Artes do Rio de Janeiro. Nada mais justo que esta homenagem: ao benfeitor pertence o primeiro fruto do benefício [...]. Historiador fiel, reuni nesta obra sobre o Brasil os documentos relativos aos resultados dessa expedição pitoresca, totalmente francesa, cujo progresso acompanhei passo a passo [...].

Assina:

“Vosso muito dedicado correspondente”.

DA INTRODUÇÃO (assinado por Debret)

Dava eu tamanha importância à vantagem de poder admirar a beleza do ambiente brasileiro e principalmente à glória de propagar o conhecimento das belas artes entre um povo ainda na infância, que não hesitei em associar-me aos artistas distintos, meus compatriotas, os quais [...] formaram esta expedição pitoresca.

Animados todos por um zelo idêntico e com o entusiasmo dos sábios viajantes que já não temem mais, hoje em dia, enfrentar os azares de uma longa e ainda, muitas vezes, perigosa navegação, deixamos a França, [...] para ir estudar uma natureza inédita e imprimir nesse mundo novo, as marcas profundas e úteis, espero-o, da presença de artistas franceses [...] (p. 5).

[...] Graças ao hábito da observação, natural em um pintor de história, fui levado a aprender espontaneamente traços

característicos dos objetos que me envolviam; por isso, meus esboços feitos no Brasil reproduzem, especialmente, as cenas nacionais ou familiares do povo entre o qual passei 16 anos.

Essa coleção, ordenada cronologicamente, encontra novo interesse na história de sua formação [...] (p. 6).

[...] A obra que ofereço ao público é uma descrição fiel do caráter e dos hábitos dos brasileiros em geral. Devo [...] começar [para ser lógico] pela história do índio selvagem, primeiro habitante desta parte do globo tão admirada pela abundância dos benefícios que a natureza lhe prodigalizou [...] (p. 8).

DO VOLUME II

DA INTRODUÇÃO

Eu me propus seguir, nesta obra, um plano ditado pela lógica: o de acompanhar a ‘marcha progressiva da civilização no Brasil’. Conseqüentemente, comecei reproduzindo as ‘tendências instintivas do indígena selvagem’ e ressaltando todos os seus progressos na ‘imitação da atividade do colono brasileiro’, herdeiro ele próprio das tradições de sua mãe pátria [...] (p. 85).

USOS E COSTUMES DOS BRASILEIROS CIVILIZADOS

Com muita justiça os viajantes que percorrem o Novo Mundo citam o brasileiro como habitante mais cortês e afável da América do Sul [...]. [justifica pelo clima] (p. 87).

BAÍA DO RIO DE JANEIRO

A baía de Guanabara (Pedra Bruta em língua indígena), assim chamada pelos tupinambás, povo selvagem que dominava grande parte dessa costa, foi descoberta em 1515 por Juan Diaz de Solis [...] (p. 88).

À esquerda da entrada da baía ergue-se um árido rochedo granítico, de forma cônica, chamado ‘Pão de Açúcar’. Essa parte esquerda da costa, dominada por montanhas em diversos planos, representa no seu conjunto uma figura de homem deitado de costas, cujos pés são formados pelo Pão de Açúcar [p. 89], donde o nome de ‘Gigante deitado’ que lhes dão os navegadores [...]. [prancha 2].

CARÁTER DO BRASILEIRO

[...] O brasileiro, geralmente bom, é dotado de uma vivacidade que se vislumbra nos seus olhos pretos e expressivos, feliz disposição natural que ele aplica com êxito no cultivo das ciências e das artes. Sua tendência inata pela poesia inspira-lhe o gosto do belo ideal, do sobrenatural nas suas narrativas, principalmente quando fala de seu país; seu amor próprio, [...], torna-o em geral contador de histórias com as quais procura causar impressão e provocar o espanto e a admiração do auditório [...] (p. 109).

[...]

DESCRIÇÃO DA VIAGEM

Ansiosos por embarcar e enfrentando os azares temíveis de um vento contrário que nos retinha há seis semanas, partimos do Havre a 22 de Janeiro de 1816, a bordo do ‘Café’, pequeno ‘três mastros’ americano, de Nova York, fretado para conduzir-nos ao Brasil. Essa temeridade nos fez perder 12 dias de navegação penosa e aborrecida, antes de dobrar o cabo de Finisterra. Assim preparados por esse início de viagem, suportamos até 11 de fevereiro, primeiro dia feliz e de sol, que reanimou em nós a esperança de chegarmos breve às ‘Ilhas Canárias’ [...] (p. 110).

[...] No dia seguinte, uma segunda novidade assinalou a entrada no trópico, provocando o nosso espanto; foi o

aparecimento de uma multidão de pólipos navegadores, reunidos em pequenas frotas, cujas velas brilhantes prateavam a superfície das águas [...] (p. 111).

[...] Não nos sentimos menos felizes, a 26, ao sermos acordados às cinco horas da manhã pelo tiro de canhão que assinala a abertura do porto, fiel indicador da aurora que ia clarear aos nossos olhos, pela primeira vez, a entrada interior da magnífica baía do Rio de Janeiro, citada por inúmeros viajantes como uma das maravilhas do mundo [...] . [prancha nº 3] (p. 116).

Segue descrição das pranchas:

Prancha 3

VISTA DA ENTRADA DA BAÍA DO RIO DE JANEIRO

Esta vista termina à esquerda no Pão de Açúcar, cone granítico ao pé do qual existe uma bateria que defende exteriormente a entrada da baía do Rio de Janeiro, praticável unicamente por esse lado, pois em geral a barra tem apenas sete a oito braças de água [...].

Acompanhando a costa, sempre coberta de vegetação, encontra-se uma das baterias do Forte de “São João”, aí colocada para rechazar quaisquer desembarques porventura tentados e que seriam facilitados desse lado “pelas colinas arborizadas. Outra bateria, que não é possível perceber aqui, colocada do outro lado da colina que a domina, defende a entrada da encantadora enseada de Botafogo”, formando, de um lado, a abertura que termina esse primeiro plano. O terreno, de efeitos um pouco vigorosos, que segue imediatamente, é a extremidade da Praia do “Flamengo”, hoje guarnecida de lindas casas

por detrás das quais se projeta o bairro do “Catete”; esse lindo tapete de areia branca, à beira-mar, prolonga-se sem interrupção até o “Morro de Nossa Senhora da Glória”, encimado pela igreja do mesmo nome e que constituiu outrora, segundo Sonnerat, uma posição fortificada [...] (p. 121).

Segue descrevendo morros: Castelo, São Bento etc.

DO VOLUME III

Prancha 2

VISTA DA CIDADE, DESENHADA DO CONVENTO DE SÃO BENTO

Para dar uma ideia exata e geral do Rio de Janeiro, precisei acrescentar à vista apanhada de frente, do lado do mar, uma segunda vista de perfil, que mostra a extensão da cidade do lado da terra. Vê-se aqui, no plano mais afastado, a extremidade da enseada formada pelo Arsenal do Exército que se liga ao promontório do Hospital Militar e ao morro do Castelo, onde se acham os mastros de sinais e o telégrafo. No último plano, ao centro dessa primeira massa, percebe-se o bico do Pão de Açúcar, limite da barra. Voltando à beira mar e seguindo a praia interior da enseada, distinguem-se sucessivamente mais próximos, os pontos de desembarque da “Praia d. Manuel”, um trecho do “Cais do Palácio” e os trapiches mais avançados da “Alfândega”[...] (p. 137).

[...] Reportando-nos ao ponto central do desenho, temos, na massa do terreno cultivado que se pode descortinar no plano mais afastado, o morro da “Praia do Flamengo”, no fim do bairro de “Botafogo”. Logo abaixo e um pouco

mais perto do espectador, ergue-se a igreja de “N. Senhora da Glória”, cuja esplanada desenhei a segunda vista aqui registrada sob nº 3. [...] Mais adiante ainda ergue-se um dos moinhos colocados no prolongamento do “Morro de São Bento”; e, finalmente, a esplanada da igreja e do convento dos “Benedictinos”. O parreiral e a árvore pertencem aos jardins cultivados do convento, fechados pelo muro da rampa que chega até o princípio da rua Direita (p. 138).

Prancha 3

VISTA DA CIDADE DESENHADA DA IGREJA DE N. S. DA GLÓRIA

A vista da cidade, do lado da esplanada da igreja de “N. S. da Glória”, ao interesse dos pormenores ajunta o pitoresco do efeito do sol poente que, ao desaparecer, colora de roxo-avermelhado, extremamente vaporoso, a Serra do Mar, ponto extremo da baía. Parte dessas montanhas, cuja silhueta parece dentada, chama-se “Serra dos Órgãos”. No fundo da baía, alguns rios navegáveis são utilizados no transporte de diversos produtos do interior [...]. Reportando-nos à extremidade do lado esquerdo do desenho vemos o morro dito de “Santo Antônio”, bela propriedade cultivada junto ao convento dessa ordem e as duas capelas de “Santo Antônio” e de “São Luís”, erguidas na esplanada embaixo da qual se situa o chafariz da “Carioca” [...] (p. 139).

DAUNT, Ricardo Gumbleton *et al.* (ed.). *Diário da princesa Isabel: excursão dos condes D’Eu à Província de São Paulo em 1884*. Prefácio de J. F. de Almeida Prado. Notas de Ricardo Gumbleton. São Paulo: Anhembi, 1957.

Diário extraído das cartas da princesa enviadas a dom Pedro II.

Trechos:

DIA CINCO DE NOVENBRO DE 1884

Tristes adeuses. Partida da Estação do campo, às sete horas e um quarto da manhã. Parada na Estação de São Cristóvão, almoço na Barra do Pirai.

Chegada a Lorena, às duas horas e meia, com meus olhos ardendo desesperadamente, por causa do carvão. Muito bonita a casa do Visconde de Moreira Lima, excelente hospedagem, jantar que durou das sete às nove horas, concerto depois organizado pela Viscondessa e dirigido pelo Maestro Rodenas do Chile.

[...].

DIA SEIS DE NOVENBRO DE 1884

Visita à Igreja, bem bonita, sobretudo interiormente, a não ser um Santo que teriam feito melhor vestir, sendo de mármore e um baldaquim escarlate com uma armação de pau, que teriam feito melhor suprimir. As torres não me agradam muito, e não acho, à Igreja, um cunho bastante religioso.

Visita ao Engenho Central, muito interessante. O Pedro seguiu todo o processo, com o maior interesse [...].

Chegada a São Paulo, às cinco horas e meia. Muita gente na Estação, apesar da chuva de pedra, que tinha desabado sobre a cidade, mas de que nós não sofremos nada em caminho [...] (p. 27).

DIA 13 DE NOVENBRO DE 1884

Partida, às seis da manhã.

Chegada a Itu, às 10 e meia. Parou o trem, um pouco antes, para que víssemos o salto do Tietê, de que gostei muito. Perto, há uma fábrica de fiação que felizmente não tirou muita beleza ao Salto.

Em Itu, visitamos a Matriz, alguns altares bonitos. Órgão novo, da casa Cavallier-Coll de Paris. Infelizmente, já está velha. De voz cansada e não a ouvimos, d. Maria Augusta, que o bom Vigário diz ter tido o talento de: chocar o sistema nervoso com sua magnífica voz [...] (p. 32).

DIA 15 DE NOVENBRO DE 1884

[...]

O trem parou, além da Estação de Cordeiro, lugar mais próximo da casa, do que a própria estação, andamos um quarto de hora, de carro, e pelas duas horas chegávamos [...].

[...] Os cafezais são os mais belos que tenho visto [Fazenda Santa Gertrudes, do Conde de Três Rios], e creio não exagerar dizendo que vi pés de quatro metros de altura e touceiras enormes (p. 35).

DIA 27 DE NOVENBRO DE 1884

Saudosas despedidas a São Paulo, e às excelentes Condessas de Lages e de Três Rios, e muitas outras pessoas que se achavam na Estação.

Santos – chuva e portanto não pudemos apreciar quase a Serra do Cubatão. Tivemos demonstração do sistema de caminho de ferro aí adotado [...] (p. 41).

DORES, Manoel Moreira da Paixão e. *Diário – narrativas minuciosas do capelão Frei Manoel Moreira da Paixão e Dores, da nau Pedro Primeiro ...* [S.l]: [s.n], 1823.

Esse manuscrito é um diário *stricto sensu*. Diário de expedição, diário de bordo. É um documento datilografado. Há desse diário versão impressa (Biblioteca Nacional, 1938, p.171-248). Na versão impressa há notícia sobre o autor e sobre para quem prestou serviço, e de que tratam as matérias: guerra de independência na Bahia e Maranhão.

Trechos:

[fl. 6]

Diário

Depois de 17 anos de efetivo serviço no ministério de capelão a bordo dos navios da Armada Nacional; depois da última Expedição de Pernambuco, na fatal época de 1817, para onde parti daqui na Esquadra comandada por Rodrigo Lobo, e de onde tornei a voltar a esta capital, gravemente enfermo de uma moléstia do peito; e depois de me haver entregado aos médicos, por espaço de dois anos, (tempo em que não sofri as fadigas do mar); achando-me já pouco restabelecido, tive a honra de ser novamente nomeado pelo capelão-mor da Armada Imperial para exercer o sobredito ministério de capelão a bordo da Nau Pedro Primeiro, aonde para servir neste Império a Sua Majestade Imperial o senhor d. Pedro I, com toda a satisfação e verdadeiro caráter de Independente, assentei praça nesta ocasião assaz crítica, e a mais perigosa, a três de março deste presente ano de 1823.

Desde o dia da minha nomeação estive fundeado neste Porto do Rio de Janeiro até o último do dito mês, enquanto a Esquadra, que havia sido destinada à Baía de Todos os Santos, se preparava de todo o necessário para seguir seu destino.

Abril, 1º

Às quatro horas da manhã deste dia principiou a nau a dar mãos ao seu trabalho para se fazer de vela, com todos os mais navios de que se compunha a Esquadra, cujos nomes são os seguintes; seu número, seus comandantes, sua tripulação e bocas de fogo [...].

Segue enumeração que não vem ao caso transcrever

[fl. 7]

[...]

Abril, dois

2º dia da viagem, 4ª feira: — tendo navegado toda a noite, ainda ao amanhecer nos achamos à vista de terra; e virando a navegar para ela com tempo de bonança, chegamos às três horas da tarde muito perto das Ilhas Maricá; seguindo pela mesma costa, fomos fundear perto da noite, quase defronte da barra, para ali esperarmos pelo Brigue Guarani, que tinha ficado ao pé de Santa Cruz para receber dois oficiais ingleses, que haviam ficado em terra a exigirem do Ministério o mandar-lhes passar suas patentes, para poderem justificar por elas que tinham sido chamados para o serviço do Império do Brasil, e não fossem tidos por forasteiros, ou por piratas, em qualquer parte em que se achassem para o futuro.

[fl. 8/fl. 9]

[...]

Pertencente a três de abril, terceiro dia da viagem:

[...] Hoje principiou o exmo. Almirante a repartir com os seus oficiais a generosidade de seu dócil e magnânimo coração, convidando-os diariamente, por suas graduações, a dois e dois, para jantarem com ele, em cuja recepção e companhia disse ele mesmo ter o maior prazer e satisfação.

Eu e o segundo comandante desta nau, Antônio José de Carvalho, fomos hoje os primeiros chamados a receber esta honra que aceitamos de muito bom grado; e fomos também as primeiras testemunhas que o vimos cheio de todo o prazer e contentamento, administrando-nos por sua própria mão as iguarias de sua lauta e delicada mesa. [fl. 10]

– Abril, cinco –

Quinto dia de viagem, sábado. – Não houve novidade alguma que possa notar-se, mais de que termos observado a bondade da nau, pelo andar sempre avante dos mais navios [...].

Hoje, ao meio-dia, pela observação do sol, ficamos na latitude 24° - 07'S, e na longitude de 41° - 22'O [...].

[fl. 12/fl. 13]

[...]

– Abril, 18 –

18º dia de viagem, sexta-feira. – Desde o dia oito, da nossa saída, até o presente, tem continuado o costumado exército de artilharia, com toda a atividade e escrupulo, como quem se prepara ataques de uma peleja que brevemente deverá ter o seu princípio, não obstante a isso nem as máximas nem as vantajosas forças do inimigo, uma vez que não sejam atendidas as ordens e proposições do almirante que, com toda a seriedade e avidez, pretende decidir pela brandura e convenções e, finalmente, pela força, uma guerra na Bahia que, necessariamente, e por muito tempo, deverá ser prejudicialíssima, tanto para os irmãos europeus como brasileiros.

Eis aqui o verdadeiro caráter de um homem de bem, e de um bem experimentado Cabo-de-Guerra. Estes nobres

sentimentos de alma, que o Lord me faz a honra de comunicar, no momento em que acabava de me convidar para jantar com ele, são para mim tanto mais dignos de louvor quanto para outra pessoa impróprios de mais pequeno vitupério. Pela observação do sol, nos achávamos na latitude de 10° - 51'S e na longitude de 35° - 28'O.

[fl. 14]

[...]

– Abril, 23 –

23º dia de viagem, quarta-feira. – Nenhuma novidade.

– Abril, 24 –

24º dia de viagem, quinta-feira. – Fizeram-se alguns preparativos necessários para o combate, como foi: segurarem-se melhor as vergas com novas correntes, carregar-se a artilharia e distribuírem-se finalmente, por toda a oficialidade, espadas, pistolas e cartuchos. Hoje não se pode observar o sol pelos continuados aguaceiros; não obstante, a constante na oficialidade que já estávamos mui perto de terra e mui chegados à barra da Bahia. E à tarde, melhorando o tempo, vimos claramente a costa da Bahia junto à barra. Seriam cinco horas da tarde quando viramos no bordo do mar, até às duas horas da madrugada; e então, tornando a virar no bordo da terra, todos a vimos distintamente às cinco horas da manhã do dia 25 [...].

[fl. 16]

Pertencente ao dia quatro de maio:

[...]

Não posso deixar de notar o intrépido entusiasmo em que a tripulação estava por ver a heroicidade do Lord se querer bater com as superiores forças inimigas. O Lord e mais oficiais não estariam mais satisfeitos se fossem

entrar num aparatoso baile do que estavam por ir entrar em ação, cuja presença de espírito parecia afiançar a mais vantajosa vitória [fl. 17]. Os repetidos vivas que todos davam à futura vitória sobremaneira convenceu ao Almirante da valorosa disposição em que todos se achavam para o combate [...].

[fl. 29]

Pertencente ao dia sete de junho:

[...]

Noticiário

Desde o dia 28 do mês passado [maio], em que saímos a última vez para cruzar, me tem esquecido notar neste Diário a notícia que dias antes nos havia dado o Conde de Vopiér, governador da Vila Nova de Valença, distante deste Morro duas para três léguas, o qual, tendo vindo visitar o Lord, lhe deu pessoalmente parte de ter recebido notícia de Vila da Cachoeira, em que o fazia sabedor da prisão do Labatut, e que esta mesma parte dava a S. Exa. para seu governo e inteligência [...].

[fl. 33]

[...]

– Junho, 20, 21, 22 e 23 –

81º, 82º, 83º e 84º dias de viagem, sexta-feira, sábado, domingo e segunda-feira. – O mau tempo tem feito privado de sair a fragata para o Rio, assim como a Esquadra para o seu destino.

Não posso deixar em silêncio o terrível acontecimento que no dia 20 ia tendo lugar, o qual seria para nós o mais funesto dos dias. Às 11 horas da manhã, hora em que a maior parte dos oficiais se achava, uns escrevendo para o Rio, outros lendo em seus livros, ouvimos um ruído que

pressagiava iminente ruína; todos nós saímos da praça de armas, onde nos achávamos e correndo cada um para lugar onde pudesse saber a causa de tal alvoroço, vimos que já conduziam a bomba e grande porção d'água para a escotilha grande; a este tempo, subi acima da tolda, para ver de que parte saía o fumo que até ali não tinha visto e, a bombordo, vi dois escaleres cheios de marinheiros e mais de 60 a nadar para terra. Este espetáculo sobremaneira me horrorizou e, vendo a iminência de perigo, corri a empregar minhas forças para evitá-lo; encontrando um balde, nele conduzi grande porção d'água para o paiol da aguardente, junto ao paiol da pólvora, onde por descuido do moço do comissário pegou fogo em uma pipa que se incendiou de tal maneira que logo se comunicou a outra, e teria saltado ao paiol da pólvora se aos gritos do [f. 34] moço não acudissem imediatamente o Lord e o segundo Comandante Carvalho, os quais com valor intrépido desceram por entre chamas, com cobertores para as abafar a cujo exemplo correram outras muitas pessoas com prontos-socorros que, sem o valoroso exemplo daqueles dois bravos oficiais, se teriam frustrado e nós pereceríamos todos na mais violenta explosão. Três quartos de hora depois deste desastre, em que lutamos com a morte, é que viemos a recobrar tranquilidade [...].

[fl. 40]

Pertencente ao dia quatro de julho:

[...]

Reflexão

Não posso eximir-me de fazer alguma reflexão sobre os sucessos dos dias dois de julho e quatro de maio, combinando-os um com o outro. Vejo a Esquadra inimiga

composta de 14 navios de guerra que, encontrando-se com a nossa pequena Esquadra, se deixa certar na linha que formava e, em vez de atacar a nossa Esquadra, apenas se defendem as embarcações por nós atacadas e, reunindo-se, todas nos fogem, sendo por nós corridas! Nesse primeiro encontro se conhecem os dois comandantes um ao outro; vê-se João Félix fugir do Lord, e este atacando com desprezo da superioridade das forças contrárias!

A dois de julho vejo o Lord com uma só nau acompanhar a Esquadra inimiga e aprisionar em sua presença embarcações de seu comboio. Vejo a Esquadra inimiga reunir-se e dar caça à nossa nau, e esta sem receio dirige-se para a terra, sem ser perseguida, como devia, pelo inimigo (se é que como inimigo a caçava), e finalmente fazer-se bordo do mar, deixando-nos em plena liberdade para continuarmos a fazer-lhe o mal que pudéssemos! [...].

[fl. 56]

[...]

– Agosto, quatro e cinco –

126º e 127º dias de viagem, segunda e terça-feiras. – Na segunda-feira nada se ofereceu que se note, e na terça-feira nos fizemos de vela para o Porto de Itaguaí, onde fundeamos perto de terra, a qual, não tendo povoação alguma, só oferece pastagem a gado, sem nada mais ter que note.

Observação

Por motivo de moléstia, deixo de levar o Diário, seguido com a ordem praticada, sem elucidar as notícias nos seus respectivos dias, mas notarei aqui as que me ocorrerem [...].

[fl. 60]

Novembro

[...]

Avistamos terra pelas seis horas, e às oito e meia nos achamos ao sul do Cabo Frio.

Nove – Temos navegado todo o dia para a barra do Rio de Janeiro, aonde entramos às seis horas da tarde; logo que demos fundo, tivemos a honra de ser visitados por S. S. MM. II., a cujo bordo subiu o Imperador, a agradecer ao Primeiro Almirante os grandes serviços que lhe tinha feito; e como a Imperatriz não subisse à nau, por ainda não estar a escada armada, pediu o almirante licença ao Imperador para ir ao escaler beijar-lhe a mão, em cuja ocasião, descendo o Imperador à Câmara, aí me fez a honra de perguntar quantas presas se tinha feito, ao que, dizendo-lhe que, segundo o meu Diário, subiam a 76, entrando as barcas-canhoelras do Maranhão, foi o mesmo Augusto Senhor servido de m'ó pedir; e como este se não achasse em estado de poder dar, pela imperfeição em que se achava, me ordenou S. M. I. o pusesse a limpo, que queria, ao que obedecendo como humilde súdito, o faço, esperando da Alta Bondade de S. M. I. a desculpa das faltas que possa encontrar.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Diário de um escritor* (Dnévnik Pisátelia). Tradução de E. Jaey Monteiro. Introdução de Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro: Ediouro, 1967.

Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski foi um escritor e filósofo russo. Nasceu em 1821. Faleceu em 1881.

Edição com reproduções de fotografias. São quatro diários, talvez ânuas. (1873, 1876, 1879, 1880). Cf. capítulo

II (pessoal) datado de 1873; capítulo III (*book*, carnê da pessoa). Trata-se de um diário em primeira pessoa do singular, mas parece ficção.

Da Introdução de Otto Maria Carpeaux:

O *Diário de um escritor* [...], de Dostoiévski, situa-se numa pausa do seu trabalho novelístico; foi escrito no intervalo entre a publicação do penúltimo e a do último romance [...].

O *Diário de um escritor* [...] reúne crônicas jornalísticas de épocas diferentes; o trecho mais antigo data de 1861. São mais numerosas as crônicas de 1873. Mas a parte principal foi escrita durante os anos de 1876 e 1877, quando as conspirações e os atentados dos revolucionários se tornam cada vez mais frequentes, ao mesmo tempo que a Rússia czarista travava uma guerra contra a Turquia para libertar do jugo turco os povos eslavos da península balcânica e para apoderar-se dos estreitos de Constantinopla, objetivo que não foi alcançado [...].

Diário como oficina, como anotações de trabalho:

Muitas páginas são dedicadas aos grandes processos perante o tribunal do júri, às “causas célebres”, que já tinham fornecido ao romancista os enredos de obras como *Crime e castigo* e *Os demônios* [...].

O *Diário de um escritor* é, em forma jornalística, a Bíblia de Dostoiévski: a súplica da sua fé e das suas convicções, dos seus desesperos, ódios e esperanças [...].

Trechos:

Capítulo II (p. 33-38).

Capítulo Pessoal

Mais de uma vez me aconselharam a escrever as minhas recordações literárias. Não sei se o farei. A memória vai-se tornando preguiçosa e, além disso, recordar é triste. Em geral tenho pouco prazer em recordar. Apesar disso, por vezes, certos episódios de minha carreira literária surgem-me naturalmente na memória com incrível clareza. Por exemplo, aqui está algo de que me lembro. Certa manhã primaveril tinha ido ver légor Petrovitch Kovalesky [...] (p. 33).

[...]

Estou aborrecido por ter-me deixado arrastar a ocupar-me destes fatos pessoais. Aí está o que acontece quando se vão revolver recordações literárias. Tal não me sucederá mais. (p. 38).

Capítulo III (p. 39-52).

Bobok

Desta vez vou folhear o “carnet” de outra pessoa. Já não se trata de mim, em absoluto; trata-se de alguém de quem não sou de modo algum solitário, parecendo-me inútil prefácio mais longo “Carnet” da pessoa.

Disse-me anteontem Semion Ardalionovitch:

Ivan Ivanitch, nunca te embriagas?

Pergunta singular que, apesar de tudo, não me ofendeu. Sou homem calmo, que certas pessoas querem fazer passar por louco. Há pouco um pintor quis fazer-me o retrato.

Consenti em posar e admitiram a tela na Exposição. Alguns dias depois li em um jornal que se referia a este retrato: “Vão ver o rosto doentio e convulso que parece de candidato à loucura ...” Não me zanguei. Não valho bastante como literatura para ficar louco por excesso de talento [...] (p. 39).

Capítulo V (p. 61-69).

Reflexões Sobre a Mentira

Por que entre nós, russos, todo mundo mente?

Estou certo que todos me vão fazer parar aqui dizendo: “Você está exagerando demasiadamente: todo mundo, não! Você hoje não tem assunto; e apesar disso, quer produzir certo efeito entre nós lançando ao acaso acusação sensacional”. Nada disso: sempre meditei no que acabo de afirmar [...]. Desde algum tempo tenho verificado que entre nós, mesmo em as classes ilustradas, há muito poucas pessoas que deixam de mentir [...]. Estou convencido de que, nos outros povos, na maioria dos casos, somente os ociosos alteram conscientemente a verdade, pregando mentiras interesseiras. Entre nós o prazer é mentir. Poder-se-á em geral afirmar que um russo mentirá ... quase diria por hospitalidade, para ser agradável ao hóspede [...] (p. 61).

D’ORBIGNY, M. Alcide. *Voyage pittoresque dans les deux Amériques – Résumé Général de tous les Voyages [...] par les Rédacteurs du Voyage Pittoresque Autor du Monde; publié sous la Direction de M. Alcide d’Orbigny, naturaliste-voyageur [...]. Accompagné de Cartes et de nombreuses Gravures em taille-douce acier, d’après les*

dessins de MM. de Sainson, Dessinateur du Voyage de l' Astrolabe, et Jules Boily. Paris: Chez L. Tenré, Libraire Éditeur et Chez Henri Dupuy, 1836.

Alcide M. D'Orbigny foi um naturalista francês. Nasceu em 6 de setembro de 1802. Morreu em 30 de junho de 1857.

Essa obra impressa é uma compilação (um resumo) de relatos de viagens de Colombo, Las Casas, Oviedo, Gomara, Garcilazo de la Veja, Acosta, Dutertre, Labat, Stedman, La Condamine, Ulloa, Humboldt, Hamilton, Cochane, Mawe, Auguste de Saint-Hilaire, Max de Neuwied, Spix et Martius, Rengger et Longchamp, Azara, Frestier, Molina, Miers, Püeppig, Antonio del Rio, Beltrami, Pike, Long, Adair, Chastellux, Bartram, Collot, Lewis et Clarke, Bradubury, Ellis, Mackenzie, Franklin, Parry, Back, Phipps, etc. A introdução é assinada por M. Alcide d'Orbigny, organizador do volume.

Trechos:

DA INTRODUÇÃO

[...] *Le Brésil, cette immense portion du continent austral de l' Amérique, était presque inconnu. Em 1809, Maw em décrit une fraction, après son Voyage dans la province des Mines et à San Paulo [...]; mais au prince de Neuwied était réservé le premier voyage scientifique au Brésil. Il partit en 1815, visita le littoral et une partie de l' intérieur, de Rio de Janeiro à Bahia, étudiant plus particulièrement la zoologie [...]* (p. XII).

Continua citando outros viajantes que estiveram no Brasil, como Saint-Hilaire, Spix, Martius, Maria Graham, Langsdorf.

[...] *Le 16 décembre, j'arrivai à Tabatinga, autrement dit "Presidio de Tabatinga", poste brésilien, limitrofe des possessions colombiennes. Tabatinga, avec son petit fort démantelé, est située sur le bord septentrional du Marañon, au sommet d'une butte argileuse, dans l'endroit où le fleuve coule dans un seul lit encaissé et large à peine de trois quarts de mille [PL. XV – 2] [...] (p. 117, dentro de Voyage em Amerique (do sul) – Brésil).*

[...]

CHAPITRE XXVIII

Rio de Janeiro

A Rio de Janeiro, nous retrouvions l'Europe, ses impressions, ses habitudes, ses moeurs. C'en'était plus l'Amérique primitive, celle que j'étais venu chercher. Des palais, des églises, des rues magnifiques, des navires par milliers, une population imposante, voilà ce que m'offrait Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro ou Saint-Sébastien occupe la portion N. E. d'une langue de terre qui forme comme un parallélogramme irrégulier, dont la pointe la plus septentrionale l'Armazem-do-sol, à laquelle fait face l'apetite "ilha das Cabras". La partie la plus ancienne et la plus importante de la ville, dans la direction du N. O., au S. E., et dans la forme d'un parallélogramme un peu oblique. Le sol en general unine s'élève qu'à l'extrémité septentrionale pour y former quatre collines, si voisines de la mer qu'à peine

laissent-elles le long du rivage la place d'une rue. Vers le S. et S. E., la ville est commandée par divers montagens et par le promontoire du Corcovado, colline boisée [...]. Les montagens qui s'étendent vers le N. E. sont em partie couverts de larges constructions [...] [PL. XXIII – 2]. Du reste, l'arriyée d'une cour à Rio de Janeiro a fait faire à l'art un pas immense, et la capitale n'a pas été long-temps sans se ressentir de cette impulsion toute nouvelle [...] (p. 193).

[...]

La baie de Rio de Janeiro, l'um des plus beaux hâvres qui soient au monde, est la clef de la partie méridionale du Brésil; ele a été fortifié d'une manière assez complete depuis le jour où Duguay-Trouin y entra à pleines voiles et malgré les frts, pour rançonner la ville [...].

La plus grande partie de la population de Rio de Janeiro se compose de Portugais et de Brésilien blanes ou de couleur [...] (p. 194).

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*. Tradução e notas de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

Lady Maria Dundas Graham Callcott nasceu e faleceu na Inglaterra (1785-1842). Mais conhecida no Brasil como Maria Graham, foi escritora britânica, além de pintora, desenhista e ilustradora. Esteve no Brasil em três ocasiões.

No SOR da BN/RJ, há um exemplar da primeira edição inglesa do diário de Maria Graham. Trata-se de:

GRAHAM, Maria. *Journal of a Voyage to Brazil and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823*. London: Longman, etc., and John Murray, 1824.

Trechos:

DA ADVERTÊNCIA DO TRADUTOR

É esta a primeira tradução integral do jornal de Maria Graham [...]. Cingimo-nos, tanto quanto possível, ao texto inglês, nem sempre muito claro, tendo em vista que se trata de um diário, redigido muitas vezes, ao correr da pena [...] (p. XI).

[...] A presente edição aparece consideravelmente enriquecida com as notas constantes do exemplar da Autora, redigidas em sua segunda viagem ao Brasil [...].

As Ilustrações desta edição exigem, ainda, uma explicação especial. Em 1845, Sir William Callcott, viúvo da autora, legou ao British Museum uma centena de desenhos relativos às viagens ao Brasil.

Em 1849, obteve o Embaixador Joaquim de Sousa Leão Filho uma coleção de fotografias desses debuxos que cedeu à Companhia Editora Nacional e aqui se publica pela primeira vez por gentileza daquele historiador. São todos de autoria de Maria Graham.

Quanto às gravuras da edição inglesa são de Augusto Earle: O “mercado de Escravos do Rio”, “O mercado de escravos do Recife” e o “Retrato de Maria Quitéria” [...] (p. XII).

DO PREFÁCIO DA AUTORA

Ainda que a ideia de uma eventual publicação não tenha sido estranha à redação deste diário de uma viagem ao

Brasil e de uma estada de muitos meses naquele país, muitas circunstâncias imprevistas forçavam ainda a autora a revê-lo antes de ser entregue ao prelo, bem como a cancelar muitas páginas que fixavam acontecimentos públicos e privados.

Talvez restem ainda demasiadas referências de natureza pessoal, mas o que aí fica dito é, pelo menos, honesto. Se a autora tiver de pagar pessoalmente pela sua sinceridade sofrerá com satisfação [...].

A autora não tem pretensões à perfeita imparcialidade, pois nem sempre esta significa virtude. Mas, sabendo que nenhum bem humano pode ser alcançado sem certa dose de mal, espera ter sempre encarado as questões pelos dois lados, ainda que isto lhe tenha custado bastante esforço na composição.

Tudo que se diz dos naturais do país, ou dos que ficaram a seu serviço, quer permaneçam ainda nos postos, quer não mais estejam no Império, foi escrito sob a impressão do momento [...] (p. XV).

Não é com pequena ansiedade que este Diário é lançado ao mundo. Espero que desperte interesse pelo país, tornando-o mais bem conhecido. Talvez tenha a autora sobrestimado sua capacidade, ao tentar fixar o curso de um acontecimento tão importante como a emancipação de tamanho império do domínio da mãe-pátria. A falta de saúde, entretanto, e, às vezes, a falta de disposição impediram a autora de utilizar-se de todos os meios que podiam ter sido postos a seu alcance para aperfeiçoar seus conhecimentos. Espera, entretanto, que não tenha havido enganos de maior importância e que o Diário, cuja composição a entreteve em muitas horas de solidão

e tristeza, não traga aborrecimento algum a quem quer que seja. (p. XVII)

DA INTRODUÇÃO – ESBOÇO DA HISTÓRIA DO BRASIL

Para melhor compreensão dos acontecimentos políticos de que fui testemunha ocular, julguei necessário antepor o seguinte esboço da História do Brasil ao meu diário [...] (p. 3).

DIÁRIO

Cerca de seis horas da tarde de 31 de julho de 1821, após haver saudado Sua Majestade o Rei Jorge IV, que no momento embarcava para Dublin no iate “Royal George”, partimos para a América do Sul, na “Doris”, fragata de 24 canhões [...].

Passamos pelo lado em que fica a cidade fundada por Dom Henrique de Portugal, na primeira descoberta da ilha e muito sentimos que fosse tão tarde para chegarmos mais perto. A terra é alta e rochosa, mas perto da cidade há bastante vegetação e, mais acima na terra, extensas florestas [...] (p. 83).

[...]

Contemplo agora abatida esses mesmos lugares. Não vejo neles mais que simples paisagens interessantes que, exatamente ao pôr do sol, no momento em que ancoramos, estavam especialmente belas. Seriam por acaso os poucos anos acrescidos a minha idade os responsáveis pela mudança? Ou devo antes esperar que, pelo fato de ter conhecido terras cujos monumentos eram todos históricos e cujas lembranças eram todas poéticas, apurei meu gosto e minha vista? [...] (p. 84).

[...]

Logo cedo na manhã de 19, levamos uma boa parte dos guardas-marinha à terra para gozar os primeiros prazeres de andar em país estranho [...] (p. 85).

[...]

28 – Deixamos esta manhã a “tranquila e irritante” baía de Oratava, e, antes do pôr do sol vimos Palma e Gomera [...] (p. 96-97).

[...]

1º de setembro. – Os peixes-voadores tornaram-se muito numerosos e frotas inteiras de medusas passaram por nós. Içamos algumas, além de um muito belo caracol vermelho do mar [...] (p. 97).

[...]

Sexta-feira, 21 de setembro. – Afinal estamos à vista da costa do Brasil, que é aqui verde e baixa, cerca de dois graus ao norte do ponto primeiramente descoberto por Vicente Pinzón em 1.500. O tempo está muito ventoso, e o mar muito grosso, estamos ancorados a cerca de oito milhas de Olinda, capital de Pernambuco, com quinze braças de fundo, mas apesar de termos dado mais de um tiro de canhão, pedindo um piloto, não parece que venha nenhum [...] (p. 105).

[Domingo], 29 [de setembro]. – A festa de S. Miguel fez sair as senhoras, das quais não havíamos visto ainda uma só passar pelas ruas. O traje preferido parece ser o negro, com sapatos brancos e fitas brancas ou coloridas e flores no cabelo, uma manta de seda ou gaze preta ou branca [...] (p. 121).

[...]

Domingo, 14 de outubro. – Levantamos âncora depois do almoço e em breve perdemos de vista Pernambuco.

Todo domingo, segunda e terça-feira, navegamos à vista das costas do Brasil [...] (p. 143).

[...]

Quarta-feira, 17. – Esta manhã, ao raiar da aurora, meus olhos abriram-se diante de um dos mais belos espetáculos que jamais contemplei. Uma cidade, magnífica de aspecto, vista do mar, está colocada ao longo da cumeeira e na declividade de uma alta e íngreme montanha [...] (p. 144).

Continuação de domingo, 14 de outubro:

[...] A rua pela qual entramos através do portão do arsenal ocupa aqui a largura de toda a cidade baixa da Bahia, e é sem nenhuma exceção o lugar mais sujo em que eu tenha estado [...] (p. 145).

[...]

Quinta-feira, 18 [de outubro]. – Passeamos antes do almoço através de uma paisagem tão bela que aspirávamos por um poeta ou um pintor a cada passo [...] (p. 147).

[...]

Nove [de dezembro]. – Ao sairmos da Bahia, divertimo-nos a conjecturar a possível localização do estabelecimento de Robinson Crusoe [*sic*] na Baía de Todos os Santos [...] (p. 172).

[...]

Rio de Janeiro, sábado, 15 de dezembro de 1821.

Nada do que vi até agora é comparável em beleza à baía [...]. Altas montanhas, rochedos como colunas superpostas, florestas luxuriantes, ilhas de flores brilhantes, margens de verdura, tudo misturado com construções brancas, cada pequena eminência coroada com sua igreja ou fortaleza, navios ancorados, ou em movimento, e

inúmeros barcos movimentando-se em um tão delicioso clima, tudo isso se reúne para tornar o Rio de Janeiro a cena mais encantadora que a imaginação pode conceber. Ancoramos primeiro junto a uma pequena ilha chamada Villegagnon, cerca de duas milhas da entrada do porto [...] (p. 174-175).

[...]

Segunda-feira, 31 de dezembro de 1822. – Fui à cidade pela primeira vez. O caminho segue através do subúrbio do Catete cerca de meia milha. Há algumas boas casas de ambos os lados. Os intervalos são preenchidos por lojas e pequenas casas habitadas pelas famílias dos lojistas da cidade. Chegamos então ao outeiro chamado da Glória, do nome da igreja dedicada a N^a. S^a. da Glória, na eminência que domina o mar próximo. O morro é verde, coberto de matas e ornado de casas de campo. É quase insulado e o caminho passa entre ele e outro morro, ainda mais alto, exatamente onde uma abundante fonte deriva de um aqueduto [...], e traz, para esta região da cidade, saúde e fresco das montanhas das vizinhanças [...] (p. 183-184).

Da mesma data acima:

[...] A cidade do Rio é uma cidade mais europeia do que Bahia ou Pernambuco. As casas são de três ou quatro pavimentos, com tetos salientes, toleravelmente belas. As ruas são estreitas, pouco mais largas do que o Corso em Roma, com o qual uma ou duas tem um ar de semelhança, especialmente nos dias de festa, quando as janelas e balcões são decorados com colchas de damasco vermelho,

amarelo ou verde. Há duas praças muito belas, além da do Paço [...] (p. 187).

[...]

Sexta-feira, 1º de março. – [...] (p. 214).

[...]

A lua ia alta muito antes de voltarmos de nossa excursão e muito antes da chegada de nosso hospedeiro [...] (p. 217).

Quatro [de março]. – Fiquei realmente muito triste esta manhã pelo nascer do sol, ao ver os barcos prontos para levarem-nos de N^a S^a da Luz onde havia aproveitado nossos três dias tanto quanto possível, em boa companhia, com um amável anfitrião, o tempo livre e sem nenhuma obrigação, tal como poderia convir aos habitantes do castelo da indolência, “onde cada qual vagabundeava da maneira mais agradável” [...] (p. 223).

Dez [de março]. – Partimos do Rio, ao raiar do dia com plena esperança de que o tempo fresco que encontraremos ao contornar o cabo Horn e o bom clima do Chile nos farão bem a todos. Não durmo há três noites; meus dentes estão em tal estado que a vigilância durante a noite lhes é necessária [...] (p. 225).

[...]

20 de abril, 1822. – Chegamos hoje à costa do Chile. Continuei a escrever meu diário regularmente, mas ainda que perto de dois anos se tenham passado desde que o escrevi, não tenho ânimo para copiá-lo. O de três de abril em diante tornou-se o registro de um agudo tormento. De minha parte esperanças e temores alternados através de dias e noites de escuridão e tempestades, que agravam a desgraça dessas horas desgraçadas. Na noite de nove de abril, pude despir-me, e ir para a cama pela primeira vez

desde que deixei o Rio de Janeiro. Estava tudo acabado; dormi longamente e descansei; quando acordei foi para tomar consciência de que estava só, e viúva, com um hemisfério entre mim e meus parentes.

Muitas coisas dolorosas ocorreram. Mas tive também conforto. Encontrei simpatia e auxílio fraterno em alguns, e não fui insensível ao comportamento afetuoso de meus rapazes, como eram chamados os guardas-marinha. Tive o consolo de sentir que nenhuma mão estranha havia fechado os olhos de meu marido, ou amaciado o travesseiro [...].

Mas que podia fazer-me qualquer gentileza humana? Minha consolação precisa vir d'Aquele que, a seu tempo, “tira todas as lágrimas de nossas faces”. (p. 231-232).

Nas páginas 233-366, corre a “Segunda Visita ao Brasil”, um segundo diário.

Antes de começar o Diário de minha segunda visita ao Brasil, do qual estive ausente um ano e três dias, será necessário dar uma curta narrativa dos principais acontecimentos que ocorreram durante este ano e que mudaram o governo do país [...] (p. 233).

[...]

13 de março de 1823. – A bordo do ‘Col. Allen’, ancorado no Rio de Janeiro – Um dos dias mais ventosos e chuvosos que jamais me lembro de ter visto no Brasil; de modo que o magnífico panorama da baía está inteiramente perdido para os estrangeiros do Chile e não posso desembarcar nem para providenciar a hospedagem para mim e meu doente [primo dela, sr. Glennie, que adoecera na “Doris”],

ou para ajudar meus amigos de qualquer maneira [...] (p. 241-242).

LANGSDORFF, G. de. *Memória sobre o Brasil para servir de guia àqueles que nele se desejam estabelecer*, por MR. O. Cavaleiro G. de Langsdorff, cônsul-geral da Rússia no Brasil, membro de São Petersbourg, e de muitas outras Sociedades de Sábios. Traduzida por A. M. de Sam Paio. Rio de Janeiro: Oficina de Silva Porto, e C^a, 1822.

O barão Georg Heinrich von Langsdorff ou de Langsdorf foi um médico, naturalista e explorador nascido no Ducado de Nassau e naturalizado russo. Nasceu aos 8 de abril de 1774. Faleceu em 29 de junho de 1852, na Alemanha.

Obra assinada em 1820. Não é um diário *stricto sensu*. Por hipótese, é uma prosa demonstrativo-deliberativa, isto é, tem a função de louvor e ao mesmo tempo de aconselhar ações tidas como virtuosas. Pertence ao subgênero histórico memória.

Trechos:

Para satisfazer as reiteradas perguntas de muitos dos meus amigos, e ainda as de muitas pessoas, que se tem dirigido a mim, sem que eu tenha a honra de as conhecer pessoalmente; e por me poupar à contínua repetição de respostas que já tenho dado a tantas perguntas da mesma natureza, me determino a dar um ligeiro esboço do País que habitei estes últimos sete anos, quero dizer da Cidade, e Província do Rio de Janeiro.

O meu fim não é promover colonos, nem mesmo animar as emigrações dos Europeus para o Brasil; mas é unicamente

fazer conhecer a todos os que tem esse intento notícias certas e incontestáveis de um País que apenas é conhecido, e sobre o qual estão fixadas presentemente as vistas do Universo.

Eu não me aventuro a entrar aqui em detalhes Políticos, ou a manifestar as minhas ideias individuais sobre o estado atual do Gabinete de Portugal, e do Brasil; bastará dizer para instruir e assegurar a todas as pessoas que desejarem ali estabelecer-se, que o seu Governo sábio e doce protegerá sempre os seus interesses considerando-os como próprios [...] (p. 3).

[...]

A Província do Rio de Janeiro, situada perto dos confins, e fora do trópico de Capricórnio é em geral por esta situação menos quente que as terras situadas mais contíguas à Linha. Toda a Província do Rio de Janeiro, tendo de comprimento noventa léguas, e trinta e cinco de largura, é montanhosa, à exceção do Distrito dos Goitacazes, vulgarmente chamado Campos: ela é dividida naturalmente em terras elevadas, ou montanhas, e em terras planas: estas últimas são tão quentes, como quaisquer das outras situadas entre os Trópicos; e por consequência aí se cultivam não somente todos os artigos Coloniais, como café, açúcar, algodão, anil, cacau, arroz, e tabaco &c.; mas também se tem começado a plantar, e prosperam com sucesso todas as árvores de especiarias das Índias; como caneleira, o craveiro, a pimenteira &c. e todas as produções mais esquisitas do Universo, todas as árvores frutíferas do Oriente. A mangueira, o chá da China, a árvore do pão do mar pacífico a canforeira do

Japão, o gengibre, o Cordonmoma, e a casuarina da Nova Holanda [...] (p. 7).

[...]

Depois da exposição, que acabo de fazer a respeito do clima da Província do Rio de Janeiro, das suas produções, e da sua fertilidade, todos naturalmente farão desta Província a ideia mais vantajosa; mas, antes de decidir, examinemos, ainda, se ela oferece outras vantagens, e quais são as dificuldades que possam realizar o transporte dos Estrangeiros.

Comparemos outra qualquer parte do mundo, tanto ao norte, como ao sul da Linha, em nenhuma encontraremos as vantagens naturais, e políticas que observamos no Brasil [...] (p. 11).

Compara com Chile, com os EUA, com Antilhas, colônias inglesas, francesas e espanholas – afirma que nenhuma oferece as vantagens que o Brasil oferece.

[...]

Todo o emigrado deve ter um fim conforme os seus conhecimentos, e seus meios pecuniários. O capitalista, ainda que tenha somas consideráveis, não pode aumentá-las trabalhando só [...] (p. 14).

[...]

O Governo dando gratuitamente grandes porções de terras aos Colonos Europeus, lhes faz com este donativo presente de um capital considerável [...].

Eu vi aventureiros de toda a sorte, e alguns deles com diferentes pretextos obtiveram do Governo somas extraordinárias para o seu estabelecimento; e não tendo

absolutamente conhecimentos de Agricultura, causaram ao Estado, e a si mesmos perdas consideráveis [...] (p. 15).

Trata sumariamente de outras províncias como Minas Gerais, Rio Grande, São Paulo, que não vem ao caso transcrever trechos.

[...] Acabo a minha exposição assegurando que um pobre paisano, só sem algum socorro, não poderá ter de sorte alguma vantagem, estabelecendo-se como Colono no Brasil, e que pelo contrário o capitalista empreendedor fixando-se em um lugar conveniente deste rico País, poderá facilmente duplicar, e quadruplicar em poucos anos o seu capital, e tornar felizes muitas famílias indigentes, e que apenas vegetam na Europa [...] (p. 18).

MUNIZ DE SOUZA, Antônio. *Viagens e observações de um brasileiro, que desejando ser útil à sua pátria, se dedicou a estudar os usos e costumes dos seus patrícios, e os três reinos da natureza, em vários lugares e sertões do Brasil, oferecidas à nação brasileira*. Rio de Janeiro: Tipografia Americana de I. P. da Costa, 1834. T. 1.

Antônio Muniz de Souza foi naturalista. Nasceu em 1782. Faleceu em 1857.

O autor foi apelidado por seus amigos de “o homem da natureza Brasileira”. Foi filho de criadores de gado na Bahia (Vila do Lagarto), região que passou a pertencer a Sergipe. Foi autodidata no aprendizado das “primeiras letras”. O pai mandou o menino para uma fazenda de criação de gado, afastado de todos e de tudo, para que

não continuasse a aprender a ler e nem a escrever, nem ter conhecimentos letrados gerais. Passou a ser comerciante em idade adulta. Foi para o exército, voltou a estudar. Fez várias viagens.

Na edição consultada consta esboço de vida do autor. Trata-se de um livro curiosíssimo. É uma “Descrição dos usos e costumes do Brasil”. Faz reflexões, entre outras coisas, sobre os efeitos da ociosidade: “A ociosidade no Brasil é o tronco de todos os vícios”.

Apenas o primeiro volume da obra foi consultado. Não estava disponível o outro volume quando da pesquisa. No volume consultado, há uma tábua de matérias. Trata-se de relato de viagem de 1827-1828. É possível pensar em ânuas, subgênero histórico. Não é um diário *stricto sensu*.

Trechos:

DA ADVERTÊNCIA DOS EDITORES:

O Impressor, que não vê nos tipos senão meros utensílios de ganhar dinheiro, não passa da parte material, nem sabe avaliar o instrumento potente que maneja, não podendo jamais ser merecedor da estima dos seus Concidadãos, entre os quais espalha cega e promiscuamente o bem e o mal, sem atender a mais que ao diminuto lucro, que dali lhe resulta.

Assim não se havém [*sic*] os Ilustres Impressores, cuja fama acompanha na posteridade os nomes dos Autores, que imprimem. Eles rejeitam com indignação as publicações, que ofendem a moral, e as leis [...], ao mesmo tempo que procuram dar à luz as obras que propagam o saber, e a virtude, pugnam pela obediência às leis, e a manutenção

da ordem. Eis o exemplo que queremos seguir [...]; e para continuar nesta carreira, que há muito encetamos, empreendemos publicar as viagens, e observações feitas no interior por um nosso Patrício, cujo natural talento, zelo incansável, e sorte infeliz, são dignos do maior interesse da parte dos Brasileiros [...] (p. 3).

Nomeia-se o autor de “observador campestre”, incluindo-o nas publicações “sensatas desta Corte”.

Transcreve à página 4 uma recepção da obra que foi publicada no “Censor Brasileiro” em 24 de junho de 1828, que não cabe copiar para os propósitos desta pesquisa.

[...] Faz hoje perto de cinco anos que o “Censor” escrevia tão favorável atestado; a “Aurora”, o “ECHO”, e muitos outros jornais bem-conceituados se expressavam no mesmo sentido, mas nem por isso a obra de Antonio Muniz de Souza progrediu [...]. Houve demora, e até desleixo da parte das pessoas de posse dos manuscritos, e esta circunstância combinada com a falta de meios do Autor, ocasionou tão considerável perda de tempo, e talvez inutilizaria de todo um trabalho tão útil [...] (p. 5-6).

[...]

O primeiro tomo conterà, além de uma breve notícia sobre seu Autor, um livro dos usos e costumes do Brasil genericamente observados nas Vilas, Fazendas, e Sertões. A viagem pelo Distrito de Campos, e o esboço da revolução do Brasil, especialmente nas Províncias da Bahia, Sergipe, e Alagoas.

O segundo constará do catálogo de várias ervas, raízes, linhos, e outras eficazes drogas, bem como da continuação das viagens [...] (p. 6).

[...] Todo o enfeite retórico diria tão mal em semelhante obra, como um vestido de “Gigó” em uma Índia indígena. Esperamos que nossos leitores aceitarão de bom grado esta nossa empresa, e nos coadjuvarão para a levar avante, como de utilidade e honra nacional [...] (p. 7).

Descrição dos Usos e Costumes do Brasil.

Reflexões sobre os efeitos da ociosidade

A ociosidade no Brasil é o tronco de todos os vícios. A primeira classe dos ociosos se aplica à caçada e à pescaria, no que não tiram utilidade alguma, porque, não criando os campos e matos cultivados abundância de animais silvestres, como antigamente, gastam em vão o tempo, e causam um notável prejuízo, e de mais o mau costume de lançarem tinguí nos poços e lagos, com o que matam todos os peixes que ali há, priva aos mais homens do socorro de que lhes podem servir tais viventes; e faz lástima ver aqueles poços esteirados de peixes podres, rodeados de urubus; aquelas águas fazem mover o gado prenhe, que as bebe, causam peste aos homens, e a alguns acontece morrerem: além disto queimam os campos que ficam sem pasto algum, e atropelam com os cães o gado nascido de pouco tempo, quero falar de bezerros, cordeiros &c. &c.

A segunda classe é daqueles, que carregados de armas andam viajando de um para outro país, roubando e matando [...].

A terceira é daqueles que, engolfados em depravados deleites, passam os dias e as noites em deboches em funções e

convivências, nas quais, entregando-se demasiadamente à bebida, vem a finalizar as mais das vezes a sociedade em pandeadas, ferimentos, e até em mortes.

A quarta é daqueles que, munidos de cartas marcadas, andam convidando os outros para jogar, e assim lhes roubam todo o dinheiro, e às vezes as vidas [...]

A última classe é daqueles que entregues a todos os gêneros de vícios, andam luzidos, como uns fidalgos, inculcando-se mais nobres que os outros; tudo porque roubam as casas, assassinam pelas estradas os viajantes, e os alimpam de moeda, roupa, e alfaias [...]

São tantos os ociosos neste nosso Império, que supondo-o habitado de um milhão de homens livres, cem mil, prescindindo dos escravos, ou para melhor dizer, os escravos são os que trabalham, para sustentar todo o Brasil, que assim mesmo oferece suas vantagens às mais Nações [...]. Porém disto é causa forte a falta de polícia, e de energia da parte do Governo (p. 24-27).

[...]

Da Triste posição das mulheres da população, e de como são trabalhadeiras, e maltratadas, &c. &c.

Julgo do meu dever referir que as mulheres no Brasil não fazem parte da sociedade; e à exceção de um pequeno número das que há em algumas Cidades maiores, como Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro &c. &c. em todas as outras menos ilustradas, são tratadas como escravas. Elas não vão à mesa de seus pais, e menos à de seus maridos, e só se servem dos restos daqueles; não aprendem a ler, e principalmente entre o povo do centro para quem é crime uma mulher saber ler, nem escrever, e o motivo é, dizem eles “porque uma mulher sabendo ler, está habilitada

para receber cartas de namoro, e a ter correspondência de amores”, bem se vê que este modo de pensar é de homens faltos de toda a educação necessária [...]. Tais procedimentos deixam bem conhecer a maldade dos homens que as dominam os quais não são mais nem menos do que uns selvagens bem semelhantes aos gentios do sul da Bahia [...] (p. 63-64).

[...]

Viagem de 1827, a 1828

À vista da notoriedade do país de Campos, eu não ousaria pegar na pena para descrevê-lo, mas como fui obrigado a entrar, e a demorar-me nele por algum tempo não posso deixar de dar uma breve notícia mencionando somente aqueles objetos mais vulgares, e palpáveis.

A Vila de S. João da Barra está situada à margem Austral do Rio Paraíba do Sul, em uma planície arenosa, amena, e saudável, distante da foz meia légua, cuja barra que se acha em 21. 34.30. S. de latitude; e 34. 43. 15. O. de longitude tem de profundidade em preamar de marés vivas de dez a onze palmos; é de área, e por consequência mudável, o que a torna não só contingente, como perigosa a entrada das embarcações, pois só entram com vento Norte, ou Nordeste, e saem com Sul, e sempre em ocasião de maré cheia, apesar de ser balizada diariamente pelo Patrão mór, o qual é pago à custa das mesmas embarcações, e faz bem o seu dever [...] (p. 105).

[...]

Esta Vila possui um grande campo nativo intitulado Campo da Praia, próprio para criar gado vacum, e cavalar, que principia quase do Pontal do Sul, e se estende em grande distância a encontrar-se com outras maiores campinas [...].

O Rio Paraíba conserva na sua foz a largura de um quarto de légua pouco mais ou menos: tem muitas Ilhas cultivadas com plantações de canas, e fábricas de engenhos [...]. Esta Ilha é de um terreno fecundadíssimo, composto de barro e areia [...] (p. 107).

[...] O caráter dos habitantes é o que se deve esperar de gente sem educação, e por isso frequentemente se suscitam entre eles intrigas [...].

Nela [na vila em questão] contam-se oito Igrejas, que são: a Matriz do Oráculo de São Salvador, que devendo corresponder à grandeza do País, é pelo contrário a que se acha mais deteriorada, e decadente [...] (p. 108).

Enumera as outras igrejas, que não vem ao caso transcrever.

[...]

Descrição do Rio Muriaé.

Ajudado do auxílio que me prestaram alguns Cidadãos saí da Vila de S. Salvador a cinco de fevereiro de 1828, às quatro horas da tarde, fazendo viagem em canoa pelo rio Paraíba acima, o qual vai seguindo com lindos serpejos, e suas margens continuam como em princípio ornadas de Fazendas, de Engenhos, Olarias, e outros Prédios, cujas benfeitorias o tornam tanto mais brilhante, quanto delectável [...] (p. 130).

[...]

Apêndice à Viagem de Campos.

Descrição da Lagoa de Cima

A Lagoa de Cima, que melhor se chamaria lagoa formosa, como se expressou o falecido Bispo, quando pela primeira

vez a viu, está situada ao lado do Oeste, e na distância de duas léguas e meia com pouca diferença, da Vila de S. Salvador dos Campos: é este, sem dúvida, um dos lugares mais aprazíveis dos seus arredores: colocada entre colinas, cobertas e uma grama sempre verde, qualquer ponto de suas margens oferece ao espectador atento um lindo, e pitoresco quadro: de uma configuração ovoide, e seu maior diâmetro é de Norte a Sul, e tem mais de légua; o transversal terá meia légua em alguns pontos: as suas margens, e leito são arenosos, suas águas cristalinas e puras não oferecem em sua superfície a mais pequena planta aquática; o rio chamado Imbé as fornece, desaguando ao lado do Oeste; o rio Uruguai as recebe por uma outra embocadura, a que chamam barra, colocada a Leste [...] (p. 162).

REBOUÇAS, André. *Diário e notas autobiográficas*. Texto escolhido e anotações por Ana Flora e Inácio José Veríssimo (1838-1898). Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

André Pinto Rebouças nasceu em Cachoeira, na Bahia, aos 13 de janeiro de 1838, e faleceu em Funchal a 9 de maio de 1898. Foi um engenheiro, inventor e abolicionista brasileiro.

A edição consultada do diário de André Rebouças foi a de 1938. Prosa do século XIX que mistura diário e autobiografia. O livro é uma edição crítica do diário de André Rebouças.

É um diário de engenheiro. Muito técnico, objetivo. Embora remeta à origem do diarista, nascimento,

genealogia, primeiros estudos etc., grande parte da narrativa é da vida profissional de André Rebouças. Mesmo assim, há algo de subjetivo. Por exemplo, diz que tem duas chagas nas nádegas, de andar a cavalo. Quando diz do luar, não é em tom poético, mas para dizer que havia iluminação suficiente para vistoria de obra.

Ana Flora e Inácio José Veríssimo dizem, em página não numerada, que o diário de André Rebouças compõe-se de mais de vinte cadernos grossos encadernados e que foram escritos entre 1863 e 1891. Graças à amizade deles com a família do autor do diário é que conheceram esses papéis: “Sempre nos pareceu que o interesse dessa anotação da vida, das atividades multiformes, das preocupações e projetos desse homem, que tanto viveu a vida brasileira do segundo reinado e primeiros dias da República, era imenso.”

Noticiam que a princípio apenas Monteiro Lobato teve acesso ao diário de André Rebouças, mas em pequena parte. Lobato publicou, na *Revista do Brasil*, em 1920, algumas páginas sobre a Guerra do Paraguai. “Depois Carolina Nabuco e a filha de Carlos Gomes tiveram dele [do diário] conhecimento, e dele tiraram elementos preciosos para estudos que fizeram de seus pais.”

O volume é todo anotado. Em itálico correm as anotações, guias de leitura, e em redondo correm os registros de André Rebouças diarista.

Trechos:

1846

[...]

22 – fevereiro

Chegamos da Bahia no paquete nacional S. Salvador: meu Pai me ensinara em casa as primeiras letras e a meu irmão Antônio. Moramos à rua do Mata-cavalo n° 64 (sobrado de cinco janelas de grades de ferro, pertencente à família do grande Eusébio); atualmente (1881). É rua do Riachuelo n° 72 e está subdividido em duas ou três habitações [...] (p. 13).

[...]

1857

Dois de dezembro

Baile do Imperador na Escola com primeira luz elétrica. Fui promovido a segundo Tenente do corpo de engenheiros pelo então Ministro da Guerra Jerônimo Francisco Coelho [...] (p. 15).

Referente a 1863:

[...]

16 – julho

Apareceu hoje pela manhã fundeado em frente do Arvoredo um vapor de guerra, que se aproximou da Fortaleza e junto dela fundeou às nove horas [...]. O destacamento foi posto em armas, donde resultou interrupção no serviço. Observei hoje a dificuldade que há de reconhecer um navio inimigo. O sol batia sobre o vapor de frente e foi só quando ele se achava talvez a duas ou três milhas que pudemos reconhecer com o óculo o pavilhão americano [...] (p. 19).

[...]

1864

[...]

Quatro – Janeiro

Estudei pela manhã a ideia, que tive ontem e pareceu não ser praticável por não se poder dar ao pontão inclinação suficiente. Os estaleiros para naus são inclinados a 1/20. Para obter essa inclinação seria preciso imergir a parte anterior de três metros, o que não é praticável.

Fui à tarde ao Imperador. Perguntou por meu pai e pelo Antônio. Parecia não saber o motivo da minha vinda [...] (p. 29).

Capítulo Viagem ao Norte do Brasil – março a dezembro 1864:

[...]

14 – outubro

Às sete da manhã chegamos ao Ceará. Dirigi-me à casa do colega Zózimo, que tendo-se [*sic*] desencontrado foi até o vapor buscar-me. Percorri, enquanto o esperava, a magnífica coleção de mapas, cartas, Desenhos e Modelos de escrituração de Caminhos de ferro que ele conforme lhe pedira do Maranhão, tinha já toda preparada e disposta para essa rápida revista [...] (p. 47).

[...]

15 – outubro

Às 10 ½ passávamos em frente à Vila dos Touros (do Rio Grande do Norte). Há na praia duas rochas cinzentas muito distintas, que, disse o prático Felipe Pereira, são formadas de uma matéria inteiramente semelhante aos

resíduos de carvão de pedra queimado nas fornalhas do vapor. Disse também ter-se sentido aí não há muito um terremoto [...] (p. 48).

[...]

Os anotadores dizem que André Rebouças vai primeiro ao Recife e de lá embarca para o Rio – data de 15 de dezembro.

17 – dezembro

Pus em dia este diário. Escrevi uma carta ao secretário Serra da Paraíba participando-lhe que o colega Amaral na sua última carta dizia aceitar lugar da Paraíba, caso não mandassem contraordem para ele ficar no Maranhão, como exigira o Presidente Leitão da Cunha [...] (p. 59).

1865

[...]

26 – janeiro

Depois das últimas notícias do Sul estava num estado de frenesi novo em mim – parece-me que nada faço ocupando-me de cousa estranha quando corre sangue brasileiro ...

Jantei com o Carneiro da Rocha em um hotel e fomos depois assistir ao 2º meeting do dr. Dias da Motta no Teatro Lírico – que correu muito mais brilhante e entusiasmado do que o 1º.

O teatro estava todo iluminado e continha para mais de duas mil pessoas [...] (p. 63-64).

[...]

21 – maio

Às quatro da manhã estava acordado. Às sete embarquei no S. Francisco (antigo Cotopaxi – vapor americano) – a minha bagagem. Às sete e meia estava de volta à

terra; almocei, fardei-me e às oito estava no Arsenal. O Imperador já estava com o Duque de Saxe e os Ministros Marques de Olinda, Ferraz, Paula e Souza e Saraiva.

Os voluntários Pernambucanos [voluntários da Guerra do Paraguai, pois essa parte é do capítulo intitulado Guerra do Paraguai – 1865-1866] embarcaram em primeiro lugar no S. Francisco. No “Imperador” embarcaram as duas companhias de Zuavos da Bahia [...] (p. 67).

[...]

Primeiro – junho

[...]

A pouca distância tivemos o desgosto de encontrar o corpo de um mísero soldado, que acabava de falecer de bexiga e que era conduzido à sepultura por cinco companheiros. A tenda do General se distinguia das dos outros oficiais do quartel General por estar cercada de uma linha de abatizes. Era uma simples barraca de lona branca, forrada de chita roxa, que mal continha um pequeno leito de campanha e duas canastras de viagem. Em frente se tinha levantado uma palhoça com dois jiraus que serviam de cama e canapé, uma mesa em que escrevia o seu secretário [...] e uma outra mesa das mesmas dimensões (quatro palmos sobre cinco quando muito) que servia para jantar. A quatro passos do lado direito da barraca ficava a cozinha em pleno ar, em que se assava o clássico churrasco [...] (p. 69).

[...]

Quatro de setembro

Noite quase quente: passei-a quase toda acordado sonhando ou refletindo.

... Que se devia criar uma província interior, que receberia o nome de Província das Missões ou Guaira, e que teria por capital [p.86] a cidade de Nova Estrasburgo ou Isabelina na confluência do Rio Iguassú com o Alto Paraná [...] (p. 85). Em continuação a narração da chegada do Imperador ao acampamento em que estavam no Sul, em setembro 11: [...]

Foi uma cena deveras grandiosa a chegada da ilustre cavalgada. A manhã, até então chuvosa e úmida, limpou: dir-se-ia que o sol não quisera faltar naquela reunião de tudo que há de mais ilustre da América do Sul. O Imperador, com sua grande figura, dirigindo-se aos seus súditos, a Mitre, a Flores, a Paunero, ao Magarinos, a todos que o cercavam, enfim, parecia dizer: Confessai que sou realmente o primeiro cidadão da América do Sul [...] (p. 98).

[...]

11 – Janeiro [1866]

É tal a escassez de utensílios para cortar mato, cavar terra, etc., que só o Batalhão de Engenheiros possui alguns já muito deteriorados pelos trabalhos na longa viagem de Concórdia a Corrientes. Sempre que qualquer divisão tem necessidade de pás, enxadas, manda pedi-las de empréstimo ao Batalhão de Engenheiros.

Não foi mais feliz o General Andréa nas suas reclamações sobre o fornecimento de dietas para o Hospital Ambulante: todos os dias nas partes dos médicos da primeira divisão se lê: “Não foram enviadas pelo fornecedor as dietas pedidas para os doentes” [...] (p. 107).

[...]

20 – julho

— Dia claro.

Chegamos ao Rio de Janeiro às 11 da manhã, tendo marchado sempre o “Carmel” com velocidade de 197 a 210 milhas em 24 horas.

Ao meio-dia tinha a felicidade de beijar a mão ao meu bom Pai, no escritório na rua Direita nº 64. O resto do dia foi ocupado em receber a bagagem na Alfândega, etc. etc. Às quatro da tarde abraçava em nossa casinha ao Morro de Santa Tereza, em frente à rua de Petrópolis nº 35-C – as minhas boas irmãs Ana e Carolina. – Os pequeninos Pedro e José achavam-se no Colégio do Cônego Fonseca Lima, a Maria Carolina no das Irmãs de Caridade no Botafogo [...] (p. 113).

Segue o diário com anotações dos anos de 1866 – 1871; “As Primeiras Docas no Brasil – Lutas Profissionais”.

[...]

31 – maio [1871]

[...]

O Barão de Mauá é indubitavelmente o mais inteligente e o mais patriota dos capitalistas, com quem tenho tratado. Se não fossem os seus embaraços financeiros e sua ausência no Rio da Prata, nunca teria tratado com outro.

Das quatro e meia às seis, estive no Passeio Público com a Comissão da Exposição de Flores, que aí deve ter lugar em setembro [...] (p. 193).

[...]

1872

[...]

Nove – Janeiro

Esmagado de dor, mal pude fazer o expediente e visitar as obras e os trapiches. Às quatro e meia estava em casa do meu bom amigo o Visconde de Itaboraá, cumprindo o último dever de amizade e gratidão. Enterrou-se no nosso cemitério de S. João Batista, no lado direito da rua, que vai ter ao túmulo da família Rebouças. Graças a Deus seremos vizinhos na última morada.

À noite nada pude fazer extenuado pela dor [...] (p. 199).

Segue a narrativa com anotações diárias de 1872-1873, “Viagem à Europa e Estados Unidos” e “1873-1880, Fim do Industrial”. Depois, “Entre a Abolição e a República – 1889-1890”.

1889

Dois de janeiro

Em Petrópolis.

Cinco horas – Acordar, Toilette, Banho, Diário, Balancete, etc.

Sete horas – Começando a redigir uma Mensagem da Sociedade Central de Imigração ao Imperador felicitando-o pelo glorioso ano de 1888 e expondo o nosso programa em 1889.

12 horas – Fazendo vários extratos do Retrospecto da Europa durante o ano de 1888.

[...]

Sete horas – Em passeio com d. Pedro Augusto. O Imperador repreendera ao Ministro da Justiça Ferreira Viana o proceder caviloso da Polícia no conflito de 30 de dezembro de 1888 da Guarda Negra com republicanos – escravocratas –. Como sempre, Pedro II sustentou as doutrinas: “Não matar” – e “Deixar discutir”. – Repetiu-se a pungente cena de 14 de maio de 1888 quando chegou

a Milão o telegrama da Abolição. O Imperador tinha a cabeça envolvida em gelo e parecia moribundo [...] (p. 323).

Essa parte do diário tem sempre essa sistemática de anotação: dia a dia, quase hora a hora, em anotações mais curtas, mais diretas, mais enxutas. Depois, “Últimos Anos – I e II Parte – 1891-1898”, sendo que a I parte é diário e a II parte é um conjunto de cartas ativas. No início da parte I os anotadores dizem que “o diário deixa de ter o caráter de anotação circunstanciada da sua atividade. O de 1891 (o último?) é feito numa agenda de poche belga, onde anota sucintamente o que fez. São [,] porém [,] ‘quase escritos por símbolos que bem poucos compreenderão’” – as aspas se referem a palavras de André Rebouças para Nabuco em carta (p. 363).

Abaixo se refere à parte I:

1891

Primeiro de janeiro

Circuncisão – Chuva à noite; manhã dúbia; dia enublado; tarde clara.

Temperatura de 8°, 5-12°, sete centígrados. Trabalhando na Enciclopédia Socionômica [...]. [os anotadores dizem parecer perdida] (p. 363).

[...]

Oito de abril

Anoitecer com Marte em Áries e Saturno em Léoo; sol pela manhã, brisas do Norte e Leéste, dia e tarde com algumas nuvens.

Temperatura de 9°, 8-17°, 9 Centígrados.

Trabalhando na Enciclopédia Socionômica. Visita-me o Visconde de Milício, Redator-proprietário do Comércio de Portugal, Par do Reino, filho do dr. Milício, médico em 1828 no Rio de Janeiro, muito grato ao Imperador e à Princesa Redentora [...] (p. 367).

Referente ao dia 31 de dezembro de 1891:

[...]

Não deixei em olvido o 11 de setembro de 1865 – chegada de Sua Majestade Imperial a Uruguaiana; nem deixarei o 18 de setembro – data da incruenta e filantrópica rendição e muito menos, o 28 de setembro de 1871, bel Aurora da Abolição – Mercê de Deus! Temos belas Efemérides.... Cada dia é assinalado por um benefício sincero ao Brasil e à Humanidade.

Sempre muito devotado

André Rebouças (p. 381-382).

RENAN, Ernest. *Recordações de infância e juventude*. Tradução de Osório Borba. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

Joseph Ernest Renan foi um escritor, filósofo, teólogo, filólogo e historiador francês. Nasceu em 1823. Faleceu em 1892.

Título original dessa obra impressa: *Souvenirs d'enfance et de jeunesse* (primeira edição de 1883). Pertence à Coleção memórias, diários, confissões.

Trechos:

Do Prefácio:

[...]

Dessas reminiscências nasceram os seis capítulos que compõem este volume. As Recordações de Infância não pretendem constituir uma narrativa completa e contínua. São, dispostas quase sem ordem, as imagens que me surgiram na memória e as reflexões que me ocorreram ao espírito enquanto eu evocava, assim, um passado de cinquenta anos [...] (p. 7).

[...]

O que em história constitui uma qualidade, aqui teria sido um defeito. Tudo neste pequeno volume é verdadeiro, mas não daquela espécie de verdade que se exige para uma Biografia Universal. Muita coisa foi incluída no livro para provocar riso [...] (p. 8).

[...]

A ordem natural deste livro, que não é outra senão a própria ordem dos diversos períodos de minha existência, estabeleceu um contraste entre as narrativas de coisas da Bretanha e as do seminário, todas cheias, estas últimas, das lembranças de uma luta sombria, impregnadas de raciocínio e de uma áspera escolástica, ao passo que as recordações dos meus primeiros anos nada apresentam senão impressões de uma sensibilidade infantil, de candura, de inocência e de amor [...] (p. 9).

Capítulo V (p. 269-275).

Termino aqui minhas reminiscências, pedindo perdão ao leitor para a falta imperdoável que um tal gênero faz cometer em cada linha. O amor-próprio é tão hábil em suas secretas manobras que, por mais que façamos a crítica

de nós mesmos, ficamos sob a suspeita de não haver sido francos [...]. Resta-me ainda muitas coisas a fazer para que de agora em diante possa distrair-me num jogo que muitos tacharão de frívolo. Minha família materna de Lannion, da qual herdei o temperamento, ofereceu muitos casos de longevidade; mas persistentes perturbações de saúde me induzem a crer que a hereditariedade não prevalecerá quanto a mim [...]. O tempo ainda que me resta de vida, de qualquer modo, será consagrado a pesquisas em torno da pura verdade objetiva. Se estas linhas forem as últimas confidenciais que eu terei trocado com o público, permita-me ele agradecer-lhe o modo inteligente e simpático por que me amparou [...]. As duas únicas ambições que manifestei na vida, entrar para o Instituto e para o Colégio de França, foram satisfeitas [...] (p. 269-270).

[...]

Minha experiência de vida foi [...] muito suave, e não acredito que já tenha havido, na medida da consciência que comporta hoje nosso planeta, muitos seres mais felizes do que eu [...] (p. 273).

RODRIGUEZ, Martín. (General). Memórias. In: *Memorias y autobiografias*. Buenos Aires: Imprenta de M. A Rosas, 1910. T. I.

Martín Rodriguez nasceu em 1771. Faleceu em 1845. Foi político e militar argentino. Participou das guerras de independência da Argentina.

El brigadier general don Martin Rodriguez nació en Buenos Aires, el 11 de noviembre de 1771. Sus abuelos

paternos fueron don Ramón Rodríguez Mauriño y Caballero y doña Maria Gimenez de Paz y Benavides, naturales de Buenos Aires. Los maternos, don Fernando Rodríguez, natural de Lisboa, y doña Lucia Magallanes, de Buenos Aires. – Sus padres fueron don Fermin Rodríguez, capitán con grado de mayor [...].

Empezó su carrera militar el año de 1806.

Fui nombrado capitán en uno de los cuerpos urbanos que se formaron para repeler la invasión inglesa al mando del general Beresford [...] (p. 113).

[...]

Yo me entraba todos los días á la ciudad y lo pasaba tiroteándome con los centinelas avanzados de los ingleses. En uno de esos días tuve una fuerte guerrilla en frente de la iglesia de San Miguel, en la que perdi cuatro hombres y uno mal herido [...] (p. 115).

[...]

Al llegar aquí, la grave enfermedad que nos há privado del General, no le dejó continuar más, disse el original que hemos tenido á la vista. – N. del E. (p. 132).

RUGENDAS, Johann Moritz. *Rugendas e a viagem pitoresca através do Brasil: com todas as ilustrações originais da edição francesa. Apresentação e texto de Herculano Gomes Mathias. Reproduções fotográficas Alexandre Wulfes. São Paulo: Ediouro, 1967.*

Johann Moritz Rugendas foi um pintor alemão que viajou por todo o Brasil durante o período de 1822 a 1825, pintando os povos e costumes que encontrou. Rugendas era o nome que usava para assinar suas obras. Nasceu em 1802. Faleceu em 1858, na Alemanha.

Essa edição consultada é um livro de pranchas – desenhos, pinturas (aquarelas), gravuras – não um livro de texto. É um diário pictórico, de desenhista.

Em 1818, embarcava Rugendas no Rio de Janeiro de regresso a Viena, depois de ter estado por quase um ano no Brasil. Em 1845, ao que se sabe ou ao que parece, como diz o autor da apresentação do volume consultado, esteve novamente no Brasil, deixando o país em 1846.

O livro de Rugendas – *Viagem Pitoresca através do Brasil* – teve duas edições no XIX: uma alemã em 1835 e outra francesa no mesmo ano. *A viagem de Debret (Viagem Pitoresca)* foi publicada um ano antes, em 1834 em Paris, por sua vez.

DA APRESENTAÇÃO (por Herculano Gomes Mathias)
[...] A *Revista da Semana*, do Rio de Janeiro, promoveu a publicação completa dessa mesma série, de 30 de outubro de 1937 a 11 de novembro de 1939. Muita gente colecionou essas reproduções principalmente pela dificuldade de conseguir a obra original devido à sua raridade e elevado preço.

Em 1940, a Livraria Martins, de São Paulo, iniciou uma série especial de livros sobre o Brasil, sob a direção de Rubens Borba de Moraes, a que denominou Biblioteca Histórica Brasileira. O primeiro volume publicado foi, exatamente, a *Viagem pitoresca através do Brasil*, de João Maurício Rugendas, com tradução e notas de Sérgio Milliet [...] (p. 24).

Em Obras Raras – Cofre – BN/RJ, há esse exemplar importante: RUGENDAS, Johann Moritz. *Voyage pittoresque dans le Brésil...*, 1835.

RUGENDAS, João Maurício. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. Ilustrado e com 110 gravuras. São Paulo: Martins, 1949.

Rubens Borba de Moraes em nota diz:

João Maurício Rugendas nasceu em Ausburg, em 1802, e morreu em Weilheim, em 1858. Pertencia a uma família de artistas [...]. Estudou com seu pai que era professor e diretor da escola de desenho de sua cidade natal [...]. Devia já [...] ter um certo nome na Alemanha, quando o destino o fez empreender a sua primeira grande viagem [...].

Na expedição Langsdorff, Rugendas (que abandonou a expedição) foi substituído no posto de desenhista da expedição por Amado Adriano Taunay.

Não possuímos um itinerário das excursões de Rugendas. Em vez de descrever a sua viagem, preferiu redigir, para acompanhar a publicação de seus desenhos, um longo estudo geral sobre as condições do Brasil, onde, entre muita ideia obscura e errada, existem observações interessantes e de incontestável valor, que merecem ser mais conhecidas.

Rugendas reuniu cem dos desenhos feitos no Brasil, publicando-os em edição “suntuosa” (1835) em francês e alemão em Paris na litografia de Engelmann.

Segundo Rubens Borba de Moraes, Rugendas tem valor “documental inigualável” para o Brasil. Rugendas não era somente um artista hábil, possuía um sentido muito agudo do pitoresco, sabia escolher a cena curiosa e característica e a paisagem típica.

Sérgio Milliet diz em nota (Nota do Tradutor, 1949):

O texto da obra de Rugendas não se constitui apenas de descrições mais ou menos fiéis, em que certos erros de apreciação ou de terminologia poderiam ser corrigidos, de acordo com os nossos conhecimentos da vida brasileira durante o primeiro Império. A tais descrições se juntam comentários de ordem econômica, social e mesmo filosófica, o mais das vezes confusos [...].

[...] procuramos manter, na tradução, o mais possível, o espírito do autor e o seu estilo, conservando os erros do texto e só esclarecendo as confusões na medida em que julgamos se devessem a falhas gramaticais, de regência ou outras.

Rugendas foi, principalmente, um grande desenhista; não é portanto de se lhe exigirem uma acuidade e uma precisão estilística que nem sempre se encontram nos melhores escritores. Mas, mesmo amputada de suas belíssimas gravuras, com todos os seus erros e todas as suas confusões, sua obra constitui um dos mais curiosos e honestos documentos acerca do Brasil antigo.

Trechos:

DO AUTOR:

A baía do Rio de Janeiro é de forma oval e regular, com inúmeros golfos e promontórios. Seu maior comprimento, de sul a norte, é de cinco léguas e sua maior largura, de oeste a leste, é de quatro. Entra-se na baía, vindo do oceano, por um canal mais estreito, ou melhor, por uma espécie de vestibulo não menos irregular, cuja saída para a baía tem mais ou menos uma légua de largura, ao passo que do lado do mar a entrada é de mil braças. É essa embocadura exterior da baía do Rio de Janeiro que a primeira prancha deste caderno representa; foi ela desenhada em pleno mar, a pequena distância da terra. À esquerda, o olhar se fixa na estranha pirâmide de pedra do Pão de Açúcar, cuja figuração fica gravada na lembrança de todo marinheiro que tenha navegado uma única vez que seja ao longo dessa costa (p. 16).

As cascatas da Tijuca constituem um dos panoramas mais pitorescos das cercanias do Rio de Janeiro. A estrada que para lá conduz atravessa o bairro de Mata-porcos, perto do Palácio Imperial de São Cristóvão, e segue o riacho de Tijuca na encosta setentrional do Corcovado, passando ora entre férteis plantações de laranjeiras, de bananeiras, de café, ora no meio de bosques floridos de tufos de trepadeiras, ora enfim por baixo de grupos isolados de magníficas palmeiras ou de árvores de espessa folhagem, restos da antiga floresta virgem [...]. A mais ou uma légua do Rio de Janeiro, um riacho se precipita dos cimos mais elevados do Monte Tijuca e joga-se de uma parede rochosa de cento e cinquenta pés mais ou menos de altura (p. 23).

Na vizinhança do Rio, a primeira aldeia de alguma importância é a do Porto da Estrela, à margem do Inhomirim que se joga na baía do Rio. As mercadorias destinadas às (p. 24) províncias do interior, como Minas Gerais, Minas Novas, Goiás, etc., são primeiramente conduzidas, da mesma forma que os viajantes, em pequenas embarcações, do Rio ao Porto da Estrela, afastado de sete léguas. Aí elas são confiadas à tropa de mulas que, por seu lado, trazem, de volta, carga para os navios no Rio de Janeiro. Nesse sentido existe curiosa analogia entre o comércio de Porto da Estrela com o Rio de Janeiro, e o de Aldeia Galega com Lisboa [...]. [trata em seguida de explicitar a curiosidade analógica, que não vem ao caso transcrever, mas pensar na narrativa que também se constrói por analogia] [inicia o caso com “sabe-se que”] (p. 24).

Essa analogia de situação entre a antiga capital da metrópole e a nova capital das colônias, essa semelhança que se verifica ainda em muitos pontos, deve ter impressionado fortemente os primeiros portugueses que aqui se estabeleceram [...] (p. 24).

No Brasil, o único meio de transporte, tanto para os homens como para as mercadorias, é o cavalo ou a mula; no estado atual das comunicações e das estradas, não se pode pensar no emprego de carruagens; quando muito, algumas senhoras fazem-se carregar em liteiras, mas viajam raramente. Deve-se aconselhar, por conseguinte, a quem deseja visitar o Brasil ou qualquer outra parte da América meridional, a que aprenda a montar a cavalo antes de deixar a Europa [...] (p. 26).

No que diz respeito à alimentação do viajante e aos cuidados que precisa ter para consigo mesmo, é de regra,

e mais garantido, levar tudo de que precise ou pense precisar [...] (p. 28).

Os antigos autores dividem os habitantes do Brasil, em Tupis e Tapuias e essa divisão baseia-se em parte na língua, em parte na organização física, em parte finalmente, nas tradições e nos fatos históricos [...] (p. 63).

Os relatórios dos mais antigos viajantes, como Jean de Léry, Hans Staden, etc. demonstram que, na época da conquista, os habitantes primitivos do Brasil estavam num estágio de civilização mais elevado que aquele em que os vemos hoje. A razão principal dessa decadência está, sem dúvida, nas suas relações com os portugueses. Muitos viajantes consideram os povos atuais do Brasil como ainda em estado natural ou como tendo chegado apenas ao primeiro degrau da civilização. Outros, ao contrário, referem-se aos funestos efeitos da civilização europeia sobre esses selvagens e sustentam que eles são incapazes de assimilá-la [...]. Os índios não são homens em estado natural e não são selvagens, mas sim homens que retrocederam ao estado de selvageria, porque foram rejeitados violentamente do ponto que haviam chegado [...] (p. 65).

Os habitantes do Rio são, em geral, sóbrios no seu modo de viver e os da classe média ou abastada são os que mais se distinguem por essa qualidade. Sua alimentação é simples e se compõe principalmente de frutas, legumes e queijo. Sua sobriedade é igualmente notável em relação às bebidas alcoólicas, embora isso se aplique menos às classes inferiores, para as quais, em verdade, os vinhos generosos e a aguardente de cana são necessários até certo ponto, pois de outro modo, os alimentos pesados, que

constituem sua alimentação principal, mandioca, milho, feijão e carne seca salgada, lhes seriam nocivos. Raramente se encontram bêbedos, mesmo entre os brasileiros da mais baixa categoria; tais excessos são mais frequentes entre negros e índios [na nota diz que por brasileiros entende brancos nascidos no Brasil, ou por habitantes cuja cor se aproxima do branco]. O que prova melhor que as palavras que os habitantes do Rio adotaram em gênero de vida de acordo com seu clima, é a excelência do estado sanitário [...] (p. 137).

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)*. 2 ed. Tradução de Leonam de Azeredo Pena. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1939.

Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire foi um botânico, naturalista e viajante francês. Nasceu em 1779. Faleceu em 1853, na França.

DO PREFÁCIO [sem numeração de páginas na edição consultada] DE MAX FLEIUSS

[...] Saint-Hilaire foi, como julgou o Visconde de Taunay, um dos maiores e mais úteis amigos do Brasil, botânico ilustre, viajante tão verídico quanto minucioso, que percorreu, durante seis anos, muitas províncias do Império, centrais e litoral até a Cisplatina [...]. [livro dividido em IX capítulos].

Trechos:

DO “CAPÍTULO III (p. 61).

A cidade de Benevente e os índios civilizados – a Vila de Guarapari – Chegada às margens da Baía do Espírito Santo [...].

[há uma tábua de matérias na edição consultada].

Quando cheguei diante de Benevente, que fica situado na margem setentrional do pequeno rio do mesmo nome, uma piroga veio buscar-me conduzida por um negro. Embarquei com Préjent, o botocudo. A piroga estava carregada, o vento soprava com força, a maré arrastava e o canoieiro era inexperiente. Não pude, confesso-o, esquivar-me de algum receio; entretanto, chegamos sem nenhum incidente.

Perguntei a algumas pessoas que vi na praia onde poderia passar a noite, e foram acordes em dizer-me que não acharia alojamento, se não no antigo convento dos Jesuítas [...]. Passaram-se, mais ou menos, duas horas, para que chegasse à margem esquerda do Benevente toda a minha caravana, e, durante esse tempo, tive de ficar na praia, com meus trastes expostos ao mais ardente sol [...] (p. 63). Como aquele dia era precisamente um domingo, ainda mais, da festa do Rosário, uma multidão de toda a vizinhança havia chegado à vila.

Apenas desembarquei, fez-se um círculo em torno de nós, e, a cada instante, mais aumentava o povo. Índios civilizados, negros, luso-brasileiros, nos olhavam quase mudos, com ar estranho, estúpido [...] (p. 64).

[...] Das montanhas que se descortinam à distância, do lado de noroeste, desce um riacho que logo depois de sua embocadura dirige-se bruscamente rumo a oeste.

É no ângulo formado por essa curvatura que se ergue a cidade de Benevente, chamada também Vila Nova ou Vila Nova de Benevente. Compõe-se de cerca de 100 casas, cobertas, algumas de telhas e outras de palha, e das quais, muitas têm um andar além do térreo.

Ao redor do principal grupo de casas, que é o mais próximo do riacho e apresenta uma espécie de triângulo, o terreno eleva-se, formando um declive rápido onde a rocha se mostra a nu [...] (p. 65).

[...] Após ter deixado Benevente, caminhei a princípio pela praia; passeio muitas vezes pela floresta, e desta para aquela e tendo percorrido três léguas e meia numa região montanhosa, pontuada de cabanas, cheguei à Aldeia de Meiaipe [miaipê] [sic], dependente da paróquia de Guarapari e situada à margem de uma enseada; ao norte aparece um grupo muito considerável de casinhas; além são colinas cobertas de mato e diante da aldeia, no mar, aparecem recifes negros, quase à flor d'água [...] (p. 72).

[...] A vila de Guarapari foi construída em posição muito pitoresca na embocadura do rio do mesmo nome; mas, em vez de estender-se pela margem do rio, com ele confinou-se perpendicularmente; e não se pode alcançar a praia senão (p. 75) após atravessar a cidade em toda sua extensão [...] (p. 74).

[...] À margem do rio Guarapari, oposta à cidade, quer dizer, à margem esquerda ou setentrional, elevam-se alguns rochedos negros; uma planície coberta de arbustos e de espinhos se estende atrás; vê-se, do lado do setentrião, na margem da pequena baía em que se lança a ribeira, uma fila de cabanas que forma um semicírculo em que o horizonte é limitado por montanhas [...] (p. 75).

[...] Deixando Guarapari, eu passei o rio. Serve-se de uma piroga para transportar os homens de uma margem a outra e se obriga os cavalos e as bestas, em suma, a atravessar a água, nadando [...] (p. 76).

[...] Entre todas essas montanhas, seria impossível não se notar a de Jucutacoara que termina por um rochedo nu, arredondado no cume, e cilíndrico. Ao Norte surgia, entre os morros, sobre um plano afastado, o pico de Mestre Alvo, distante oito a nove léguas. Volvendo, de novo, minha atenção para a baía, era-me agradável contemplar as ilhas de que é semeada e que são entre elas pouco semelhantes pela extensão e pela forma. Ao pé da colina, de cujo cume eu admirava esse magnífico panorama, vi as águas do Aribiri reunirem-se às da baía, após haverem serpenteado na campina [...] (p. 82).

[...] Nas partes do Brasil em que se viaja por terra, sente-se, chegando às cidades, as maiores dificuldades para encontrar hospedagem e sobretudo para guardar os animais [...] (p. 82-83).

SOUSA, Bernardo Xavier Pinto de. *Memórias da viagem de suas majestades imperiais à província da Bahia coligidas e publicadas por P. de S.* Rio de Janeiro: Typ. Ind. Nacional de Cotrim e Campos, 1867.

Há retrato de SS. MM. no início da encadernação. Não pertence à obra. Trata-se de uma viagem de recreio, simples, delicada de maneiras, sem pompa e nem aparato. São chamadas Suas Majestades, no Prólogo, de “augustos viajantes”. Encadernado junto com essa edição há outro livro semelhante, de outra viagem: “Viagem a Pernambuco”.

Trechos:

[Proêmio]

Empreendendo o trabalho que hoje apresentamos ao público, não tivemos por único objeto satisfazer a curiosidade do leitor com a descrição das festas, a que deu motivo em diversas províncias a visita imperial [...] (p. V). [...] Queremos falar da unanimidade com que se pronunciaram os sentimentos das diversas classes a respeito de tudo quanto podia provar que assim nas capitais, como nos últimos lugares das províncias, foi o senhor d. Pedro II recebido e considerado como um Brasileiro a quem os seus compatriotas conferiram o lugar de primeiro representante da nação, se já lhe não competisse por direito; como o mais querido dos irmãos no seio de uma grande família [...] (p. V).

[...]

Quanto à virtuosa Imperatriz julgamos exprimir em poucas palavras o sentimento geral, dizendo que dos brasileiros, que tiveram a fortuna de conhecê-la, nenhum houve que não se lisonjeasse de contemplar n'ela uma digna consorte do senhor d. Pedro II [...] (p. VI).

[...]

Se pois as presentes Memórias tiverem o mérito de esclarecer e firmar sobre esses pontos a opinião de contemporâneos e vindouros, satisfeito também ficará o principal desejo de quem as escreveu e coordenou (p. VI).

**EMBARQUE DE SS. MM. II NO RIO DE JANEIRO.
PRIMEIRO DE OUTUBRO DE 1859**

Ao amanhecer d'este dia já concurso imenso de pessoas de todas as classes e hierarquias se apinhava no arsenal

de marinha para assistir ao embarque e bota-fora dos Augustos Imperadores [...].

SS. MM. Chegaram ao arsenal, onde se achava postada uma guarda de honra, poucos antes das oito horas, e depois de receberem os últimos cumprimentos e despedidas de muitas pessoas ali reunidas, embarcaram [...] no vapor “Apa” [...].

O imperador, que trajava o uniforme de almirante, logo que o vapor principiou a mover-se subiu ao tombadilho, e com o chapéu na mão correspondia comovido aos numerosos sinais de simpatia que lhe dava a multidão apinhada de uma a outra ponta do arsenal [...] (p. XIII).
DIÁRIO DA VIAGEM DE SUAS MAJESTADES IMPERIAIS.

Seis de outubro de 1859

Chegada de SS. MM. À Capital.

Desde a véspera d’este dia a crescente agitação geral anunciava a aproximação do memorável fato que há de sempre avultar brilhantemente na história do povo baiano [...].

Na madrugada de seis voltaram à capital os srs. primeiros tenentes da armada Inácio Accioli de Vasconcellos, e Manoel Ernesto de Sousa França, que na véspera tinham saído no vapor “Valeria de Sinimbú”, com o fim de verificar a aproximação da esquadra imperial [...].

Logo pela manhã, pois, e à mesma hora em que se presumiu dever ter partido do ancoradouro do Morro de S. Paulo a esquadilha imperial, ouviram-se os três tiros do navio chefe, ordenados no programa; a resposta, dois minutos depois, pelo Forte do Mar; e os repiques dos sinos da catedral.

Saiu então ao encontro de SS. MM. uma bonita flotilha composta dos vapores “Cotinguiba”, “Paraná”, “Santa Cruz”, “Gonsalves”, “Martins”, e “Valeria de Sinimbu” [...] (p. 19).

[...]

Às dez horas passaram o farol da barra, e meia hora depois fundeava o “Apa”, afastado do arsenal de marinha talvez quarenta braças. Ao entrarem na Bahia saltaram as fortalezas e todos os vasos de guerra, e os ares foram atoados por inúmeras girandolas de foguetes [...].

Era um formoso espetáculo, em que a natureza, digamos, parecia querer disputar ao homem todas as pompas d’esse dia festivo [...]. [há uma nota aqui que diz que a Bahia de todos os Santos – Salvador – era de renome conhecida por sua beleza principalmente entre os estrangeiros].

SS. MM. eram finalmente chegados à primogênita de Cabral, à mais antiga povoação do seu vasto império [...] (p. 20).

[...]

SETE DE OUTUBRO

Eram seis horas da manhã quando S. M. o Imperador, a cavalo, e acompanhado dos srs. ministro do império, presidente da província, e seus semanários, se dirigiu ao Arsenal da Marinha, por cujos chefes e outros empregados foi recebido com todas as demonstrações de afeto e acatamento [...] (p. 29).

[...]

Acabada que foi esta visita, dirigiram-se SS. MM. à igreja da antiga Sé, onde viram com o maior interesse tudo quanto ali há de mais notável. S. M. o Imperador perguntou então ao respectivo cura o sr. cônego João

José de Miranda qual era o altar de N. S. da Fé [...], fez S. M. notar aos que se achavam presentes ser aquele o altar em que costumava fazer oração o padre Antônio Vieira [...] (p. 37).

19 DE NOVEMBRO

N'este dia, designado para a partida de SS. MM. II. para a província de Pernambuco, foi extraordinária a concorrência no paço e suas imediações [...].

SS. MM. saíram do palácio às 11 horas da manhã, e ao seu aparecimento uma explosão de vivas exprimiu em uníssona linguagem os sentimentos de que se achava possuída toda essa multidão de espectadores [...] (p. 198).

SPIX, Johann Baptist von. *Viagem pelo Brasil por J.B. Spix e C.F.P. Von martius*. Tradução brasileira de Lúcia Furquim Lahmeyer. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

Johann Baptist von Spix foi um naturalista alemão. Em 1817, Spix e seu colega Carl von Martius foram convidados para realizar uma expedição ao Brasil, com o objetivo de descrever sua fauna e flora. Nasceu em 1781. Faleceu em 1826.

Abarca viagens de 1817 a 1820. Essa edição não compila canções (poemas) que estão compiladas em outra edição consultada, mas explica-as em um chamado suplemento musical. No volume IV, no início, há um atlas da viagem pelo Brasil. O volume IV é todo ele composto de gravuras. Trata-se de tradução para o IHGB, em quatro volumes. Há outras duas edições desta obra no SOR da BN/RJ, que foram publicadas até então em excertos de alguns

periódicos. No volume um há: L.I, L.II, L.III, L.IV. No volume dois há L.V, L.VI, L.VII. No volume três – e último – há: L.VIII; L.IX; explicação das figuras e mapas do volume III. No volume quatro há pranchas, gravuras em preto e branco, mapas.

PREFÁCIO (por Max Fleiuss) (p. III-IV).

Trechos:

DA DEDICATÓRIA

Senhor!

Quando Vossa Majestade resolveu mandar uma expedição literária ao Brasil, dignou-se de confiar a realização de tal propósito aos dois humildes abaixo-assinados.

O amor devido à Vossa Majestade e à ciência foi a determinante que nos conduziu, através dos riscos e canseiras de tão longa viagem, a uma parte do mundo ainda mal conhecida, e que nos trouxe de lá, com felicidade, ao seio da pátria [...].

Cheios de gratidão, ousam humildemente os viajantes abaixo-assinados aproximar-se do trono de Vossa Majestade, depondo respeitosos diante dele o primeiro fruto da sua expedição, dedicado ao melhor dos soberanos [...].

Concluindo, somos, com profundo respeito, de V. M. súditos obedientes”.

CAPÍTULO I/LIVRO I – Preparativos para viagem.

Partida de Munich, via Viena, para Trieste

[...] Sua Majestade, o rei da Baviera, insigne patrono das ciências, convencido das vantagens que para as mesmas e, sobretudo, para a humanidade, traria o mais íntimo conhecimento da América, transmitiu para esse fim, no

ano de 1815, à Academia de Ciências de Munich a ordem para que se providenciasse sobre uma viagem científica ao interior da América do Sul. Entre os escolhidos para a viagem, achamo-nos ambos, o acadêmico Spix para a zoologia, o acadêmico Martius para a botânica [...] (p. 7). [...] A quatro de março, deixamos a imperial cidade de Viena e seguimos para Trieste. Em Grätz, visitamos o jáhanneum, esse bem dotado instituto, devido ao alto senso do duque fundador, e destinado, sobretudo, a propagar conhecimentos práticos nas cadeiras de História Natural e Técnica [...].

Pareceu-nos interessante conhecer *de visu* essa formação [de minas de mercúrio de Idria], cujo resultado para o Brasil, rico de minas, deveria ser de inestimável vantagem, logo que ali tal como no Peru e México, se conhecesse a importância do amálgama [...] (p. 11).

CAPÍTULO I/LIVRO II

NO RIO DE JANEIRO

Na manhã seguinte, 15 de julho, fomos levados a terra, por entre o movimentado azáfama de navios europeus, de pequenos barcos equipados com negros e mestiços e de botes em todas as direções.

Sobe-se por uma escada de granito ao belo cais e alcança-se a vasta praça aberta, a principal da cidade, formada pela residência imperial e diversos edifícios particulares imponentes. Com muita dificuldade nos livramos da barulhenta turba de pretos e mulatos seminus que ofereciam os seus serviços com a característica e grande insistência que lhes é peculiar [...].

Com grande gáudio fizemos relações com o extremamente simpático capitão Von Krusenstern, conhecido por sua

navegação em volta do mundo, e com o conselheiro de Estado e cônsul geral russo, Von Langsdorff, que nos recebeu cordialmente. Também diversos compatriotas alemães que se haviam estabelecido como negociantes no Rio de Janeiro esforçaram-se em nos ser úteis em todas as ocasiões [...] (p. 89).

[...] Rio de Janeiro, ou mais propriamente São Sebastião, em geral conhecida pela simples abreviação de Rio, reclina-se à margem da baía que se estende além da cidade, três vezes tão profunda ao norte no interior do continente, quanto é a sua distância da entrada da barra até ao ancoradouro, segundo se pode calcular. A parte nordeste abrange um quadrado irregular na margem ocidental da ponta de terra, que se estende ao norte, e está ligada na parte sul ao continente. A extremidade oriental da língua de terra é a Ponta do Calabouço; a extremidade norte, fronteira à ilha das Cobras, é o Armazém de Sal. Entre ambas as pontas está a mais velha e mais importante parte da cidade ao longo da margem, na direção N. O. para S. E. e forma um quadro sobre o comprido. O terreno é em grande parte plano; porém, na extremidade norte, elevam-se cinco compridos outeiros, tão próximos do mar, que deixam espaço para uma única rua à beira-mar; na direção S. e S. E. dominam a cidade diversos morros e a montanha, coberta de matas, do Corcovado [...] (p. 90-91).

[...] Quem não experimentou o encanto do luar na calma das noites, nestas afortunadas latitudes, não poderá fazer descrição acertada das elevadas sensações que tão maravilhosa natureza desperta na lama do observador. Uma delicada, transparente névoa paira sobre toda a região; a lua brilha, clara, entre pesados grupos de nuvens de forma

singulares; as zonas iluminadas pelo luar destacam-se frisantes, ao passo que mágico crepúsculo parece afastar da vista as zonas escuras [...] (p. 104).

CAPÍTULO II/LIVRO II – Passeios pelos arredores do Rio de Janeiro

[...] Nas matas circunvizinhas da montanha e, segundo nos asseguraram, mesmo na proximidade daquele cafezal, viceja uma árvore da China, que já desde muitos anos é conhecida pelo nome de “quina do Rio” (*Coutarea speciosa* A.?), e cuja eficácia nas febres intermitentes tem sido demonstrada pela experiência dos médicos práticos de Portugal [...].

Um passeio não menos interessante empreendemos à Tijuca, lugar muito mais procurado pelos habitantes, situado a uma milha da cidade. A estrada passa pela quinta rela de São Cristóvão [...]. Caminha-se por entre sebes de cactos, lautanas, bougainvilleas, cordeas, tournefortias e mimosas lebbelas [...] (p. 137).

[...]

O dia já se ia findar, quando ali chegamos, e almejamos, cansados da caminhada, achar pouso para a noite [...]. O céu estava magnificamente estrelado; luz baça pairava na escuridão da mata; somente o fragor da água ao longe perturbava o sossego daquela solidão, e, mergulhados na contemplação desses esplendores, nos entregamos de bom humor ao sono reparador.

Antes de amanhecer o dia, seguimos na direção do ruído das águas, e chegamos, exatamente quando o sol nascia, a uma alta parede de rocha, da qual se despenha um riacho cristalino [...]. O espetáculo desse cenário fez-nos lembrar as cascatas de Nápoles e de Tívoli [...] (p. 138).

[...] Depois do nosso amável guia ter cuidado dos necessários cavalos e mulas para a nossa viagem por terra, partimos da movimentada vila e tomamos a estrada de Minas que daqui segue para o norte [...] (p. 148).

[...] Empreendendo aqui descrever o interior de uma floresta virgem tropical, não devemos deixar de chamar atenção para uma circunstância relativa ao instinto da própria conservação de umas e outras árvores entre si [...] (p. 152).

PREFÁCIO DA SEGUNDA PARTE (por Von Martius)

Ao apresentar ao público interessado a continuação do histórico da viagem ao Brasil empreendida pelo dr. Spix e por mim, tenho a participar lamentável perda do fiel companheiro cujo prematuro passamento arrancou-o aos seus amigos e à ciência que ele com seu brilhante talento parecia destinado a promover ainda futuramente. Tanto esse desgosto como os múltiplos encargos de ofício, contra a minha vontade, demoraram a publicação desta parte. As primeiras sete linhas deste tomo foram preparadas em conjunto pelo companheiro desaparecido e por mim; da vigésima primeira em diante, servi-me dos papéis deixados pelo mesmo, os quais me foram entregues para esse fim por ordem do Governo [...]. Esse tomo, além da última secção da viagem, deverá conter algumas notas geográficas, estatísticas e linguísticas (p. 5).

Descrever nesta relação de viagem tanto a feição física do país como os costumes, a vida intelectual e burguesa dos habitantes, também as nossas impressões durante a estada ali, é tarefa cuja significação histórica tanto mais grandiosa parece quanto mais rápido o Brasil se vai antecipando em seu desenvolvimento [...].

Münich, 29 de fevereiro de 1828 (p. 6).

L VI – CAPÍTULO III – Estada na cidade do Salvador ou Bahia

Quando, saindo de Itaparica, nos aproximamos da ponta de terra, fronteira à grande baía, onde foi construída a antiga capital do Brasil, tivemos ocasião de verificar, logo ao primeiro lance de olhos, a extensão e riqueza do seu comércio. Embora não comparável, na grandiosidade de belezas naturais, nem nas edificações, à cidade régia do Rio de Janeiro, contudo a Bahia, à primeira vista, desperta no viajante as mais agradáveis impressões, se ele ligar o prazer da contemplação às ideias sobre a dignidade do gênero humano e à magnitude dos seus esforços [...] (p. 283).

[...] Fato curioso: muitas das línguas africanas tem grande semelhança entre si, e fazem extremo contraste com a língua dos indígenas da América, tão isolados e às vezes limitados a poucas famílias [...] (p. 300).

L VII – CAPÍTULO V – VIAGEM POR MAR DE SÃO LUIZ A SANTA-MARIA-DE-BELÉM, CAPITAL DA PROVÍNCIA DO GRÃO-PARÁ

A navegação entre o cabo de São Roque e a foz do rio Amazonas é agora, na verdade, muito frequente, porém é tida sempre como arriscada, de sorte que a gente do mar, que, já desde séculos, segue a rota primeiramente tomada por Manuel Pimentel [1681 – “Arte prática de navegar, & Roteiro das viagens, e costas marítimas do Brasil ...”], recomenda a viagem para o Maranhão somente o tempo das chuvas [...] (p. 555).

[...]

Tínhamos também tomado um práctico a bordo, o qual nos guiou, ao passarmos além da Ponta da Areia e do forte

de São Marcos, pelos baixios, até ao outro lado a oeste do banco do meio, e, ao cair da tarde, voltou à cidade na sua canoa. O fundo do mar vai-se pouco a pouco, aprofundando nesse rumo noroeste até 13 braças e pode contar com segura navegação o piloto, logo que avista aqui o morro Itacolomy, monte cuneiforme, à entrada da baía de Cumá, no rumo N. O., volvendo-se para o norte, e algumas léguas afastado da costa. Vento favorável de leste conduziu-nos durante a noite toda; todavia, navegava-se com poucas velas [...] (p. 556).

[...] Logo após o desembarque, fomos visitar s. ex. o governador-geral, conde de Vila-Flor, que nos deu as mais cordiais boas-vindas [...].

Assim estávamos, pois, afinal depois de tantos perigos e tormentos, no longamente almejado Pará. Com sereno contentamento, considerávamos o passado; a longínqua meta alcançada; desde o trópico de Capricórnio até ao Equador, havíamos percorrido o opulento país, e trazíamos a mente repleta de maravilhosos aspectos [...] (p. 559).

STEINEN, Karl von den. *Entre os aborígenes do Brasil Central*. Prefácio de Herbert Baldus. Tradução de Egon Schaden. Separata renumerada da Revista do Arquivo, n. XXXIV a LVIII. São Paulo: Departamento de Cultura, 1940.

Karl von den Steinen foi um médico, explorador, etnólogo e antropólogo alemão. Nasceu em 1855. Faleceu em 1929. Em 1882, participa de expedição à Antártica, na volta passa por Montevideu e resolve fazer uma exploração na América do Sul, em 1883; fez uma viagem ao redor do mundo de 1879 a 1881.

Trechos:

DO PREFÁCIO

[...]

A descrição de sua primeira viagem ao Xingu e a elaboração do material científico nela recolhido foram publicadas por Karl von Den Steinen, em 1886, na obra [...] “Durch Central-Brasilien”. Os capítulos desse livro, que se referem a Cuiabá, apareceram traduzidos em português por Capistrano de Abreu, no apêndice à obra de Herbert H. Smith, “Do Rio de Janeiro a Cuiabá”, São Paulo, 1922 [...] (p. 6).

[...]

Com Karl von Steinen, porém, surgiu aquela falange brilhante de etnógrafos viajantes [...], que viu e apresentou o habitante primitivo das selvas brasileiras assim como ele é, quer dizer, não somente apontando suas boas qualidades, mas também focalizando tudo o que nos podia parecer defeitos e falhas, sem deixar [...] de procurar compreender e explicar as suas causas [...] (p. 9).

O prefaciador elogia o rigor científico do autor da obra em questão.

CAPÍTULO 1

VIAGEM A CUIABÁ E PARTIDA DA EXPEDIÇÃO
Rio de Janeiro. “Cólera em Mato Grosso”. Entrevista
com d. Pedro II. Santa Catarina. Sambaquis. Colônias
Alemãs. Buenos Aires. Museu de La Plata. Cuiabá.
Transformações desde 1884. O bom e o mau capitão.
Expedições aos Martírios. Os novos companheiros de
viagem. Equipagem. Partida.

O Rio de Janeiro estava ainda muito mais belo do que há três anos atrás. Quando naquela época nós tivemos que despedir, estávamos esgotados pela febre e exaustos de corpo e de espírito. Não há dúvida que em nosso impressionável estado de fadiga nos regalávamos, com excitação talvez aumentada, no quadro fantasticamente deslumbrante da “mui cantada baía com suas ilhas”, mas o resto de energia que ainda possuíamos transformou-se no desejo impaciente de nos evadirmos o mais depressa possível do danoso círculo mágico do calor tropical. Refeitas as nossas forças na terra pátria, voltamos agora munidos dum baço que readquirira o funcionamento normal e de uma boa provisão de pílulas de arsênico, mas antes de tudo animados duma jovial vontade empreendedora. Gozamos encantados o espetáculo maravilhoso da entrada da baía, saudando também com cordial intimidade o seu guarda majestoso, o Pão de Açúcar – torre de granito que se eleva íngreme do mar – como se durante todo o tempo ele só estivesse esperado por nós (p. 15).

Já a bordo se nos apresentou oficiosamente, dando-nos as boas vindas, um amigo menos inacessível, o sr. Weber, nosso sempre fiel conselheiro. Conduziu-me à sua hospitaleira morada das lagoas situada fora da cidade em frente

ao Jardim Botânico e ao pé do Corcovado, aquele grotesco colosso montanhoso, revestido de mata perene, mesmo nos mais íngremes despenhadeiros. Ao lado, na mais encantadora república que o mundo já viu entre os dois trópicos, os vizinhos acolheram o meu primo Wilhelm, cumprimentando-o com um fortíssimo “Tahahá”!, a gritaria de saudação, ainda não esquecida, dos nossos índios Suías de 1884 [...].

Notícias desagradáveis nos estavam reservadas. Em Mato Grosso, o futuro campo dos nossos trabalhos, grassava cólera. Estava interrompida com longínqua província do interior a comunicação a vapor que, passando por Buenos Aires, sobe o La Plata-Paraguai até a capital Cuiabá. A fim de obtermos informações seguras a respeito de nossas expectativas, fomos ter, mesmo no dia da nossa chegada – 26 de fevereiro de 1887 – com o chefe do serviço telegráfico, sr. Barão de Capanema que, como irmão de leite e amigo de d. Pedro, tinha grande influência [...]. À frente do nosso bote corria a pouca distância o iate imperial. Acompanhava-nos um amigo querido, o sr. Haupt, chamado “senhor Otávio”, que morava em Petrópolis e que no cumprimento de seus deveres profissionais, vinha diariamente à cidade [...].

O trem esperava junto à ponte de desembarque. Aí estava também o Imperador com o Marquês de Paranaguá, presidente da sociedade geográfica [...] (p. 16).

Na manhã seguinte voltamos ao Rio. Tínhamos por ora que abandonar a esperança de irmos a Cuiabá. Foi desagradável. Partindo em começos de março com o vapor regular, estaríamos em Cuiabá em abril [...] (p. 17).

[...]Dedicamos o mês de março exclusivamente aos sambaquis [...] (p. 18).

[...]

A 17 de junho partimos finalmente. O vapor brasileiro, o “Rio Paraná” apareceu, e, vencendo as dificuldades aí habituais quando as águas estão baixas – entrando da ponta de desembarque numa zorra e desta num bote, – chegamos a bordo [...] (p. 21).

[...]

A 28 de junho chegamos a Asuncion, prosseguindo a viagem a 29. Nunca foi demasiada a rapidez da nossa viagem. A 30 de junho paramos por bom espaço de tempo, afim de cortarmos capim para um boi que levávamos conosco [...] (p. 23).

[...]

Os últimos dias foram naturalmente só enfardamento e maçada. Partimos na tarde de 28 de julho, levantando o nosso acampamento a uma meia hora da cidade. No primeiro dia o principal é sair da cidade, e também nos dias imediatos avança-se pouco, a não ser que se disponha de uma tropa de animais acostumados uns com outros. É aí que vale mais do que nunca “Paciência” e mais uma vez “Paciência, Senhor!” (p. 31).

TAUNAY. Visconde de. *Diário do exército: (1869-1870)*. São Paulo: Melhoramentos, [19--]. 2 v.

Alfredo Maria Adriano d’Escragnolle Taunay, primeiro e único visconde de Taunay, foi um nobre, escritor, músico, professor, engenheiro militar, político, e historiador brasileiro. Nasceu em 1843. Faleceu em 1899.

Consta retrato do autor datado de 1868. No prefácio (1926) Alfredo d'Escragno Taunay diz que o *Diário do exército* foi escrito para “fornecer dados para uma futura história da memorável campanha do Paraguay ...”. O diário se inicia no dia 16 de abril de 1869. Termina (primeiro volume) em 17 de agosto de 1869. Diário *stricto sensu* (histórico), comparável com diários do século XVII, ao menos os de soldados, capitães etc. Penso nas relações (que são diários), a exemplo de objetos recolhidos do setor de Obras Raras da BN/RJ. O segundo volume, “De Campo Grande a Aquidaban”, também tem retrato do autor datado de 1868. Seu prefácio também se data de 1926. No segundo prefácio da obra, Taunay repete o que disse no prefácio do primeiro volume, primeiro prefácio da obra. O segundo volume inicia-se em agosto de 1869, finalizando-se em abril de 1870. Os dois volumes da obra têm anexos em que constam da ordem do dia, entre outros documentos: no volume 1, “A Campanha da Cordilheira”; no volume 2, “De Campo Grande a Aquidabã”.

Trechos:

DO PREFÁCIO (Prefação) volume 1

Publicando-se o Diário do Exército, não há outro fim mais do que fornecer dados para uma futura história da memorável campanha do Paraguai, dados que nunca chegarão a ser perfeitos a ponto de poder-se deles depreender a razão dos fatos, surgindo um juízo exato e completo. Falta ainda a indagação do filósofo, o esmerilhar do pensador que vai buscar nas localidades, no cotejar de todas as ordens, na meditação e concatenação dos acontecimentos,

o julgamento da imparcialidade e o apresenta ornado de estilo que lhe dá vida para sempre luminosa.

Tal estudo ninguém, pois, procurará encontrar neste mirrado trabalho, feito às pressas, impresso do que mesmo modo, e puramente oficial, caráter que impossibilita os desenvolvimentos tão necessários à apreciação dos sucessos de uma guerra.

Alfredo d'Escragnolle Taunay.

Pirayú, 15 de junho de 1869” (p. 5).

[...]

Abril de 1869

Sexta-feira, 16 de abril

O comandante da praça de Assunção dirigiu ao quartel general um telegrama comunicando achar-se pronto para seguir para Rosário o vapor “Paisandú” que leva um oficial, algumas praças, um resto de cavallada e, a reboque, um navio carregado de alfafa. Teve ordem para zarpar, devendo tomar a bordo o engenheiro polaco, tenente coronel Chodasiewicz, encarregado de ir fortificar a posição e dar um relatório sobre suas condições de defesa. A vila do Rosário, capital do departamento do mesmo nome, situada a 37,8 léguas castelhanas ao norte da cidade de Assunção e a meia légua de distância do rio Paraguai, na margem esquerda do rio Cuarepoti, fora ocupada pelo coronel José de Oliveira Bueno no dia oito de abril em virtude das instruções do então comandante das forças , o marechal de campo Guilherme, com o fim de cortar ao inimigo, por meio de expedição em direção a Itacurubi e Santo [p.16] Estanislau e partidas até a margem esquerda do rio Jejuí, os recursos que ele pudesse ainda receber dos distritos setentrionais [...] (p. 15-16).

Segunda-feira, 19 de abril

Sua Alteza foi pela manhã à vanguarda e ordenou o levantamento de uma trincheira que cobrisse a força de um súbito ataque de cavalaria, não só acima [...] (p. 20).

[...]

Sábado, 24 de abril

Nenhuma novidade ocorreu (p. 25).

Quarta-feira, 28 de abril

O aniversário natalício de Sua Alteza foi comemorado por cumprimentos de toda a oficialidade, a qual, ao meio-dia, concorreu ao quartel general; e por iluminações feitas, à noite, pelos batalhões em seus acampamentos apesar da chuva miúda que, durante o dia, incessante caíra [...] (p. 28).

[...]

Quinta-feira, 29 de abril

O general Mitre veio visitar Sua Alteza e falar-lhe em um conflito havido na noite antecedente entre soldados brasileiros e uma guarda argentina que ficou com dois soldados seus feridos [...] (p. 31).

[...]

Terça-feira, 11 de maio

Apesar do mau tempo, que de dias não amainara, seguiram para os piquetes de Patiño-cuê os oficiais americanos e o comandante inglês, sempre com as devidas formalidades, voltando este só, visto como os outros, transportando as linhas paraguaias, tinham ido entender-se com o general Mac-Mahon [...] (p. 46).

[...] A localidade prestava-se perfeitamente à defensiva, pois por uma garganta apertada é que se penetrava num recôncavo de montanhas; sem desanimar contudo

sustentou por mais de uma hora fogo de fuzilaria, levando em seguida de vencida o inimigo que esmoreceu ao ver o seu comandante Insfran cair nas mãos dos atacantes [...]”. [pertencente ao dia 18 de maio, terça-feira] (p. 55).
[...]

Sábado, 22 de maio

O dia amanheceu chuvoso, encoberto: sem embargo, Sua Alteza, despedindo-se do comandante do segundo corpo de exército, saiu de Luque às sete e um quarto horas da manhã e às oito atravessava a ponte de Juqueri [...] (p. 62).
[...] Depois desta última marcha de três léguas e meia entre Itauguá e Pirayú, ficou terminado o movimento de flanco que havia sido ordenado pela circular de 18 de maio [...].

Pirayú fica fronteiro ao acampamento de Ascurra e em linha reta dele distará pouco menos de duas léguas. Uma extensa planície se interpõe a esses dois pontos, que ocupam aquela fralda de um outeiro encostado a serros baixos, este a base da cordilheira, ficando quase ao meio desta distância o arroio Pirayú que corre bordado sempre de mato, na direção de N. N. O. e, como já ficou dito, vai desaguar na lagoa Ipacaray [...]. [pertencente à terça-feira, 25 de maio] (p. 60).

[...]

Terça-feira, oito de junho

Um telegrama de Assunção comunica ter-se descoberto um importantíssimo estrago feito na grande ponte do Ibiray entre a Trindade e aquela cidade [...] (p. 97).

[...]

Segunda-feira, 14 de junho

Não houve novidade (p. 109).

[...]

Domingo, 20 de junho

Foi celebrada uma missa em ação de graças pelo regresso ao nosso acampamento do coronel Bento Martins, tenente-coronel Chananéco e de sua força [...] (p. 116).

[...]

Segunda-feira, nove de agosto

Às seis horas da manhã fez-se sinal de avançar e penetrou o exército em desfiladeiros de matos em que caminhou, por mais de légua, até o ribeirão Iaguiguaçú, lindíssima corrente muito batida e de águas puríssimas. Foi vencida mais uma légua sempre em idêntico terreno até uma palhoça, a légua e meia de Peribebuy, e às 11 horas formou-se o acampamento, enquanto a vanguarda de cavalaria ia reconhecer aquela posição [...] (p. 181).

[...]

Terça-feira, 10 de agosto

A marcha foi de légua e meia, primeiro por uma picada até o lindíssimo arroio Iagui-mi, depois por campos cortados de matagais, posteriormente em mato ralo até à vista da praça de Peribebuy [...] (p. 182).

[...]

Quinta-feira, 12 de agosto

O dia começou encoberto. Espessa neblina envolvia tudo e só se dissipou à ação mais constante do sol. Apesar dessa circunstância, rompeu violento o bombardeio às seis horas e meia da manhã, tornando-se os tiros, uma hora depois, mais espaçados e certos. O inimigo respondeu com frouxidão, atirando por vezes metralha e balas de calibre 32 [...] (p. 185).

[...]

Terça-feira, 17 de agosto

Sua Alteza ordenou o descanso. Acomodaram-se os nossos feridos e fizeram-se distribuições de rações. O segundo corpo de exército acampa no ponto chamado Pindoti, fronteiro à boca da picada que leva a Caraguatay e a qual os paraguaios chamam Caguijurú. O inimigo, durante a noite e dia, parece ter trabalhado bastante, pois se ouvem machadadas contínuas. Às 11 horas, tocou no nosso acampamento alarma motivado por um tiroteio entre as avançadas [...] (p. 203).

O volume dois é sequencial – segue o mesmo movimento do volume um. Não há por que transcrever trechos. A seleção acima, do volume um é suficiente para exemplificar o que é necessário no trabalho. Porém transcreve-se o trecho final do volume dois, que finda o diário:

Volume dois

Abril de 1870

Neste mês, a oito, partiu o batalhão nº 41, comandado pelo tenente-coronel Joaquim Maurício; a dez foi Sua Alteza a Assunção, voltando a 13 para Humaitá, onde desembarcou às sete horas da manhã de 14.

A 16 foi publicada a ordem do dia nº 47 [...], e no dia seguinte embarcou Sua Alteza, às oito horas da manhã, no vapor “Galgo” para o Rio de Janeiro.

A 20 desembarcou em Buenos Aires, a 23 em Montevideú, a 27 em Santa Catarina e no dia 29 fez sua entrada na capital do Império (p. 196).

LUND, Peter Wilhelm. *Memórias científicas*. Tradução de Leonidas Damasio. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura/Editora Apollo, 1935.

Peter Wilhelm Lund nasceu em Copenhague aos 14 de junho de 1801. Morreu em Lagoa Santa (MG), aos 25 de maio de 1880. Foi um naturalista dinamarquês do século XIX.

Há retrato do autor. Consta uma introdução de Aníbal Matos e uma advertência ao leitor. O livro inicia-se com “Primeira memória”. Não há divisão em capítulos, nem índice, nem sumário. Há um apêndice. São quatro memórias no total, mais uma continuação à quarta memória. A divisão das matérias é por memória. Aproxima-se de diários de viajantes, naturalistas e botânicos. Trata-se de um estudo sobre a fauna pré-histórica brasileira.

[Introito – por Anibal Matos]

A reedição das presentes Memórias, traduzidas pelo dr. Leonidas Damasio, e publicadas na revista do Arquivo Público Mineiro, fazem parte do Programa das homenagens prestadas à memória do sábio dinamarquês Peter Wilhelm Lund, por ocasião do centenário do início dos estudos paleontológicos na América do Sul e de sua chegada ao território mineiro [...] (p. V).

[*idem* referência imediatamente acima]

[...] Afinal aqui ficou e no arraial humilde viveu uma existência bela e nobre de 40 anos, entre campônios e sábios seus auxiliares, glorificando a ciência e imortalizando esse recanto feliz de Minas [...]. As “Memórias Científicas” de Peter W. Lund inauguram a série de obras da Biblioteca Mineira de Cultura, patrocinadas pela Academia M. Letras, destinada à divulgação de produções de mérito, inéditas e a reeditar as que se

acham esgotadas ou inacessíveis ao público como no caso presente [...] (p. VI).

Introdução

Lagoa Santa, 14 de fevereiro de 1837.

A inesperada descoberta de uma grande quantidade de restos animais pertencentes ao período geológico anterior ao atual, devida aos meus trabalhos de exploração das grutas do Brasil, decidiu-me a empregar a estação das águas, há pouco finda, no estudo metódico dessa multiplicidade de objetos, de modo a obter o conhecimento sumário de sua natureza, o que servirá para me orientar em explorações futuras do mesmo gênero [...].

É meu intuito começar este esboço tratando da classe dos mamíferos, atento ao grande interesse que seu estudo desperta, e ainda por ser aquela de que possuo restos em número mais considerável [...].

Todos eles, sem exceção alguma, foram encontrados em cavernas [...]. [referente à “Primeira Memória”] (p. 5).

Mamíferos

Lagoa Santa, 16 de novembro de 1837.

Na última memória que tive a honra de apresentar a esta respeitável Sociedade, fiz a exposição geral das condições em que, neste país, são encontrados os ossos fósseis.

Já então achava-se esboçado o presente trabalho que devia seguir de perto o primeiro, como tive ensejo de declarar [...].

Esse fato originou-se [demora das suas remessas] de ter eu aproveitado a estação seca e a presença de pessoas perfeitamente conhecedoras das regiões sujeitas à minha exploração, para empreender uma nova viagem, adiando para o meu regresso a conclusão desta memória.

A opulenta colheita de restos fósseis que tive a felicidade de realizar, nesta última excursão, permite-me fazer aqui o estudo de mais algumas espécies até então desconhecidas, ao mesmo tempo que me fornece meios de esclarecer pontos até há pouco obscuros [...]. [referente à "segunda memória"] (p. 37).

Ao terminar esta memória, recebo uma peça esquelética de que me vou ocupar, em vista da sua importância relativamente ao assunto [...].

Acabo de receber a cabeça de uma peça, morta nas vizinhanças de Curvelo, que apresenta os traços particulares da última espécie fóssil, embora revele, quando sujeita a estudo minucioso, diferenças de valor específico.

Estou convencido, em vista do estudo de uma série contínua de indivíduos da paca de cabeça lisa, desde a idade mais tenra até a mais avançada, em todas as suturas desaparecem, que o desenvolvimento dos zigomas e as protuberâncias do crânio não são consequência da idade; acrescentarei que a cabeça de que trato pertence a um indivíduo muito novo, cujas suturas ainda não se acham fechadas [...]. [referente ao "Suplemento à segunda memória"] (p. 103).

Lagoa Santa, 12 de setembro de 1838

Na última memória que tive a honra de enviar a essa academia, procurei descrever em condensado resumo as espécies e os gêneros extintos da classe dos mamíferos, que habitam os planaltos do Brasil tropical, antes da última revolução do globo. Era meu intuito enviar logo após um esboço sobre as outras classes de vertebrados – começando pelas aves, de que possuo larga cópia de destroços. Circunstâncias particulares, porém, obrigaram-me a

modificar o plano primitivo. Tive a felicidade de reunir, em duas viagens recentes, novo e numeroso material, relativo à história natural dos mamíferos; penso que é conveniente, antes de abordar o estudo dos outros grupos de vertebrados, fazer a exposição das minhas novas descobertas, completando assim o assunto delineado nas memórias precedentes [...]. [referente à “Terceira Memória”] (p. 117).

[...]

Da imensa fauna dos tempos primitivos, aí sepulta, restam apenas destroços esparsos e quebrados, que os operários abandonaram, de mistura com seixos rolados que a argila continha. Estes restos testemunham de modo irrecusável que todas as grutas eram verdadeiros ossuários fósseis [...]. [referente à “Terceira Memória”] (p. 121).

Lagoa Santa, sete de abril de 1839

Após a conclusão da minha última memória, não me sendo possível empreender novas viagens, em virtude das chuvas contínuas, consagrei o tempo ao exame mais detido das minhas coleções concentrando especialmente a minha atenção sobre a família dos roedores, até o presente por mim menos estudada que as outras divisões de mamíferos [...]”. [referente ao “Suplemento às duas últimas memórias sobre o reino animal no Brasil, antes da última revolução no Globo”] (p. 169).

Continuação dos mamíferos

Lagoa Santa, 30 de janeiro de 1841

Depois que tive a honra de enviar em data de 27 de março do ano findo, o último suplemento aos meus estudos sobre os mamíferos fósseis deste país, planejei consagrar a primeira estação chuvosa à elaboração de um trabalho

sobre a classe das aves, da qual tenho colhido considerável soma de destroços fósseis, a cujo exame completo ainda não procedi [...].

Todavia, descrevo o que de mais importante descobri acerca das aves fósseis das cavernas, em uma pequena memória que vai junto à presente

Neste suplemento referente aos mamíferos, não só trato de alguns gêneros e espécies novas, mas também ajunto correções e ampliações relativas a tipos já descritos, considerando, especialmente, um gênero que merece o meu particular estudo, quer pelo interesse que lhe é inerente, quer por ter sido ultimamente assunto das investigações de muitos naturalistas. [...]. [gênero: *Platyonix*] [referente à "Quarta Memória"] (p. 125).

Diário como “aposta no futuro”

Após selecionar diários e outras escritas memorialísticas dos séculos XVI/XVII/XVIII/XIX nos capítulos anteriores deste livro, aqui são selecionados diários e similares do século XX. Se, nos capítulos anteriores, os diários eram escritas históricas, científicas e/ou artísticas prioritariamente, e, às vezes, mesclando essas categorias, neste quarto capítulo os diários são, quase exclusivamente, pessoais, escritas de si.

Os textos deste capítulo, da seleta, tocam o tema da autobiografia, mas não se confundem com ela, cuja narrativa retrospectiva que alguém faz de sua própria existência na relação identidade autor-narrador/personagem é o elemento definidor do “pacto autobiográfico”. Esta identidade seria central – “honrar a signature” e não a questão da verdade. Autobiografia estaria fundada em um tríplice pacto ou contrato: “pacto autobiográfico”, “pacto referencial” – pacto de leitura, que se espelha nas instâncias do autor, da escritura e do leitor.

A discussão sobre autobiografia é um campo de batalha no qual se enfrentam outras muitas variadas questões: a luta entre ficção/verdade; os problemas da referencialidade; a questão do sujeito; o problema da narrativa como constituição do mundo etc. Permeabilidade da autobiografia em relação a outros gêneros e práticas discursivas como as confissões, diários, memórias.

Lejeune define o gênero autobiográfico por um contrato ou pacto de leitura. É o relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência. Identidade do autor e do narrador do relato e a perspectiva retrospectiva da narração. Para Lejeune, a biografia não cumpre o critério da identidade do autor e do narrador do relato; as memórias também se distinguem da autobiografia porque não se circunscrevem a uma vida individual; já os diários não possuem a dimensão retrospectiva da autobiografia. Portanto, segue-se o critério fundamental que distingue o específico da autobiografia frente às formas autobiográficas da ficção: para que haja autobiografia é necessário que coincidam a identidade de um nome próprio (o que pressupõe uma assinatura) do autor, a do narrador e a do personagem, o que será a base do pacto de leitura que converterá a autobiografia em um discurso referencial, dotado de um funcionamento pragmático, à semelhança dos discursos jurídicos e históricos. O pacto de leitura autobiográfica obriga a que os fatos se apresentem e sejam testificados por quem diz tê-los vivido como reais. Este pacto, sustentado pela identidade autor-narrador, e por certo valor referencial de verdade dos fatos narrados, é o que separa a autobiografia das ficções autobiográficas. Para Lejeune, a autobiografia se define não apenas por um tipo de escrita, mas por um modo de leitura e, portanto, é um efeito contratual que varia historicamente. É, portanto, a leitura que gera o espaço no qual se inscreve o pacto autobiográfico. Seja ou não um espaço de ficção (como o querem Derrida, Roland Barthes e Paul de Man), a autobiografia não é lida como ficção).

Lejeune define o diário como um “modo de vida”, uma vida “obscura” que não é a mesma vida configurada sob o modo da narrativa autobiográfica. O diário é uma “aposta no futuro”. Uma espécie de compromisso abstrato para permanecer fiel a si mesmo (Lejeune, 2008).

Abaixo seguem os trechos dos exemplares consultados:

ANDRADE, Oswald de. *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo...* Diário coletivo da garçonnière de Oswald de Andrade. São Paulo: Ex-libris ed., 1987. [1918]. Edição fac-similar.

José Oswald de Sousa Andrade foi um escritor, ensaísta e dramaturgo brasileiro. Era filho único de José Oswald Nogueira de Andrade e de Inês Henriqueta Inglês de Sousa Andrade. Nasceu em 1890. Faleceu em 1954.

A cronologia desse diário coletivo abarca de 30 de maio a 12 de setembro de 1918. Segundo Mário da Silva Brito (p. IX) o diário é um “grande caderno de 200 páginas, medindo trinta e três centímetros de altura por vinte e quatro de largura”. A garçonnière de Oswald ficava na rua Libero Badaró, 67, terceiro andar, sala 2.

Mário da Silva Brito, autor de um dos textos que antecedem as páginas do diário coletivo, diz que, no caderno de Oswald e seus amigos

há de tudo: pensamentos, trocadilhos (inúmeros), reflexões, paradoxos, pilhérias [...], alusões à marcha da guerra, a fatos recentes da cidade, a autores, livros e leituras, às músicas ouvidas [...]. Há [...] colagens, grampinhos de cabelo, pentes, manchas de batom, [...]

cartas de amigos grudadas em suas páginas, [...] recortes de jornais [...] (p. IX).

A ideia do álbum partiu de Pedro Rodrigues de Almeida, literato [...]. Os colaboradores [...] valem-se de pseudônimos. Sabe-se que frequentaram a garçonnière, entre outros, Monteiro Lobato [...], Menotti del Picchia, Léo Vaz, Guilherme de Almeida, Ignácio da Costa Ferreira, Edmundo Amaral, Sarti Prado e Vicente Rao. [...] (p. IX). Mário da Silva Brito anuncia os pseudônimos e os nomes empíricos, dando como fonte de consulta o próprio Oswald das Memórias e Confissões: João de Barros é Pedro Rodrigues de Almeida, Miramar e Garoa, Oswald de Andrade, Viviano, Edmundo Amaral; Ferrignac e Ventania, Ignácio da Costa Ferreira é Bengala, Léo Vaz. Guy, Guilherme de Almeida. Sarti Prado é identificado pelo latinório ou por sua literatura “bestíssima”, como classifica Oswald (p. IX).

A figura dominante do *Perfeito cozinheiro* é Deisi – novo amor de Oswald [...]. Há uma espécie de secreta paixão coletiva por Deisi, que é amante de Oswald. “Todos declaram que amavam a Cíclone” – escreve ele [...]. Figura estranha e fugidia, normalista e *poitrineaire*, Deisi, cortejada e festejada pelo grupo aparece e desaparece da garçonnière [...] (p. X).

– Deisi se casa e depois de uma semana morre.

A ausência de Miss Cíclone [Deisi], sempre lamentada, esvazia o retiro de Oswald e amigos. “O covil da rua Líbero agoniza” [p. 201]. Ao seu retorno de Cravinhos, a garçonnière é fechada e chega ao fim *O perfeito cozinheiro das*

almas deste mundo. Encerra-se o diário com a sentença *Acta est fabula!* Abaixo dela, registra-se: “ ... e o livro se fecha silenciosamente, com a prestigiosa atração das coisas silenciosas: *mon silence est ma force* ...”. Como última contribuição, em nome da C, a frase: “E tanta vida, bem vivida, se acabou”. Era seu epitáfio (p. XI). O *perfeito cozinheiro das almas deste mundo*, diário a um tempo pessoal e coletivo, além de testemunho de um tempo, da *belle époque* paulistana, da atmosfera e espírito em que se formava uma geração, é, no tocante a Oswald, documento existencial que reflete os seus anos de aprendizagem, não só literária e artística, mas de vida ela mesma [...]: inicia-se sob o signo do riso e do otimismo, é jocoso e pilhérico no começo; vai, a pouco e pouco, crescendo em termos de inquietação, melancolia, angústia, dúvidas e suspeitas, para atingir, ao final, o plano da lágrima e do trágico com a morte da bela Miss Cíclone [...] (p. XI).

O livro pode ser lido como um romance por hipótese de leitura de Mário da Silva Brito (p. XI).

O diário, por outro lado, tem ainda específico valor – é, em si mesmo, com suas tintas de diversas cores, suas colagens, trechos a carimbo, caricaturas, charges e caligramas, um objeto criativo, uma invenção como livro, peça rara em sua aparência e organização [...]”, como diz Mário da Silva Brito (p. XII).

Das notas do texto de Haroldo de Campos – Réquiem para Miss Cíclone, Musa Dialógica da Pré-História Textual Oswaldiana (p. XV-XXII) – retira-se o seguinte:

Em *Um homem sem profissão* (Memórias e confissões), v. I, 1890-1919 (Sob as ordens de mamãe), Rio de Janeiro, José Olympio, 1954, Oswald escreve [p. 177] “Alugo uma garçonnière, à rua Líbero Badaró, nos fundos de um terceiro andar. Estamos no ano de 17. Dessa época, do ano de 18 e até 19, componho com meus frequentadores da garçonnière e com Deisi, que se tornou minha amante, um caderno enorme que Nonê conserva” [...]. O diário, todavia, apesar de trazer na frente da segunda guarda, a lápis, as datas 1918-1919, parece ter sido escrito ao longo exclusivamente do ano de 1918 [...] (p. XXI).

A transcrição tipográfica de Jorge Schwartz auxilia na leitura linear dos textos da narrativa romanesca do diário, e ocupa as últimas páginas da edição.

ARAÚJO, Elysio de. *Reminiscências*. [S. l.]: [s. n.], 1942.

Dr. Elysio de Araújo foi um político e militar brasileiro. Descendente de Emílio e Constança e marido de Corina Peixoto, baronesa de Vila Flor. Por duas vezes ocupou a prefeitura de São Fidélis, a primeira vez de 1922 a 1923 e a segunda vez de 1923 a 1924. Elysio de Araújo foi também deputado estadual. Foi o primeiro presidente do Tiro de Guerra Brasileiro, quando o ministro da Guerra era o marechal Hermes da Fonseca.

Trata-se de um original datilografado, com 168 páginas. Foi doado pelo autor com carta anexa. É um diário íntimo, memórias dedicadas ao bisneto do autor, chamado de “Elysiozinho”. Datilografado – cofre – bom estado, com fotografia em preto e branco do autor com o bisneto no colo.

Acompanha advertência do autor sobre o “copista” que datilografou o manuscrito do livro, desconsiderando separação de assuntos que fizera o autor. Pede para que, se um dia o livro for publicado, corrijam esse defeito.

Há um índice no final do volume, com a enumeração dos 13 capítulos e seus títulos.

[p.1 , capítulo 1 (Infância, Engenhos, Festas)].

Meu muito querido bisnetinho – Elysinho.

Começo a escrever estas “Reminiscências” no dia de hoje – 22 de dezembro de 1941 – teu primeiro aniversário, para que as possas ler e ficar sabendo de muitas cousas interessantes de teus antepassados e da época em que viveram.

Cita imperadores, políticos como autoridades que como exemplo escreveram para a posteridade.

Descreve a genealogia – tópica desse tipo de discurso.

[p. 5, capítulo 1].

Essa era a indumentária dos dias de semana [“leve e doméstica”]. Dia de domingo, a coisa era outra. A jaqueta de casimira, a calça apertada nas coxas e de boca larga, o chapelão redondo. Trazia à mão [senhor Manoel Alves] um grande varapau. Era o traje da missa de domingo. Todos nessa hora vestiam a melhor roupa. Reunido aos

da família, botava os escravos à sua frente, de dois a dois, e encaminhava-se para a Capela”.

[p. 6, capítulo 1].

Era o seguinte: um dia da semana, os negros suspendiam o trabalho do “eito”, distribuindo-se na pesca, na caça, na apanha do milho, do feijão e da mandioca. Duas observações a fazer: primeira, que o trabalhador escravo ficava com o sexto da sua capacidade de produção; segunda, que as condições da terra eram as mais fáceis, no que diz respeito à obtenção da alimentação.

[p. 13, capítulo 1].

Outras “Reminiscências” são as festas de São João e do Natal, passadas no engenho Sibiró da Serra, de meus avós maternos.

Guardo delas a mais comovente lembrança.

Minha mãe, como os demais filhos desse abençoado casal, [...], costumava ir todos os anos [...].

Os longos anos decorridos não apagaram na minha memória as lembranças do grande pomar, dos banhos tomados no Sibiró, da mesa fortíssima de bolos, do arroz-doce, deliciosíssimo, como nunca comi na minha vida!

[...]

As festas de São João e do Natal, em fins do século passado, época desta descrição, como das outras anteriores, foram sempre celebradas com entusiasmo pelo povo. Desde a casinha de sapê à do senhor do engenho, a fogueira iluminava o céu, na noite de São João, deixando ver em redor os folguedos, as danças, os toques das violas, guitarras e pandeiros, com o acompanhamento das trovas dos cantadores afamados das redondezas [...].

No engenho de meu avô, junto à fogueira, soltavam-se os fogos e os célebres busca-pés, terror da meninada e, também, dos marmanjos! [...].

[p. 17, capítulo dois (Colégios)].

A escola, a educação dos filhos, foram sempre as suas constantes preocupações [dos pais do narrador]. A primeira foi de ajudante [...]. Entre os anos de 1870 a 1885, os colégios pouco ou nada diferenciavam-se uns dos outros. Em geral, antipedagógicos, anti-higiênicos, de má alimentação. Não sou eu somente quem o diz [...].

Na sequência da narrativa, descreve professores e habilidades deles. No capítulo três trata do período acadêmico. Depois, nos restantes capítulos até o 13, passa a tratar da vida profissional.

[p. 32, capítulo três (Período Acadêmico)].

A indisciplina dos seus escravos, [do engenho do tio (“velho, misantropo”) no Município de Amargy] os furtos de açúcar, do gado, de tudo, reinavam nesse engenho, que a má sorte levou meu pai a residir.

[...]

Os escravos passavam acintosamente em frente à casa de sua moradia [do tio], de chapéu à cabeça, sem o saudarem, além de outros atos de falta de consideração, que o velho tendo conhecimento não deu a mínima importância.

[p. 35 (idem acima)].

Fiz parte do afamado clube abolicionista dirigido por João Ramos que fazia embarcar clandestinamente para o Ceará, já libertos da escravidão, os pretos que às centenas apareciam todos os dias, fugidos dos senhores.

[p. 144, capítulo 12 (São Fidelis – Alguns homens representativos do último quartel do século XIX)].

A Abolição fez transformar a vida nas fazendas. O agricultor fluminense, já o disse, viveu enganado até a última hora sobre a situação real do movimento emancipador.

[...]

Foi, pois, de verdadeiro pânico a notícia da decretação da lei em 13 de maio, abolindo a escravidão. São Benedito foi, talvez, das fazendas a mais atingida, na sua grande cultura da cana por falta de braços.

Faz menção no capítulo 13, p. 150, a um jornalista, Nelson Kemp, que este escrevera um artigo laudatório a seu respeito. O tal artigo fora publicado n’*O Estado de Niterói* em 20 de abril de 1940. Elyσιο de Araújo diz ter hesitado em transcrever o artigo no volume de suas memórias, mas o faz. Explica que o faz apenas para o bisneto ler e conhecer o bisavô.

[...]

Para leitura do meu muito querido bisnetinho. Mas, como somente poderá ser-te agradável sua leitura, tenho de ceder à minha modéstia [...] [a transcrição vai da p. 150 a 152].

[p. 168, capítulo 13].

Dou por findas, meu muito querido bisnetinho, estas “Reminiscências” escritas esforçadamente em três meses, na preocupação de não poder acabá-las.

[...]

Irás iniciar a vida num mundo muito diferente do meu, duas vezes profundamente conflagrado pelas mais devastadoras de todas as guerras [...].
[assina e data o livro].

BARRETO, Benedito Carneiro de Bastos [Belmonte]. *Brasil de outrora*, desenhos e legendas de Belmonte inspirados em gravuras de Rugendas. São Paulo: Melhoramentos, 1944.

Belmonte é pseudônimo de Benedito Carneiro Bastos Barreto. Nascido em São Paulo, aos 15 de maio de 1896, e morto em São Paulo, aos 19 de abril de 1947. Foi um caricaturista, pintor, cartunista, cronista, escritor e ilustrador brasileiro.

O livro é um álbum em p/b, com gravuras e legendas sobre as gravuras, uma seleta, uma coletânea, um florilégio. Modo de circulação, divulgação e vulgarização. Os textos são pífios, não valem cópia, as gravuras valem a pena. São abstrações da obra de Rugendas, embora desenhos figurativos, figurações.

A editora Melhoramentos publicou de Belmonte, pseudônimo de Benedito Carneiro de Bastos Barreto, também *No tempo dos Bandeirantes* – texto e desenhos; *Como nasceu a cidade maravilhosa* – texto de Tales de Andrade, desenhos de Belmonte; *Santos Dumont* – textos de Renato Sêneca Fleury, desenhos de Belmonte; e *O Duque de Caxias* – textos de Renato Sêneca Fleury, desenhos de Belmonte.

Embora não haja índice, sumário ou tábua de matérias, o álbum segue assim:

Viajantes; Rumo ao Sertão; A rede; O carro de bois; A sege; Cena de rua; Os Jesuítas; Caçada; Vaqueiros; Os índios; Navio Negroiro; Café ao sol; Trabalhando; Capitão do mato; Capoeiras; Casa de negros; Costumes do Rio e Rio de Janeiro.

Costumes do Rio

Os brasileiros, no início do século XIX, acompanhavam sempre os costumes e modas dos europeus. Como, até então, era proibida a instalação de fábricas no Brasil, as classes mais favorecidas pela fortuna importavam seus trajes da metrópole. Daí a grande semelhança entre os costumes dos brasileiros e os de Portugal e Espanha. No Rio de Janeiro, segundo o testemunho de Rugendas, os homens usavam paletós curtos de linho ou algodão, calças compridas com cintas de seda de cores variadas, chapéu de palha, de aba larga e capa espanhola. O traje das mulheres, como sempre, varia mais, de acordo com a moda, embora o tecido e a cor sejam invariáveis – tafetá preto. Preta também era a mantilha sem a qual mulher nenhuma saía à rua. Usavam, geralmente, flores no cabelo e na cintura, enquanto as aias de certa idade usavam um grande manto e cobriam a cabeça com um lenço. Em São Paulo, porém, não era comum a mantilha; usava-se mais um chapéu redondo enfeitado de plumas (p. 36).

CAMPOS, Humberto de. *Memórias* (Parte I). 6 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

Humberto de Campos Veras foi um jornalista, político e escritor brasileiro. Nasceu em 1886. Faleceu em 1934.

A parte I é datada de 1886-1900. Na página 9 do prefácio há uma explicação de interesse. O livro se divide em capítulos, totalizando LXX. *Cf.* p. 326-330 (LII, preparativos da viagem). Há uma referência metafórica a Júlio Verne (p. 387) interessante. Considerar. *Cf.* LXIX (p. 388-390); *cf.* LXX (fim de século XIX), final da primeira parte do livro. Apenas consultei o volume I. Penso ser suficiente para os propósitos deste livro.

DO PREFÁCIO DO AUTOR

[...] O processo autobiográfico seguido nele [em Brandès] foi o do segundo tipo [segundo modelo de João-Luiz Heiberg, Hans Andersen e Kropotkine], melhor definido em Renan: o do aproveitamento da história particular de um homem para discorrer sobre as figuras e as cousas do seu tempo e do seu meio [...] (p. 9).

Os objetivos da obra iniciada com este volume, e principalmente os dele, são, todavia, aqueles que se poderiam descobrir em Santo Agostinho, entre os antigos, em Jean-Jaques, há dois séculos, e em Gorki, entre os contemporâneos: a confissão pública de faltas particulares, numa penitência de possíveis pecados de egoísmo e de orgulho; e a demonstração de como pode um homem, pela simples força da sua vontade, desajudado de todos os atributos físicos e morais à vitória, liberta-se da ignorância absoluta e de defeitos aparentemente incorrigíveis, desviando-se do caminho que o levariam ao crime e à prisão para outros que poderão conduzir a uma poltrona de academia e a uma cadeira de parlamento. Visa, sobretudo, este livro, dizer aos pais que não desesperem dos seus filhos quando eles

apresentarem, na infância ou na adolescência, inclinações para a ociosidade ou para o vício [...].

Escrevo a história da minha vida não porque trate de mim; mas porque ela constitui uma lição de coragem aos tímidos, de audácia aos pobres, de esperança aos desenganados, e, dessa maneira, um roteiro útil à mocidade que a manuseie [...] (p. 10).

[...]

Livro novo, no seu gênero, nas nossas letras, eu não tenho ilusões sobre as contrariedades a que dará origem [...]. Dir-se-á, talvez, que escrevi mais do que devia, e que não merecia obra tão longa existência tão apagada e personagem tão insignificante. Já Luciano de Samósata me havia, porém, justificado, quando dizia que as vidas felizes são sempre curtas, e que, para o desgraçado, uma só noite vale uma eternidade. A vida de um homem não deve ser medida, efetivamente, pela extensão, mas pela intensidade. *Senectus non annis computanda, sed factis*, diz o velho Sêneca, na sua velha sentença. E, como intensidade, como trabalho, como sofrimento, a minha infância durou um século [...].

E, chegando onde me encontro, faço como aqueles gregos antigos, que, cansados de peregrinar pelo mundo, sentavam-se, um dia, para morrer, à porta dos templos, oferecendo aos deuses, numa última benção a vida, as suas sandálias, o seu cinto, e o seu bordão.

H. de C. [...] (p. 11-12).

PREPARATIVOS DE VIAGEM

O tempo corria, célebre, e o meu futuro continuava a apresentar a perspectiva de um deserto de cinza, limitado,

no horizonte, por um deserto de areia. Habitada por numerosas famílias de boa condição social, mas dispondo de poucos lugares no comércio, e nos ofícios menos grosseiros, para os meninos que se iam tornando rapazes, Paraíba era, por essa época, uma das muitas cidades saturninas do Norte, que geram os filhos e os devoram [...] (p. 326).

[...]

É verdade que minha mãe procurava ocupar, quando possível, as minhas horas vadias, e que eu próprio, matando a fome à minha atividade, buscava enchê-la com alguma cousa. Mais por gosto do que por obrigação ou castigo, aprendi a fazer crochê, renda de almofada, e algumas outras prendas femininas e caseiras [...] (p. 327).

[...]

E lia, também [...]. Um dia, tomei uma tradução de Júlio Verne, “Os filhos do Capitão Grant”, em dois volumes. Li à tarde, e durante a noite toda. Pela manhã a leitura estava concluída. E eu com febre alta, febre nervosa, da emoção recebida. Não gostava de estudar; mas gostava de ler. O espírito começava a sentir apetite. Queria, no entanto, ele próprio, escolher o seu prato [...] (p. 328-329).

LXVII – ORGULHO DE PROLETÁRIO

[...]

À noite, às oito horas, a mercearia fechava as portas. Corria a tomar o meu banho. Vestia-me. Atravessava a rua. Entrava na Biblioteca Pública.

E ia viajar com Júlio Verne (p. 387).

LXIX

“SEU ZÉ”

Revedo cuidadosamente as páginas do livro da minha vida, tenho a impressão de que foram esses, passados à beira de um tanque repleto de garrafas, os dias mais tranquilos que nela se encontram. Trabalhava muito, exercia funções humildes, mas era tratado com afabilidade e não sofria privações [...] (p. 388).

LXX

FIM DE SÉCULO

[...] É que eu passei a última hora do século XIX e a primeira do século XX, trabalhando, como se elas não fossem, na existência de um homem, diferentes das outras. A minha passagem pelos jornais, como tipógrafo, quer na Parnaíba, quer no Maranhão, tinha-me dado a noção, já, da majestade da hora que ia soar no surdo bronze do Tempo. Eu estava corrente da importância excepcional de que se revestia, para o mundo inteiro, aquela transição cronológica, e do interesse, da ansiedade, do nervosismo, com que os homens a aguardavam, como se o novo período da história humana trouxesse, a todos os povos, a felicidade e a redenção. Ao meu espírito infantil, a [p. 341] que o sofrimento e a experiência haviam dado vivacidade precoce, não escapava o relevo daquele acontecimento, que seria único na minha vida. E o que eu lia, e o que me rodeava, contribuía para acentuar aos meus olhos a culminância do fato de que eu ia ser testemunha [...] (p. 340).

[...]

Foi assim que, humilde caixeiro do século XIX, penetrei o século XX (p. 396).

CARNEIRO, David. *Biografia do Cel. David Carneiro e cartas escritas por ele mesmo a seus filhos*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1928-1938.

David Antonio da Silva Carneiro foi um engenheiro, historiador, escritor, poeta e positivista brasileiro. Nasceu em 1904. Faleceu em 1990, em Curitiba.

Trata-se de uma edição comemorativa do aniversário de sua transformação. Obra dividida em capítulos, totalizando XIII. É uma autobiografia.

[capítulo I]

O coronel David Antônio da Silva Carneiro era o terceiro do mesmo nome [...] (p. 3).

O pai dele, José Alvares, nasceu em Iguape, e foi figura ilustre.

A biografia não interessa tanto – não escrita por ele –, mas sim as cartas – escritas por ele –, algumas.

Da carta escrita em Cristiania (Noruega) em 7 de agosto de 1924:

Viagem longa e pontuada de escalas, foi natural a demora. Agradeço a você o gesto de amizade que tanto agrada. Longe parece crescer a sensibilidade. Uma palavra amiga tem acordes e desperta alegrias singulares. Mais ainda quando ela vem do filho que está além, e que sentimos estar aqui dentro. Obrigado, meu Vicota.

A tua carta de 30 de junho está sob a minha vista. É pena que a correspondência daí chegue tão atrasada. O nosso cônsul aqui recebe cartas com 18 e 20 dias. Nós ainda

não conseguimos lê-las com um só de atraso; é sempre maior de 30 dias.

Espero tê-las mais novas quando estejamos em Paris ou na Suíça. Ali o correio é mais seguido [...] (p. 129).

Diário de uma menina de 14 anos, 1933-1934.

Esse manuscrito [datiloscrito] pertence à Coleção Artur Ramos. É um diário íntimo. É um original datilografado de 76 páginas. A narrativa inicia-se no dia 23 de maio de 1933.

Trechos:

[fl. 1]

23/5/1933

Não sei estar na escola sem a coleguinha R ...; como eu, muitos colegas gostam dela; por isso, hoje, não a vendo no grupo, fomos buscá-la em casa. Apareceu-nos à porta com um interessante pijama. Assim que nos viu, foi correndo mudar a roupa e veio conosco, para a Escola; não para passar o dia todo, pois ia passá-lo na ilha [...]. Algumas das alunas trouxeram fantasias para a tão esperada festa de São João. D. D ... pediu, então, que fizéssemos o bailado que dias antes havíamos ensaiado por simples brincadeira. A nossa alegria foi geral e inexplicável. Vestimos a R ... com uma fantasia cor de rosa, que lhe assentou muito bem. Começamos então nosso bailado. Era R ... quem nos dirigia, pois, ao meu parecer, ela tem uma alma de artista. D. D ... e D. M ... ficaram assistindo. Repetimos várias vezes o bailado [...].

[fl. 2]

continuação do diário de uma menina de 14 anos.

24 de maio de 1933

Fiquei contentíssima quando soube que já tinha professora de ginástica [...]. Penso que D. L. não gosta de mim e, chegando a minha vez, ela começou a dizer que eu também lhe havia respondido com malcriação, num dia de prova, (coisa que garanto que não fiz). Acho que ela me julga mal-educada e má [...]. D. L. é a única que tem queixa de mim, pois julgo que as outras professoras, todas, não têm razão alguma para deixarem de me estimar.

[fl. 3]

continuação do diário de uma menina de 14 anos.

Dia 25 de setembro [sic] de 1933

Resolvi ir à classe de Matemática, e verifiquei que D. L. não é tão injusta como eu pensava [...]. Estou mais tranquila, mas ainda assim preocupa-me um desejozinho de sair da escola.

[fl. 5]

continuação do diário de uma menina de 14 anos.

Dia 30 de maio de 1933

Assim que cheguei à escola fui para a sala de Linguagem. D. D. mandou que escrevêssemos uma mensagem às crianças do Acre. Mas eu estava tão triste e aborrecida que não tinha ideia nenhuma para escrever [...]. Estava fazendo um trabalho para o jornal, a mando de D. D., por intermédio de D. S., quando esta chega e me entrega os meus diários, dizendo que ela os havia lido, não por indiscrição, (nem eu estava supondo isto) e que o juízo que ela fazia de mim era o melhor possível [...]. Esta dúvida me dilacera a alma! [dúvida sobre a opinião de D. D sobre a menina]

Essa minha justa tristeza rouba minha vontade [de] estudar e obriga-me a andar de cara amarrada e a falar,

também com certa secura, até com minhas queridas coleguinhas, que já reclamaram os meus modos bruscos. Mas o que eu posso fazer se numa batalha travada no meu coração, entre a tristeza e a alegria, a tristeza é mais forte?
[fl. 6]

continuação do diário de uma menina de 14 anos.

31 de maio, quarta-feira

Felizmente dissipou-se minha mágoa. Já não tenho aquelas impressões que não me deixavam sossegada e que tanto me aborreciam. Agora ando alegre e despreocupada, graças a D. D [...].

[fl. 10]

[fizeram uma excursão] continuação do diário de uma menina de 14 anos.

6 de junho de 1933

Terça-feira

[...] Na volta nos divertimos e brincamos muito, principalmente no bonde. Chegamos à escola às seis horas e foi com muito entusiasmo que disse a D. S. que havia gostado imensamente.”

[fl. 12]

continuação do diário de uma menina de 14 anos.

9 de junho de 1933

[...] Será que chegarei a ser algum dia uma afamada escritora? Talvez!! Quem sabe?

[fl. 13]

continuação do diário de uma menina de 14 anos.

10 de junho de 1933

Sábado

Nunca pensei que meus diários fossem agradar tanto assim a D. S., para ela mostrar a D. A. (inspetora da Escola) e esta querer levá-los para o Diretor de Instrução!!!

[fl. 16]

continuação do diário de uma menina de 14 anos.

14 de junho de 1933

Quarta-feira

Depois de reler este diário, verifiquei que eu não soube me exprimir como queria, pois não tenho ainda um vocabulário amplo, nem técnica literária. D. D. acha que tenho facilidade de expressão, Mas qual! quem me lê não pode compreender o que sinto. E quem ler este diário, não achará razão alguma para eu sair da escola. Mas se eu soubesse descrever o que se passa no meu íntimo!!! Se eu soubesse!! ...

[depois a menina desiste de querer sair da escola]

[fl. 21]

continuação do diário de uma menina de 14 anos.

20 de junho de 1933 – terça-feira.

[...]

Estou aflita por saber o que D. D. vai escrever no meu caderno, pois ela disse que eu deixasse uma página em branco. Sou capaz de lhe deixar todo o caderno, porque aprecio muito seus conselhos.

Quando li o que ela escreveu nos meus diários anteriores, fiquei estupefata!! Como poderia ela adivinhar tanta coisa de mim!!!

Dou-lhe toda razão e me esforçarei para seguir seus conselhos, reconhecendo que é para meu bem, tudo que ela me aconselha.

No fólho seguinte, pulando dois dias, a menina diz: “Fiquei muito contente quando soube que amanhã (sábado) não haverá aula.”

A menina, como quase toda adolescente é contraditória. Ora gosta da escola, ora não. Ora gosta dos conselhos da professora, ora não. E se justifica o tempo todo. Quer correção, não quer. Quer ser “boa” menina, quer ser arteira ou levada.

[fl. 23]

Diário de uma menina de 14 anos.

26 de junho de 1933 – segunda-feira

[...]

Até que enfim D. D. já levou o meu caderno diário para escrever! Agora espero ansiosa o seu retorno. E enquanto isso, fico imaginando tantas cousas!! mas tantas! Que parece que eu já o estou lendo, pois prevejo bem tudo o que ela vai escrever!

[f. 25]

Continuação do diário de uma menina de 14 anos.

28 de junho de 1933 – quarta-feira

Bandeirinhas, lanternas, flores artificiais, folhas, etc., enfeitam a nossa escola! Todos esperam ansiosos que chegue a hora de festa (sete horas). Às seis horas já estávamos quase todos na escola e prontinhos, isto é, fantasiados, com chapéu de palha grande e cada uma com um nome roceiramente engraçado na aba do mesmo. “Patativa” foi o nome escolhido para mim por D. D.

Sete horas! A escola foi aos poucos se enchendo de gente. Nós, alunos, num reboição medonho, corríamos de um lado para outro e mal ouvíamos o chamado de D. L. que até estava impaciente, coitada!

O primeiro número que representamos foi Mártires da fogueira, que, na opinião das professoras, foi muito bom. Depois a ciranda das pequenas, casamento na roça e assim por diante.

Nós dançávamos no terreiro numa animação nunca vista, ao som da banda que tocava nos intervalos. A fogueira ardia em brasa e de vez em quando soltavam alguns fogos. Nós pintamos o sete com os estudantes e a animação era tal que nem reparamos que não estávamos procedendo bem, pois eles estavam impossíveis e aborreceram muito as professoras [...]. Foi com a coleguinha M. L. que passei o tempo todo da festa e dançamos muito, procurando conservar sempre os modos e atitudes roceiros.

Nessa festa, esqueci muitas cousas que me preocupavam e tudo o que me entristecia. Foi por isto que falei e brinquei muito com uma pessoa que quero esquecer e com quem não devia ter falado.

Mas não faz mal, isso foi uma despedidazinha.

Às dez e pouco, fizemos a “Marche o [aux] flambeaux”. Terminado vim para casa, mas com uma pena que só Deus sabe!

No fólho seguinte, dois dias depois, narra que teve coragem para fugir da escola, pulando muros para ir ter com um menino. Depois como fez para voltar sem que ninguém notasse sua ausência. A menina sente-se arrependida, pois quer aprontar, mas quer ser correta, dividindo-se entre atender seus impulsos infantis ou infantojuvenis.

[fl. 59]

Diário de uma menina de 14 anos. (Continuação)

Dia 15 de agosto de 1933 – terça-feira.

[...]

Lá vem romantismo ... Foi o gracejo de D. D. ao corrigir este diário.

[fl. 60]

Diário de uma menina de 14 anos. (Continuação)

Dia 16 de agosto de 1933 – quarta-feira

[...] É no quarto de passar a ferro que estou fazendo este diário. Devem ser mais ou menos seis e meia. Estou sentada bem em frente à janela aberta. Levantando os olhos do caderno, fixei-os no céu, e divisei lá longe, bem longe, numa distância sem fim, duas estrelinhas. Uma brilha muito e a outra está como apagada, quase que invisível. Pensei logo: R. e eu, isto é: aquela que mais brilha, representa a minha amizade para com R. Amizade bem viva, clara e firme, sincera e franca. E aquela outra apagadinha é a amizade de R. para comigo. Amizade fraquinha, apagadinha, e quase a se extinguir quase invisível ...

Nessa altura do diário, percebe-se ser prática escolar e familiar escrever e ler diários.

[fl. 61]

Diário de uma menina de 14 anos. (Continuação)

Dia 16 de agosto de 1933

[...] Cheguei em casa, doida para ler o caderno de R. Subi bem cedo, mudei minha roupa às pressas, me meti embaixo das cobertas e depois de me acomodar bem, me recostar nas almofadas, principiei a ler. Li muito e li todo o caderno.

[fl. 62]

Diário de uma menina de 14 anos. (Continuação)

Dia 16 de agosto de 1933

Terminado fiquei pensando por muito tempo e custei a pegar no sono. Pensei em tantas coisas!! As páginas que acabara de ler ficaram brincando na minha cabeça e furtaram meu sono.

Achei a R. um pouco parecida comigo moralmente. Os seus desejos, aquelas coisas todas que ela anseia, também eu anseio tal qual ela. Tudo o que deseja ser, também se parece com os sonhos em que mergulho a alma [...].

Nos fólhos seguintes a menina narra que discute com R. porque R. acha que por Dalila, a menina de 14 anos do diário, não citar seu nome, não gosta dele, de R. Relata também [fl. 67] que passam o recreio todo discutindo, pois R. não acredita que Dalila a estima.

No fólho 75 Dalila diz não se recordar em que dia foi o que relata ali. É o penúltimo fólho do diário de uma menina de 14 anos. Relata que D. D. elogia muito o diário e que era o melhor. Mas Dalila diz não acreditar nisso. No fólho seguinte termina o diário de modo arbitrário, sem fim, como muitos diários pessoais que começam e terminam arbitrariamente.

Diário de viagem do Rio de Janeiro a Vitória, 1902. s/a.
Esse manuscrito narra feitos de 24 de maio até 28 junho de 1902.

[fl. 1]

Bordo do paquete

São Salvador, maio 24, 1902

Do Rio de Janeiro à Vitória

Transposta a barra do Rio de Janeiro navegou-se praticamente a passar entre as ilhas Pai e Mãe próximo a entrada da barra. Ao rumo E $\frac{1}{2}$ e E mg navegou-se depois a passar entre as Maricás e a costa. Essas ilhas são três, existem, segundo estou informado, na que fica mais ao norte recifes encobertos em continuação às pedras que se vêm baixas. Navegou-se ao E $\frac{1}{2}$ e E mg até ter-se o Cabo Frio quase pelo través, o que se deu cinco horas e $\frac{1}{2}$ depois de passarmos a barra sendo a marcha quase constante do S. Salvador 11 milhas horárias [...].

[fl. 2]

[...]

Maio 25

16 horas 15 minutos de se ter montado os navios de S. Tomé mudou-se o rumo para N 4 $\frac{1}{2}$ N E mg, em demanda do porto da Vitória, tem-se a ilha Rasa e as pedras Escalvadas mais para E dela pela brecha de BB; vê-se a igreja da vila [fl. 3] de Guarapari pelo través de BB e as ilhas de Guarapari e alguma distância pela bochecha de BB. duas horas 15 minutos depois (22 ou 20 milhas depois) o rumo foi NE 4 N mg proa no Morro Moreno [...].

[fl. 13]

[...]

Maio 29

Cinco horas e meia depois de passarmos o farol de [...] do Monte entrou o S. Salvador no porto de Maceió. [fl. 14] Viagem do porto da Bahia ao de Maceió – em 24 horas, distancia proximamente 250 milhas – 10⁴ por hora.

A baía de Maceió é aberta e franca em forma de enseada; dá-se resguardo aos recifes e banco existentes ao lado Este da baía (para a ponta da Pajussara) – pedras que são assinaladas por uma boia vermelha que fica mais próxima de terra. Há uma outra boia mais saída para o mar que marca um cocuruto na cabeça de areia que lhe fica próximo – entre este cocuruto e as pedras se pode passar porém convém, já que existe uma boia determinando sua posição, passar por fora dela; ao entrar o S. Salvador os recifes estavam encobertos pela maré [...].

[fl. 15]

/cont. data acima/

[...]

Quando o S. Salvador saiu de Maceió os recifes estavam descobertos. Segundo estou informado quando se vem do Norte em demanda do ancoradouro de Maceió, deve-se pôr o farol ao N4 NE antes de guinar, salvo das pedras – feita essa marcação pode-se guinar sem receio [...].

[fl. 16]

[...]

Maio 31

[...]

[fl. 17]

A navegação poderá ser feita do seguinte modo: deve-se logo que se começa a navegar afastar-se um pouco da praia que se chama da Boa Viagem e começa ao terminar os recifes e forma uma larga enseada até o cabo de Santo Agostinho [...].

[fl. 18]

[...]

Observação nº 1 – Quem está demandando o Recife e quer se bem navegado, bem salvo das picas da costa de Boa Viagem deve deixar sempre e sem o que estará muito ensacado, a ponte do Pau Amarelo, língua de terra que sai fora de ponta de Olinda [rasura], sempre para fora desta e nunca deixar Olinda encobrir o Pau Amarelo [...].
[fl. 22]

[...]

Junho 2

Muito cedo pela manhã suspendeu o S. Salvador e fez para um pouco ao sul do farol, depois para em cima do farol e ao aproximar-se conveniente foi [fol. 23] abrindo a proa em uma ponta de recifes que se acham ao norte da barra – [rasura] depois mandou-se guinar todo a [...] [rasura] enfiando o farol em uma moita de coqueiros que [rasura] fica por detrás do forte e largou-se o ferro – nessa guinada a proa do navio vem enfrentar com o braço entre a ponta [...] e o forte – fundo de sete braças [...].

[fl. 30]

[...]

Junho 5

Com maré de enchente sai do fundeadouro dos navios do [...] no Maranhão para a baía de São Marcos. Fez-se proa no forte com ele um pouco por [...] e atendendo a maré com a popa em um coqueiro que sobressai do lado mais para o sul da cidade projetado sobre o ângulo de uma casa notável que ali existe [...].

Ao sair nota-se que a ilha do Medo se afasta da das Pombas e não a última da primeira como no caso da entrada.

Nota. Desde que as duas torres redondas da Igreja aparecem ao dobrar o forte por detrás do mesmo ou

a barreira [fl. 32] de São Francisco por detrás do forte entre os coqueiros que ali existem, e que as ilhas Duas Irmãs começam a abrir em cima o fundeadouro é bom. Notei que ao sair dá-se um largo corredor entre a ilha das Duas Irmãs a de fora e a ponta de terra.

Observações – Há do lado de oeste de terra na baía de São Marcos uma mancha branca depois de passar o farol de São Marcos, que marca o começo do banco do Meio e deve-se deixá-la ao Oeste para tê-lo montado.

A Maré corre com muita velocidade e é preciso dar-lhe um desconto meia quarta [...].

[fl. 48]

[...]

Junho 28

Dezesseis horas depois navegando ao rumo [...] o monte Pascoal estava pelo través – observei o sol às duas horas e dois minutos desse dia – [...].

GAMA, Sebastião. Diário de Sebastião da Gama. *In: Obras de Sebastião da Gama*. 6 ed. Prefácio de Hernâni Cidade. Lisboa: Ed. África/Lisboa, 1970.

Sebastião Artur Cardoso da Gama foi um poeta e professor português. Nasceu em 1924. Faleceu em 1952.

Do Prefácio de Hernâni Cidade:

Este diário, que Sebastião Gama deixou manuscrito, é registro quotidiano das suas experiências de estagiário do Ensino Técnico, e seria, não se sabe até que altura, o programa da sua carreira de professor, se a Morte lhe não houvesse tão prematuramente posto termo. É claro

que o não escreveu para exclusiva leitura pessoal; “Isto é quase um diário íntimo – confessa ele – e se digo quase, é porque, apesar de tudo, sei muito bem que outros, que não só eu, o vão ler, e isso, que não obsta a que sejam sinceras todas as minhas palavras e verdadeiras todas estas histórias, me impede de contar certas ... coisas que terei pudor / de contar seja a quem for” (p. 7).
[...]

Professor e poeta, afinal, mostra este documento como eram duas faces da mesma fisionomia espiritual, como se integravam na realidade concreta duma singularíssima alma, como em toda a minha longa vida de professor me não foi dado conhecer outra [...] (p. 8).

ESTÁGIO DE PORTUGUÊS NA ESCOLA VEIGA BEIRÃO

1948-1949

Todos os trechos a seguir são de 1948:

Janeiro, 11

Para começar, o metodólogo falou conosco durante uma hora. De acordo com o que disse, vão ser aulas de Português o que eu gosto que elas sejam: um pretexto para estar a conviver com os rapazes, alegremente e sinceramente. E dentro dessa convivência, como quem brinca ou como quem se lembra de uma coisa que sabe e vem a propósito, ir ensinando [...] (p. 25).

[...]

Janeiro, 12

“O que eu quero principalmente é que vivam felizes”

Não lhes disse talvez estas palavras, mas foi isto o que eu quis dizer. No sumário, pus assim: “Conversa amena com os rapazes”. E pedi, mais que tudo, uma coisa que eu costumo pedir aos meus alunos: lealdade [...] (p. 25).
[...]

Janeiro, 17

Verdade seja dita: não tenho muitas queixas a fazer do Destino. E aqui no estágio, além do mais, encontrei uma varanda linda. Linda porque Lisboa é e vê-se metade dela da varanda da sala 19 [...] (p. 28).
[...]

Janeiro, 24

Chamei o Ludovico para o ouvir ler. Chamei à moderna ou à minha moda, claro está. Até seria bom banir a palavra, que tem ainda, para muita gente, o sentido de “tortura”. Quando cheguei a Setúbal, quis acabar com o que fica bem chamado “o terror da chamada”; é esse terror que leva a criança a faltar à aula, a inventar uma desculpa, a tremer perante o professor. Ora em Setúbal, como aqui (estou a escrever este diário a vinte e seis de fevereiro), deu-se ao contrário : [...] (p. 31).
[...]

[Fevereiro, 11]

[...]
E passamos então a “cartazes” a que ainda não dei seguimento. Ficarão para outro dia (estou a escrever isto a cinco de março) e até lá obrigarei a minha pobre imaginação a inventar centros de interesse para eles. Um seria a festa escolar [...] (p. 45).

Fevereiro, 16

A aula passada ao papel fica sempre mesquinha. A aula de Português acontece na sala 19 e não aqui, neste papel aos rectângulozinhos [*sic*]. Depois, eu não sei inventar nem doirar; e há uns tempos para cá nem sequer sei reproduzir – ando tão doente da mão. Por tudo isto é que são uma caricatura das aulas as linhas que ficam neste caderno [...] (p. 48).

[...]

Fevereiro, 21

A aula de hoje foi comezinha. Corrigi redacções [*sic*] a meu modo. Leio um pedaço da redacção em que qualquer coisa claudica; eles dirão onde está o erro e eles o emendarão no quadro [...]. O Gabriel leu (e muito bem) parte de A ÁRVORE QUE CANTAVA. Depois (e muito bem) contou o resto [...] (p. 56).

[...]

Março, 25

Faz-me tanto mal e tanto bem dar uma aula má! Eu não sou tão confiante como pareço: tenho sempre medo de perder, julgo sempre que nada valho antes de fazer as coisas [...]. Ninguém dá por meus receios, pela minha covardia, porque eu só manifesto o meu contentamento pelas minhas vitórias – e é assim que em vez de me chamarem tímido me chamam (provavelmente e não me importa) vaidoso [...] (p. 86-87).

Entre os diários de 1948-1949 e 1949-1950 há uma espécie de capítulo intitulado “Uma página de férias”, dele se extrai:

Ou isto é um diário íntimo ou não é. Porque não hei de guardar aqui meia dúzia de anedotas que têm o sabor único de as ter vivido eu, de as terem vivido os meus rapazes? Estou a ver o Calvinho com os óculos, como diz um colega, presos com cordéis, que não servem para nada, porque o Calvinho olha justamente por cima deles ...Mestre Calvinho, que é sensivelmente mais pequeno (ou menos grande ...) que as suas lentes presas com cordéis às orelhas enormes, Mestre Calvinho volta-se para mim (que saudades dos meus primeiros meses de professor nesse outono bonito de 1947?) e pede a palavra: [...] (p. 149).
[...]

Última aula do Segundo, Sétima turma da noite, que ouviu a minha primeira aula (estou a ver, quando eu, à saída, conversava com meia dúzia daqueles excelentes rapazes, o Dimas a chegar de repente, desencavalita-[sic] da bicicleta e perguntou: “Que tal é o gajo?”). Aula que era sempre das dez para as onze e em que o Basílio, a um canto, dormia sempre ... [...] (p. 151).

ESTÁGIO DE PORTUGUÊS NA ESCOLA VEIGA BEIRÃO

1949-1950

[...]

Outubro, 20 [1949]

A aula de hoje foi uma conversa animada, calorosa por vezes, sobre as redacções. Cada qual fazia ler ou lia a sua e depois a plateia criticava; ou criticava eu [...] (p. 171).

Outubro, 27 [1949]

A lição de hoje foi curta e menos animada do que eu supusera e quisera. É curioso isto de a gente (ou pelo menos eu) “ver” o próprio tempo figurado – representá-lo

por uma imagem que é gorda e cheia na aula de 22, que é curtinha e reduzida na de hoje. E no entanto cada uma durou os mesmos 50 minutos da tabela [...] (p. 177).

[...]

Janeiro, 17 [1950]

Camões salva *Os Lusíadas*. Salva-os pela boca do filho pródigo, que aqui está a meu lado, feliz e grulha. Serviu o trecho para falar de Camões pela primeira vez – é preciso começar a abrir caminho até à admiração carinhosa pelo Poeta. De corrida (“para outro dia será falar d’*Os Lusíadas* longamente”) esbocei o plano do poema, as causas por que surgiu, o seu significado nacional, o seu alcance [...] (p. 212).

Faz uma longa recepção do poema, que não vem ao caso transcrever, nem com ela ou dela se ocupar.

[...]

Janeiro, 26 [1950]

Hoje veio à aula o metodólogo, e eu continuei com a lição anterior. Tudo (afora a leitura) que constituiu a aula de ontem, “aconteceu”. Porque a de hoje é que eu me lembrara subindo a rua da Madalena, de desdobrar a seguir à *première* da Bela [...] (p. 218).

[...]

Janeiro, 28 [1950]

Tanta coisa para lembrar, tão pouca para escrever. No caderno do Romão [aluno] deixei este sinal: “Hoje foi um grande dia”. Palavras para mim e para ele, só para ele e para mim [...] (p. 220-221).

[...]

Fevereiro, dois [1950. Último dia e texto do diário]

Um grande, um lindíssimo ramo de cravos. O Artur [aluno] a trazê-los, com estas palavras: “Para si e para a sua Joaninha”. Uma catadupa de obrigados – gaguejos e lacrimosos.

Mas o estágio não acabou: começou. Fez-se a vindima, pisou-se a uva – e agora é que o vinho está a fazer-se. Se Deus quiser, aí para outubro estou a vendê-lo ao balcão da Escola que foi, e é ainda, de João Vaz [...] (p. 223).

INOJOSA, Joaquim. *Diário de um estudante* (1920-1921). Rio de Janeiro: Ed. Férias, Ltda, [19--].

Joaquim Inojosa de Andrade nasceu em São Vicente Férrer, Pernambuco, em 27 de março de 1901. Foi jornalista e escritor.

Na folha de rosto consta o título:

Livro íntimo 1º / DIÁRIO DE UM ESTUDANTE / 1920-1921

Livro íntimo ... que somente eu posso ler ...

Isto foi escrito em 1920, quando ainda não havia passado dos meus dezoito anos. Iniciava um “diário” de “impressões” que se estenderia pela vida afora, frequentemente atingido por breves ou prolongadas interrupções.

Quase quarenta anos depois, tendo conservado intactos, como que por milagre, os originais de páginas para mim tão significativas, resolvo publicá-las, isto é, decido que deixem de constituir “livro íntimo”.

São impressões da juventude, que devem, por isso mesmo, revelar-se em grande parte: marcas de um espírito preocupado com o futuro, vivendo só e só para os estudos,

nos quais parecia fazer repousar a solução dos meus problemas íntimos, influenciado pelos primeiros autores que lhe caíam sob as vistas, sem qualquer orientação de mestres, como era da educação da época.

Publico-o – este "livro íntimo" – sem alterar-lhe uma vírgula, rigorosamente de acordo com os originais. Adaptei-o apenas, à ortografia moderna, para que não tivesse de reproduzir aqui os "Itabayanna", os "apothese", os "offerto-te" ...

[...]

De como conservei os cadernos em perfeito estado, apesar das idas e vindas, das lutas e decepções que o destino me tem reservado, nem eu mesmo sei. Sou homem de arquivo pessoal, e creio que foi o gosto por essa forma de guardar "pedaços da vida" que me fez ter em lugar seguro, por tanto tempo, cadernos ou fichas, em cuidadosa ordem cronológica, que constituem a delícia de ter vivido (p. 7).

[...]

O primeiro volume do "Livro íntimo" abrange os anos de 1920 e 1921: dois cadernos do tempo em que cursava a Faculdade de Direito de Pernambuco – 2º e 3º anos – escritos entre as cidades de Itabaiana, Paraíba e Recife. Dei-lhe, por isso, o título de "Diário de um estudante". Vieram interrupções, que o segundo volume anotará ... segundo volume a sair, quando, nem eu mesmo sei ...

Muitas das páginas [...] [proclamo-as] sinceramente [...] "pecados da juventude", que a vida, ao depois, aplaina, justifica, desculpa, conforme os rumos que tenha tomado na confusão dos acontecimentos, aqueles rumos que as fantasias da idade por vezes mal conseguem prever; ou,

mesmo, aquele “triste outono” a que se referia Antônio Nobre [...] (p. 8).

DA ADVERTÊNCIA [escrita e assinada pelo autor do diário]

Este livro são páginas sinceras de minha vida.

Impressões de leitura, ou conversa, ou passeio, ou “flirt”, ou contrariedades, resumo do que se passa de assinalável em minha vida, serve para no futuro eu saber de meu passado com mais nitidez e atualidade do que as recordações da própria memória.

Escrevo com síntese: porque a verdade se sumaria em poucas frases.

É um livro íntimo, que somente eu posso ler, pois eu, só, o compreendo. Cada página é cada vibração de minh’alma, cada latejar de minhas veias, cada sensação de meu ser. O porvir me dirá quais as vantagens que este “Livro Íntimo” me trará.

Oxalá sejam elas tão relevantes quão sinceras todas as palavras que neste livro se acham escritas (p. 13).

Primeiro de janeiro de 1920 [consta nota explicando que as notas datam de 1959 quando Inojosa decidiu publicar o livro].

Hoje, estremunhado ainda pelo ter passado a noite em apoteoses ao novo ano, escrevo a primeira página deste livro [...] (p. 17).

[...]

Janeiro – 4

Escrevo a primeira produção deste ano. É uma carta ao José de Assis em resposta à sua de 19/12/919, em que estudei a personalidade pseudoliterária [*sic*] de Mário de Alencar e digo algo a respeito da crítica brasileira, acentuando a

imparcialidade de José Veríssimo e definindo-o o nosso verdadeiro crítico (p. 18).

Janeiro – 10

Uma grande vontade de escrever me supera neste momento. A brisa que me vem do jardim defronte à casa em que resido é agradabilíssima.

Sinto-me contente pelo ter conseguido, neste mês de janeiro, refrear, de certa forma, os ímpetos eróticos do meu coração. E, todavia, continuo a amar com a mesma intensidade. Convencendo-me, mesmo, de que o Amor é como certos corpos gasosos: quanto mais comprimidos maior a sua força.

A grande paixão que ora me domina e que, aliás, sempre me dominou, é a pelos livros. Leio, estudo e escrevo o dia todo. À noite, uma ou duas horas. Pela manhã, quase sempre até às nove horas, escrevo. Às onze, 2ª interrupção de três horas para almoço, exercício e banho. Às duas horas da tarde recomeço a faina, até às cinco e meia. À noite, de nove às 10 ou às 11, conforme a predisposição de espírito. Às seis horas, saio à rua para aborrecer-me com conversas ininstrutivas [*sic*] dos moços de minha terra espiritual. Nada se discute de aproveitável, e em muitas reuniões prefiro ficar silencioso horas a fio, presenciando asneiras, a emitir opinião [...] (p. 19).

Fevereiro – 17

[...]

“Hoje é o último dia de carnaval. Momo vai adormecer para ressuscitar em 1921. Nesta cidade de Itabaiana foi sumamente desanimado. Ontem e anteontem nada se fez. Hoje ainda houve certa animação. Dançaram ontem e

hoje estão dançando no “Hotel Avenida”. Não compareci, pesar dos reiterados convites. E não devia comparecer. Meu maior divertimento foi lança-perfumar minha C ... com quem brinquei algo. Às sete horas, porém, ela se retirou e para mim consumou-se o carnaval [...] (p. 31).
[...]

Fevereiro – 28

Termino a leitura da “Conquista”, de Coelho Neto. A impressão foi agradável, embora passageira. São páginas de psicologia estudantil, em que o autor relembra os tempos de boêmia no Rio com Aluísio e Artur Azevedo, Guimarães Passos, Bilac, Patrocínio, etc [...]. “A Conquista” nos deixa impressão efêmera. Causa riso, por vezes. Todos os livros de Coelho Neto nos deixam impressões efêmeras [...] (p. 33).

[...]

Março – 7

Este dia vale para mim uma eternidade ... [...] (p. 37).

Março – 24

Termino a leitura de *O espião*, de Gorki. A falar francamente esse escritor deve a sua popularidade às questões em evidência. Escreve socialismo, o que o faz ser muito lido. O talento, só, o não faria tão estimado. Porque não possui a intuição filosófica de um Tolstoi. É popular: pinta com naturalidade, a vida operária, o sofrer do proletariado. É incontestável que a literatura para o futuro será socialista antes mesmo que o socialismo triunfe [...] (p. 41).

Abril – 28

Até que afinal conheci *Inocência*, de Taunay. Devore-a com os olhos. Foi uma leitura rápida, tal a ânsia de

terminar. Pereira representou bem o tipo do sertanejo. Às vezes, porém, usava certas expressões que, a meu ver, seriam apropriadas a um homem instruído. Mayer é a melhor personagem verídica do livro, isto é, é a em que melhor se aprecia a realidade psicológica dum indivíduo [...]. O livro é, apesar desses leves toques sem nenhum valor, admirável. Merece a fama que tem, merece ser posto à cabeceira de cada virgem [...] (p. 48).

[...]

Junho – 8

Paraíba. Deixei Giquiá verdadeiramente saudoso. E deixei tudo triste: de Abigail e Edméia morreu-lhes o pai, ontem, e do sr. Antônio, a mãe, anteontem.

A saudade que de longe sinto tem por origem a familiaridade com que era tratado. Não posso deixar de, neste livro por ninguém lido, gravar o nome do meu amigo coronel Antônio Paredes, de d. Regina, que se me não engano, em latim quer dizer – rainha [...] (p. 55).

Outubro – 9

Mais de um mês ausente, ó meu íntimo amigo, dá já a sensação desagradável de voluntário esquecimento. Entretanto, durante esse espaço de tempo, quantas vezes tive necessidade de ti para confiar os segredos de minh'alma! Ora momentos sublimes de erotismo, ora motivos exteriores de júbilo, ora apresentações a vultos eminentes, tudo eu poderia haver deixado nestas páginas em que somente fala a linguagem sincera de meu coração, do que ele próprio sente, da dor, do entusiasmo, do sorriso de transcendental satisfação ao monótono de fisionomia contrariada [...] (p. 65).

[...]

Novembro – 30

Em Itabaiana. Revejo a terra em que a qual tem florejado minhas mais fagueiras esperanças. Sinto a mesma sensação experimentada pelos que retornam ao lar após prolongada ausência, recebendo as carícias dos que lhes são caros [...] (p. 103).

Até o trecho acima referente ao ano de 1920.

A partir do trecho abaixo referente ao ano de 1921:

Fevereiro – 6

Começa hoje, o carnaval, grande loucura da humanidade revestida de risos, de satisfações incoercíveis, de alegria interior e exterior. Desde a criança ao adulto, de nababo ao médico, do pobre ao rico, do infeliz ao venturoso, do esmoler ao mais graduado funcionário público, todos, em frenesi de contentamento, se solidarizam para as apoteoses a Momo. Desaparecem intrigas, extinguem-se ódios, esvanecem-se paixões, para só haver um objetivo, a felicidade geral, isto é, festas a Pierrot.

Entretanto, o carnaval, encarado, quer pelo lado moral, quer pelo lado econômico, é de efeitos desastrosos [...]. O que unicamente penso, sumariando opiniões, é que a humanidade inda é tola demais, chegando ao ponto de uma inconsciência voluntária, levada por tradições que deviam de morrer [...]. Mas é o Carnaval que chega... Curvemo-nos! ... (p. 141).

Março – 25

Sexta-feira da Paixão.

Hoje toda a humanidade chora, e lastima, e não trabalha, e jejua. Chora inconscientemente, porque chora pelo que

devia rir: a morte, o sofrimento de Jesus Cristo. Rir, sim; foi um martírio tão cheio de mistérios e lendas a vitória do cristianismo! Se Cristo não morresse por sua ideia, sua ideia não venceria [...] (p. 164).

Março – 27

Completo, hoje, vinte anos. E como seja agradável viajar dia de aniversário, sigo ao Recife.

Nesta idade tenho feito o bastante para supor que venço. Posso mesmo afirmar que tenho dois anos de atividade mental, após minha vinda aqui para Itabaiana, em fins de 1918. No terceiro ano de Direito, sinto apenas que as condições financeiras me não protejam muito, e tenha, assim, de trabalhar para estudar [...] (p. 167).

[...]

Março – 29

De volta do Recife, releio, aforçurado, o *Impressões* – do passado – Fevereiro sete e 17. Para alguma coisa já me vão servindo estas páginas escritas com sinceridade. Nesse primeiro dia narro a história de um dentista a procurá-la conquistar; no segundo, a apologia de C ...

Hoje, todos os fatos passados, e já que entre nós nada mais existe, chego à realidade de que essa moça, de quem adorei a imagem durante dois anos, é mais mentirosa de todas as mulheres [...] (p. 168).

Faz referência a C. à página 28 do exemplar consultado e à página 30. À página 28 diz, após falar de sofrimento:

“[...] Hoje, em conversa com minha bela C ... fui alvo duma delicada repreensão, como só a podem passar as flores, devido leve falta que cometi [...]”. Narra o caso, que não vem ao caso. À página 30, Inojosa se refere ao

aniversário de dezoito anos de C. “[...] C ... é uma dessas virgens que os poetas chamam santas a habitarem aqui a terra. Estimo-a pelas excepcionais qualidades [...], pelo ar de apolineidade que a irradiança, [p. 31] pela afabilidade que a caracteriza e, sobretudo, pelo me ter sido, até hoje, sincera e boa, delicada e fiel [...]”.

[...]

Dezembro – 31

Reflexões finais

Fim de ano [...].

Ainda desta feita desconfio ter feito muito pouco. Advoguei, escrevi, orei [discursou], adquiri talvez mais algumas amizades, trabalhei um tanto, assisti a festas, etc, etc ... De pouca cousa [...] fica a lembrança duradoura. Não podemos conservar tudo o que nos impressiona os sentidos, porque dar-se-ia confusão no rememorar. Ademais, os acontecimentos comezinhos em nossa vida são tantos, que mal podemos divisar ao longe aqueles que concorreram para os grandes acontecimentos, na esperança em que vivemos de que os haja [...].

Amanhã será primeiro de janeiro. Não sei o que virá nessa montanha monstruosa, cujo parto se desconhece – 1922. Oxalá a natureza continue mãe carinhosa e se não revolte contra os homens.

(Recife)” (p. 358).

MALAQUAIS, Jean. *Diário de guerra* (1939). Tradução de Glycia Galvão, revista por Antônio Rangel Bandeira. Rio de Janeiro: Gráfica O Cruzeiro, 1946.

Jean Malaquais nasceu em Varsóvia em 1908. Faleceu em Gênova em 1998. Foi romancista e ensaísta polonês de expressão francesa.

Diário *stricto sensu*. É um metadiário, pois estabelece critérios da prática. A narrativa começa em 28 de agosto e vai até 13 de junho.

Narram-se eventos de 1939.

Agosto

28 – Decido-me a começar este caderno, pois sinto que desta vez não escaparemos. Gostaria de possuir bastante perseverança e fidelidade a mim mesmo, para nunca o abandonar.

Receio não me sujeitar a essa espécie de disciplina, de restrição, necessária à feitura de um diário; ou melhor, espero não me sujeitar; pois penso raramente somos sinceros para com o que chamamos nosso diário íntimo; nele, mais do que em qualquer outra parte, escrevemos de modo artificial. E penso também ser prova de grande vaidade alguém tomar nota de seus atos e gestos insignificantes. Mas a guerra bate-nos à porta, estará aqui dentro de um dia, de uma hora talvez, e, embora eu esteja ainda em Lys com G., numa paz perturbada apenas pelas vespas que voam rapidamente em torno das tília, sei perfeitamente que a minha vez se aproxima. E vou repetindo, para mim mesmo, que a guerra ... a guerra ... a guerra ... (p. 11).

[...]

31 – Jantei na praça Gaillon com J., correspondente da Agência Havas em Berlim, e sua esposa J., cujo físico faz lembrar o de um príncipe cigano, está mais sombrio do que nunca. Esteve trabalhando em Varsóvia; os poloneses são

valentes, e se os alemães avançarem contra eles podemos contar com grande derramamento de sangue [...] (p. 12).
[...]

Sete – Fui designado para servir na décima primeira companhia do terceiro batalhão, do 620º Regimento de Sapadores [...] [pertencente a setembro] (p. 17).
[...]

30 – Seguro cada vez menos neste caderno. Será que o abandonarei? O cansaço do trabalho, o aborrecimento, o desânimo progressivo que, sinto, vai-me dominando pouco a pouco, servem de obstáculos e pretextos. E esse sentimento de inutilidade! [...] [idem imediatamente acima] (p. 28).

[...]
11— Hoje – descanso. Um minuto de silêncio em memória do outro grande morticínio. Apresentação de armas, jugular ao queixo. O capitão B. saiu-se com uma homilia, curta, vibrante. Frituras e duas porções de vinho. Festa em toda linha.

Na Alemanha, neste mesmo dia, devem hastear as bandeiras a meio pau; e na ordem do dia os soldados devem ter ouvido que o Diktat, bem, meus amigos, isso é uma grande porcaria.

Tinha planejado dar uma volta grande e solitária pelo bosque, mas chove e venta, e sou obrigado a ficar no alojamento [...]. Os alojamentos estão todos completos hoje, não falta um homem; o tempo está na verdade muito ruim lá fora e o boteco do canal só abre às oito horas da noite [...] [referente a novembro] (p. 73).

[...]

12 – Grandes vitórias navais dos aliados nas águas norueguesas. Certamente. Os alemães, por sua vez, devem estar anunciando outro tanto a seu favor. Apenas os jovens que caem aos milhares de um lado a de outro, sabem com quem está a verdade [...] [referente a abril de 1940] (p. 158).

[...]

15 – Esta manhã, às sete horas, alguns de nós estivemos terminando a construção das defesas antitanques na estrada, justamente na entrada de Baronville. Uma esquadrilha de aviões passou a grande altura por cima do lugar onde trabalhávamos [...] [referente a junho de 1940] (p. 194).

[...]

O bombardeio durou quatro horas, até o meio-dia exatamente: uma bala para Baronville, outra para Morhange, situada a três quilômetros a sudoeste. Eu estava deitado no campo de trigo em companhia de diversos outros soldados [...] [continuação do dia imediatamente acima] (p. 195).

[...]

1 – Espalha-se o rumor de que enfim vamos ser alimentados. Hoje é o décimo dia do nosso jejum relativo; relativo, pois felizmente raros eram os que não possuíam um biscoito, uma lata de carne [...] [referente a julho de 1940] (p. 235).

O diário acaba em 13 de julho de 1940, arbitrariamente como começou.

MORLEY, Helena. *Minha vida de menina: cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

Helena Morley foi uma escritora brasileira. Filha de pai inglês e de mãe mineira. Nasceu em 1880. Faleceu em 1970.

Nessa edição consta Prefácio, diários com datação de 1893, 1894, 1895.

Do Prefácio (p. 3-4) se extrai:

Em pequena meu pai me fez tomar o hábito de escrever o que sucedia comigo. Na Escola Normal o professor de português exigia das alunas uma composição quase diária, que chamávamos “redação” e que podia ser, à nossa escolha, uma descrição, ou carta ou narração do que se dava com cada uma. Eu achava mais fácil escrever o que se passava em torno de mim e entre a nossa família, muito numerosa. Esses escritos, que enchem muitos cadernos e folhas avulsas, andaram anos e anos guardados e esquecidos. Ultimamente pus-me a revê-los e ordená-los para os meus, principalmente para minhas netas. Nasceu daí a ideia, com que me conformei, de um livro que mostrasse às meninas de hoje a diferença entre a vida atual e a existência simples que levávamos naquela época [...]. Nesses escritos nenhuma alteração foi feita além de pequenas correções e substituições de alguns nomes, poucos, por motivos fáceis de compreender [...]. Rio, setembro de 1942. Helena Morley (p. 7).

1893

Quinta-feira, cinco de janeiro.

Hoje foi nosso bom dia da semana.

Nas quintas-feiras mamãe nos acorda de madrugada para arrumarmos a casa e irmos cedo para o beco do Moinho. A gente desce pelo beco que é muito estreito e sai logo na ponte. É o melhor recanto de Diamantina e está sempre

deserto [...]. Mamãe chama Emídio da Chácara e põe na cabeça dele a bacia de roupa e um pão de sabão. Renato leva no carrinho as panelas e as coisas de comer e vamos cedo. Mamãe e nós duas, eu e Luizinha, entramos para debaixo da ponte para lavar roupa. Emídio, o crioulo, vai procurar lenha. Renato vai pescar lambaris; nunca vi tanto como ali [...]. Nhonhô põe o visgo e fica de longe à espera de passarinhos [...] (p. 9).

[...]

Terça-feira, 10 de janeiro

Hoje Benvinda veio com a irmã participar a mamãe e meu pai o casamento dela com um rapaz do Sêrro que foi soldado e deu baixa porque teve de cortar a perna. Nós achamos graça no jeito dela contar a história do noivo sem perna [...] (p. 10).

[...]Quarta-feira, 18 de janeiro

Estamos na Boa Vista e fomos hoje à casa de uns antigos amigos que eram tão bons para nós, todas as vezes que aqui vínhamos [...] (p. 11).

[...]

Sábado, 21 de janeiro

Quando eu tenho inveja da sorte dos outros, mamãe e vovó dizem: “Deus sabe a quem dá sorte” [...] (p. 13).

[...]

Quarta-feira, 15 de fevereiro

Graças a Deus o Carnaval passou. Não posso dizer que passou bem porque apanhei de vovó, coisa que ela nunca fez.

É sina minha todo o mundo que gosta de mim me infernizar a vida. Todas as minhas primas são governadas só pelos pais. Ah! Se eu também fosse assim! Meus pais é que

menos me amolam. Não tivesse eu o governo de vovó e tia Madge, teria ido ao baile de máscaras do teatro. Desde os sete anos eu sonhava fazer doze para ir ao baile. Agora estou com treze e apanhando para não ir! [...] (p. 16).

[...]

Sábado, 18 de fevereiro

Faz hoje três dias que eu entrei para a Escola Normal. Comprei meus livros e vou começar vida nova. O professor de português aconselhou todas as meninas a irem se acostumando a escrever todo dia uma carta ou qualquer coisa que lhes acontecer [...] (p. 17).

[...]

Terça-feira, 21 de fevereiro

Ontem jantei com minhas tias inglesas.

Vou lá sempre depois da escola, tomo café e demoro um pouco, às vezes meia hora no máximo. Não me demoro mais porque lá não tem com quem brincar e eu não sou capaz de ficar muito tempo sentada na sala, só ouvindo conversa de gente grande [...] (p. 19).

[...]

Sábado, 22 de abril

Ontem foi feriado e, quando abrimos a porta, já estava Leontino à nossa espera para irmos passar o dia com eles no Prata. Fomos eu e Luizinha. Acho aquele lugar adorável, o rio é encaixoeirado [*sic*] e o poço maior que o Glória, do Rio Grande [...]. Tenho pena das minhas primas com aquele pai tão metódico, como elas dizem. Na casa delas tudo é na hora, tudo é na regra até palavras, modos, tudo [...] (p. 45).

[...]

Segunda-feira, oito de maio

Eu podia gostar muito mais da vinda de meu pai a Diamantina do que gosto. Ele vem todo sábado e volta segunda-feira. Os dias que ele passa em casa são tristes para nós e alegres para mamãe. A segunda-feira é alegre para nós e triste para mamãe [...] (p. 49).

1894

Domingo, sete de janeiro

Fomos com mamãe visitar a professora de Bom Sucesso. Boa Vista não tem escola; os meninos daqui vão aprender é no Bom Sucesso, que é distante um quarto de légua. Júlia, sempre que encontrava mamãe dizia: “Estou só aguardando a escola para Helena. Desejo sair daqui para um lugar mais adiantado.” Eu já estava com a minha vida na cabeça: meu pai continuava minerando; a casa ele vendia e punha um negócio aqui para o Nhonhô; Renato, assim que tirasse o título podia ir para longe da escola, porque é homem; mamãe e Luizinha ficavam com o serviço da casa e criando galinhas, e eu na escola [...] (p. 129).

[...]

Quinta-feira, 30 de agosto

Estou convencida de que aqui em Diamantina reza vale mais do que proteção ou trabalho. Comigo e toda a nossa família nunca falha. É só a gente rezar uma oração bem forte, com muita fé, e vai logo servida. Mas hoje eu verifiquei que, em casa de gente muito boa como seu Juca Neves, é só pedir que Deus atende, mesmo sem reza [...] (p. 203).

[...]

Segunda-feira, três de dezembro

Hoje já fui com meu vestido à escola. Sei que está bonito pela inveja que causou. As colegas logo disseram: ‘Isso

nunca foi uniforme nem aqui nem na China. O diretor é que devia ver isso e suspender. Daqui a pouco estão fazendo até uniforme de seda na escola. Você já não fez de lã com colete de fustão?’ Palavra que eu tive medo que elas fossem reclamar ao diretor e ele viesse mesmo me proibir o vestido [...] (p. 234).

[...]

Quinta-feira, 20 de dezembro

Meu exame de música ontem foi uma surpresa para todos. Quem havia de imaginar que eu me sairia assim? As minhas colegas não admitem nada de mim. Às vezes eu desejo ter força de vontade, estudar um pouco e mostrar a todas elas do que sou capaz. Mas é melhor assim. Ninguém gosta de ver que outros têm mais inteligência. Eu vejo como elas são com Cleia e Mercedes. Talvez elas todas gostem de mim por me julgarem diferente do que realmente sou [...] (p. 242).

1895

Quarta-feira, dois de janeiro

Não admito que exista uma mulher tão disposta como mamãe para andar e trabalhar.

Em Diamantina ela não visita ninguém fora da família, mas além do trabalho todo da casa, que ela faz sozinha quando não podemos ajudá-la, ela nunca deixa de sair de noite para ir à Chácara ou ao Jogo da Bola [...] (p. 247).

Quinta-feira, 13 de junho

No Jogo da Bola, na mesma rua de tia Agostinha, mora, há pouco tempo, uma família que veio de fora. Ninguém ainda os conhece bem [...].

Passando por ali uma destas tardes, vimos armação de defunto em casa, os portais cobertos de pano preto com

galão dourado. Minha tia achou que devíamos entrar, entramos. Estava a velha rica estendida no caixão, com um semblante muito bom de quem dormia sem roncar [...] Depois é que viram que era morte, porque ela não acordou mais [...] (p. 297).

[...]

Quinta-feira, 15 de agosto

Não posso deixar de escrever aqui, agora que acabei de passar bem passadinho o meu vestido de fustão branco e pendurá-lo no cabide, a amizade que tenho a esse vestido. Penso que é por ser o primeiro que fiz, eu mesma escolhendo a fazenda e o feitio.

[...]

O que tem sido para mim este vestido ninguém avalia. Ele já tem mais de seis meses e não dá mostras de tanto uso. Eu só tenho este e desde que o tive posso dizer que nunca mais perdi uma festa ou um fogo do ar que se solte em Diamantina [...] (p. 313).

[...]

Segunda-feira, 26 de agosto

Anteontem me aconteceu uma coisa em que eu vi o dedo de Deus.

Nunca me tinha acontecido encontrar a escola fechada. Sou sempre das últimas a chegar. Às vezes não tenho tempo de tomar o café da manhã, de tanta pressa com que saio de casa. Pois ontem fui encontrar a escola ainda fechada. Olhei para o relógio da Sé: seis e meia. Subi para tomar café na casa de vovó e a encontrei sentada na cama, cansada, e me disse: “Estava rezando para você aparecer aqui, minha filha. Você é meu braço direito. Tome seu

café com leite e suba depressa à casa do dr. Alexandre e venha com ele.” [...]

Não tomei nenhum café. Fui e trouxe no mesmo instante o dr. Alexandre que encontrei já saindo de casa [...].

Hoje estou muito aborrecida porque vovó piorou [...] (p. 325).

[...]

Quarta-feira, 28 de agosto

Faço hoje quinze anos. Que aniversário triste! [A avó ainda está doente].

[...]

Sábado, 31 de agosto

Hoje faz sete dias que vovó está doente e todos da casa estão na maior ansiedade, pois dizem que se ela melhorar de hoje para amanhã estará salva [...] (p. 327).

[...]

Terça-feira, três de setembro

Vovó morreu!

Ó querida vovó, para que Deus a levou e me deixou sozinha no mundo com tantas saudades! Sozinha sim, [p. 329] minha avozinha querida, pois não era a senhora a única pessoa que me compreendeu até hoje? [...] (p. 328).

[...]

Domingo, 27 de outubro

Dr. Teodomiro é um dos professores de que nós todas gostamos na escola. Eu desejava conversar um dia com ele, mas não sei como hei de conseguir isto, na escola ele é tão retraído que não dá liberdade nenhuma às alunas, apesar de ser o único que nunca reprovou nenhuma. Ele é diferente dos outros em tudo [...] (p. 349).

[...]

Quarta-feira 30 de outubro

Para que inspetora na escola é que não compreendo. Quando há uma brigazinha qualquer ou mesmo uma casca de laranja no chão, já se vai chamar o diretor para repreender [...].

Oh mulherzinha crua! Sempre tive antipatia dela mas hoje estou com ódio [...] (p. 350).

[...]

Terça-feira 10 de dezembro

No exame de geometria eu fui tão feliz que me parece até um sonho! [...] (p. 367).

O *Diário de menina* acaba em 31 de dezembro, arbitrariamente como todo diário pessoal, cujo narrador é quem decide começar e interromper a escrita do diário.

FRANCISCO, Martim. *Viajando* – coisas do meu diário (1913-1915). São Paulo: Ed. Irmãos Ferraz, 1930. v. 2.

A seleta abaixo pertence a uma carta datada do dia 21 de março de 1915, em Paris, assinada por Silvino Martins:

[...]

IGUAPE

– Como se ajustam bem, depois do jantar, o café e o Afonso Arinos! Nasceram um para o outro, e ambos para mim.

[...]

Um deles, já não sei como, foi buscar, em consulta há pouco divulgada a obra de Bonchamps, referência às primeiras navegações castelhanas no sul Atlântico,

e também não sei explicar por que nem para que, a conversação ancorou em Iguape.

Iguape em Paris! Sempre me aconteceu cada uma... Assaltaram-me reminiscências. Estive em Iguape disputando (p. 8) arriscadíssimo segundo escrutínio eleitoral. Quando? 1885.

A cidade de Iguape foi fundada quatro vezes: em 1567, 1579, 1611 e 1654; dessa variedade de nascimentos nasce a indefnível originalidade do tipo igapense. Indefnível, porém certo, entenda-se lá isso!

[...]

Há iguapenses bonitos e feios, há-os nem feios nem bonitos; há iguapenses magros, gordos, estrábicos, loiros, calvos, hirsutos; há-os gagos e morenos, parlantes e alvos; mas todos, sem a possibilidade duma suspeita de exceção, todos revelando que vieram, que são, que inconfundivelmente serão sempre de Iguape.

[...]

Iguape tinha rio e porto. Canalizou o rio, encanou o porto, e hoje está em dúvida se o que tem é rio, canal ou porto (p. 7).

Em Iguape as palavras trazem a significação que Iguape lhes quer dar [...].

Iguape, entretanto, forneceu ao Museu do Ipiranga o único exemplar da “pedra polida” encontrado no Brasil [...] [ele, o narrador da carta, quem doou ao Museu] (p. 9).

[...]

Ódio ao mérito: é lema da nossa mediocracia. São Paulo é um pouco Iguape

– Este trecho do meu “diário” rendeu-me lição de urbanidade, que publico com segundo propósito: o de,

com um exemplo mais, confirmar em terra paulista o frio regimen [*sic*] da exclusão dos competentes [...].

No capítulo de março, permita que assim me expresse, há uma referência pitoresca a Iguape. Iguape é a minha terra natal. E eu formulo, no círculo do meu grande respeito para com o meu eminente amigo, um protesto ligeiro e modesto, não por mim, mas por Iguape.

Iguape de hoje não é, não pode ser Iguape de 1885. Naquela época, de costumes mais puros do que os de nossa época de franco regresso no terreno dos sentimentos cívicos aliás, quase todo interior do Brasil se ressentia do mesmo pitoresco atraso da mesma pitoresca ingenuidade [...] (p. 10-11).

[...]

No Arco do Triunfo – março, 24. [1913]

– Seis horas da tarde. Descansando da intensidade com que penetrei na vida parisiense, aqui estou, sob este pesado monumento, ponto objetivo duma dúzia de avenidas, alto de meia centena de metros e depósito de várias mentiras [...] (p. 14).

[...]

Como me correu o dia [24/3/13]? Assim:

– Não achei úteis os esforços de Rodin para encobrir, à custa dum roupão, a vasta barriga de Balzac. Um pouco fora da estátua, lá está ela querendo empurrar os transeuntes [...] (p. 15).

[...]

Versailles – março, 30

– Acordo com intenções respiratórias. Atendo-as assim: automóvel novo, particular, com uma bandeirinha brasileira provocando merecida curiosidade [...] (p. 27).

[...]

Louvre – abril, 8.

– À esquerda da entrada à direita está um busto de Germânico. Mede meio metro. Dizem-no recém-escavado em Espanha. É ainda obra-prima a despeito do nariz um pouco roído no encaixotamento. Simpático de frente e de perfil. Boca pequena, beijos regulares, olhos grandes, cabelos abundantes: é o Germânico que eu imaginava [...] (p. 49).

Em continuação da data imediatamente acima:

Se eu fosse moça, não casaria comigo nem que o Tesouro do Estado fizesse, mais uma vez, despesas de enxoval. Julgo-me antipático. Sou-o. Compenso-me, porém, desse mal por meio de agradáveis afeições históricas principalmente. Gosto, por exemplo, modelando-os a meu sabor e alojando-os no meu culto interno, dos méritos interrompidos pela morte [...] [inclui Germânico entre esses do mérito citado] (p. 50).

Metafísica. – abril, 17.

– Excursionista, percorro a “Galeria Lafayette”, o “Bom Marché”, a “Belle-Jardinère”. Centenas de carros entregando encomendas [atentar para o conceito de excursionista, turista aqui] (p. 63).

[...]

– Subo a Montmartre. Na Igreja do “Sagrado Coração” encontro, num soberbo mármore, São Francisco Xavier. Sim, senhor! Aqui o jesuíta viajante está gentil, cortês, aprazível, sobranceiro. Tão diverso daquele Xavier que, no Japão, arguido sobre incompatibilidade das penas

eternas com a bondade divina, irascível, respondeu aos bonzos qualificando-os de sandeus por não aceitarem, sem debate, uma verdade tão simples [...] [trecho que pertence ao dia 30 de abril, “Diversas Coisas”] (p. 77).

[...]

Maio, 10.

[...]

Partir. Viajar. Chegar.

– É indispensável ser mais exigente do que uma mulher grávida para não elogiar, na estrada de ferro de Lyon, o capricho da empresa na diminuição de descômodos aos passageiros. A entrada é paga automaticamente. A pesagem das bagagens, fá-la o próprio carrinho que as conduz, durante talvez trinta segundos o serviço da dedução dos trinta quilos a que tem direito o passageiro (p. 79).

Em continuação da data imediatamente acima:

Nem Marco Greco, suspeitado descobridor da pólvora, era capaz de descobrir, no trem de luxo, motivos de queixa [...] (p. 80).

[1914]

[...]

Viajando – maio, 4.

– Gosto de mim. Evidentemente sou meu amigo. E o hábito em que estou de gozar de minha companhia ensinou-me, no quarto de hora exclusivo que me imponho de manhã, a analisar o que fiz na véspera e projetar o programa do dia [...] (p. 88-89).

Narra peripécia que contrária o que havia programado. Depois da França, vai a Itália. Viajou de trem pela França, depois de paquete pela Itália.

[...]

A Bordo – maio 11

Separei para ler: o languíssimo *Herman e Dorotéa*, onde o maior poeta germânico magistralmente realiza o ideal da inferioridade literária; a instrutiva *Presidência da República* de Leiret; e, para ler, o *Flos Sactorum* de Severiano de Rezende. Passarei, depois, a tresler na cara e nos modos dos companheiros de viagem. Maio, 12 [...] (p. 97).

Queixas e Queixos. – maio, 15.

– Falta velocidade aos vapores da *Companhia Veloce*. Na sua maior marcha o *Brazile* marcou 320 milhas. Pior, porém, do que a marcha é a comida; suportável em começo, perdeu de repente de quantidade e qualidade. O pão está melancólico. A anemia da sopa aconselha cuidados médicos. A costeleta de vitela anunciada para ontem foi substituída por carne de boi bravo [...] (p. 99).

[...]

Maio, 17.

O mar está com más intenções. Pula. Saracoteia. Nota esquisita: quando todos enjoam, começam todos a receitar contra enjojo. Quando digo todos, excluo-me. Nem receito, nem enjojo.

Quanto mais o oceano se enfurece mais eu me acalmo.

A razão costuma estar na minoria quase sempre, e eu sempre na minoria. Agora, entre os passageiros, estou em unidade: nem mesmo o enjojo dos outros me enjoa.

Algun tanto enjoada, esta nota [...] (p. 101).

Depois viaja a Espanha, já em 1915, em plena Primeira Guerra Mundial.

[1915]

– Que faço em Espanha? Atravesso-a. Meu rumo é a França. Espanha apenas me descaminha para evitar torpedeamentos na Biscaia [...] [pertence à viagem pela Espanha – outubro , nove e 10] (p. 117).

Em continuação da matéria e data imediatamente acima:

Quero ver, quero entender a Grande Guerra. Hei de estudar a maior carnificina que o cristianismo estabeleceu no ocidente eurasiático. Campo vasto para cogitações! Retive de Aristóteles: a memória aplica-se ao passado, a sensação ao presente, a conjectura ao futuro [...] (p. 118).
1917 – junho dois – Adeus, Bordeaux! Não disfarço o pesar da despedida [...].

Por que, na tua maior estação ferroviária, ora repleta de feridos [pela Primeira Guerra Mundial] com a fisionomia condenada ao tédio pela indiferença e pelo cansaço, tanto me custa dizer-te adeus [...] (p. 146).

[...]

Junho 3-4

Trinta e quatro horas de trens e respectivas mudanças: fadiga completa muito garantida por comodidades incompletas. Não há leitos, tendo a guerra irregularizado o serviço ferroviário, especialmente o de país a país; é lícito, porém, aos passageiros de ambos os sexos, ter e reter qualquer quantidade de sono [...] (p. 147).

Das páginas 154 a 160 há pequenos trechos de 1916 – "Do meu Diário".

RILKE, Rainer Maria. *Diário fiorentino*. A cura di Giorgio Zampa. Milano: Enrico Cedita, 1950.

Rainer Maria Rilke, por vezes também Rainer Maria von Rilke, foi um poeta de língua alemã do século XX. Nasceu em 1875. Faleceu em 1926.

Antes do diário (*stricto sensu*) propriamente, há poemas (4), além de excertos de poemas como epígrafes. É um diário publicado em sua primeira edição em 1898. Neste mesmo ano, o diário foi entregue a Lou Andreas-Salomé. O texto finaliza-se em julho de 1898. É um ótimo exemplar de diário de escritor do século XIX. A interlocução é interessada, fala de arte (principalmente). O "tu" da interlocução no diário é Lou Andreas-Salomé.

Ignoro se in me sono serenità e distacco sufficienti per iniziare questo diario che, al mio ritorno, ti è destinato. Ma sendo che la mia gioia è misera ed estranea se prima a te non la confido, sia pure. Annotando poche, sincera parole in un quaderno chi ti appartiene (p. 14).

[...]

Sono, da quattordici giorni, a Firenze.

Abito sul Lungarno Serristori, non dal Ponte alle Grazie, una casa di cui mi appartiene il tetopiano, sai nella parte coperta che in quella aperta sul cielo. La câmera, come purè la scala che dal terzo opiano mena in alto, è solo un átrio, mentre la vera demora è costituita dall'alta e spaziosa terrazza di pietra: una meraviglia tale che

potrei non solo abitarla, ma anche ricevesi dignamente un ospite di riguardo [...] (p. 14).

[...]

Il senso dela prima sera mi è rimasto anzi tutto vivo nella memoria. Nonostante la stanchezza per le lunghe ore di viaggio, che avevo dvuto compiere in modo pietoso, seduto sopra bagagli, la sera stessa dell'arrivo uscii d'albergo e poresi ed errare per l'estrade [...] (p. 17).

[...]

A Firenze è diverso: i palazzi levano contro lo straniero le loro muite facciate quasehostilmente, un vigile orgoglio perdura intorno ale bui nicchie e alle porte – e neppure il sole più vivo può cancellarne le ultime tracce [...] (p. 21).

[...]

17 maggio

Nessun uomo può portare ala luce tanta bellezza fino a rimanerne egli stesso ccultato. Una parte dela sua natura trapelerà sempre. Man ei periodi supremi dell'arte alcuni hanno accumulato dinanzi a sé, oltre la bellezza di quella, um così nobile patrimônio, che l'opera è ormai distaccata da essi [...] (p. 26-27).

[...]

Ho visitato a lungo le opere d'arte di Firenze [...] (p. 34).

[...]

Tu mi hai visto soffrire e mi hai consolato. Sulla tua consolazione innalzerò la mia chiesa, dove la gioia possa risplendere su luminosi altari [...] (p. 64).

[...]

Stran domenica, quel 22 maggio. Um giorno profondo. Mi riuscì anche di annotare su questi fogli quello che

da tempo sentivo bruciare in me: confessione, chiarezza, coraggio [...] (p. 68).

[...]

In quei giorni di creazione ho sentito come cedono gli involucri delle cose e come tutto diventa confidente, dimentico di ogni finzione. I giorni di creazione sono simili ai crepuscoli che seguono le afose giornate d'estate. Tutte le cose sono come fanciulle, candide, leggere, piene di una sorridente tristezza [...] (p. 69).

[...]

Zoppot, 6 luglio 1898

Qui, sull'anriva di un mare più fresco, porto a termine questo libro che ho rinnegato Più di ter volte, perchè paura e povertà separano il passato dal presente: giorni simili a piatte strade di campagna, fiancheggiate da poveri, spogli castani – pensieri comme immensi villaggi dalle mute, ottuse facciate e finestre appannate dalla pioggia [...] (p. 116).

*Raccolte in una cutodia di pelle bianca con impressi, in oro, i gigli fiorentini, le pagine che precedono furono donate da Rilke a Lou Andreas-Salomé nel luglio del 1898. Pubblicate per la prima volta nel 1942, esse ricevettero dagli editori (Ruth Sieber Rilke e Carl Sieber) il titolo di *Das Florenzer Tagebuch*.*

Il lettore vada cauto nel giudicarle. Consideri, anzitutto, le date: nel 1898 Rilke aveva appena diciotto anni, la sua opera era ancora di là da venire. Si leggano questi appunti con l'attenzione e il distacco che un documento sempre richiede; supérfluo dire che il loro valore è indireto, relativo a una funzione nei confronti

dela poesia rilkiana: una lettura compiuta con critério diverso può condurre solo a erronee conclusioni.

[...]

A Firenze, Rilke abitava presso la Pensione Scandinava, sul Lungarno Serristori. La pensione, oggi, non esiste più: ma esiste sempre la stanza occupata dal Poeta, con la grande terrazza, sopra un teto (Nota, p. 125).

SOUZA, Eulina Thomé. *Em defesa dos direitos da mulher*. Guaratinguetá: Papelaria Vieira, 1945.

Eulina Thomé de Souza é jornalista e escritora brasileira. Nasceu em 1898.

Essa obra impressa é a biografia da escritora e jornalista Eulina Thomé de Souza, feita pela mesma a pedido do Dicionário Biobibliográfico das mulheres intelectuais do Brasil. Cidade de Lorena, Estado de São Paulo, aos 27 de setembro de 1944.

AO PÚBLICO

Leitor amigo:

[...]

Nestas modestas páginas [...] tu vais ler não fantasias da minha alma de mulher, não polêmicas de jornalista, não sonhos de propagandista de um ideal, mas a realidade nua e crua, brutal, destituída de todo e qualquer ornato, de qualquer ilusão, de qualquer enfeite (p. 5).

[...]

É a minha biografia, é a história real e concreta da minha vida de mulher de letras, em dezoito Estados do Brasil, por onde hei passado nessa peregrinação sangrenta e

cansativa. Tudo que cito são fatos verdadeiros e reais, sem nenhum exagero, passados entre mim e todos esses vultos [...] (p. 6).

Cita genericamente a seguir tipos, não nomes, cargos, não pessoas. Não vem ao caso transcrever. Em uma carta a Getúlio Vargas a autora dedica a autobiografia a ele.

[...]

Nasci na cidade de Minas do Rio de Contas, banhada pelo rio Bromado, no dia oito de setembro de 1898, filha legítima do professor Alípio Severino de Miranda e d. Amélia Severina de Miranda, vindo, com a tenra idade de dois meses para a heroica cidade de Cachoeira, onde batizei-me, permanecendo aí até a idade de nove anos, sendo o meu pai funcionário público, transferido pelo governo do Estado, para a cidade de Feira de Santana, aonde completei os meus estudos primários, no Asilo de Nossa Senhora de Lourdes, pertencente a Irmandade Francesa do Santíssimo Sacramento [...] (p. 33).

[...]

Fiz o curso complementar na cidade de Nazareth das Farinhas, banhada pelo rio Jaguaripe, seguindo daí para a capital da Bahia, aonde matriculei-me no Ginásio do Estado, no curso de professora [...] (p. 34).

[...]

Casei-me com um estudante amazonense (na Bahia), Jayro Thomé de Souza [...] (p. 35).

[...]

Adoecei gravemente e, por conselho médico, vim para o Ceará, aonde, depois de uma junta médica, fui salva pelos cuidados e bondade do dr. Fernandes Távora, irmão do célebre Juarez Távora. Aí então, comecei de novo, a

grande, a terrível peleja, pelas letras e pelo ideal, sendo habilmente amparada, pelo espírito benévolo e iluminado do dr. Justiniano Serpa, que era então, o governador do Estado, homem simples, bondoso e querido do seu povo [...] (p. 39).

[...]

É preciso notar-se que, em todas as capitais do país por onde eu hei passado, se levantava uma celeuma, uma verdadeira teia intelectual, em torno do meu nome; as altas mentalidades das capitais formavam um verdadeiro partido. Sendo eu mulher paupérrima de bens materiais, sem nenhuma recomendação oficial, aparecendo em público, ora pela imprensa, ora em panfletos, em entrevistas, com uma pena, como escritora sincera e arrazativa [*sic*], eles, uns aplaudiam-me, dando-me todo o conforto moral e social, outros mais despeitados e ambiciosos procuravam desfazer-me [...] (p. 40).

[...]

Voltemos, cara colega, à deliciosa Paraíba do Norte, meios de intelectuais, de astros luminosos nas letras, que, com hospitalidade e amor fraternal, auxiliaram-me em tudo [...] (p. 45).

[...]

Não posso relatar na pena tudo que fiz e se passou em cidades de dezoito estados do Brasil, por onde passei, do contrário, não teria tempo de dar pronta a minha biografia, porque tudo que fiz nessa excursão, tudo o que me fizeram de apoio e de perseguição, daria livros e livros, pois as passagens são múltiplas, infindas e variáveis, portanto, tenho a dizer que deixando Pernambuco, com grata recordação, rumei a Alagoas, aonde, com o patriotismo,

civismo e amor humanitário, fui recebida, pelo coração generoso do sr. Fernandes Lima, governador do Estado [...] (p. 50).

[...]

Fazendo mais algumas cidades dos sertões de Pernambuco, voltei dois meses depois, de novo, à capital de Alagoas e, procurando imediatamente os meus colegas jornalistas para contar, algumas das minhas aventuras, soube, por um deles que o Capitão Lucena estava preso, na casa correccional de Alagoas [...] (p. 70-71).

[...]

Chegando à Capital da Bahia, passei dois dias, tomando rumo a cidade de Maragojipe, aonde tem grandes fábricas alemãs, fábricas de charutos “Suerdieck”. Em lá chegando, procurei entrevistar os alemães dirigentes da mesma fábrica, esses, porém receberam-me desatenciosos e grosseiramente, dizendo-me, cara a cara, que a eles não interessava nenhuma entrevista nem intercâmbio com jornalistas [...] (p. 88).

[...]

Entrei em Niterói para estabelecer a minha tenda literária. É preciso notar que no Rio de Janeiro eu consegui grande simpatia do povo, dos guardas civis e noturnos, com quem fiz muitas patrulhas, às caladas horas da noite, a fim de colher notas do Rio Noturno, para o meu livro *Através do Brasil* [...] (p. 99).

[...]

Em resumo: Eulina Thomé de Souza, escritora, jornalista, publicista, conferencista, polemista, panfletária e oradora popular.

Para mostrar a lisura do meu caráter, assim como ponho em público a minha vida pública, de mulher de letras, faça-o também, com a vida particular de mulher [...] (p. 134-135).

[...]

Desiludida de todas as glórias efêmeras da vida e cansada de sofrer, restando-me somente uma pálida esperança ainda, talvez embora exausta e doente, lançar em público os meus dois maiores livros, que são a minha vida: *A emancipação da mulher* e *Através do Brasil*, ao mesmo tempo que, dos simples umbrais dos portais da minha inteligência bato palmas, em silêncio, a mim mesma, por, ver que a minha ideia, pregada em 18 estados, apesar do inculto campo, germinou em pequena escala, pois a mulher brasileira começa a se desenvolver e a progredir, embora lentamente (p. 137-138).

Diário: uma escrita nem sempre pessoal

Diários nem sempre foram escritos ou foram lidos como hoje são. Nem sempre foram praticados ou lidos como foram do século XX para cá. Bem antes de termos diários pessoais ou diários escritos em sigilo, para que ninguém os lesse, ou mesmo sequer tocassem neles, narrativas de viagem, relações, memórias ou relatos foram escritos e circularam para que leitores fossem informados sobre limites de terra, demarcações ou aprisionamento de índios, entre outros assuntos de interesse público.

Talvez quase ninguém conheça ou tenha ouvido falar do *Diario de los comissionados para demoler los marcos que pusiron las partidas demarcadas*, da Coleção De Angelis, do acervo do Setor de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Ou, ainda do mesmo setor e da mesma coleção, do *Diario de uma expedição al Rio Igatimi*.

Outros exemplos podem ser lembrados, como *Diarios originais de três expediciones dirigidas contra los indios Chiriguanos de la Cordilheira de los Sauces em 1800, 1801 y 1805*; *Diario del perseguimiento de los indios que ivairon las estancias de Mendoza en el 1º de abril de 1779*, 14 de abril de 1779.

Além da Coleção De Angelis, nome vindo do antigo proprietário de papéis e livros históricos preciosos, d. Pedro De Angelis, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro tem sob sua guarda uma infinidade de outros diários. Entre eles há diários mistos ou híbridos como autobiografias, memórias e relatos, categorias que esta pesquisa teve que considerar na elaboração da antologia de textos aqui realizada. A maioria dessas obras localiza-se nos setores de Manuscritos, de Obras Raras e Acervo Geral.

Antes de falarmos de outras obras desses três setores, é interessante dizer que a Coleção De Angelis pode ser consultada por meio de um catálogo, organizado em sete volumes impressos, disponível online, além do formato impresso em papel. O leitor que se interessar por ela pode conhecê-la tanto de modo analógico, no Setor de Manuscritos, quanto de modo virtual.

A maioria dos diários da Coleção De Angelis encontra-se noticiado em um inventário, espécie de anexo do catálogo mencionado, cuja feitura se deu há três anos por iniciativa da chefia do Setor. O inventário conta com mais de cinquenta diários do século XVIII, tema do capítulo II deste livro, todos microfilmados. Nos volumes encadernados do catálogo da Coleção De Angelis há poucos diários. Neles, a catalogação de ânuas, petições, requerimentos, memoriais, protestos, cartas, notícias, informes, representações é mais abundante. A maior parte dos objetos trata da história da América. D. Pedro De Angelis escreveu e publicou *De la Navigation de l'Amazon* (1854), cuja tradução para o português falado no Brasil é “Da Navegação”. A edição impressa do primeiro volume do catálogo De Angelis tem introdução, notas e glossário de Jaime Cortesão

e foi editada pela Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras, em 1952. O tomo I, “Jesuítas e Bandeirantes no Guaíra” (1594-1640), data de 1951. A coleção é composta de 2.785 livros impressos; 1.291 documentos e mapas; 4 mil e 76 peças no total. A maior parte das peças da coleção pertenceu ao Arquivo da Província de Jesus do Paraguai, como títulos de fundação de províncias, a exemplo do Rio Grande do Sul e São Paulo.

O leitor interessado por esse tipo de material manuscrito pode consultar títulos como os que seguem: *Diário de los comisionados para demoler los marcos que pusieron las partidas demarcadas* (MS 508 [3] doc. 47) [I-28,34,25]; *Diário de uma expedição al Rio Igatimi, 1792.* (MS-508 [9] – doc. 138) [I-28, 35, 19]; *Diário original de una excavacion practicada en el cemitério de la Recoleta para establecer un pozo artesiano.* (MS-508 [13] – doc. 233) [I-28,36,36]; *Memória sobre el Intituto de la Compañia de Jesus.* (MS-508 [25] – doc. 691) [I-29,5,1] (por hipótese, seleccionar); *Diário de un viagem para descubrir una comunicacion entre las misiones del Paraguay y las de chiquitos, 1704.* (MS-508 [27] – doc. 786) [I-29,5,91]; *Relacion del viagem que hicierno, Rio paraguay arriba conco p p. missioneiros y un Hermano, 1703.* (MS-508 [27] – doc. 790) [I-29,5,95]; *Adicion a dicho viagem, 1715.* (MS-508 [27] – doc. 791) [I-29,5,96]; *Diário e un viagem a los Chiquitos.* (MS-508 [28] - doc. 17) [I-29,6,10]; *Diário del viagem emprendido, desde la Reducion de San Ignacio de los Zamucos, con el objeto de descubrir el Rio Picomayo, 1738.* (MS-508 [28] – doc. 812) [I-29,6,11]; *Diário de un viagem de la ciudad de la Assuncion a las costas del Pilcomayo, por Cervino.* (MS-508 [29] – doc. 838) [I-29,6,35]; *Diários*

originais de três expediciones dirigidas contra los indios Chiriguanos de la Cordillera de los Sauces em 1800, 1801 y 1805. (MS-508 [30] – doc. 849) [I-29,6,45]; Di ario de la tropa que ali  de Salta para el rio Grande del Chaco, 1710. (MS-508 [33] – doc. 990) [I-29,8,10]; Diario Historial de las cosas mas sobresaltates de la Guerra del Chaco, siendo gobernador el sr. Esteban de Urizar, 1710. (MS-508 [33] – doc. 911) [I-29,8,11]; Diarios del viagem que hizo el P. Jolis al interior del Chaco. (MS-508 [34] – doc. 1019) [I-29,8,37]; Diario de la expedicion a los países de Gran Chaco y Gualambra, por Matorras, 1774. (MS-508 [34] – doc. 1021 e 1022) [I-29,8,40]; Diario del primer viagem del P. Antonio Lapa al Gran Chaco Gualambra. (MS-508 [34] – doc. 1030) [I-29,8,48]; Diario exacto e fiel de los acontecimientos sucedidos en la entrada del Gran Chaco Gualambra, 23/11/1776. [não consta no catálogo de microfilmes]; Diario del viagem de Jaime Nadal y Guarda desde la Reducion de San Bernardo el vrtiz hasta la ciudad de Corrientes (MS-508 [35] – doc. 1049) [I-29,8,67]; Diario del descubrimiento del nuevo caminho de centa a la villa Tarija por Adrian Cornejo, 30/08/1791. (MS-508 [36] – doc. 1068) [I-29,9,14]; Diario del viagem y mission al Rio de los Sauces por el P. José Cardiel, - /03/1748. (MS-508 [37] – doc. 1099) [I-29,9,44]; Diario del Bergantin San Martins desde el puerto de Buenos Aires al San Julian, 1752. (MS-508 [37] – doc. 1101) [I-29,9,45] + 64) 2 o Diario datado de 1753 (MS-508 [37] – doc. 1102) [I-29,9,45]; Diario y otros anexos de la campana de hizo el Maestre de Campo d. Cristoban Cabral en las Pampas de Buenos Aires contra los indios infieles, 1754. (MS-508 [37] – doc. 1106) [I-29,9,50]; Diario de una

expedicion contra los Tchueleches por el Capitan d. Juan Antonio Hernandez, 01/01/1770. (MS-508 [37] – doc. 1109) [I-29,9,52]; Diario del reconecimiento de la frontera de Buenos Aires por Pedro Pabon, 23/12/1772. (MS-508 [37] – doc. 1112) [I-29,9,56]; Diario de una expedicion a Salinas por el Capitan d. Juan de Sardes, 27/09/1778. (MS-508 [37] – doc. 1117) [I-29,9,60]; Diario de la expedicion que sale de Montevideo para la Bahia Sin Fondo, al mando de d. Juan de la Piedra, 12/12/1778. (MS-508 [37] – doc. 1119) [I-29,9,61]; Diario de un reconecimiento del Rio Colorado por d. Basilio, 08/02/1775. (MS-508 [38] – doc. 1123); Diario de la expedicion que salio de Mendoza contra los indios bárbaros, al mando de d. José Francisco de Amigorena, 24/03/1779. (MS-508 [38] – doc. 1124) [I-29,10,3]; Diario del Comisario de Guerra d. Pedro Jose Nuñez de Guzman, 29/03/1779. (MS-508 [38] – doc. 1125) [I-29,10,4]; Diario del perseguimiento de los indios que i; vairon las estancias de Mendoza en el 1 de abril de 1779, 14/04/1779. (MS-508 [38] – doc. 1126) [?]; Diario del reconocimiento de una islã que se halla en el Rio Negro por Gerardo Boedas, 11/11/1779. (MS-508 [38] – doc.1128) [I-29,10,7]; Diario de la expedicion de d. Francisco de Viedma a las bahias in Fondo y de San Julian, 1779. (MS-508 [38] – doc 1134) [I-29,10,13]; Diario del reconocimiento dela frontera y plan de fortificacion por el Comandante d. Francisco Betbzé Ducos, elejados a la aprobacion del virey vertiz con un caderno de observacones diárias y un croquis de la nueva linea de frontera, 1779. (MS-508 [38] – doc 1135) [I-29,10,14]; Diario de un viagem a las costas de Patagonia por d. Antonio, -/01/1780. (MS-508 [38] – doc. 1136) [?]; Diario

de la expedicion contra los indios Peguenches al mando de d. José Francisco de Amigorema, 1780. (MS-508 [38] – doc. 1137) [I-29,10,16]; *Diario do reconhecimento del Rio Colorado, Bahia de todos los Santos y internacion del Rio Negro, 23/04/1786.* (MS-508 [38] – doc. 1138) [I-29,10,17]; *Diario de la navegacion del piloto Villarino desde el Rio Negro a la Bahia de todos los Santos, islãs del Buen Suceso y demas adjacentes para buscar el dessegue de Rio Colorado, 1781.* (MS-508 [39] – 02 docs.) [I-29,10,27].

Do século XVI ao século XX há, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, diários e relatos ou narrações de viagens, diários científicos, de botânicos, naturalistas etc., diários históricos e pessoais, (íntimos) para todo tipo de leitor. Manuscritos ou impressos, de extensão variada de páginas, com ou sem ilustrações. No acervo da sala de leitura das Obras Gerais, há, por exemplo, o *Diário da navegação da carreira da Índia nos anos de 1595, 1596, 1597, 1600 e 1603*. O livro foi editado em Lisboa, pela Academia das Ciências da capital portuguesa (1938). Embora uma edição do século XX, anos 1930, é uma coleção de diários quinhentistas e seiscentistas. É de interessar sobretudo pelo valor histórico.

Há também, nas Obras Gerais, *O livro de Marco Polo – O livro de Nicolao Veneto –*, feito em Lisboa em 1502. Obra organizada por Francisco Maria Esteves Pereira, publicada em Lisboa nas Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional portuguesa em 1922. Exemplares semelhantes a esse foram vistos no capítulo I deste livro.

Em Obras Raras, podem ser encontradas obras importantes como a *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica escrita em duas cartas ao P. Provincial*

em Portugal ... (1583-1590), do Padre Fernão Cardim em uma edição de 1847. Além dela, há também o *Diário e notas autobiográficas*. Texto escolhido e anotações por Ana Flora e Inácio José Veríssimo (1838-1898). A edição é de 1938. Trata-se de obra do século XIX que mistura diário e autobiografia. O livro é uma edição crítica do diário de André Rebouças e pode ser interpretado como um diário íntimo. Esse diário tem seleta de trechos e comentários no capítulo III deste livro. Há, no acervo da Divisão de Obras Raras, o *Diário da navegação de Pedro Lopes de Souza pela costa do Brasil até o Rio Uruguai de 1530 a 1532*, em uma edição de 1867. A primeira edição é 1839. Acompanha a segunda edição o *Livro da viagem da nau Bretea ao Cabo Frio (1511) por Duarte Fernandes*. Tudo anotado e precedido de um noticioso prólogo escrito pelo seu editor Francisco Adolfo de Varnhagen. Chamo a atenção do leitor para a transcrição, no capítulo III, dos textos introdutórios de Varnhagen que acompanham as edições dessa obra.

Outras obras, talvez mais conhecidas, têm abrigo na Divisão de Obras Raras. São elas *Viagem ao Rio Grande do Sul* (1820-1821), de Saint-Hilaire; *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, de Debret, e *Voyage pittoresque dans les deux Amériques*, de D'orbigny. No acervo de Obras Gerais, encontra-se, por exemplo, *Uma viagem aos mares do Sul nos anos de 1740-1741*. Obra que pode ser entendida como um diário de viagem. Seus autores, John Bulkeley e John Cummins, afirmam que “todo conjunto [foi] compilado por pessoas envolvidas nos factos relatados”. Bulkeley foi artilheiro e Cummins foi carpinteiro da nau Wagner. A obra é dedicada “ao honorável Edward

Vernon, vice-almirante da nau Blue”. Dizem na dedicatória que, “como este livro é um extrato fiel do diário de dois marujos ingleses, ex-oficiais da Armada de Sua Majestade”, pensaram “que a ninguém mais” poderiam “condignamente dedicá-lo [do que] ao almirante”. Os autores dizem esperar ser o livro do agrado do homenageado, pois escreveram em um estilo simples, marítimo; sem conter parcialidade, nem preconceito, mas muita aventura. Exemplares dessas obras mencionadas têm seleta no capítulo III deste livro.

Voltando a nos ater à Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional, comentada no início deste epílogo, é preciso lembrar que, para além de obras escritas à mão, nesse setor localizado no terceiro andar do edifício centenário da Biblioteca, estão guardadas obras datilografadas e impressas. É o caso de diários íntimos ou pessoais. Os diários pessoais são os mais cultivados, atualmente, tanto por escritores quanto por leitores.

É possível consultar em Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro obras como *Diário de uma menina de 14 anos, 1933-1934* (datilografado), da Coleção Artur Ramos; *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo...* *Diário coletivo da garçonnière de Oswald de Andrade* (obra impressa do acervo de Manuscritos).

Falemos de modo breve desses dois diários, embora haja deles descrição mais detalhada, assim como uma seleção de trechos transcritos no capítulo IV deste livro.

O *Diário de uma menina de 14 anos* compreende os anos 1933-1934. Nele, narram-se as experiências e vivências de uma aluna de uma escola de freiras no Rio de Janeiro. É possível perceber por meio de sua leitura como eram

as aulas, as professoras, segundo a visão da narradora. Por meio de sua leitura, podemos entender que a prática da escrita e da leitura de diários era uma atividade escolar, completamente integrada à vida familiar e social das pessoas na década de 1930 do século passado, como pode ser observado no excerto abaixo:

23/5/1933

[...] Não sei estar na escola sem a coleguinha R ...; como eu, muitos colegas gostam dela; por isso, hoje, não a vendo no grupo, fomos buscá-la em casa. Apareceu-nos à porta com um interessante pijama. Assim que nos viu, foi correndo mudar a roupa e veio conosco, para a escola; não para passar o dia todo, pois ia passá-lo na ilha [...]. Algumas das alunas trouxeram fantasias para a tão esperada festa de São João. D. D ... pediu, então, que fizéssemos o bailado que dias antes havíamos ensaiado por simples brincadeira. A nossa alegria foi geral e inexplicável. Vestimos a R ... com uma fantasia cor de rosa, que lhe assentou muito bem. Começamos então nosso bailado. Era R ... quem nos dirigia, pois, ao meu parecer, ela tem uma alma de artista. D. D ... e D. M ... ficaram assistindo. Repetimos várias vezes o bailado [...].

Do tipo diário íntimo ou pessoal, com pontos de contato com o diário de uma menina de 14 anos, lembremos que há várias edições, no Acervo Geral da BN, do diário pessoal de Helena Morley, *Minha vida de menina*, abordado no capítulo IV deste livro. Há inclusive uma tradução, para o inglês, de Elizabeth Bishop. A edição foi preparada nos EUA (New York) por H. Wolf e circulou no Canadá.

Lembremos também que o diário de Helena Morley foi adaptado para o cinema, o que atesta certo interesse pela obra e sua maior divulgação.

Em *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*, há textos críticos de Mário da Silva Brito e de Haroldo de Campos, além dos registros de artistas vários, amigos de Oswald de Andrade. Jorge Schwartz fez a transcrição tipográfica dos textos. É um interessante exemplar de diário como oficina de criação literária e artística.

O perfeito cozinheiro... pode ser comparado a outros dois diários, cujas experiências e anotações também serviram de oficina de criação, como os diários de Mário de Andrade (*Turista Aprendiz*) e de Carlos Drummond de Andrade (*Um Observador no Escritório*). Como sabemos, Mário de Andrade aproveitou muitas de suas anotações do *Turista* para a escrita de *Macunaima*, obra capital para o modernismo brasileiro e, quem sabe, para a Antropofagia.

Podemos nos perguntar: mas o que há em comum nesses tipos de diários? O que os une? Por que tratar deles em uma única pesquisa? Ao olhar para diários históricos, diários científicos, artísticos, pessoais (íntimos), ou mesmo para diários cuja fronteira de propósitos é tênue, como obras que são diários histórico-científicos, artístico-pessoais, percebe-se haver algo que os define como diários. Todos registram ações particulares e ocorridas, todos são narrativos e todos registram o tempo, segundo o ponto de vista de seus narradores. Há aqueles em que o registro é marcado dia a dia, sequencialmente. Outros em que o tempo cronológico é apenas recuperado pelo leitor, sem marcas muito evidentes. Há também o caso de diários em que o tempo recuperado é o tempo psicológico, da experiência

do narrador. Entretanto, o tempo está todo nos variados tipos de diários, como sua personagem principal.

Na primeira etapa deste trabalho levantamos e consultamos 155 obras entre diários, relatos, relações, autobiografias e memórias, selecionando aquelas que comporiam a antologia de diários e similares dos acervos de Manuscritos, Obras Raras e Geral da Biblioteca Nacional. O número de obras é significativo e sua importância também.

Na segunda etapa, foram feitas as leituras das obras, coletando os dados para os verbetes dos quatro capítulos deste livro. Concomitante a isso foram lidos textos teóricos, conforme descritos nas Referências, Estudos (textos teóricos ou doutrinários), com os quais os objetos de pesquisa, os tipos variados de escrita, posição dos narradores, tipos de testemunhos, tipos de descrições e, principalmente, constituição de locutores/receptores em suas relações de interlocução foram pensados para compor os verbetes.

Basicamente, temos dois grandes grupos de diários neste livro: os privados e os públicos. Para o leitor que quiser ou necessitar se aprofundar na leitura de diários e similares memorialísticos, indicamos textos teóricos de estudiosos como Carolina Depetris (*cf.* Referências), para os diários históricos e relatos de viagem, e Phillipe Lejeune (*cf.* Referências), para os diários pessoais (íntimos) e outras formas de memória como as autobiografias. Narrativas de viagens pitorescas do século XIX e diários de botânicos devem ser pensados à luz de trabalhos como os de Maria Helena Rouanet (1991) e Lorelai Kury (2001), entre outros citados nas Referências.

Diários importantes do acervo do Setor de Manuscritos, mas que já foram impressos em edições comerciais, como os

de Carolina de Jesus e os de Lima Barreto, ficaram de fora da antologia, mas podem e devem ser citados, pois foram consultados. *Carolina Maria de Jesus: Caderno n° 1*, 1955. (1ª fase); *Memórias da autora*, 73 p. Inicia com “Era o fim do 1948”, [suprimiu o termo ano] “surgiu o dono do terreno ...”. É um manuscrito encadernado. Caderno de folhas pautadas. Carolina de Jesus escreve na contracapa da encadernação com letra tombada, apertada. Mas há no fim do caderno várias páginas em branco, inutilizadas; *Primeiro diário*, 1958. É um caderno pequeno, vermelho de 389 páginas. Há uma lombada em preto onde Carolina de Jesus escreveu: “Primeiro Diário”. Ao abrir o volume, vê-se uma (suposta) folha de rosto: “Primeiro Diário”. A narrativa inicia-se com “Eu não sou indolente”. A certa altura a autora diz que conheceu Audálio Dantas e passou a dar valor à escrita de diário; *Segundo Diário* (caderno 2), 1958. É um caderno vermelho, com lombada preta, capa com título: “Segundo Diário”. A seguir, encontra-se a datação. A autora assina na contracapa do caderno. Há uma folha de rosto onde se lê: “Diário continuação / Segundo Diário”; *Diário Continuação – 3º Diário*, 1958. É um caderno em espiral, com capa cinza. Na contracapa há um desenho em azul preenchido. Um desenho de cor, uma mancha (uma estrela com uma das pontas somente pintada). Segue o nome da autora, apagando-se pela ação do tempo e estado de conservação do material. É um caderno pautado; *Diário Continuação – 5º Diário*, 1958. É um caderno pautado, cuja encadernação é em espiral, a capa é acinzentada com um selo onde a autora nomeou o diário. Segue um trecho: “Percebi que entre as ricas ha [sic] sempre uma divergência para questã [sic] de dinheiro /

não posso esclarecer estas questões [sic] porque sou pobre / como rato.” número cinco / p. 1; *Diário Continuação – 6º Diário*, 1958. É um caderno pequeno igual ao anterior, cuja descrição é idêntica; 1958, constam 97 páginas. É um caderno brochura, cuja capa tem um desenho de um gigante com sigla no peito que parece um “S” no centro de um triângulo de ponta-cabeça escrito: Gigante. Meias espirais a fazer uma intersecção a ponto de formar um desenho, uma estampa em vermelho. Na contracapa há as mesmas espirais, formando os mesmos desenhos, mas há quatro quadrados, dois em cima e dois embaixo, e um círculo no meio com retratos de heróis (super-heróis). É um caderno de criança, de uso escolar; *Caderno 12*. Caderno sem capa, com letra legível em folhas pautadas. Há bastantes rasuras (autocorreções ou desvios, mudança de ideia – não posso ainda afirmar nada muito seguro sobre elas, mas percebe-se que Carolina de Jesus muita vez reescreve o trecho rasurado logo abaixo dele). Sistemáticamente as passagens do diário se iniciam com: “Deixei o leito às ... (tantas horas, que variam entre 4h, h30 e 5h.” Há até passagens cuja narrativa indica o horário das três horas da madrugada. Afonso Henrique de Lima Barreto: *Notas e escritos* (1881-1922). A nota começa com “Era domingo”. A última tira começa com “XA. Deitei-me no sofá”; *Notas de um diário (1904-1914)*. São 93 tiras, publicadas postumamente sob o título *Diário Íntimo* (162 p.). É o documento 13 do microfilme. *Recortes de jornal com artigos sobre viagens científicas ao Brasil, retirados do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 30 de junho de 1935 – 17 de março de 1940. A pasta contém sete documentos pertencentes à Coleção Tobias Monteiro.

É uma recepção, divulgação, uma forma de crítica a várias publicações de diários do *corpus* deste livro.

Privilegiamos objetos menos explorados, inclusive em virtude de estarmos enfrentando um gênero, não-gênero, às vezes transgênero de escrita/leitura e não obras em particular, em virtude de diários serem conceituados ora como gênero histórico, como os exemplares dos capítulos I e II, em sua maioria, ora como relatos de viagens heurísticas, como a maioria dos diários do capítulo III, ora como escrita de si, como os diários e autobiografias do capítulo IV.

Com esta antologia, é possível afirmar, por exemplo, que há um período áureo na produção (escrita), circulação (leitura) de diários, pensando-se a cronologia do vasto recorte da pesquisa (séculos XVI ao XX). Mesmo operando com um recorte, uma amostragem significativa, a partir do século XIX a escrita, circulação e leitura de diários ganha proporções inigualáveis em comparação aos séculos anteriores. Há, aponta a pesquisa realizada, uma maior proliferação desse tipo de prática discursiva no século XIX. É possível também afirmar quais os tipos de diários predominantes nos setores de Obras Raras, Geral e de Manuscritos (das datações estudadas), contribuem para um certo conhecimento e divulgação de parte significativa do acervo da BN/RJ.

Do século XVI ao século XX, do recorte de diários BN/RJ, temos, neste livro, narradores testemunhais que viajam a cavalo, de canoa, de barco, de vapor, a pé. Temos narradores testemunhais parados, fixos, que não viajam. A maioria desses não viajantes escrevem diários pessoais, fazem escritas de si, ou íntimas. O conceito de autoria nesses casos

não é único ou homogêneo. Basicamente temos o conceito de autoridade, para autoria, de *auctoritas*, nos diários dos séculos XVI ao XVIII. Nesse sentido é que este livro se nomeia “Dos escritos sem autor à invenção de identidades ...”. A partir do século XIX, chegando ao XX, capítulos III e IV, autor é uma autonomia subjetivada, pensada a partir da livre concorrência, dos mercados. Os diaristas ou escritores de memórias ou autobiografias consultados, que compõem este livro, são basicamente historiadores, cientistas, naturalistas, botânicos, padres, engenheiros, literatos, professores, alunos, poetas, escritores, militares, aventureiros, comerciantes, pintores e anônimos.

Neste livro temos diários históricos, científicos, artísticos, pessoais e mistos, mesclados ou híbridos. Eles têm várias finalidades, foram escritos para diversos tipos de leitores, segundo se descreve nos verbetes de cada um dos capítulos. Manuscritos, datilografados, copiados, impressos, digitalizados.

Para finalizar este epílogo, e consequentemente este livro, cujo maior propósito foi o de divulgar parte importante do acervo da BN/RJ, na esperança de que mais leitores venham a consultar diários e escritas memoriaísticas depositadas sob guarda da instituição, não posso deixar de mencionar, ainda que não tenham sido objeto deste trabalho, alguns exemplos de diários digitalizados pela BN/RJ. A intenção é aguçar o leitor para que os consulte e faça boa leitura deles, assim como espero terem feito deste livro.

Alguns diários da BN Digital

1. http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart1095068/cart1095068.pdf
2. http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1245284/mss1245284.pdf
3. https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/CMC_MS508_03_0047/CMC_MS508_03_0047.pdf
4. https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/CMC_MS508_09_0138/CMC_MS508_09_0138.pdf
5. https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/CMC_MS508_10_0155/CMC_MS508_10_0155.pdf
6. https://objdigital.bn.br/objdigital2/Acervo_Digital/livros_eletronicos/bndigital0043/bndigital0043.pdf
7. https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart1095065/cart1095065.pdf

8. http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mssl436001_1448077/mssl444776.pdf
9. http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mssl426991/mssl426991.pdf
10. http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or1379801/or1379801.pdf
11. https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon167654/icon167654.pdf

REFERÊNCIAS

Diários e similares (textos memorialistas, relatos, relações, narrativas de viagem)

AGASSIZ, Luíz; AGASSIZ, Elizabeth. *Viagem ao Brasil (1865-1866)*. Tradução e notas de Edgar Sussekind de Mendonça. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1936.

ANDRADE, Gomes Freire de (conde de Bobadela). *Diário da partida do Ilmo e Exmo Gomes Freire de Andrade por Comissão de S. Majestade na divisão da América Meridional em decreto de fevereiro de 1752*. 24/9/1752. [S. l.]: [s. n.]. [MSS I-25,28,018]

ANDRADE, Oswald de. *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo...* Diário coletivo da garçonnière de Oswald de Andrade. São Paulo: Ex-Libris, 1987. [1918]. Edição fac-similar. (Obra impressa da Divisão de Manuscritos).

ARAÚJO, Elysio de. *Reminiscências*. [S. l.]: [s. n.], 1942. [MSS 50,3,012]

BARRETO, Benedito Carneiro Bastos (Belmonte). *Brasil de outrora: desenhos e legendas de Belmonte inspirados em gravuras de Rugendas*. São Paulo: Melhoramentos, 1944. [SOR 90,5,2]

BARRETO, Francisco. *Relaçam diária do sitio, e tomada da forte praça do recife, recuperação das Capitánias de Itamaracá, Paraíba, Rio grande, Ciará, e Ilha de Fernando de Noronha, por Francisco Barreto mestre de campo general do Estado do Brasil, e Governador de Pernambuco*. Lisboa: Officina Craesbeeckiana,

1654. In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil), *Annaes da Bibliotheca Nacional*, Rio de Janeiro, v. XX, 1898.

BASSOM, Pierre. *Journal de ma vie: Memoires de Bassom Pierre*. Paris: Chez Madame V. e Jules Renovard Libraire de la Société d’l’Histoire de France, 1870. 4 t. [OG III-283,6,11]

BELGRADO, Manuel (general). Autobiografia. In: *Memorias y autobiografias*. Buenos Aires: Imprenta de M. A Rosas, 1910. T. I. [OG I-348,2,9-10]

BIARD, François Auguste. *Viaje al Brasil (1858-1859)*. Con dibujos del autor. Santiago do Chile: Zig-Zag S.A, 1944. [OG II-159,3,11]

BIBLIOTECA NACIONAL (BRASIL). *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 60, 1938.

BULKELEY, John (e CUMMINS, John). *Uma viagem aos mares do Sul nos anos de 1740-1741*. Tradução de J. Carvalho. Rio de Janeiro: Cia Brasil, 1936. [OG I-252,1,6-7]

CAMPOS, Humberto de. *Memórias (Parte I)*. 6 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. [OG 921 / C198 / 4ª / 1935ª]

CARDIM, Fernão (padre). *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica escrita em duas cartas ao P. Provincial em Portugal ... (1583-1590)*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1847. [SOR 76,1,35]

CARNEIRO, David. *Biografia do cel. David Carneiro e cartas escritas por ele mesmo a seus filhos*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1928-1938. [OG I-257,5,8]

COELHO, Duarte de Albuquerque. *Memórias diárias da guerra do Brasil*. Recife: Secretaria do Interior, 1944.

CONDAMINE, Carlos Maria de la. *Relato abreviado de uma viagem pelo interior da América Meridional*. Tradução de Aristides Ávila. São Paulo: Edições Cultura, 1944. [OG I-252,4,22]

CORREIA, João Medeiros. *Relação verdadeira de tudo o sucedido na restauração da Bahia...* [S. l.]: [s. n.], 1625. [SOR 23,5,1 n°4]

DAUNT, Ricardo Gumbleton *et al.* (ed.). *Diário da Princesa Isabel (Excursão dos condes d'Eu à Província de São Paulo em 1884)*. Prefácio de J. F. de Almeida Prado. Notas de Ricardo Gumbleton. São Paulo: Anhembi, 1957. [OG II-235,4,3]

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Tradução e notas de Sérgio Milliet. São Paulo: Martins, 1940. 2 t., 3 v. [SOR 154,003,024-025]

Diário de uma menina de 14 anos. [S. l.]: [s. n.], 1933-1934. [MSS 38,1,001]

Diário de viagem do Rio de Janeiro a Vitória. [S. l.]: [s. n.], 1902. [MSS 22, 3, 12]

D'ORBIGNY, M. Alcide. *Voyage pittoresque dans les deux Amériques: Résumé Général de tous les Voyages [...]* par les Rédacteurs du Voyage Pittoresque Autor du Monde; publié sous la Direction de M. alcide d'Orbigny, naturaliste-voyageur [...]. Accompagné de Cartes et de nombreuses Gravures em taille-douce acier, d'après les dessins de MM. de Sainson, Dessinateur

du Voyage de l' Astrolabe, et Jules Boily. Paris: Chez L. Tenré, Libraire Éditeur et Chez Henri Dupuy, 1836. [SOR 49,3,26]

DORES, Manoel Moreira da Paixão e. *Diário*: narrativas minuciosas do capelão frei Manoel Moreira da Paixão e Dores, da nau Pedro Primeiro ... [S. l.]: [s. n.], 1823. [MSS 51,19,97]

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Diário de um escritor* (Dnévnik Pisátelia). Tradução de E. Jaey Monteiro. Introdução de Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro: Ediouro, 1967. [OG VI-27,1,49]

ESPINHEIRO, José Antônio. *Diário botânico e científico*. [S. l.: s. n.], 1864. 2 v. [MSS I,47,16,006]

FRANCISCO, Martim. *Viajando*: coisas do meu diário (1913-1915). São Paulo: Ed. Irmãos Ferraz, 1930. 2 v.

FREZIER, Amedée François. *Relation du voyage de la mer du sud aux côtes du Chili du Perou, et du Bresil fait pendant les annés 1712,1713 &1714 pour M Frezier, Ingenieur Ordinaire du Roi, ouvrage enrichi de quatité de Plantes em Taille-douce*. Amsterdam: Chez Pierre Humbert, 1717. 2 v. (1712-1714). [SOR 109,4,5A e B]

GAMA, Sebastião. *Diário de Sebastião da Gama*. In: *Obras de Sebastião da Gama*. 6 ed. Prefácio de Hernâni Cidade. Lisboa: Edições África/Lisboa, 1970. [OG VI-254-3,63]

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*. Tradução e notas de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. [SOR 152,5,2]

GRAHAM, Maria. *Journal of a Voyage to Brazil and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823*. London: Longman, etc., and John Murray, 1824.

HAECX, Hendrik. *Diário de Hendrik Haecx (1645-1654)*. Tradução de frei Agostinho Keijzers. In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil), *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 69, 1950, p. 18-159.

INOJOSA, Joaquim. *Diário de um estudante (1920-1921)*. Rio de Janeiro: ed. Férias, [19--]. [OG II-172,6,23]

JUZARTE, Teotônio José. (sargento-mor). *Diário da navegação*. Organização de Jonas Soares de Souza. Apresentação de Afonso de Taunay. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. (Obra Impressa da Divisão de Manuscritos) [imp. 25,2,37]

LANGSDORFF, G. de. *Memória sobre o Brasil para servir de guia àqueles que nele se desejam estabelecer*, por MR. O. Cavaleiro G. de Langsdorff, cônsul-geral da Rússia no Brasil, membro de São Petersburg, e de muitas outras Sociedades de Sábios. Tradução de A. M. de Sam Paio. Rio de Janeiro: Oficina de Silva Porto, e C^a, 1822. [SOR 99A,4,5]

LISBOA, Cristóvão de (frei). *História dos animais e árvores do Maranhão*. Estudo e notas do dr. Jaime Walter. Prefácio de Alberto Iria. Lisboa: Arquivo Histórico Ultramarino e Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967. [SOR 111,3,16]

MALAUQUAIS, Jean. *Diário de guerra (1939)*. Tradução de Glycia Galvão, revista por Antônio Rangel Bandeira. Rio de Janeiro: Gráfica O Cruzeiro, 1946. [OG I-388,5,25]

MELO, Francisco Manuel de. Relaçam dos sucessos da armada, que a Companhia geral do Comercio expedio ao Estado do Brasil a anno passado de 1649 de que foi capitão general o Conde de Castelmelhor. *In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Annaes da Bibliotheca Nacional*, Rio de Janeiro, v. XX, 1898.

MORLEY, Helena. *Minha vida de menina: cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942. [OG II-388,1,21]

MUNIZ DE SOUZA, Antônio. *Viagens e observações de um brasileiro, que desejando ser útil à sua pátria, se dedicou a estudar os usos e costumes dos seus patricios, e os três reinos da natureza, em vários lugares e sertões do Brasil, oferecidas à nação brasileira*. Rio de Janeiro: Tipografia Americana de I. P. da Costa, 1834. T.1. [SOR 092,005,019]

REBOUÇAS, André. *Diário e notas autobiográficas*. Texto escolhido e anotações por Ana Flora e Inácio José Veríssimo (1838-1898). Rio de Janeiro: José Olympio, 1938. [OG I-204,2,12]

RELAÇAM VERDADEIRA, BREVE da tomada da villa de Olinda, e lugar do Recife na costa do Brasil pellos rebeldes de Olanda, tirada de huma carta que escreveu hum Religioso de muyta authoridade, & que foy testemunha de vista de quase todo o socedido te os dezoito de abril deste presente, & fatal anno de 1630. Lisboa, 1630. *In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Annaes da Bibliotheca Nacional*, Rio de Janeiro, v. XX, 1899.

RELACION DE LA VICTORIA que los portvgveses de Pernambuco alcançaron de los de la Compañía del Brasil en los Garerapes a 18 de febrero de 1649. Tradvcida del aleman

publicada em Viena de Avstria, Año 1649. In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil), *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. XX, 1898.

RENAN, Ernest. *Recordações de infância e juventude*. Tradução de Osório Borba. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944. [OG II-279,4,23]

RIBEIRO ANDRADA, Martim Francisco. *Viajando: coisas do meu diário (1913-1915)*. São Paulo: Editores Irmãos Ferraz, 1930, v. 2. [OG II-213,3,22]

RILKE, Rainer Maria. *Diário fiorentino*. A cura di Giorgio Zampa. Milano: Enrico Coderina, 1950. [OG II-401,2,18]

RODRIGUEZ, Martín [general]. Memórias. In: *Memorias y autobiografias*. Buenos Aires: Imprenta de M. A. Rosas, 1910. T. I. [OG I-348,2,9-10]

RUGENDAS, João Maurício. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. Ilustrado com 110 gravuras. São Paulo: Martins, 1949. [OG I-254,7,5]

RUGENDAS, Johann Moritz. *Rugendas e a viagem pitoresca através do Brasil* – com todas as ilustrações originais da edição francesa. Apresentação e texto de Herculano Gomes Mathias. Reproduções fotográficas Alexandre Wulfes. São Paulo: Ediouro, 1967. [SOR 51,2,24]

SÁ E FARIA, José Custódio de. *Diário da viagem que fez o Brigadeiro José Custódio de Sá e Faria da cidade de São Paulo a praça de N. S. dos Prazeres do Rio Iguatemi*. [S. l.]: [s. n.], 1774. [MSS 21,4,013]

SAAVEDRA, Cornelio [brigadeiro]. *Memoria Autografa. In: Memorias y autobiografias*. Buenos Aires: Imprenta de M. A. Rosas, 1910. T. I. [OG I-348,2,9-10]

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)*. 2 ed. Tradução de Leonam de Azeredo Pena. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1939. [SOR 156,01,23]

SÃO PAYO, Francisco Xavier de. *Apêndice ao diário da viagem que em visita e correição das povoações da capitania de S. José do rio Negro fez o Ouvidor, e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de São Payo no ano de 1774 ...* [S. l.]: [s. n.], 1775. [MSS II, 32, 12, 44]

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Diário do imperador d. Pedro II (1840-1891)*: esboço biográfico. Organização e Prefácio de Begonha Bediaga. Esboço Biográfico de Lilia Moritz Schwarcz. Apresentação de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Rio de Janeiro: Museu Imperial / IPHAN / Minc, 1999. (Obra Impressa da Divisão de Manuscritos). [imp 25,2,19]

SILVA, Antonio Telles da. Sucesso della guerra de portvgveses leuantados em Pernambuco contra olandeses, como por carta Del maestro a Campo Martino Soarez, et Andréa Vidal de Negreiros, por ... 1646. *In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Annaes da Bibliotheca Nacional*, Rio de Janeiro, v. XX, 1898.

SOUSA, Bernardo Xavier Pinto de. *Memórias da viagem de suas majestades imperiais à província da Bahia coligidas e publicadas por P. de S.* Rio de Janeiro: Typ. Ind. Nacional de Cotrim e Campos, 1867. [SOR 107,5,8]

SOUZA, Eulina Thomé. *Em defesa dos direitos da mulher*. Guaratinguetá: Papelaria Vieira, 1945.

SOUZA, Pero Lopes de. *Diário da navegação da Armada que foi à Terra do Brasil em 1530 sob a capitania-mor de Martim Afonso de Souza*, Escrito por seu Irmão Pero Lopes de Souza. Publicado por Francisco Adolfo de Varnhagen [...]. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1839. [SOR 110,3,35 n. 1]

SOUZA, Pero Lopes de. *Diário da navegação de Pero Lopes de Sousa (de 1530 a 1532)*. Rio de Janeiro: Typ. De D. Luiz dos Santos, 1861. T. XXIV. [SOR 110,3,35 / n. 2]

SOUZA, Pero Lopes de. *Diário da navegação de Pero Lopes de Souza pela costa do Brasil até o Rio Uruguay de 1530 a 1532*. 4 ed. acompanhada de vários documentos e notas. Rio de Janeiro: Typographia L. dos Santos, 1867. [SOR 76,1,15]

SPIX, Johann Baptist von. *Viagem pelo Brasil por J.B. Spix e C.F.P. Von Martius*. Tradução brasileira de Lúcia Furquim Lahmeyer. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938. [SOR 108,3,5-8]

STEINEN, Karl Von Den. *Entre os aborígenes do Brasil central*. Prefácio de Herbert Baldus. Tradução de Egon Schaden. Separata renumerada Revista do Arquivo, ns. XXXIV a LVIII. São Paulo: Departamento de Cultura, 1940. [SOR 96,3,4]

TAUNAY, [visconde de]. *Diário do exército*. (1869-1870). São Paulo: Melhoramentos, [19-]. 2 v. [OG II-137, 1, 26-27]

WILHELM LUND, Peter. *Memórias científicas*. Tradução de Leonidas Damasio. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, Ed. Apollo, 1935. [OG I-322,6,6]

Estudos (textos teóricos ou doutrinários)

ALLAM, Malik. *Journaux intimes: une sociologie de l'écriture personnelle*. Paris: Montréal: L'Harmattan/L'Harmattan Inc., 1996.

ARIÈS, P.; CHARTIER, R. (org.). *História da vida privada: da Renascença ao século das luzes*. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 371-405.

ARTIÈRES, P.; WATY, B. Du journal contraint à l'autobiographie peinte. In: *Metamorphoses du journal personnel – De Retif de la Bretonne à Sophie Calle, por C. Viollet e A. Lemonnier-Delpy*. Paris: Academia Bruylant, 2007.

BOGAERT, C.; LEJEUNE, P. *Le Journal intime: histoire et anthologie*. Paris: Les éditions Textuel, 2006.

BRAUD, Michel. *Les formes des jours: pour une poétique du journal personnel*. Paris: Seuil, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1987.

CEZAR, Temístocles. Entre antigos e modernos: a escrita da história em Chateaubriand. Ensaio sobre historiografia e relatos de viagem. In: *Almanack Braziliense*, São Paulo, n° 11, maio 2010. p. 26-33.

DEPETRIS, Carolina. Arte y ciencia en el viaje pintoresco de Frédéric de Waldeck. In: *Península*, México, v. IV, n. 2, outono de 2009.

DEPETRIS, Carolina. Del testimonio científico a la narración literaria: El diario de expedición de Luiz de la Cruz. *Latinoamérica*, n° 42. Distrito Federal, México: Universidade Autónoma de México, 2006, p. 107-129.

DEPETRIS, Carolina. *La escritura de los viajes – del diario cartográfico a la literatura*. Mérida: Universidad Nacional Autónoma de México/Centro Peninsular en Humanidades y Ciencias Sociales, 2007. Disponível em: <https://www.cephcis.unam.mx/wp-content/uploads/2020/04/01-escritura-de-los-viajes.pdf> . Acesso em: 19 set. 2025.

DEPETRIS, Carolina. Viajar en 1832: ¿empresa ilustrada o gesta romántica?. In: *Península*, México, v. VII, n. 1, primavera de 2012.

DIAZ, Brigitte. *L'épistolaire ou la pensée nomade*. Paris: PUFF; Coll. Écriture, 2002.

DIDIER, Béatrice. *Le journal intime*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

ESPAÑA, Romina; DEPETRIS, Carolina. Utopía y arcadia en los relatos de Alice Dixon Le Plongeon. *Estudios de cultura maya*, v. 38, 2011, p. 121-144.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. *Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus*. Tese

(Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

FOUCAULT, Michel. *L'écriture de soi. Corps Ecrit*, v. 5, n. 1, 1983, p. 3-23.

GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

GOULEMOT, Jean Marie. As práticas literárias ou a publicidade do privado. In: SILVA, Alexandra Lima da. *Ensino e mercado editorial de livros didáticos de História do Brasil-Rio de Janeiro (1870-1924)*. Niterói: UFF. 2008. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense.

KAUFMANN, Vicent. *L'équivoque épistolaire*. Collection Critique. Les Édition de Minuit, 1990.

KLINGER, Diana. Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7letras, 2007. (Capítulo III, Confluência das perspectivas: a virada etnográfica e a autoficção na narrativa contemporânea).

KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. In: *História, Ciências, Saúde*, v. VIII (Suplemento), 2001, p. 863-879.

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro: ensaios de sociosemi-ótica*. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LEJEUNE, Philippe. “*Cher cahier...*” Témoignages sur le journal personnel. Paris: Seuil, 1989.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles* – Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Seuil, 1993.

LEJEUNE, Philippe. *Les brouillons de soi*. Paris: Seuil, 1998.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEJEUNE, Philippe. Rattrapages. In: *La Faute à Rousseau* – Revue de l’Association pour l’autobiographie et le patrimoine autobiographique, n. 47, fev. 2008, p. 22-23.

LEJEUNE, Philippe. *Signes de vie* – Le pacte autobiographique 2. Paris: Seuil, 2005.

MACHADO, Inácio Barbosa. *Fastos políticos e militares da Antigua, e Nova Lusitância* [...]. T. I. Lisboa: Off. Ignácio Rodrigues, 1745.

MARIN, Louis. *L’écriture de soi. Ignace de Loyola, Montaigne, Stendhal, Roland Barthes*. Recueil établi par P.-A. Fabre avec la collaboration de d. Arasse, A. Cantillon, G. Careri, D. Cohn et F. Marin. Paris: Press Universitaire de France, 1999.

MASCARDI, Agostino. *Dell’Arte Historica. Trattati Cinque*. Coi sommarii di tutta l’opera estratti dal Sig. Girolamo Marcucci. Apresso Giacomo Facciotti. Roma, 1636.

MONTANDON, Alan. *De soi à soi – l'écriture comme auto-hospitalité*. Clermont-Fernand, France: Press Universitaires Blaise Pascal, 2004.

MORAES, Taiza Mara Rauen. *Diários: espaço de presença e ausência de Harry Laus – edição crítico-genética*. Joinville: Letradágua, 2005.

OLIVEIRA, M. da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora/ EDUR/ ANPUH-Rio, 2011.

OLIVEIRA, M. da Glória de; GONTIJO, R. Os protagonistas da história: o indivíduo como problema historiográfico no Brasil do século XIX e início do XX. *In: Venancio, Giselle; Vianna, Larissa M.; Secreto, Maria Verônica (org.). Sujeitos na história: perspectivas e abordagens*. 1 ed. Niterói: EdUFF, 2014, p. 15-28.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. *Diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade*. *Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação*. Maio de 1999. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-diarrios-publicos-mundos-privados.html>. Acesso em: 23 jun. 2004.

PACE, Ana Amélia Coelho. *Lendo e escrevendo sobre o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune*. 2012. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesas) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (FFLCH), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

PINHEIRO, José Gledison Rocha. *O diário de Dalila: poética, testemunho e tragédia na formação escolanovista do indivíduo*

moderno (1993-1934). Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991.

SIMONET-TENANT, Françoise. *Le Journal Intime*. Paris: Nathan, 2001.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

TORRÃO FILHO, Almilcar. *A arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845)*. São Paulo: FAPESP/HUCITEC, 2010.

VICENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII-XIX*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. [I-117,3,37]; sigla do Acervo: DRG.

VIEGAS, Ana Cláudia. Experiência e espetáculo na escrita de si contemporânea. In: *Literatura brasileira em foco: o eu e suas figurações*. Ana Chiara e Fátima Cristina Dias Rocha (org.). Rio de Janeiro: Casa doze, 2008, p. 137-149.

CADERNOS DA BIBLIOTECA NACIONAL

Volumes publicados

1. *Reflexões sobre a vaidade dos homens*. Matias Aires.
2. *Swift*. Rui Barbosa.
3. *Os meus balões*. Alberto Santos Dumont.
4. *O bibliotecário do rei*: trechos selecionados das cartas de Luís Joaquim dos Santos Marrocos. Marcus Venicio Ribeiro e Mônica Auler (org.).
5. *Senhora das imagens internas*: escritos dispersos de Nise da Silveira. Martha Pires Ferreira (org.).
6. *Caderneta de campo*. Euclides da Cunha. Olímpio de Souza Andrade (org.).
7. *Escorço biográfico de Dom Pedro I*. Maria Graham.
8. *O Japão*. Aluísio de Azevedo.
9. *Diário Carioca*: o jornal que mudou a imprensa brasileira. Cecília Costa.
10. *O pós-modernismo*: José Lins do Rego e Graciliano Ramos. Nelson Werneck Sodré.
11. *Doze horas em diligência*: guia do viajante de Petrópolis a Juiz de Fora. Revert Henry Klumb.
12. *Psicologia urbana*. João do Rio.
13. *Os dias passam...* João do Rio.
14. *No tempo de Wenceslau...* João do Rio.
15. *Juliano Moreira*: estudos de um pioneiro da psiquiatria no Brasil. Christianne Theodoro de Jesus (org.).
16. *Dois dedos de prosa*: o cotidiano carioca por Júlia Lopes de Almeida. Angela di Stasio, Anna Faedrich e Marcus Venicio Ribeiro (org.).

17. *O violão na corte imperial*. Marcia E. Taborda.
18. *De Musas e Sereias*: a presença dos seres que cantam a poesia. Leonardo Davino de Oliveira.
19. *Periódicos & Literatura*: aproximações. Fernando Monteiro de Barros Júnior (*In memoriam*) e Raquel França dos Santos Ferreira (org.).
20. *Desejo de enciclopédia*: o saber total. Phellipe Marcel da Silva Esteves.
21. *A história do livro*: marcos e transformações. Ana Lúcia Merege.
22. *Dos escritos sem autor à invenção de identidades*: uma antologia de diários e memórias do acervo da Biblioteca Nacional. Eduardo Sinkevisque.

Impresso por Tavares & Tavares Ltda.
Uberlândia (MG), inverno de 2026
Composição em Bodoni MT St
Capa em Duo Design 300 g/m²
Miolo em Pólen Soft 80 g/m²



Da Antiguidade, passando pela Era Moderna à Época Contemporânea, o diário é praticado como gênero histórico ou gênero da memória, registro científico amplo e variado. Hoje se caracteriza cada vez mais pela subjetividade em escritas do “eu” nos diários pessoais, cujas relações com a autobiografia e com a epistolografia (correspondência) são estreitas. Os diários pessoais, na sua especificidade, denominam os sujeitos da escrita e remetem a outras identidades que podem representar experiências, uma vez que a mediação da linguagem é por si só uma transcrição do vivido e a memória do vivido, a cada vez acessada, é uma recriação também dos eventos por meio de poéticas sistematizáveis que regem os registros de tais eventos. Neste livro, os objetos de atenção são diários e escritas memorialistas dos séculos XVI ao XX, exemplificados por meio de obras manuscritas e impressas dos acervos da Biblioteca Nacional.

 BIBLIOTECA NACIONAL

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

